



Guia
terra fria transmontana



VIAGEM À NATUREZA

Manual de Utilização

Interatividades deste eBook (internas e externas)

índices: (internas)

todos os itens dos índices, geral e de cada capítulo, têm link para a página ou mapa respetivo.

símbolos: (internas e externas)



link para o índice geral.



link para o índice do capítulo.



link para a página das legendas dos mapas dos troços.



link para voltar ao mapa onde estava, fazendo clic sobre o troço pretendido.



todas as imagens que têm sobre elas este símbolo têm um link para o youtube para visualização de um vídeo ou imagem panorâmica de 180 ou 360 graus, sobre o tema abordado.



link para o site da instituição referida.

outros links: (externas)

Todos os endereços de sítios da internet e emails têm link estabelecido permitindo visitar sites, blogues, facebook ou ir diretamente para o email, consoante o caso, através dos programas pré-definidos.

Todos os links externos requerem ligação à internet.

Guia
terra fria
transmontana



ROTA DA TERRA FRIA TRANSMONTANA

VIAGEM À NATUREZA

Índice

▷ Apresentação da Rota da Terra Fria Transmontana	5
▷ Caracterização Geral da Terra Fria Transmontana	
▷ Localização e Acessibilidades	10
▷ Caracterização Física	17
▷ Caracterização Socioeconómica	41
▷ Caracterização Histórico-Patrimonial	51
▷ Rota da Terra Fria em Geral	100
▷ Descrição Sucinta da Rota da Terra Fria	100
▷ Rota da Terra Fria Troço a Troço	
▷ Troço 1 Quintanilha - Avelanoso	106
▷ Troço 2 Avelanoso - Constantim	120
▷ Troço 3 Constantim - Sendim	126
▷ Troço 4 Sendim - Mogadouro	146
▷ Troço 5 Mogadouro - Algosó	160
▷ Troço 6 Algosó - Salsas	176
▷ Troço 7 Salsas - Zoio	188
▷ Troço 8 Zoio - Sobreiró de Cima	206
▷ Troço 9 Sobreiró de Cima - Moimenta	218
▷ Troço 10 Moimenta - Rio de Onor	228
▷ Troço 11 Rio de Onor - Quintanilha	244
▷ A Rota da Terra Fria e Outras Rotas	
▷ Articulação da Rota da TFT com outras Rotas	258
▷ Mapas da Terra Fria Transmontana	
▷ Hipsometria	▷ Rota da Terra Fria e Outras Rotas
▷ Rochas e Tipos de Solos	▷ Carta Síntese
▷ Património Natural e Fauna	▷ Carta Ideográfica
▷ Coberto Vegetal	



-  sé catedral
-  igreja matriz e paroquial
-  igreja | capela | santuário
-  castelo
-  paço episcopal | convento | mosteiro
-  alminha | passo
-  edifício erudito
-  pelourinho
-  cruzeiro
-  fontanário | chafariz
-  ponte
-  pombal
-  vestígios arqueológicos
-  museu
-  miradouro
-  cais fluvial
-  barragem
-  parque de campismo
-  turismo
-  parque de lazer
-  parque de merendas
-  turismo rural
-  praia fluvial

-  imóvel de interesse público
-  monumento nacional

Espécies de Fauna

- | | |
|---|--|
|  lobo |  abutre do egipto |
|  lontra |  cegonha preta |
|  toupeira de água |  cegonha branca |
|  quirópteros |  lagostim |
|  águia real |  ictiofauna |
|  águia bonelli |  lagarto |
|  águia cobreira |  rã - sapo |
|  tartaranhão azulado |  cágado |
|  bufo real |  cobra |
|  grifo | |

Espécies de Fauna Cinegética

- | | |
|--|--|
|  javali |  lebre |
|  veado |  coelho |
|  corço | |

Porta da Rota 

Porta do Troço 

voltar aos **mapas dos troços:**

Troço 1 | Quintanilha - Avelanoso

Troço 2 | Avelanoso - Constantim

Troço 3 | Constantim - Sendim

Troço 4 | Sendim - Mogadouro

Troço 5 | Mogadouro - Algosó

Troço 6 | Algosó - Salsas

Troço 7 | Salsas - Zoio

Troço 8 | Zoio - Sobreiró de Cima

Troço 9 | Sobreiró de Cima - Moimenta

Troço 10 | Moimenta - Rio de Onor

Troço 11 | Rio de Onor - Quintanilha



APRESENTAÇÃO

A Terra Fria do Nordeste Transmontano, alfofre de excelentes recursos naturais, ressentiu-se durante séculos do abandono que a votou a um ostracismo profundo, mas que lhe sedimentou uma expressiva identidade cultural. Contudo, as duras condições de periferia que a formatação política do país lhe imprimiu no passado auguram-lhe hoje, com a diluição de fronteiras e a livre e franca circulação, um papel decisivo e preponderante como charneira de realidades económicas e culturais diferenciadas, que procuram o desenvolvimento na cooperação e na complementaridade.

É esta a oportunidade da Terra Fria do Nordeste Transmontano que, apesar das adversidades ou talvez à conta delas soube conservar uma expressão própria e emergente no espectro nacional, mas potencialmente valorizadora quando se perspetiva a autenticidade, a complementaridade e a parceria.

A ROTA

Não se pode conhecer uma terra sem nunca a ter visitado. Por muito que dela se fale, por muito que dela se escreva, só a presença nos dá a noção de escala, só a convivência nos desvenda a alma do povo.

É uma realidade que só localmente pode ser entendida.

Por isso, e por bem, entendeu a Associação de Municípios da Terra Fria do Nordeste Transmontano definir um circuito que proporcionasse ao seu utente o conhecimento e o usufruto das potencialidades da região. Tarefa ingrata, já que o pragmatismo do objetivo implicava uma racionalização do percurso, privilegiando locais em detrimento de outros que não logravam a mesma mediatização e visibilidade.

O itinerário definido foi bem ponderado, tendo em vista, a um tempo, a comercialização de bens e serviços e a outro, a preservação e a salvaguarda dos valores naturais e culturais, sempre tão sensíveis aos excessos da demanda.

A opção contemplou, naturalmente, os cinco municípios representados, assumiu uma configuração abrangente e contínua, integrou os melhores testemunhos do carácter nordestino e ponderou os custos da materialização da iniciativa. E resultou um percurso com cerca de quinhentos quilómetros, praticável num mínimo de três dias em circulação automóvel.

O roteiro que o descreve e que aqui se apresenta pretende demonstrar o repositório da oferta que a região proporciona, informando outras iniciativas orientadas para a promoção da sua imagem e o reforço do sentimento de autoestima da população residente, que é o verdadeiro garante da sua salvaguarda ativa e permanente.

Constituído por quatro capítulos, apresenta-se no primeiro uma caracterização geral da Terra Fria Transmontana sob o ponto de vista do enquadramento e acessibilidades, dos aspetos físicos, históricos e patrimoniais; no segundo capítulo faz-se uma abordagem sucinta dos aspetos relevantes de cada troço; o terceiro capítulo descreve a Rota troço a troço referindo os aspetos mais singulares de cada lugar por onde passa o circuito; e, por último, o quarto capítulo referencia outras Rotas temáticas, circuitos e trajetos que a complementam alargando o âmbito da sua atratividade.

PRESENTATION

The Terra Fria of Nordeste Transmontano Region, owner of a wealth of fine natural resources, suffered centuries of abandonment which banished it to a profound ostracism, but that at the same time created a significant cultural identity.

However, as a result of the disappearance of borders and the introduction of free movement between countries, the harsh peripheral conditions that the country's political format imposed upon the area in the past have now given way to a region that plays a decisive and important role as the hinge-point between different economic and cultural realities, which seek development in cooperation and complementarity.

This is the opportunity for Terra Fria of Nordeste Transmontano, which, despite the hardships, or perhaps due to them, was able to preserve a unique and emerging identity within the national spectrum, and showing great potential value in terms of authenticity, complementarity and partnership.

THE TRAIL

We cannot know a place without going there. Regardless of how much it is said about it, and regardless of how much it is written about it, only the fact of being there can give us the idea of scale; only by meeting the people is their soul revealed.

It is a reality that can only be understood when we visit a place.

That is why the Association of Town Councils of Terra Fria of Nordeste Transmontano decided to outline a circuit that would provide the traveller with the knowledge to enjoy what the region has to offer. A tough task it represents, if we bear in mind that such a pragmatic objective means that the route must be rationalized and must focus on certain places to the detriment of others that have not achieved the same level of media coverage and visibility.

The chosen itinerary has been well thought out, bearing in mind, on one hand, the supply of goods and services and, on the other, the preservation and protection of the natural and cultural heritage, which can so easily suffer through excess demand.

The choice naturally considered the five municipalities represented, it assumed a broad and continuous form, included the best examples of the north-eastern character and examined the costs of putting the initiative into practice. The result is a trail of around five hundred kilometers, which can be covered by car in a minimum of three days.

The guide that describes it, which is presented here, shows the range of supply that the region has to offer. It provides information on other initiatives aimed at promoting the region's image and at boosting the resident population's self-esteem, which will guarantee that it will be actively and permanently safeguarded.

Consisting of four chapters, out of which the first presents a general characterization of Terra Fria Transmontana from the point of view of setting and accessibility, as well as in physical, historical and patrimonial terms. In the second chapter, there is a summary of the relevant aspects of each section of the trail. The third chapter describes the trail section by section, indicating the most unique aspects of each place through which the circuit passes. Finally, the fourth chapter refers to other thematic trails, circuits and itineraries that complement it, thus broadening the scope of its appeal.

PRESENTACIÓN

Las Tierras Frías del Noreste de Tras-os-Montes, vivero de excelentes recursos naturales, se han resentido durante siglos del abandono que las han consagrado a un ostracismo profundo, pero que les ha sedimentado una expresiva identidad cultural.

Sin embargo, las duras condiciones de periferia que la forma política del país les imprimió en el pasado les auguran hoy, con la dilución de fronteras y la libre y franca circulación, un papel decisivo y preponderante como charnela de realidades económicas y culturales diferenciadas, que buscan el desarrollo en la cooperación y en la complementariedad.

Es esta la oportunidad de las Tierra Frías del Noreste de Tras-os-Montes, que a pesar de las adversidades o talvez a cuenta de ellas, han sabido conservar una expresión propia y emergente en el espectro nacional, pero potencialmente valorizadora cuando se perspectiva la autenticidad, la complementariedad y la sociedad.

LA RUTA

No se puede conocer una tierra sin nunca haberla visitado. Por mucho que de ella se hable, por mucho que de ella se escriba, sólo la presencia nos da la noción de escala, sólo la convivencia nos desvenda el alma del pueblo.

Es una realidad que sólo localmente se puede entender.

Por eso, la Asociación de Municipios de las Tierras Frías del Noreste de Tras-os-Montes ha querido definir un circuito que proporcionara al usuario el conocimiento y el usufructo de las potencialidades de la región. Tarea ingrata, ya que el pragmatismo del objetivo implicaba una racionalización del recorrido, privilegiando lugares en detrimento de otros que no lograban alcanzar la misma mediatización y visibilidad.

El itinerario definido fue bien ponderado, teniendo en vista por un lado la comercialización de bienes y servicios y por otro la preservación y la salvaguarda de los valores naturales y culturales, siempre tan sensibles a los excesos de la demanda.

La opción ha contemplado, naturalmente, los cinco municipios representados, ha asumido una configuración amplia y continua, ha integrado los mejores testimonios del carácter del noreste y ha ponderado los costes de la materialización de la iniciativa. Y ha resultado un recorrido de cerca de quinientos quilómetros practicable en un mínimo de tres días en circulación automóvil.

El itinerario que lo describe y que aquí se presenta pretende demostrar el repositorio de la oferta que la región proporciona, informando otras iniciativas orientadas hacia la promoción de su imagen y el refuerzo del sentimiento de auto-estima de la población residente, que es el verdadero garante de su salvaguarda activa y permanente.

Constituido por cuatro capítulos, se presenta en el primero de ellos una caracterización general de las Tierras Frías de Tras-os-Montes bajo el punto de vista del encuadramiento y accesibilidades, de los aspectos físicos, históricos y patrimoniales; en el segundo capítulo se hace un abordaje resumido de los aspectos relevantes de cada trozo; el tercer capítulo describe la ruta trozo por trozo refiriendo los aspectos más singulares de cada lugar por donde pasa el circuito y, por último, el cuarto capítulo referencia otras rutas temáticas, circuitos y recorridos que la complementan alargando el ámbito de su atractivo.



caraterização geral da terra fria transmontana



Pág.

Localização e Acessibilidades	10
Caraterização Física	17
Parque Natural de Montesinho	28
Parque Natural do Douro Internacional	34
Caraterização Socioeconómica	41
Caraterização Histórico-Patrimonial	51
património evocativo	64
construções rurais	68
património arqueológico visitável	86

LOCALIZAÇÃO E ACESSIBILIDADES



Vale do rio Maços, de Carção para Vimioso.

A Região da Terra Fria do Nordeste Transmontano (TFT) abrange cinco dos doze concelhos do distrito de Bragança – Bragança, Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso e Vinhais – que constituem a sub-região representada pela Associação de Municípios da Terra Fria do Nordeste Transmontano.

A região confronta a norte e nascente com as Regiões Autônomas da Galiza e de León e Castilla, da vizinha Espanha, quer por raia seca nos desenvolvimentos longitudinais, quer pelos cursos do Douro e do Maços, em alternância, nos latitudinais. A sul confronta com os concelhos de Mirandela, Macedo de Cavaleiros, Alfândega da Fé, Torre de Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta. A poente confronta com os concelhos de Chaves e Valpaços.

O posicionamento geográfico e a complexidade física do território condicionam a rede interna de acessibilidades, mas propiciam a articulação das redes viárias nacionais de Portugal e Espanha, encurtando as distâncias desta região aos centros de decisão e aos mercados externos. Os últimos anos foram marcados por um forte investimento na melhoria das acessibilidades interna e externa da TFT, com especial destaque para a construção da Autoestrada A4 e do Itinerário Complementar IC5. Deste modo foi possível diminuir o tempo de viagem entre Bragança e os grandes centros urbanos de Porto e Lisboa.

Estrada Municipal M542 à entrada de Ifanes.



Ao referir as acessibilidades, dever-se-ão focar as diversas infraestruturas que servem o espaço territorial ou que o influenciam, contando-se, neste caso, os aeródromos de Bragança e de Mogadouro e as infraestruturas rodo e ferroviárias.

LOCALIZAÇÃO E ACESSIBILIDADES



Oceano Atlântico

500 km

400 km

300 km

200 km

100 km



 **TERRA FRIA
TRANSMONTANA**





-  terra fria transmontana
-  estação de alta velocidade
-  aeroporto
-  aeródromo
-  porto

-  auto-estrada
-  IP | IC
-  linha ferroviária
-  linha de alta velocidade
-  linha de alta velocidade em construção

Os **aeródromos** de Bragança e de Mogadouro constituem as únicas infraestruturas aeronáuticas na região da TFT. No entanto, para voos nacionais, internacionais e transporte de carga, os aeroportos mais próximos são o Dr. Francisco Sá Carneiro, no Porto e os aeroportos de Vigo, de Santiago de Compostela, de León e Valladolid em Espanha.

Relativamente ao **transporte ferroviário**, o território a norte da fronteira com a TFT é atravessado pelo canal ferroviário da Rede Espanhola de Comboios de Alta Velocidade, na ligação Corunha-Madrid. Este canal constitui um importante acréscimo de acessibilidade a toda a região do nordeste transmontano e, em especial, da TFT, que pode usufruir de um transporte rápido de ligação ao Espaço Europeu Comunitário.

No que se refere ao enquadramento **rodoviário**, a TFT localiza-se no centro do triângulo formado pelas principais vias de comunicação do quadrante noroeste da Península Ibérica em que os vértices são a Corunha, Aveiro e Tordesilhas: autoestradas A9 (Espanha) e A3, A1 e A25 (Portugal) – eixo Corunha-Aveiro; autoestrada A6 (Espanha) – eixo Corunha-Madrid; autoestradas A25 (Portugal) e A6 (Espanha) na ligação de Aveiro a Vilar Formoso com continuidade para Salamanca e Tordesilhas onde interceta a A6 (Espanha) – eixo Aveiro-Tordesilhas.

O interior do triângulo referido é atravessado por importantes vias. Em Espanha salienta-se a A52 - autoestrada das Rias Baixas e no território nacional a autoestrada A4 (ligação este-oeste), o Itinerário Complementar IC5, que garante uma melhor acessibilidade aos concelhos de Mogadouro e Miranda do Douro, e o Itinerário Principal IP2 (eixo interior norte-sul).



Aeródromo de Bragança.



Aeródromo de Mogadouro.

A autoestrada A4 deriva em Bragança para Quintanilha (30 Km).



LOCALIZAÇÃO E ACESSIBILIDADES



A N221-2, de Sendim para Algosó. Estas vias, são os mais importantes eixos de serviço do interior norte de Portugal. Contudo, pelas ligações que estabelecem e pelas que procuram estabelecer com a rede espanhola, consubstanciam o principal acesso ao resto da Europa.



Também com grande operacionalidade regional, se registam a N103, que estabelece ligação a Chaves e a N218, a N221, a N316 e a N317, todas incluídas na Rede Nacional de Estradas.

N103 – Chaves (IP3) - Vinhais - Bragança
 N218 – Carção - Vimioso - Miranda do Douro
 N221 – Miranda do Douro - Mogadouro - Guarda
 N316 – Vinhais - Macedo de Cavaleiros (A4)
 N317 – Podence (A4) - Vinhais - Izeda - Santulhão - Carção (N218)

Classificadas na Rede Regional, propriamente dita, o Nordeste Transmontano é servido pelas seguintes estradas:
 R206 – Vila Pouca de Aguiar (IC5) - Valpaços - Bouça - Bragança

R218 – Quintanilha (A4) - Outeiro - Argozelo - Carção
 R219 – Vimioso (N218) - Algosó - Mogadouro
 R315 – Rebordelo (N103) - Mirandela - Alfândega da Fé

No que se refere a acessibilidades locais, observa-se que as sedes de concelho dos cinco municípios da TFT, encontram-se interligadas por uma rede de estradas nacionais e regionais classificadas no PRN 2000 (N103, R219, N218 e N221) que, apoiada também no eixo da A4 Bragança a Quintanilha, constitui um percurso contínuo que interliga as sedes dos cinco municípios da TFT e que se impõe como

eixo de ligação longitudinal e "espinha dorsal" da região. É neste eixo que entroncam, por vezes cruzando, os restantes eixos rodoviários que servem o território, quer se trate da rede nacional/regional de estradas, quer da rede municipal subdividida em Estradas e Caminhos Municipais.

Os **transportes rodoviários** constituem o sistema de transporte com maior impacto para a população residente e o mais utilizado nas suas deslocações.

A recente melhoria da capacidade e nível de serviço das infraestruturas rodoviárias, fruto da continuidade da implementação dos sucessivos planos rodoviários de nível nacional, tem contribuído para a crescente apetência por este tipo de transportes, nomeadamente no que se refere a ligações de longo curso/transportes internacionais, quer se trate de transporte de mercadorias, quer de passageiros.

A mobilidade através de transportes públicos de passageiros no interior dos concelhos, importante para a população residente, resulta da articulação modal dos transportes coletivos de passageiros/carreiras e os táxis/carros de aluguer.

Para além do contributo dos transportes intermunicipais no apoio à mobilidade interna dos municípios, a cobertura de transportes coletivos resulta da combinação de transportes de características e utilizadores-alvo específicos. Assim, as ligações internas dos concelhos resultam do somatório dos transportes escolares, que apoiam também a população residente e dos transportes diários locais, que estabelecem a ligação entre as sedes de freguesia e quase sempre a respetiva sede de concelho.

Em Bragança, salienta-se a importância do Serviço dos Transportes Urbanos de Bragança (STUB) com carreiras regulares para as aldeias envolventes da Cidade.

A alternativa ao transporte coletivo que não abrange todas as localidades da região, é o táxi/carro de aluguer. A sua distribuição espacial é relativamente uniforme nos cinco concelhos. Dum modo geral, em cada localidade existe apenas um ou dois táxis, aumentando nas sedes de concelho e nas freguesias com maior número de habitantes, como Sendim, Izeda, Argozelo, Carção e Rebordelo.



Terminal rodoviário em Mogadouro.



Praça de táxis - Av. João da Cruz, Bragança.

Mini autocarro elétrico - Linha Azul, Bragança.





CARATERIZAÇÃO FÍSICA



O território da Terra Fria do Nordeste Transmontano (TFT), integrado na periferia da Meseta Ibérica, num maciço de formação muito antiga basicamente constituído por xistos e granitos, apresenta duas *facies* genericamente ajustadas às regiões que a nascente e a poente se desenvolvem a partir do alinhamento orográfico das serras da Nogueira e Montesinho - a primeira, vasta e planáltica, abrangendo em grande parte a bacia hidrográfica do Sabor, seu afluente e a segunda, com relevo acentuado, percorrida pelas correntes do Tuela e do Rabaçal, que se precipitam no Tua e este no Douro. As serras de Sanabria e da Culebra, na sua envolvente galaico-leonesa, alimentam estes cursos e garantem a fecundidade dos lameiros dos vales profundos, em contraste extremo com a aridez das encostas e a secura do planalto.

As formações geológicas e a sua evolução condicionaram o perfil morfológico fortemente orientado pela fluência da rede hidrográfica, cujas linhas principais, subsidiárias do Douro, se apresentam genericamente orientadas de norte a sul, definindo vales encaixados paralelos, com interflúvios (zonas entre rios) aplanados a nascente do festo Nogueira-Montesinho e mais acidentados a poente deste.

O território situa-se praticamente entre os 400 e os 1000m. Abaixo dos 400m de altitude encontra-se o vale da Ribeira do Mondego, junto à confluência com o rio Sabor e os talvegues dos rios Rabaçal, Tuela, Sabor e Maçãs nos troços inferiores dos respetivos cursos na TFT. Acima dos 1000m, situam-se as serras da Coroa, da Nogueira e de Montesinho. Na faixa dos 700 aos 1000m destacam-se

Paisagem de altitude na serra de Montesinho.

Nevão no Parque Natural de Montesinho.



< Agricultura e floresta no Parque Natural de Montesinho

MT

CARATERIZAÇÃO FÍSICA



Planalto de Deilão com arquitetura tradicional (apoios agrícolas).

as superfícies planálticas dos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Bragança, nomeadamente o Planalto Mirandês, o Planalto de Deilão, as plataformas de Grijó de Parada a Quintela de Lampaças e a definida pela ribeira de Penacal e o rio Fervença que se prolonga até Bragança. No concelho de Vinhais, apesar do relevo substancialmente mais acidentado, distinguem-se, ainda neste escalão altimétrico, embora com menor expressão, as plataformas nos interflúvios das linhas de água. O escalão dos 200 aos 700m corresponde essencialmente aos vales dos cursos de água englobando maioritariamente os concelhos de Vimioso e Mogadouro. Nesta faixa altimétrica merecem especial destaque pelas suas dimensões, o vale superior do rio Sabor que ao receber os seus afluentes Fervença, Baçal, Igrejas e Onor define, a NW de Bragança, a superfície abatida da Baixa Lombada e, no concelho de Vimioso, os interflúvios Sabor, Maços e Angueira de feição planáltica. O vale mais profundo corresponde ao vale da Ribeira do Medal, junto à confluência com o rio Sabor, na freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro.

Rio Maços sulcando o planalto, em Vimioso.



O rio Douro estabelece a fronteira oriental desta região. O seu troço internacional já profundamente encaixado, inicia-se em Paradela, com as águas de um Douro rejuvenescido à cota 550m. Pouco mais de 10km a jusante, na Barragem de Miranda, já desceu 50m, atingindo os 400m de altitude na albufeira da Bemposta, já em terras de Mogadouro. Entre Paradela e a Bemposta, o seu caminho estreito estende-se de 200 a 300m abaixo do planalto, de onde se não vislumbra. Apenas sobre a escarpa abrupta que lhe define o percurso em cânhão, se podem observar as águas, outrora revoltas, que a sucessão de barragens amansou. O rio segue, quer em troços quase retilíneos, quer em meandros apertados, entre arribas graníticas,

próximo da vertical, especialmente impressionantes perto de Aldeia Nova, em Miranda e no Picote, a segunda das barragens portuguesas do Douro Internacional.

As bacias hidrográficas de dois afluentes principais da margem direita do Douro, ocupam a maior parte da Terra Fria Transmontana. São eles, de nascente para poente, o Sabor e o Tua, aqui ainda dividido pelos dois rios que o formam – o Tuela e o Rabaçal. Uma linha de fecho aproximadamente meridiana separa as duas bacias, começando no topo da Serra de Montesinho, ligando-se ao da Nogueira e continuando pelos contrafortes meridionais desta serra. A norte, a separação de águas faz-se pouco adentro de território espanhol, de modo que estas bacias são quase integralmente portuguesas.

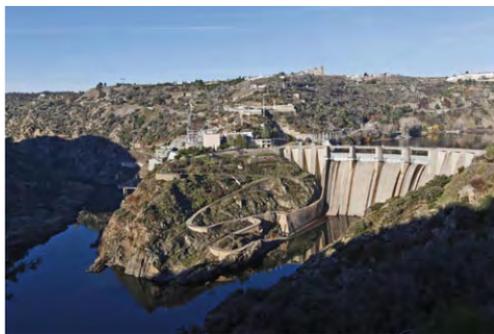
Como afluentes diretos do Douro no seu percurso na TFT citam-se o rio Fresno e a ribeira de Duas Igrejas, que se desenvolvem no planalto mirandês.

A maior parte do território da TFT insere-se na bacia do Sabor. O encontro com o Fervença, seu afluente da margem direita, separa o Alto Sabor (troço em que o rio drena as águas provenientes das terras mais elevadas do território) do restante percurso, em canhão, até abandonar a zona, quando recebe na margem esquerda o Maçãs.

Paralelo ao Sabor, o Maçãs é o seu maior afluente – por terras de Rio de Onor estabelecendo a fronteira com Espanha (onde nasce perto dos 1000m de altitude) e da Alta Lombada (descendo de cerca dos 650 aos 500m em pouco mais de 20km). Já inteiramente português, e mais declivoso do que o seu recetor, é alimentado por uma bacia estreita e longa, com cumeadas raramente superando os 700m. Perto da foz recebe o contributo do Angueira – a mais oriental das ravinas que sulcam o território de norte a sul e drenam para o Sabor.

O rio Angueira corre em leito mais elevado e inclinado do que os daqueles de que é afluente, com as cumeadas mais elevadas a oriente onde, no centro do Planalto Mirandês, se dividem as águas entre o Douro e o Sabor.

Os rios da região são elementos estruturantes da paisagem. Porque são uma fronteira natural entre blocos do território, pelos valores que abrigam nas suas vertentes, no estreito fundo dos seus vales ou nas suas águas que correm frias



Em cima a barragem de Miranda do Douro. Em baixo o espelho de água da albufeira da barragem.



CARATERIZAÇÃO FÍSICA



Vale do rio Sabor no concelho de Mogadouro.

da montanha até ao planalto – os rios condicionam as atividades humanas, asseguram recursos, acrescentam diversidade e ritmo à rígida monotonia das formas esculpidas neste solo antigo. São por isso um recurso tanto mais estimável quanto é aqui, na Terra Fria, que se forma a quase totalidade dos recursos hídricos superficiais do Nordeste Transmontano.

Vale do rio Maçãs.



A fisiografia influencia de modo marcado, não apenas o conjunto de caracteres de ordem climática referidos, mas também, e fundamentalmente, a sua distribuição espacial. Em suma, é pois dos Climas da TFT que se trata, e não do seu Clima. Climas, porque a diversidade térmica é importante, como também o é a pluviométrica, com precipitações de mais de 1100mm anuais na Alta Montanha nevoenta de Montesinho a menos de 600mm nas terras frias, secas e continentais junto ao Douro.

Os estreitos vales do Tuela, do Sabor e do Maçãs, devido à sua orientação norte-sul, estão mais expostos à insolação, manifestando, por isso, características mais próximas das da Terra Quente, possuindo micro-climas com vegetação de características mediterrânicas. O mesmo sucede nos vales encaixados do Douro.

Entre estes extremos estende-se, dominante, a Terra Fria de Planalto, muito húmida em Vinhais, bem menos e já com significativas faixas de transição de Bragança a Vimioso, e onde definitivamente se impõe o clima rigoroso das Terras de Miranda, que se prolonga até aos cumes da serra de Mogadouro, entre as bacias do Sabor e do Douro.

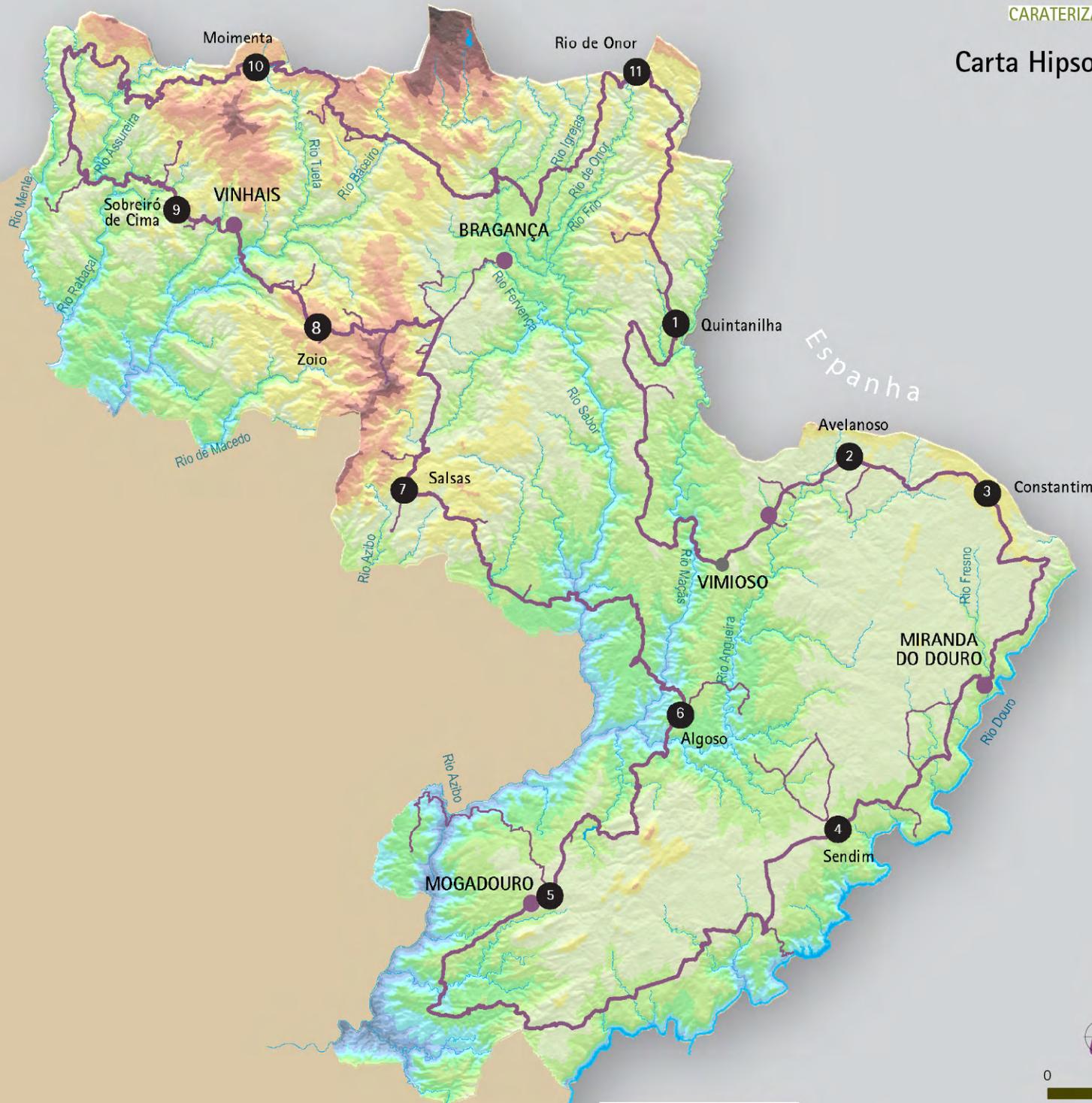
Carta Hipsométrica

Espanha

-  porta da rota
-  porta do troço
-  troço da rota
-  desvio com interesse
-  linha de água

Hipsometria
 (equidistância de 100 m)

-  < 200 m
-  200 - 300 m
-  300 - 400 m
-  400 - 500 m
-  500 - 600 m
-  600 - 700 m
-  700 - 800 m
-  800 - 900 m
-  900 - 1000 m
-  1000 - 1100 m
-  1100 - 1200 m
-  1200 - 1300 m
-  1300 - 1400 m
-  > 1400 m



Espanha



0 10 km

Rochas e Tipos de Solos
 mapa simplificado

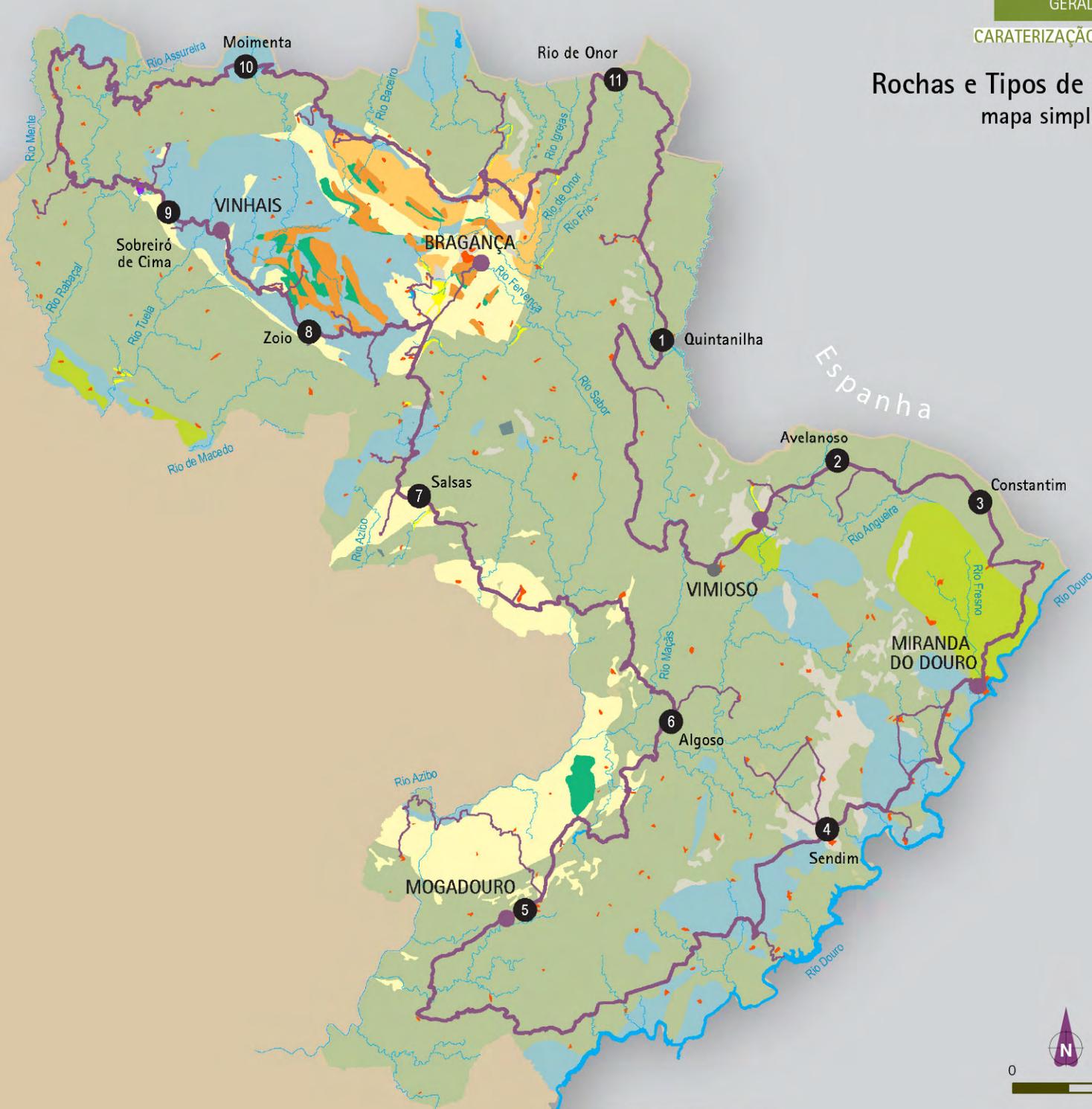
Espanha

Espanha

- porta da rota
- porta do troço
- troço da rota
- desvio com interesse
- linha de água

Esboço litológico simplificado

- aluviões
- granitos e rochas afins
- granodioritos
- migmatitos e gnaisses blastominolíticos
- rochas básica
- rochas ultrabásicas
- sedimentos detríticos não consolidados
- xistos e rochas afins
- área social



Estes "Climas", que na disposição dos relevos se justificam, modelaram por sua vez as paisagens - e o que delas o Homem fez, na avisada interpretação da Natureza que a escassez de recursos sempre impõe. Daí a incontornável sujeição dos lugares ao tempo e ao clima, conferindo notável acerto à distribuição espacial dos ecossistemas, das culturas e sistemas culturais, e das práticas e atividades que lhes estão associadas. Assim, o revestimento vegetal depende do clima, do relevo e do solo, embora as associações vegetais sejam reflexo da intervenção humana, que altera a morfologia do solo e integra e associa espécies, criando paisagens com outras arquiteturas.



Açude no Rio Angueira.

É uma região marcada por prados permanentes (lameiros), grandes extensões de carvalho negral, magníficos soutos de castanheiros e searas de trigo e centeio. Está ainda desesperadamente presa a uma agricultura atávica e de subsistência, que o rigoroso clima de verões quentes e secos e invernos frios e chuvosos, escarmenta e desengana. Como se diz na cultura popular "nove meses de inverno e três de inferno". Nos meses de inverno a neve, que transforma a paisagem tornando-a difusa e monocromática, ocorre frequentemente na serra de Montesinho, nas zonas de maior altitude, acima de 1200/1300 metros, existindo também condições para a sua formação nas terras altas de cotas a partir dos 1000 metros.

A Terra Fria do Nordeste Transmontano é uma área dominada por relevos suaves, separados por vales encaixados, com uma paisagem exuberante de montanhas e relevos aplanados, com uma policultura agrícola por entre espaços florestais. As condições peculiares do solo e do clima, associadas a uma sábia ocupação humana, conduziram a uma paisagem extremamente rica e diversificada, bem visível na estabilidade dos seus vales e nos imensos carvalhais, soutos e castiçais.

Paisagem diversificada, Vinhais.

A poente do festo Nogueira-Montesinho, o ritmo cromático da paisagem é dado sobretudo pelas espécies caducifólias, que no outono pigmentam os cenários com cores vivas e quentes, em contraste com o verde das resinosas. A nascente, este ritmo é conseguido com a vinha e, fundamentalmente, com as culturas cerealíferas que no inverno apresentam cores frias e vivas e de verão, cores quentes de tonalidades esbatidas.



CARATERIZAÇÃO FÍSICA



Lameiros em Miranda do Douro, com freixos cuja rama é utilizada para alimentar o gado.

No meio de todo este mosaico policultural, o homem tem conseguido manter uma integração relativamente harmoniosa em relação ao meio ambiente que o rodeia, usando os recursos naturais de uma forma sustentada. Deste ordenamento do território, resultaram aglomerados rurais concentrados que ponteam de uma forma dispersa o território. Inserem-se no meio de uma grande variedade de coberto vegetal, em que se mesclam carvalhais, soutos, olivais, amendoais, pomares, hortas, matos, culturas de sequeiro e pastagens entre galerias ripícolas de pequenos cursos de água.

O xisto é a rocha dominante, razão pela qual é o principal material de construção. No entanto, ocorrem também granitos, rochas ultrabásicas e, muito localizadamente, calcários. De particular interesse na leitura da paisagem de algumas zonas do território da TFT, são os afloramentos quartzíticos, que irrompem do solo. Salientam-se, neste caso, as cristas quartzíticas de Penhas Juntas que se desenvolvem desde Sandim ao limite sul da freguesia de Celas.

Ovelhas da raça bragançana nas belas pastagens dos lameiros entre Vilarinho e Cova de Lua.

Neste território é possível identificar unidades de paisagem homogénea de características muito diferentes entre si, entre as quais se destacam as que seguidamente se definem.



CARATERIZAÇÃO FÍSICA

Nos escalões de cotas altimétricas mais elevadas (superiores a 1000 metros) das serras de Montesinho e Coroa predominam as pastagens naturais de altitude. É sobretudo nestas zonas que nos meses de inverno neva regularmente, revestindo-se a paisagem de um manto branco.

Nas zonas com altimetria média e alta da Lomba, Baceiro, Trasmonte e Vinhais ocorrem grandes áreas de castanheiro, carvalhos e de outras folhosas, pinheiros e mais resinosas e uma fraca expressão de vinha.

Em Onor, Deilão, e nas Terras de Bragança e de Miranda, com exceção do vale do rio Maçais e da faixa marginal ao rio Douro predominam as culturas arvenses, os soutos e os cercais de carvalho negral e nas zonas de várzea, choupais, salgueirais e freixiais. Em Deilão e Onor, tem-se também, atualmente, uma forte expressão de povoamentos florestais de resinosas, com algumas manchas de carvalhos caducifólios, de sobreiros e de azinheiras.

Na Terra de Bragança predominam os castanheiros, sendo também expressivo o povoamento de carvalhos. No planalto de Miranda, para além da azinheira, do sobreiro e, pontualmente, da vinha, são expressivos os povoamentos de pinheiro, de freixo e de zimbro.

A paisagem no Alto Sabor, apresenta uma pequena área florestal, com resinosas e ainda sobreiro, azinheira e carvalho negral. Em Lampaças e Algozo, a vinha e o olival ganham expressão, ocorrendo também alguns montados de sobreiro, azinho, eucaliptais e povoamentos novos de cedros.



Horta com o tradicional picote ou picota para rega, em Ifanes.



Souto, no início da primavera, na serra da Nogueira.

CARATERIZAÇÃO FÍSICA



Paisagem de policulturas com castanheiros, Alta Lomada.

Ainda influenciado pela Terra Quente Transmontana, o Vale do Sabor apresenta a jusante uma paisagem policultural, com uma forte expressão do olival e do amendoal. Com as mesmas características, no Vale do Rio Tuela, a jusante da inserção da ribeira de Ervedosa, predominam a azinheira, a oliveira e a vinha. Para montante, os vales encaixados do Tuela e seus subsidiários são enquadrados por uma vegetação rípica bastante desenvolvida com bosquetes de carvalhos e castanheiros.

Os rudes condicionamentos da Natureza criaram nesta região uma das maiores e melhores reservas ecológicas do País, justificando a delimitação dos Parques Naturais de Montesinho e do Douro Internacional e de zonas protegidas de particular interesse florístico e faunístico. Como é evidente, os ecossistemas naturais não se limitam às áreas protegidas, sendo possível a observação das espécies identificadas fora dos limites das áreas classificadas, em especial onde a pressão humana é menor e na proximidade das linhas de água. Registam-se na TFT áreas integradas na Rede Nacional de Áreas Protegidas – Parques Naturais e Rede Natura 2000 que, naturalmente, podem apresentar sobreposições territoriais.

Carvalhal no inverno, Cova de Lua.





PARQUE NATURAL DE MONTESINHO

(Decreto-Lei nº 355/79, de 30 de Agosto)



Aspeto da diversidade florística do Parque.



Estendendo-se no território norte dos concelhos de Vinhais e de Bragança este Parque caracteriza-se por uma elevada diversidade morfológica, geológica e climática, que se reflete na adaptação das espécies animais e vegetais ao meio físico e consequentemente na paisagem. As suas características peculiares proporcionam o desenvolvimento de espécies endémicas de que são exemplo – a cravina (*Dianthus laricifolius* subsp. *marizii*), a arméria (*Arenaria querioides* subsp. *fontiquerii*), a *Jasione crispa* (subsp. *serpentinica*) e as herbáceas *Festuca brigantina* e *Avenula lusitânica*, espécies que se desenvolvem nas rochas básicas e ultrabásicas do interflúvio Tuela/Sabor. No seu território coexistem bosques esclerófilos, representados pela azinheira, estevais acompanhados por espécies como o sal-puro (*Thymus mastichina*) e a arça (*Lavandula pedunculata* subsp. *sampaiana*), bosques de carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) acompanhados por castanheiro (*Castanea sativa*) e na cúpula altioplânica o vidoeiro (*Betula* spp.).

Entre a elevada diversidade de espécies que povoam o PNM, destacam-se – a águia real (*Aquila chrysaetos*), com três casais confirmados, o tartaranhão-azulado (*Circus*



cyaneus), que tem aqui a sua maior população nacional, a águia-caçadeira (*Circus pygargus*), o mocho-pequeno (*Otus scops*), a coruja-das-torres (*Tyto alba*), a perdiz-cinzenta (*Perdix perdix*), a lontra (*Lutra lutra*), o javali (*Sus scrofa*), o lobo ibérico (*Canis lupus*), o lince ibérico (*Lynx pardina*), a raposa (*Vulpes vulpes*), entre outros. O PNM é o único local no país, em que o veado (*Cervus elaphus*) e o corço (*Capreolus capreolus*) têm a sua área de distribuição sobreposta e é considerada como uma área de importância capital para a conservação do lobo ibérico (*Canis lupus*).

O PNM é abrangido pela Zona de Proteção Especial das Serras de Montesinho e de Nogueira e pelo Sítio Montesinho/Nogueira da Rede Natura 2000.

Parque Natural de Montesinho
Parque Florestal
5300-000 Bragança
T. (351) 273 300 400 / 273 329 135
Fax (351) 273 323 328
pnm@icnf.pt
www.icnf.pt



Líquenes, no inverno, revestindo o tronco de carvalho-negral.

Castanheiros em lameiros bordejando as linhas de água.





Vegetação tipicamente mediterrânica de azinheiras e zimbros nas margens do Douro. Penha da Torre em Paradela.

Património Natural
 e Espécies de Fauna

-  miradouro
-  barragem
-  porta da rota
-  porta do troço
-  troço da rota
-  desvio com interesse
-  linha de água
-  albufeira

Rede Natura 2000
 Zona de Proteção Especial

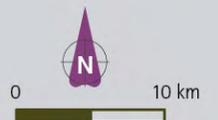
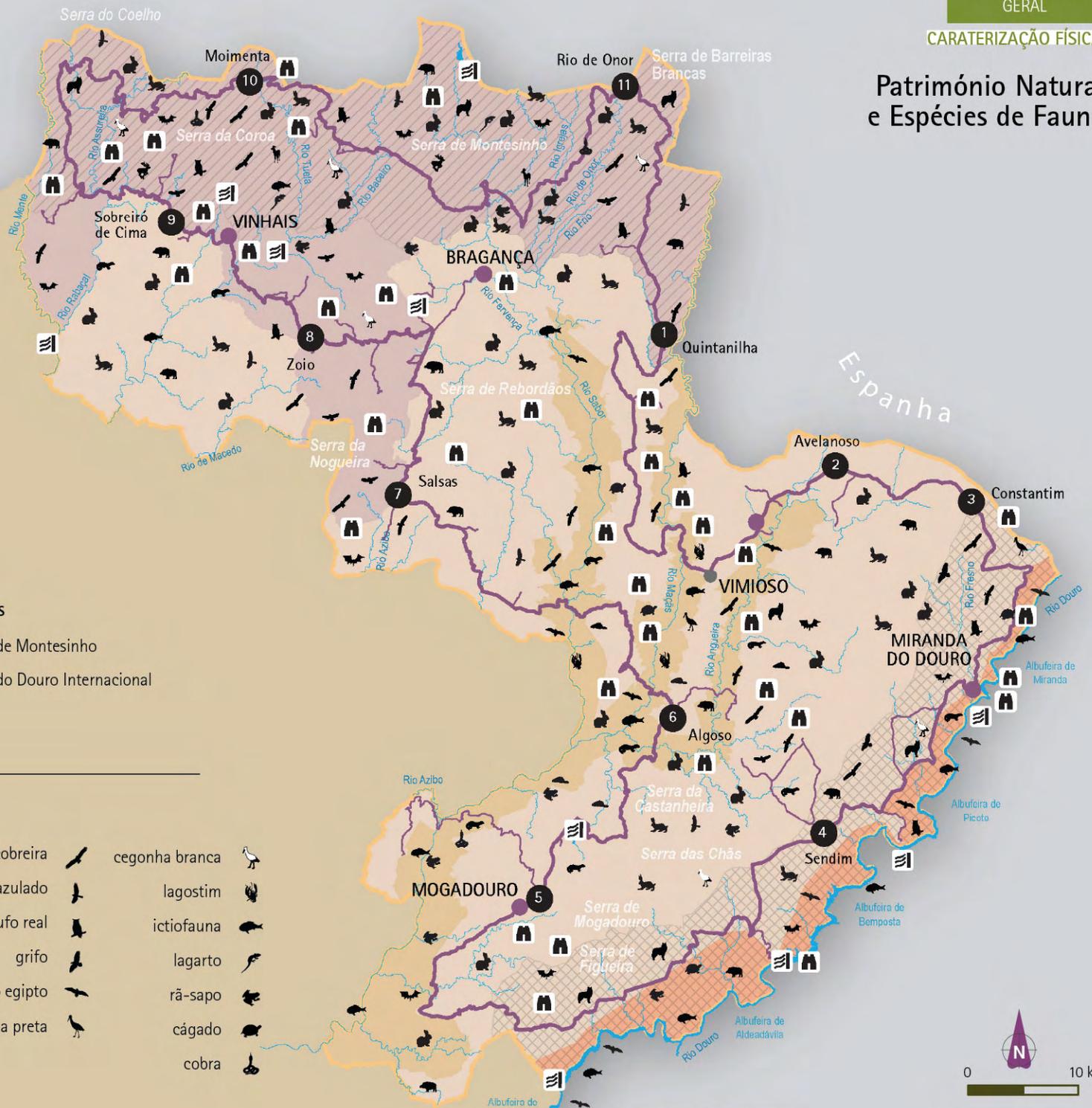
-  Montesinho / Nogueira
-  Rios Sabor e Maças
-  Douro Internacional e Vale do Águeda

Rede Nacional
 de Áreas Protegidas

-  Parque Natural de Montesinho
-  Parque Natural do Douro Internacional

Espécies de Fauna

Cinegética	lobo 	águia cobreira 	cegonha branca 
javali 	lontra 	tartaranhão azulado 	lagostim 
veado 	toupeira de água 	bufo real 	ictiofauna 
corço 	quirópteros 	grifo 	lagarto 
lebre 	águia real 	abutre do egipto 	rã-sapo 
coelho 	águia bonelli 	cegonha preta 	cágado 
			cobra 







PARQUE NATURAL DO DOURO INTERNACIONAL

(PNDI - Decreto-Regulamentar n.º 8/98, de 11 de Maio)



Miradouro de S. João das Arribas, no concelho de Miranda do Douro.



Parque Natural
do Douro Internacional

Sede

Rua Santa Marinha n.º 4
5200-241 Mogadouro
T. (351) 279 340 030 / 279 341 596
pndi@icnf.pt
www.icnf.pt

Delegação de Miranda do Douro
Cabanas do Castelo - Largo do Castelo
5210-188 Miranda do Douro
T. (351) 273 431 457

Constitui uma faixa de território que acompanha o curso do Rio Douro, incidindo em território dos concelhos de Miranda do Douro e Mogadouro. Foi criado com o objetivo de garantir a conservação de uma área com elevada sensibilidade ecológica. O símbolo do parque é o Abutre-do-Egito, uma das espécies mais emblemáticas da região. O Parque possui grande diversidade litológica, composta por formações de granito e xisto, que originam afloramentos rochosos de considerável interesse geomorfológico. São frequentes enormes penhascos quartzíticos pendendo sobre as linhas de água, formando miradouros naturais de grande valor paisagístico. O PNDI apresenta também um elevado valor faunístico, nomeadamente no que se refere à avifauna, constituindo os vales encaixados e escarpados um local de excelência para a nidificação de aves rupícolas. Os mamíferos com maior estatuto de conservação no parque são o lobo ibérico (*Canis lupus*) e vários morcegos como o morcego-rato-grande (*Myotis myotis*) e uma colónia de hibernação de morcego-de-peluche (*Miniopterus schreibersii*).

O PNDI é abrangido pela Zona de Proteção Especial do Douro Internacional e Vale do Rio Águeda, da Rede Natura 2000.



A frescura dos lameiros da zona granítica do vale do Douro, Vale de Águia.



Pormenor de arquitetura tradicional em xisto, Paradela.

Meandro do rio Douro em Urrós, Mogadouro.



CARATERIZAÇÃO
GERAL

CARATERIZAÇÃO FÍSICA





Vista a partir do miradouro da Penha das Torres, Paradelá. Ponto mais oriental do território português.



Troço do rio Sabor na zona de Argozelo, no inverno, com as suas galerias ripícolas desprovidas de folhagem.

Vale cavado do rio Maçãs entre Carção e Vimioso, vendo-se, para além das galerias ripícolas, olivais que atestam a influência mediterrânica.

Também integrada na Rede Natura 2000, em Zona de Proteção Especial, salientam-se os Rios Sabor e Maçãs. O Vale do Rio Sabor e Maçãs caracteriza-se por possuir galerias ripícolas em bom estado de conservação. As condições edafoclimáticas e morfológicas, refletidas em vales encaixados e vertentes abruptas, proporcionam o desenvolvimento de várias espécies vegetais e animais. Destacam-se, pelo seu estado de conservação e por serem endémicas, as comunidades de Buxo (*Buxus sempervirens*) e as comunidades ripícolas de Petrorragia (*Petrorragia*) e Saxifraga (*Saxifragaceae*). Este Sítio é importante para a conservação da fauna associada ao meio aquático, em particular a recuperação das populações de lagostim-de-patas-brancas (*Austroptamobius pallipes*). A área alberga três espécies de mamíferos constantes do Anexo II da Diretiva Habitats – o lobo ibérico, a lontra e a toupeira-de-água.

Da lista Nacional de Sítios da Rede Natura (Resolução de Conselho de Ministros n.º 142/97, de 28 de agosto) – Montesinho/Nogueira, Rios Sabor e Maçãs, Douro Internacional, Samil, Monte Morais e Minas de St.º Adrião.



As Minas de Santo Adrião localizam-se na maior área de calcários do norte de Portugal, o que lhe confere características particulares e contribui para a sustentação de espécies endémicas. Neste local desenvolve-se um azinhal sobre calcários, em bom estado de conservação e um extenso sobreiral, assim como cinco espécies de plantas vasculares que, em Portugal, apenas nesta área se conhecem. Contudo, a classificação deste Sítio justifica-se sobretudo para a conservação dos Quirópteros. Para além de colónias importantes de espécies de morcegos, abriga uma colónia de criação de morcego-rato-pequeno (*Myotis blythii*), espécie considerada "em perigo".

A abundância de recursos naturais da TFT proporciona o desenvolvimento de atividades cinegéticas como a caça e a pesca. Existem na região várias Associações de Caça e Pesca, assim como Zonas de Caça Associativas (Z.C.A.) e Municipais (Z.C.M.).

O elevado valor cinegético da TFT constata-se pela ocupação de cerca de 37% do território por zonas de caça. Estas zonas de caça distribuem-se do seguinte modo pelos cinco concelhos: 47 em Bragança, 33 em Mogadouro, 33 em Vinhais, 26 em Miranda do Douro e 21 em Vimioso.

Para além da caça à perdiz, ao tordo, ao pato, ao coelho e à lebre, das batidas e montarias ao javali e à raposa, pratica-se ainda a pesca à truta, ao barbo, à boga, à carpa e ao escalo, sendo as trutas do rio Tuela muito apreciadas. Em alguns rios desta região ainda é possível ao pescador observar os peixes que vai pescar.





CARATERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA



A TFT constitui-se hoje como uma nova centralidade. De região periférica no contexto nacional, passou a favorecida quando a referência espacial se alargou ao espaço ibérico e à União Europeia.

Agricultura extensiva na periferia da Terra Fria, Mogadouro.

Para esta nova centralidade contribuíram fatores endógenos ao país – construção da A4 e uma melhoria nas vias intrarregionais; e fatores exógenos – estação de TGV da linha Madrid/Vigo em Puebla de Sanabria, a 30 km de Bragança.

Por outro lado, cerca de 55% da TFT é abrangida por áreas protegidas, o que faz desta região um destino privilegiado pela qualidade do ambiente e as potencialidades de um Turismo Verde.

A qualidade do ambiente na TFT potencia o desenvolvimento do Turismo Verde.

Constitui-se também a TFT como um repositório inigualável de saberes ancestrais, traduzidos em produtos únicos e de excelência, para serem convenientemente apreciados e valorizados. É também na TFT que anualmente concluem a sua formação académica muitas centenas de jovens, alguns desejosos de aqui se fixarem e com capacidade de resposta adequada à inovação e às novas tecnologias.

Do ponto de vista demográfico esta região é geralmente assumida como pouco dinâmica e sujeita a um contínuo processo de esvaziamento populacional.

Ao longo das últimas décadas e de um modo generalizado nos cinco concelhos que a constituem, ressentiu-se com o êxodo maciço de população, primeiro para o continente americano (Brasil, sobretudo); depois, nas décadas de 50 e 60, para os países da Europa Central (França e Alemanha, principalmente) e para o Ultramar Português; e, finalmente, para o litoral (áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto) e para as capitais de distrito.



< Campos agrícolas na periferia de uma aldeia do Parque Natural de Montesinho.

CARATERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA



Aldeia de Pinheiro Novo, uma das muitas onde ainda persiste a atividade agrícola tradicional.

Assim, em pouco mais de meio século, a TFT viu reduzida em cerca de 38% a sua população. Quando em 1950 apenas existiam 8 freguesias com menos de 300 habitantes, em 2011 este número passou para 99 freguesias. Esta evolução reflete, indubitavelmente, o processo contínuo de perda de população a que têm estado sujeitas as freguesias rurais dos concelhos nordestinos.

Apesar das taxas de analfabetismo verificadas, que têm, apesar de tudo, acompanhado a diminuição progressiva que se regista no país, quando se observam os níveis de ensino atingidos pela população residente constata-se, claramente, que o concelho de Bragança tem uma situação privilegiada na região, quer pelo menor número de analfabetos existentes, quer, sobretudo, pelo elevado número de habitantes com formação superior. Na atualidade, Bragança tem quatro estabelecimentos de ensino superior público, integrados no Instituto Politécnico e um de ensino privado.

Este significativo valor da população com formação superior em Bragança faz deste concelho uma zona potencial de fixação de empresas que utilizam tecnologia avançada e querem usufruir da nova e importante centralidade que a proximidade ao mercado europeu (sobretudo do espanhol, com os seus 50 milhões de habitantes) oferece. É evidente que, por detrás de tão significativo indicador está o Instituto Politécnico de Bragança.

Instituto Politécnico de Bragança.





A análise comparativa da estrutura setorial da população ativa dos vários concelhos que compõem a TFT é, em grande medida, semelhante pois, em Bragança, o setor primário tem registado uma diminuição sucessiva da população ativa desde 1970, enquanto no setor secundário o emprego criado absorve apenas uma pequena faixa da população ativa, fruto do universo de microempresas onde predomina o autoemprego. O setor terciário tem registado um reforço muito significativo, consequência natural de Bragança ser, fundamentalmente, um centro de serviços.

No total da TFT existem 6 758 empresas, com o concelho de Bragança a albergar mais de metade destas. As empresas de comércio e serviços são as mais representativas no tecido empresarial, com mais de 20% das empresas nos concelhos da Terra Fria. No concelho de Vimioso, este setor empresarial representa aproximadamente 32% do total das empresas. Este peso do setor terciário é consistente com a realidade nacional e também com a região norte, na qual representa 24,6%. As empresas de alojamento, restauração e similares e de construção, estão também representadas em todos os concelhos da TFT, representando cada uma delas, valores entre os 10% e 12%. As atividades do setor primário, pouco representativas em Bragança (6,9%), muito por força da crescente urbanização e da terciarização da economia, são no entanto bastante relevantes nos restantes concelhos da TFT, nomeadamente em Mogadouro (20,4%) ou Vimioso (15,7%). No que concerne à atividade agrícola, estima-se que cerca de 54% do território da TFT tem aptidão para a agricultura. Ainda neste contexto, um aspeto relevante do território prende-se com o relevo e a altitude desta região. O relevo é mais acentuado nos concelhos de Vinhais, Bragança e Vimioso, onde a

Unidade de transformação de carne mirandesa da Cooperativa Agropecuária Mirandesa CRL Vimioso.

Rua Alexandre Herculano, centro de Bragança, sede de distrito e maior pólo económico da região.



CARATERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA



Mogadouro, uma vila dotada de boas infraestruturas.

área com aptidão para a agricultura é mais dispersa e em menor proporção. Nos concelhos de Miranda do Douro e Mogadouro (Planalto Mirandês), a área com aptidão para a agricultura é bem mais extensa, ainda que esteja situada a altitudes elevadas, zona privilegiada para o cultivo de cereais. Mas mesmo com condições de produção que não favorecem a adoção de tecnologias intensivas, existe um conjunto diversificado de produtos de excelência, perfeitamente adaptados às condições ambientais e aos diversos condicionalismos (socioeconómicos e edafoclimáticos), fruto de um saber-fazer acumulado ao longo do tempo, que tem de ser valorizado. Citem-se, entre outras, as seguintes produções:

No concelho de Vinhais o fumeiro tradicional desempenha um importante papel na economia local.



• Castanha

O castanheiro é uma cultura importante no país, quer pela produção de madeira, quer pela produção de fruto. A área total de castanheiros, a nível nacional, corresponde a mais de 8,5% da área mundial.

Em Portugal a produção de castanha está concentrada em Trás-os-Montes e Alto Douro, mas cerca de 80% da área plantada e da castanha produzida em Portugal provém da região de Trás-os-Montes, com especial incidência nos concelhos de Bragança e de Vinhais. A produção de castanha destes dois concelhos, quase toda exportada para os mercados do Brasil, França, Itália e Espanha, representa um valor global de cerca de 25 milhões de euros, num total de cerca de 11 milhões para toda a TFT.



Apanha da castanha.

• Batata

De reconhecida qualidade, a batata de Trás-os-Montes tem sofrido aqui, nos últimos anos, um decréscimo da sua área de cultivo. Esta evolução ficará a dever-se em grande medida aos problemas de escoamento e à grande variação do preço, para além da diminuição do número de produtores. Mesmo assim a batata é um produto com um peso significativo na TFT. Metade da área de batata desta região concentra-se nos concelhos de Bragança e Vinhais.

A cultura biológica de cereais poderá trazer uma mais valia ao potencial produtivo dos planaltos da Terra Fria.



• Centeio

A TFT é a principal região produtora de centeio do país. Os cereais (trigo e centeio) desta região, estão presentes na maior parte dos seus sistemas produtivos, contribuindo de modo relevante para a economia das explorações agrícolas.

Olival em Izedá.

• Olivicultura

A estrutura produtiva do azeite na TFT caracteriza-se por uma reduzida dimensão das explorações (cerca de 13 262 ha na TFT, de acordo com o Recenseamento Agrícola de 2009), olivais envelhecidos, baixos níveis de mecanização, principalmente da colheita, com implicações nos respetivos custos de produção e baixas produtividades físicas.



CARATERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA



Bovinos da raça mirandesa.

• Bovinos autóctones

O efetivo bovino autóctone na TFT era de cerca de 5.000 cabeças da raça mirandesa em 1999, espalhadas pelos cinco concelhos, com destaque especial para Bragança (1.598 efetivos) e Vinhais (1.035 efetivos). Atualmente este número reduziu-se para cerca de 3.600 efetivos.

Tendo em vista a valorização da carne proveniente das raças bovinas autóctones da TFT, encontram-se protegidas as designações "carne mirandesa DOP" e "carne de bovino cruzado da Terra Fria Transmontana IGP" (Indicação Geográfica Protegida). A produção anual de carne mirandesa é, atualmente, de mais de 260 toneladas, com um valor de mercado de, aproximadamente, dois milhões de euros.



Em cima, raça autóctone Churra Galega Mirandesa.



• Ovinos e caprinos

A criação de pequenos ruminantes (ovinos e caprinos) tem uma grande importância económica e social na TFT, existindo no ano 2009 cerca de 128.000 animais.

• Produção suína e fumeiro tradicional

O porco foi, durante muito tempo, a principal fonte de proteína animal. Ainda hoje muitas casas rurais da TFT abatem anualmente pelo menos um porco para autoconsumo.

Fumeiro produzido em todos os concelhos da Terra Fria.



Quase um terço das explorações agrícolas da TFT possuem suínos, existindo em 2009 um total de cerca de 7250 efetivos.

A tradição de criação de suínos está relacionada com a produção de salsicharia e fumeiro e dos seus múltiplos derivados. O fumeiro, para além de estar presente na dieta regular das populações desta região, constitui uma fonte complementar de rendimento para muitas famílias. Só a nível do concelho de Vinhais, no ano de 2000, estima-se que a produção vendida de salpicões e linguiças tenha atingido 160 mil euros. A matéria-prima destes enchidos



Exemplares de porco Bisaro.

é o porco bisaro, um recurso genético autóctone, com uma alimentação à base de produtos naturais, onde se destaca a castanha.

Todo o processo de produção é artesanal e o apoio comunitário ao Fumeiro de Vinhais tem protegido o modo de fabrico particular destes enchidos, controlando toda a fileira produtiva. A Feira do Fumeiro de Vinhais é o certame em que o fumeiro de Vinhais tem maior procura e a qualidade dos produtos ali comercializados tem atraído um número crescente de visitantes.

• Mel

O mel é também um dos produtos a destacar na região da TFT, pela excelência da sua qualidade. Está diluído por todo o território, salientando-se o Parque Natural de Montesinho, onde existe um Agrupamento de Produtores de Mel DOP. Por toda a TFT existe também produção de mel em Modo de Produção Biológica (MPB). Em Mogadouro localiza-se a sede da Associação de Apicultores do Parque Natural do Douro Internacional, cuja ação se estende ao concelho de Miranda do Douro.

O mel biológico da Terra Fria tem tido um enorme sucesso na exportação.



CARATERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA



Mancha extensa de carvalho negral na serra da Nogueira.

FLORESTA

A região da TFT tem um contributo relevante para a diversidade florestal nacional, onde se evidenciam as áreas de castanheiro, de carvalhos, folhosas e resinosas diversas. No contexto de novos mercados e da procura de novas fontes de rendimento e competitividade, a valorização dos espaços florestais assume importância redobrada, incluindo também as áreas de matos e pastagens, considerando valores de uso direto (comercial) dos produtos como a madeira, a cortiça e a resina, mas também de outros, como biomassa para a produção de energia, o mel e outros produtos resultantes da apicultura, cogumelos ou plantas aromáticas.

A floresta autóctone, desempenha um papel muito importante do ponto de vista turístico, ambiental, económico e cultural.



Na Serra da Nogueira, perto da cidade de Bragança, encontra-se uma das maiores áreas contínuas de carvalho negral da Europa, com mais de 5 000 ha.

Importam também destacar o papel das florestas para o pastoreio, caça, recreio e turismo de espaços naturais, mas também para um conjunto de serviços ecológicos como a proteção do solo, dos recursos hídricos, da paisagem e da biodiversidade ou o sequestro de carbono.

TURISMO

Analisando agora, em breves traços, o setor turístico, pode-se afirmar que está difusamente representado, dispondo a região de um enorme e diversificado potencial turístico (cerca de 55% do total da área da TFT são Áreas Protegidas).

O turismo associado à componente natureza proporciona o desenvolvimento de diversos tipos de turismo ligados a esta vertente como o ecoturismo, turismo cinegético, turismo no espaço rural, turismo em áreas naturais e turismo de aventura. A par deste tipo de oferta surge o Turismo Cultural associado ao riquíssimo património monumental e etnográfico. Estas duas temáticas encontram-se bem representadas por todo o território da Rota quer a nível dos monumentos, museus e sítios históricos e arqueológicos, quer a nível de festas e tradições populares, artesanato e gastronomia.

Esta diversificada oferta é ainda complementada pela elevada qualidade da tipologia dos empreendimentos turísticos na modalidade Turismo no Espaço Rural (TER).

Com uma proposta turística tão variada a nível do património natural, monumental e etnográfico, é compreensível que o setor turístico, nos últimos anos, tenha vindo a crescer e a ganhar uma importância significativa no contexto das atividades económicas da TFT.



A arquitetura tradicional com base no xisto e granito, reveste-se de grande importância na oferta turística regional.

Cidadela de Bragança.



CARATERIZAÇÃO
GERAL

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



A extensa diacronia de ocupação humana da Terra Fria Transmontana tem uma origem bastante remota no tempo.

Neste território encontram-se vestígios das diferentes épocas, numa sucessão de mais de vinte mil anos de história: a arte rupestre, de ar livre, cujas expressões mais arcaicas remontam ao Paleolítico Superior, os monumentos megalíticos, os povoados fortificados da Pré-história Recente e da Proto-história, os sítios de habitat e as necrópoles dos períodos romano e medieval e as construções modernas e contemporâneas, testemunhos das vivências públicas e privadas, eruditas e populares dos habitantes da região.

São diversos os contextos nos quais é possível identificar ocupações sucessivas e mesmo ininterruptas do ponto de vista cronológico. Contudo, persistem lacunas nos conhecimentos disponíveis, hiatos temporais desprovidos de vestígios que permitam uma compreensão totalmente abrangente do devir histórico. Permanecem por esclarecer questões relativas a momentos de transição, evolução e interrelações populacionais e culturais com palco na TFT.

Do Paleolítico Superior, quando a evolução antropológica atinge já formas atuais, e o homem, essencialmente nômade e sujeito a rigores climáticos extremos, se abrigava em grutas e acidentes naturais, conservam-se nesta região algumas reminiscências. No concelho de Bragança, algumas rochas como as do Pousadouro (Grijó de Parada), de Sampaio (Milhão) e da Fraga Escrevida (Paradinha Nova) são testemunhos deste período, contendo gravuras de auroques e cavalos com mais de 20.000 anos.

Outros vestígios da Pré-História Antiga poderão encontrar-se em contextos de cascalheiras, sobre terraços fluviais, como as jazidas de Chão dos Palheirinhos ou Peinada, também nas margens do rio Sabor. Nestas é possível identificar alguns artefactos líticos.

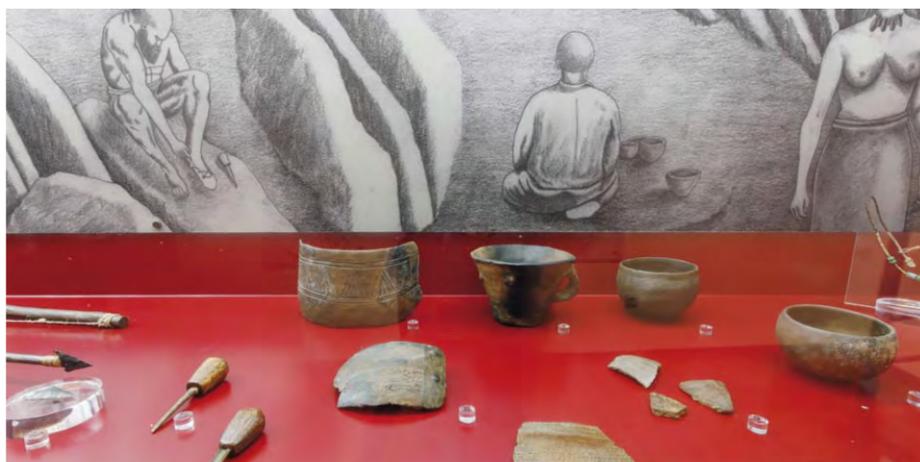
Castelo medieval assente sobre um castro da Idade do Ferro, Rebordãos. Ao fundo a cidade de Bragança.



Peças da Pré-história existentes no Museu de Mogadouro.

< Capela do antigo Paço Episcopal, onde está instalado o Museu Abade de Baçal.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Centro de interpretação
da Lorga de Dine.

Os vestígios da Pré-História Recente são muito mais abundantes, no Nordeste Transmontano, relativamente ao período anterior, embora sejam ainda insuficientes para estabelecer um quadro coerente de povoamento. A amenização do clima fixou novas espécies da fauna e da flora e o homem adaptou-se ao ar livre e começou a desenvolver relações mais estáveis com a Natureza, construindo e aproveitando recursos numa espiral evolutiva. Iniciou a prática da agricultura, domesticou animais, produziu utensílios em cerâmica e tecidos ainda que grosseiros, talhou e poliu instrumentos em pedra e criou hábitos sedentários, que derivaram na estabilização dos primeiros povoados.

O megalitismo não é um fenómeno tão expressivo quanto o de Trás-os-Montes ocidental, mas registam-se diversos monumentos funerários, essencialmente mamoas ou montes artificiais, isoladas, como Tumbeirinho de Donai, Marcão e Coroa de Travanca ou Marmolina e Campina ou mais ou menos agrupadas, como em Pena Mosqueira de Sanhoane. Estes monumentos registam-se essencialmente em zonas aplanadas e evitam a proximidade de encostas ou de afloramentos rochosos. Tudo parece indicar que as mamoas foram concebidas para ter destaque visual, para se evidenciarem na paisagem. A dimensão do *tumulus* pode ser bastante variável, assim como a sua imposição volumétrica no terreno. São estes fatores de uma linguagem simbólica, que articula os monumentos e a topografia. Os enterramentos em gruta também se encontram atestados neste período na Lorga de Dine de Vinhais e também provavelmente nas Grutas de Ferreiros de Miranda do Douro.



Peças da Idade do Ferro, expostas no
Museu de Arqueologia de Mogadouro.

Com o começo da utilização das tecnologias de fundição dos metais, que se inicia com o cobre, reforça-se o espírito gregário da população, que se organiza em pequenas povoações, muitas vezes fortificadas e implantadas em locais estratégicos, quer por questões de defesa, quer pela proximidade das áreas de cultivo ou de captação de matérias-primas.

Os núcleos de povoamento conhecidos encontram-se balizados entre o Calcolítico e a Idade do Bronze Inicial. Registam-se povoados abertos como o do Raio ou Urreta da Malhada, mas também povoados fortificados, como o Castro de Sacóias e o Castro de S. João das Arribas. Mas, muitos achados esporádicos documentam também a ocupação do território na Pré-História Recente, quer sejam instrumentos líticos, sobretudo machados, quer metálicos, designadamente alabardas.

As estações de arte rupestre, em rochas de ar livre, como o Rebolhão e em abrigos sob rocha os abrigos das Fragas do Diabo e os abrigos da Solhapa e Fraga da Lapa integram também esta fase cronológica. Nesta fase situar-se-ão as designadas "unhas do diabo", gravuras esquemáticas lineares. Salienta-se que as gravuras do tipo cruciforme são de interpretação complexa, porque englobam um leque muito variado de motivos e por vezes são linearmente interpretadas como símbolos de cristianização, marcas de termo de cronologia medieval e moderna, ignorando-se outros tipos de insculpturas que surgem em associação com estas.

Destaca-se ainda na pintura, no âmbito da arte rupestre da Pré-história Recente, a Fraga da Letra, que consiste num pequeno abrigo com pinturas de cinco figuras antropomórficas esquemáticas, elaboradas com ocre vermelho alaranjado, localizado na vertente sudoeste das falésias quartzíticas do Castelo de Penas Roias.

Mais raras parecem ser as manifestações artísticas de ar livre imputáveis à Idade do Ferro, como a da Fraga do Puio de Picote, onde se destaca uma representação de figura semiesquemática de arqueiro, em posição de lançamento.



Ruínas do Castro de S. João das Arribas.

Pinturas rupestres na Fraga da Letra em Penas Roias.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Castro de Vilarinho dos Galegos. Achados de cronologia mais recente, nomeadamente do Bronze Final, como os do esconderijo de fundidor de Valbom-Deilão, constituído por seis braceletes e um machado de talão com argolas, contribuem para o conhecimento, ainda que incipiente, da Idade do Bronze.

Os sítios arqueológicos da Urreta, Malhada, Urrós e do Canto da Serra, respetivamente nos concelhos de Bragança, de Miranda do Douro, de Mogadouro e de Vimioso, são exemplos de povoados abertos coevos.

Os dados disponíveis não permitem avaliar com segurança como evoluiu a ocupação do território da Terra Fria entre a Pré-história Recente e a Idade do Ferro, embora se possa supor que uma parte dos povoados fortificados deste período seja testemunho de uma continuidade de povoamento, pelo menos desde o final da Idade do Bronze, a exemplo dos testemunhos do Castelo de Rebordãos, da Cigaduenha de Picote ou do Castro de S. João de Arribas. Estes povoados têm em comum a implantação em posições topográficas com amplos controlos territoriais ou de corredores naturais de circulação, esboçando um certo ordenamento territorial.

Durante a Idade do Ferro, a rede de povoamento adensa-se e, em castelos graníticos, nos cumes altos dos contrafortes montanhosos, em cabeços destacados no interior de planaltos ou nos relevos em esporão distribuídos ao longo dos vales fluviais, surgem povoados fortificados (castros), beneficiando quase sempre de razoáveis condições naturais de defesa, tal como de privilegiada visibilidade e controlo geoestratégico. São, de uma forma geral, povoados de dimensões médias ou reduzidas, com sistemas defensivos mais ou menos elaborados, integrando muralhas, construídas em alvenaria seca ou integrando areias e argilas, associadas, em alguns casos, a torreões, fossos,



Berrão de Picote, ídolo da Proto-história, muito frequente em Trás-os-Montes.

parapeitos e campos de pedras fincadas, mas aproveitando sempre que possível as possibilidades de defesa oferecidas pela própria topografia.

Salienta-se neste período a presença de esculturas zoomórficas, vulgarmente designadas como berrões, mas que representam porcos e touros, de pedra, que poderiam ter tido no contexto proto-histórico uma função apotropaica, como protetoras de povoados e do gado, mas também de demarcação de pastos, ao mesmo tempo que simbolizariam a proeminência de determinadas elites sociais, envergando, assim, um caráter heráldico. Como exemplos citam-se o porco de Bragança, Picote, Coelhooso e Failde ou o touro de Parada de Infanções. Em época romana a representação do berrão adquire um sentido funerário fundamental. Existindo como exemplares deste período o porco em Duas Igrejas e Picote e um touro em Malhadas.

Com a *pax romana* entre 29 e 19 a.C. durante o império de Augusto, a região nordestina começou a assimilar os contributos de uma estrutura civilizacional mais complexa, iniciando-se um longo processo de aculturação que permitiu, contudo, a sobrevivência de muitos costumes e tradições arcaicas que haveriam de influenciar decisivamente a identidade da população. Festividades profanas associadas ao calendário litúrgico, o ciclo das colheitas, costumes e tradições com expressão na indumentária, na gastronomia, na música, poderão ser ainda hoje reminiscências de um passado longínquo.

A romanização deixou na TFT marcas profundas, designadamente na estrutura do povoamento e na rede viária que lhe estava associada. Provavelmente com sede em Castro de Avelãs, esta região fazia parte da *civitas Zoelarum*, integrada no *conventus Asturum*. A grande maioria dos antigos povoados foi-se adaptando ao *modus vivendi* romano, deixando vastos vestígios em castros como o da Torre de Celas ou o Castelo de Ervedosa, em Vinhais; o do Alto do Carocado e o do Lombeiro Branco, em Bragança; a Terronha de Argozelo, em Vimioso; o Castro Vicente e o de Vilarinho de Galegos, em Mogadouro; ou o de S. João das Arribas e o de S. Martinho de Angueira, em Miranda do Douro.

Muitos outros pólos de habitat de origem romana foram identificados, como as *villae* e casais rurais, com profusão de *tegulae*, de epígrafes, de numismas e de objetos diversos. A estas ocorrências poderão ainda acrescentar-se outros testemunhos de atividades inerentes à sociedade romanizada. São de referência incontornável os vestígios da



Escultura de cavalo da Idade do Ferro, encontrada em Castro Vicente.



Estela funerária dedicada a "Acca", serva de "Metelo", encontrada em Castro de Avelãs, possível capital do povo "Zoela", habitante da Terra Fria na Idade do Ferro, que mais tarde foi romanizado.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Mosteiro beneditino de
Castro de Avelãs.

complexa exploração aurífera das Minas de França, na Serra de Montesinho ou os troços sobreviventes da Via XVII do Itinerário de Antonino, que atravessava transversalmente os atuais concelhos de Bragança e de Vinhais.

Salienta-se ainda que esta região detém uma das maiores concentrações de achados epigráficos, sobretudo funerários, mas também votivos e honoríficos.

Com o declínio da dominação romana e as invasões sucessivas de bárbaros germânicos, toda a região se remete a um isolamento que haveria de durar muitos séculos, enquistando-se as comunidades sobreviventes com o reforço de relações comunitárias que ainda hoje se revelam em muitas aldeias do Montesinho e expressivamente sublimadas em Rio de Onor. Do período de dominação de suevos e visigodos conhecem-se escassas referências arqueológicas ou textuais que permitam reconstituir os quadros de povoamento. Porém, o remanescente *Parochiale* suévico revela a estrutura administrativa que serviu de base à organização eclesiástica, onde se filiam muitas das freguesias do norte do país. Os *pagi* de Brigantia e Astiatico referidos no *Parochiale* na diocese de *Bracara* e em território que corresponde à atual TFT, seriam aglomerados de carácter urbano que dariam origem às terras medievais de Bragança e de Miranda, cujas sedes poderão eventualmente identificar-se com Castro de Avelãs e com Picote.

As dissenções internas que a feudalização gerou no reino visigótico tornaram-no incapaz de resistir à invasão muçulmana que se firmou em Guadalete em 711. Contudo, o domínio islâmico não se conseguiu afirmar efetivamente nos territórios montanhosos a norte do Douro, sendo por isso reduzida a influência exercida na região nordestina, relativamente próxima do reduto asturiano de onde a população indígena promovia algaras que haveriam de consolidar a Reconquista.

Igreja românica de Algosinho.



Destes tempos conturbados da Alta Idade Média ficaram vestígios dispersos nas reocupações de alguns povoados pré-existentes, em ruínas de templos e em necrópoles e sepulturas rupestres isoladas descobertas ocasionalmente ou em campanhas arqueológicas, a maioria, atualmente, não observável. São, no entanto assinaláveis as ruínas dos castelos de Rebordãos e de Pinela, hoje reduzidos ao embasamento roqueiro, com escassos indícios de alvenarias argamassadas, que se presume possam anteceder a formação da nacionalidade.

Também a origem da tipologia de enterramento em sepulturas escavadas na rocha aparentemente é anterior ao processo da Reconquista cristã, mas existirão diversos exemplares tardios que lhe são posteriores, salientam-se as necrópoles de Santo André de Algosinho e São Fagundo, ambas no concelho de Mogadouro.



Provavelmente, aquando da difusão do Cristianismo, antigos locais de culto indígena foram convertidos a esta doutrina, sucedendo-se as reconstruções que foram agregando os vestígios remanescentes das edificações primitivas, resumindo-se o seu registo a escassas estruturas soterradas e a fragmentos de cerâmica nas imediações.

Restam, contudo, nesta região, alguns templos de filiação românica que conservam ainda indícios da sua primitiva fábrica. Um dos mais significativos é a Igreja de São Facundo, matriz da antiga paróquia de Crespos, junto à vila de Vinhais, que remonta aos inícios da nacionalidade. Conserva ainda um tosco conjunto escultórico, relevado no frontispício, que invoca a Santíssima Trindade, mas modificações posteriores adulteraram-lhe significativamente o traçado original. No topo meridional da TFT, também nas igrejas de Cércio e de São Pedro da Silva o formulário românico é ainda perceptível, embora já numa fase tardia, de transição para o gótico. No extremo ocidental localiza-se a Igreja Paroquial de Algosinho, que possui uma insuspeitada monumentalidade interior, embora modesta, que, face às condicionantes histórico-geográficas, se torna difícil de explicar.

Curiosamente, o gosto românico ficou fortemente arraigado nesta região, em particular no concelho de Miranda do Douro, persistindo ainda a sua gramática tardia quando a exuberância gótica já entrava em declínio.

A todos os títulos notável, destaca-se o que resta da igreja do antigo mosteiro beneditino de Castro de Avelãs, muito próximo da cidade de Bragança: uma imponente cabeceira constituída por uma ábside e dois absidiolos, construída em ladrilho de tijolo, com três níveis de arcadas cegas de duplo arco, de filiação românica, conceção corrente na vizinha província espanhola de Leon, com paralelo na zona de Zamora, Toro, Salamanca e Sahagún, mas verdadeiramente singular na história da arquitetura portuguesa.

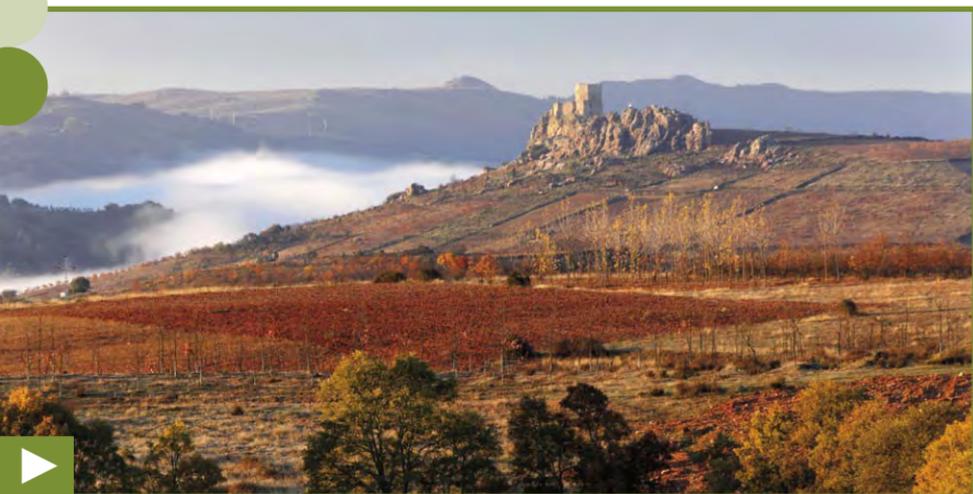


Igreja de S. Facundo, Vinhais. Ao lado um pormenor da fachada.

Teto da igreja de São Bento, Bragança.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Castelo de Algosó, ponto de defesa estratégico cujos vestígios remontam ao Calcolítico.

Firmados os limites territoriais do novo reino de Portugal, consolidada a autoridade régia e estabelecidos os quadros dos poderes civis e eclesiásticos, estava aberto o caminho para a estabilidade social e política que permitiria a introdução de novos conceitos em todos os domínios da cultura. Iniciava-se o séc. XIII e estavam criadas as condições para uma receptividade crescente à influência dos formulários góticos que então floresciam em toda a Europa.

O controle militar das fronteiras exigiu a reconstrução de algumas fortalezas antigas e a construção de outras em locais estratégicos.

Desta época datam, o castelo de Algosó, ainda razoavelmente conservado e cujos primeiros vestígios remontam ao Calcolítico; o de Vinhais, cujos vestígios remontam à Idade do Ferro; o de Miranda do Douro e o de Bragança, que viriam nos séculos subsequentes a tomar a forma que atualmente apresentam, envolvendo toda a povoação.

Anteriores a este período são os castelos de Penas Roias e Mogadouro, cujos vestígios remontam à época romana e foram praças templárias no século XII.

Já os castelos de Vimioso e Outeiro terão sido construídos posteriormente, sendo contudo incerta a sua fundação, já que deles pouco mais resta para além de alguns vestígios destruídos e escassas referências documentais.

É também no séc. XIV que se começa a afirmar o poder municipal, alicerçado em privilégios e prerrogativas que a custo se vinham alcançando há mais de dois séculos. A outorga de forais, sucessivamente confirmados e regulados, definia encargos e direitos administrados pelo município e a jurisdição estava simbolicamente representada pelo pelourinho que atestava a sua sujeição à Coroa ou a donatários civis ou eclesiásticos. Muitos destes pelourinhos se conservam ainda na TFT, com diferentes configurações, naturalmente já não coevas desta época, mas que atestam os pergaminhos da sua origem. Muitos correspondem mesmo a concelhos e donatarias extintas e encontram-se eretos em povoados isolados e reduzidos, que foram cabeças de extensos territórios há vários séculos atrás. É o caso dos de Rebordãos, Failde, Outeiro, Rebordainhos, Vila Franca, Sanceriz e Frieira, em Bragança; Azinhoso, Bemposta, Castro Vicente e Penas Roias, em Mogadouro; Algosó, em Vimioso; e Paçó, Vilar Seco da Lomba e Ervedosa, em Vinhais. As sedes dos concelhos de Bragança, Mogadouro, Vimioso e Vinhais conservam, também elas, o seu antigo pelourinho, merecendo destaque o primeiro por ser constituído por uma picota quinhentista fincada num berrão proto-histórico. Os pelourinhos ou as picotas, a par da cadeia e da força, marcavam os principais espaços punitivos concelhios.

Mas a estrutura administrativa judicial da região implicou igualmente a construção de edifícios tão notáveis como a *Domus Municipalis* de Bragança, edifício de traça medieval, fruto de revivalismo arquitetónico.

Sobre as pontes da Terra Fria, as fontes históricas conhecidas são avaras na disponibilização de informação. São estruturas patrimonialmente relevantes, cujo valor

Coleção de aguarelas da autoria de Alberto Sousa, dos anos 30 do séc. XX, representando os pelourinhos do distrito de Bragança, Museu Abade de Baçal, Bragança.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Ponte Velha de Gimonde (Imóvel de Interesse Público), sobre o rio Malara.

patrimonial se reporta à monumentalidade inerente, mas também à função utilitária, que diversos exemplares ainda cumprem na atualidade. Algumas pontes, algumas das quais com eventual filiação romana, sofreram profundas remodelações na Idade Moderna, com recurso a materiais e tecnologias arcaicas, em que a configuração dos lumes e dos talhamares pouco se terá alterado, de tal forma que se torna hoje difícil garantir a sua época de construção.

Estas foram tanto mais relevantes nesta região acidentada, sulcada por vales profundos e alcantilados e serviam uma rede viária escassa, mas imprescindível à sobrevivência de povoados remotos e isolados e um precário sistema de comunicações. De facto, a história das vias medievais e modernas é a história dos caminhos regionais que serviam as pequenas povoações e as cidades mais próximas, distinguindo-se nos seus propósitos dos grandes projetos viários planificados, da época romana.

Ponte das Vinhas, Moimenta.



Entre estas, merecem referência as pontes de Ranca, Soeira e Moimenta, sobre o Tuela; as do rio Sabor entre Santulhão e Izeda; a Ponte de Gimonde lançada sobre as águas dos rios Igrejas e de Onor, a de Gestosa, sobre o Rabaçal; a de Frieira, sobre a ribeira de Vilalva; a Ponte e calçada de Algozo e a Ponte de S. Joanico, sobre o Angueira; as de Macedo do Peso e Gamona, em São Martinho do Peso; as do rio Maçãs, entre Vimioso e Carção, entre Algozo e Junqueira e entre Pinelo e Argozelo, esta com um arco ogival de clara influência gótica.

CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

À semelhança das pontes, também as fontes públicas proveram necessidades e muitas desempenham ainda a sua função no abastecimento de água às povoações. As mais representativas desta região são as fontes de mergulho, onde a cota de drenagem está acima do reservatório. As de S. Julião de Palácios, de Soutelo, de Variz e de Babe, com coberturas assentes em arcos de volta inteira, ligeiramente apontado no caso da última, são com certeza testemunhos da sobrevivência de construções arcaicas.



Fonte de mergulho de Baçal.

Na transição do séc. XV para o XVI a Europa é dominada por um amplo movimento de renovação cultural alicerçado na compreensão e divulgação das culturas clássicas, grega e latina, que rompe com os valores escolásticos da Idade Média e promove a formação de um "homem-novo" que o progresso económico da Europa pode já assegurar. Este movimento percorre Portugal ao longo do séc. XVI, estimula o desenvolvimento e alarga os horizontes culturais, refletindo-se eloquentemente na arte, na literatura, na ciência e no ensino. O nordeste transmontano, apesar do relativo isolamento dos grandes centros nacionais de irradiação cultural, é também influenciado pelo que melhor se fazia nas grandes cidades de Espanha mais próximas desta região. O chamado "estilo manuelino", que sob a gramática renascentista caldeou contributos exóticos do imenso Império, foi a mais genuína expressão artística do Portugal de Quinhentos, mas teve reflexo pouco significativo nas produções artísticas desta região, estando patente na ornamentação singela de algumas portadas do casario urbano de Bragança e de Miranda do Douro.

Pormenor da Sé de Miranda do Douro.

O melhor exemplo da disciplina renascentista é a Sé de Miranda do Douro, iniciada em 1552. Pela sua imponência deve ter impressionado certamente uma população ainda desajustada dos cânones rigorosos da Renascença, mas não foi, talvez por esse mesmo desajustamento e pela efetiva parcimónia dos recursos, uma fonte de abundante inspiração. Para além da Misericórdia de Miranda e das paroquiais de Sendim, Caçarelhos, Algosos e Vimioso, que incluíram nas suas frontarias pórticos flanqueados por colunas e rematados por expressivos entablamentos, não se registam outras iniciativas deste tipo dignas de nota. Contudo, a reincorporação das duas torres no



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Abóbada nervurada da Igreja de Santo Cristo (sév. XVII), Outeiro.

prospeto principal da Sé fez escola e muitas outras igrejas lhe seguiriam mais tarde o exemplo, como em Moimenta e ainda em Vimioso. No entanto, a maioria haveria de conservar os seus austeros campanários, com diversas configurações, quase sempre erguidos sobre o plano das fachadas. Outeiro (Igreja Matriz), Rabal, Carragosa e Vale de Janeiro são bons exemplos desta solução que ainda hoje se afigura como imagem muito explícita desta região transmontana.

Já sob a influência renascentista e até mesmo aos alvares do barroco, a pobreza arquitetónica continuou sendo uma realidade comum nas comunidades rurais, mantendo-se ainda muito do vocabulário medieval, o que torna por vezes difícil a determinação exata de cronologias.

Não obstante algumas influências pontuais, que se traduziram geralmente em soluções aligeiradas ou ingenuamente interpretadas pelos práticos e artistas locais, persistiram as planimetrias longitudinais em nave única e o recurso a contrafortes exteriores (Vimioso, Algosó, Duas Igrejas). O madeiramento nas coberturas foi regra geral, com exceção honrosa nas paróquias de Vimioso e de Pinela e, sobretudo, na Igreja do Santo Cristo de Outeiro, onde a teia artesoadada da abóbada atinge dimensão e lavor excecionais.

Também nos paramentos exteriores se revela a simplicidade, sendo comuns as verticalidades limpas e até fachadas cegas, como se vê em Réfega, Vale de Frades, Cércio e na primitiva Matriz de Outeiro.

Igreja Matriz de Vilar Seco de Lomba.



A influência do espírito reformista simplificou algumas soluções construtivas, designadamente com a introdução de lintéis retos nos vãos, muitas vezes coroados por frontões que constituem, em alguns casos, o único ornamento das fachadas, posto que o barroco, a seu tempo, se encarregaria de decorar alguns a preceito, como se pode ver no magnífico exemplar trilobado da Matriz de Vilar Seco de Lomba.

Com a ortodoxia da disciplina tridentina nasceu o maneirismo, que introduziu uma nova tendência nas artes e difundiu o gosto pelos retábulos dourados e policromados no interior dos templos, sacrificando os revestimentos rurais a fresco generalizados desde a Idade Média. Destas pinturas restam, por isso, poucos vestígios em Duas Igrejas, Malhadas, Cércio, Teixeira, Réfega, na Capela da Senhora da Ribeira, no "lhapo" de Picote e em Azinhoso.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

No domínio da arquitetura civil o renascimento e o maneirismo não tiveram expressão excecional. Será o barroco, custeado pelo farto ouro brasileiro a partir de meados do séc. XVII, que imprimirá uma imagem forte e inconfundível e que se fará sentir até ao mais recôndito lugar, no exterior e no interior dos edifícios e em todas as expressões da arte.

A ostentação barroca enfatizou-se sobretudo na arte religiosa, no interior dos templos, onde a riqueza dos retábulos de talha dourada constituem frequentemente, ainda hoje, uma surpresa ao visitante menos impressionado com o modelo arquitetónico.

O Convento de S. Francisco de Vinhais, a Igreja de S. Francisco e a Misericórdia de Bragança, a Matriz de Mogadouro, o Santo Cristo de Outeiro ou as paróquias de Zoio, Rabal, Alimonde, Vila Franca, Vale de Angueira, Algozo, Argozelo, Vimioso e Tuizelo, são apenas algumas das muitas referências dignas de nota.

Mas também na arquitetura civil se difundiu e brilhou o gosto barroco. Casas senhoriais como muitas que se veem em Bragança e Miranda do Douro, a dos Condes de Vinhais, a de Vilar de Ossos, a de Argozelo ou o Solar dos Pimentéis, pontes, fontes e cruzeiros foram construídos ou remodelados ao longo de todo o século XVII e XVIII e ainda hoje atestam a grandeza daquela época.

Com a sedimentação das instituições políticas e administrativas a partir do séc. XIX começaram a aparecer os edifícios públicos construídos de novo ou resultantes da adaptação dos bens expropriados à Igreja. Em todas as sedes de concelho, mas particularmente em Bragança, tem-se excelentes edifícios, muitos contemporâneos, bem integrados na malha urbana, que são já referências importantes no acervo patrimonial da região.



Retábulo barroco da igreja de S. Francisco, Vinhais.

Solar dos Pimentéis, Castelo Branco.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Atuação de um grupo de Pauliteiros de Miranda.

PATRIMÓNIO EVOCATIVO

Muitas vivências socioculturais da região nordestina assentam em tradições e posturas de origens ancestrais. Provavelmente a mais emblemática será a prática comunitária, o regime de partilha que resiste ainda, enquistado em Rio de Onor e Guadramil, onde o solo útil, que é de todos, a todos aproveita. Esta prática, que resulta de esforços seculares de autodefesa e autosustentação de pequenas povoações raianas que sobreviveram isoladas conservou formas dialetais derivadas das línguas portuguesa, mirandesa e castelhana. A sobrevivência deste *modus vivendi* nos núcleos rurais e da própria língua mirandesa e dos dialetos locais (Riodonorês, Guadramilês e Sendinês) é muito difícil, não obstante os esforços desenvolvidos pelas autarquias e pelos Parques Naturais de Montesinho e do Douro Internacional.



AMTFT Quarta feira de Cinzas - em cima Dia da Morte e dos Diabos, em Vinhais; em baixo, Diabo, Morte e Censura, em Bragança.



AT

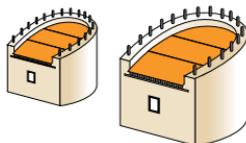
Os Parques Naturais são, aliás, uma mais valia regional como ponto atrativo do Turismo de Natureza e do Turismo Cultural de que beneficia toda a população, procurando sempre compatibilizar o desenvolvimento económico e social com a conservação da natureza e a integridade cultural.

As atividades artesanais enquadraram-se, até um passado recente, num contexto de utilização do objeto produzido

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



para as diversas funções do quotidiano, tais como a tecelagem de lã e linho, as rendas e bordados, a cestaria, os objetos de cobre batido e ferro forjado, a latoaria e a talha. Mas o artesanato regional integra igualmente as obras, associadas a funções simbólico-religiosas (nomeadamente, as máscaras, os trajes, as miniaturas, as esculturas, entre outras). Finalmente, merecem especial destaque pela sua originalidade as cutelarias (Palaçoulo), os trajes de burel e saragoça, designadamente as capas de honra (Constantim e Sendim) e as máscaras de madeira (Ousilhão, Vila Boa e Sendas).



Artesanato tradicional da Terra Fria Transmontana.

A atual dinâmica museológica da Terra Fria Transmontana revela um novo olhar sobre o património, revalorizando a história, segundo uma perspectiva de identificação e de autoestima das populações, recuperando objetos, símbolos e saber-fazer integrados num quadro de novas vivências e atividades. O Museu Abade de Baçal, em Bragança, guarda um precioso espólio que testemunha exuberantemente a riqueza cultural desta região nos tempos mais recuados da história regional. Também o Museu da Terra de Miranda em Miranda do Douro,

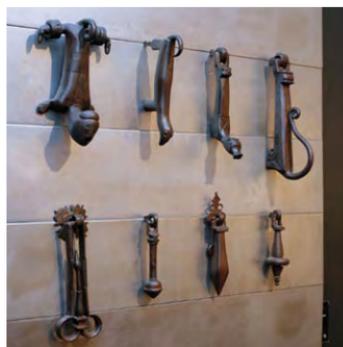


Placa de rua em mirandês, Constantim.

Museu da Terra de Miranda, Miranda do Douro.



Batentes de porta antigos, em metal, no Museu Abade de Baçal, Bragança.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Museu Rural de Palácios. conserva objetos de arqueologia e etnografia que justificam uma visita, assim como o Museu de Arqueologia de Mogadouro, que guarda o espólio arqueológico deste concelho.



Os núcleos museológicos etnográficos encontram-se imbuídos dos novos valores associativos e patrimoniais, de cariz já essencialmente rural, nos quais o acervo dominante foi constituído por ofertas da própria comunidade e podem ser visitados em localidades como Babe, Caravela, Palácios, Mós, Paçó, Rio Frio e Terroso, no concelho de Bragança, Sendim, no concelho de Miranda do Douro, em Algoso e na sede do concelho de Vimioso e em Agrochão, no concelho de Vinhais.

Em baixo, Museu Rural de Babe.
À direita, Museu Rural de Caravela.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Festa " O Carocho e a Velha",
Constantim.

Os eventos sociais e culturais traduzem os ritmos próprios da Natureza nas celebrações que lhe estão associadas, costumes ancestrais enraizados em ritos pagãos remanescentes ou sacralizados pela Igreja ao longo dos séculos. As Festas dos Rapazes ou de Santo Estêvão, que se celebram na quadra natalícia, as próprias Festas de Natal e dos Reis, as festas de Carnaval com os seus julgamentos e queimas e um sem número de romarias aos santuários locais, estão ainda generalizadas por toda a região.

As expressões etno-musicais são relevantes pela sua identidade própria no acervo patrimonial do País. Os grupos de gaitas de foles das aldeias de Miranda do Douro, Mogadouro e da Alta Lombada (Bragança) e os pauliteiros mirandeses são os melhores exemplos de uma riqueza etnográfica impar, com origem remota no tempo.



Festa dos Rapazes em
Varge - Loas.

AT

"Chocalheiro", Bemposta.



Achegas de bois de raça mirandesa,
na zona de Salsas.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



As aglomerações primitivas foram erguidas em posições defensivas, Penas Roias.

CONSTRUÇÕES RURAIS

O povoamento em aglomeração, ainda hoje a expressão concreta da forma como o homem se fixou no Nordeste Transmontano, tem as suas raízes no Neolítico, vindo a desenvolver-se, progressivamente, por todo o Calcolítico e Idade do Ferro, com o estabelecimento das primeiras comunidades proto-urbanas organizadas e sedentárias e posteriormente, com os arroteamentos romanos e suevo-visigóticos. As dificuldades das comunicações, a escassez de solos férteis e aráveis e o rigor do clima impuseram a concentração urbana e a vivência foi ajustada às exigências do meio através de vínculos de solidariedade e de partilha que precocemente se materializaram nas práticas comunitárias.

Com a *pax romana*, os antigos habitantes dos povoados proto-históricos desceram à proximidade dos campos e dos caminhos mais movimentados, Ousilhão.

Nas áreas montanhosas as aglomerações primitivas alcandoraram-se em posições defensivas e desceram apenas à proximidade dos campos férteis e dos caminhos mais movimentados com a institucionalização da *pax romana* e a concertação das identidades ibéricas mas, assim mesmo, sujeitas como as demais na raia seca e no planalto aberto, a algaras e pilhagens que muito as arruinaram. Com o devir dos tempos, alguns destes povoados, poucos contudo, terão mantido o seu assento primitivo. Muitos desapareceram totalmente, restando apenas um vago topónimo ou um registo arqueológico, e outros, ainda, transferiram a posição para local próximo, mais protegido ou mais expansível.



CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

Estes povoados e os que lhe sucederam constituíram, como ainda hoje, centros sociais onde se congrega o esforço de organização das atividades e o estabelecimento das funções que lhe estão associadas, desenvolveram relações de afinidade e de concertação comunitária e atraíram clientelas interessadas na qualidade dos seus produtos.

Edifício e edificado moldaram-se às necessidades da população, aos hábitos e costumes que se foram criando, às tradições que pouco a pouco se sedimentaram.

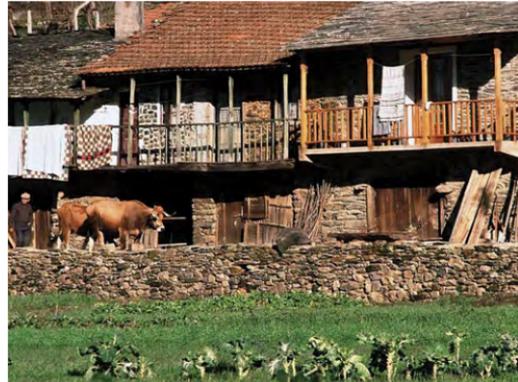
A introdução de novas culturas (o centeio na Idade Média, o milho com as Descobertas, e a batata com as Invasões Francesas), o desafogo auferido com a chegada do ouro brasileiro no séc. XVIII e o recrudescimento demográfico que se viria a saldar, afinal, já em época contemporânea, num massivo movimento migratório, constituem os principais fatores que contribuíram para as redefinições do perfil urbano de cada povoado, sem prejuízo da tipologia do habitat. Em linhas gerais, os povoados caracterizam-se pela localização preferencial nas proximidades de uma linha de água que alimenta um lameiro afolhado em bocage com courelas e cortinhas, ou na vertente soalheira do planalto, protegida da nortada e com amplo domínio visual que previnam surpresas e ameaças. Acresce em torno um anel de policultura, trigais e centeeiras em afolhamento bienal com pousios para pastagem, extensos soutos e montados.

Os aglomerados dispõem de um ou mais núcleos gerados em diferentes oportunidades de desenvolvimento, constituindo bairros acoplados mas individualizados pela toponímia, que cresceram de forma orgânica em função das acessibilidades ou enquistaram à margem da teia viária que se foi urdindo.

A fisiografia e a propriedade fundiária determinam a estrutura e as casas vão surgindo no encosto umas das outras, em frentes compactas, de onde a onde interrompidas por um eido ou uma travessa. As frentes encontram-se voltadas às ruas em alinhamentos contínuos, com as hortas e cortinhas nos tardozeis.



Milho a secar no interior de um balcão.



Arquitetura tradicional em Rio de Onor com horta comunitária em primeiro plano.

Casa em Rio de Onor, reabilitada.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Em cima, carro de bois tradicional, ainda em uso no apoio à lavoura. À direita, centro da aldeia de Gestosa.



Nas áreas planálticas de Miranda, Bragança e Mogadouro, onde se cria gado grosso e os assentos de lavoura excedem a dimensão usual, as unidades desenvolvem o seu edificado em torno de um terreiro ou pátio – a curralada, com acesso por uma porta carral rasgada no alinhamento da fachada. Na montanha as explorações agropastoris, que se limitam ao gado miúdo, prescindem desta organização ou assumem-na a uma escala reduzida.



Porta carral em Angueira.

Arquitetura tradicional em xisto, de dois pisos, em que o piso superior é para habitação e o piso térreo para arrumos da atividade agrícola e corte de gado, Guadramil.



Na povoação as ruas são geralmente estreitas e entrecortadas, de terra batida ou em calçadas. No miolo, quase sempre em lugar central, destaca-se a igreja, com adro fronteiro, cerrado ou integrando a via pública e fazendo dela a sua "praça maior". É aqui que se sente o palpitar do povo, reunido para as funções e preceitos dominicais, no lazer do fim de semana e no render do dia de trabalho. Afora estas ocasiões, tudo é deserto com a população reduzida e envelhecida dedicada à sua lavoura. Além da igreja, existe uma outra capela sem culto permanente, com orago da devoção local. À entrada da povoação o orago é normalmente atribuído a S. Sebastião, que protege a estrada da guerra, da peste e da fome. Os edifícios não ultrapassam o segundo piso quando são para habitação, reservando o superior a esta função. Quando se limitam a um piso apenas, este é térreo e de apoio à lavoura ou à vida doméstica, para arrumos de alfaias e lenha, cortes, galinheiro, adega, lagar, celeiro, palheiro, ou forno. O acesso ao segundo nível é exterior, por escada de pedra, adossada à fachada e lançada a um patim ou a uma varanda longitudinal coberta com o avanço do beirado, que toscas colunas de madeira, raramente de pedra, sustentam.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

Em alguns casos a varanda é fechada com tabique e até com tapumes entrançados de varas e barro e mesmo de palha (como em Guadramil) e quando as pedreiras locais facilitam a esfoliação porque a clivagem é favorável, utilizam-se na sustentação monólitos laminares ou longuíssimos esteios de xisto (patelas), como pode ver-se em Vilar Seco da Lomba e em Rio Frio. Também existem numerosos exemplares da sobrevivência de interessantes balaustradas barrocas em cantaria de granito com remates de volutas, coevas do áureo séc. XVIII, importadas por casas pouco menos que modestas e em plena região de xisto, por exemplo, em Vilarinho, em Cova de Lua, em Rabal e em Deilão. Contudo, na sua maioria, estas varandas de acesso apresentam guarda-corpo simples em barrotes ou ripas de madeira fincados a prumo, tabuado corrido entre o chapim e o corrimão, para proteção do vento (em Rio de Onor e Guadramil) e, mais raramente, em reixas (em Mora) e em tábuas recortadas com curvas e contracurvas. As varandas de sacada são pouco comuns, mas merecem referência alguns exemplares com a forma de balcões apoiados em longos cachorros de pedra, de influência espanhola, como nas proximidades de Miranda do Douro, designadamente em Picote (mais rebuscadas) e em Palaçuolo (mais rústicas).

As paredes são, regra corrente, construídas no material disponível nas imediações – o granito ou o xisto. Reservava-se às igrejas e capelas e às casas de lavoura mais abonadas a opção de importar boa cantaria quando o xisto das pedreiras locais não garantia a qualidade dos acabamentos.

Em quase toda a TFT o xisto foi o recurso corrente e com ele se alçaram paredes e muros, pardos quando nus, variando a intensidade da cor entre o ocre amarelo e o vermelho crestado, assumido pela pedra e pelo barro das argamassas.



Em algumas casas de aldeia encontramos influências da arquitetura erudita, sobretudo dos séc. XVII e XVIII.



Periferia da aldeia de Moimenta, com casario em granito.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Arquitetura tradicional em granito no concelho de Vinhais.

A exclusividade do granito regista-se apenas em algumas povoações das serras de Montesinho e Coroa, no flanco nascente da serra da Nogueira, no Douro Raiano e numa boa parte do planalto mirandês onde a quantidade e qualidade da pedra permitiu mesmo o corte local de grossos silhares com que se alçaram paredes de perpianho de junta seca (com exemplares em Pinheiro Novo e Moimenta). Mas o efeito mais surpreendente surge da aplicação mista das duas rochas, o xisto no empilhamento e o granito nas travações de contrafiamento e nas molduras dos vãos. É o caso corrente nas áreas de contacto geológico das formações metamórficas com as intrusões plutónicas. Registam-se interessantes exemplos pela diversidade cromática e pela própria estereotomia em Ifanes, Cércio, Caçarelhos e Rebordainhos.

A utilização da madeira nos vãos das portas em substituição do xisto, devido à sua fragilidade.



Vale a pena, também, atentar nos processos construtivos que a sabedoria popular pôs em prática para obviar a falta de qualidade de algum xisto que ocorre muito fragmentado ou friável.

Nestas situações, o empilhamento é feito com lascas pacientemente sobrepostas, alçando paredes duplas com travação transversal, estendendo horizontalmente caibros de madeira que distribuem as cargas impedindo a deformação dos arcos de descarga que escaçoam os vãos ou aliviam as vergas quando aqueles não estão presentes (exemplos de Babe, Paçó e Rio Frio).

Nestas alvenarias, em que não há recurso a elementos resistentes de granito, a contenção dos vãos é feita com alizares de madeira (como em Rio de Onor, Guadramil ou Ousilhão) ou, menos frequentemente, com placas de xisto

CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

colocadas transversalmente como tranqueiros, peitoris e padieiras (em Atenor).

As molduras propriamente ditas dos vãos de portas e janelas raramente são elevadas, uma vez que esta opção decorre da necessidade de se rematarem os emboços e rebocos, pouco utilizados nesta região, pelo menos até ao séc. XX. Contudo, conservam-se molduras muito interessantes pelo recorte e labor das cantarias, que remontam ao séc. XVIII, como pode ver-se em Moimenta, em S. Martinho de Angueira ou em Quintanilha; janelas que apresentam o peitoril em cornija saliente (em Santa Comba de Rossas, Paçó, Sortes); portas carrais que incluem cronograma relevado ou insculpido no centro da torsa. Merece ainda referência pelo seu aparato ingénuo, a decoração que ostentam algumas placas de lousa, com motivos e lendas gravadas (com exemplos em Quintanilha).

As coberturas são quase sempre em duas águas, justapondo-se as casas pelo encosto das empenas. Com uma só água têm-se os cobertos e outras dependências agrícolas de pequena dimensão, quer isoladas, quer integradas no conjunto edificado. As coberturas com quatro águas são muito menos frequentes, registando-se, geralmente, em edifícios isolados.

O material tradicionalmente utilizado nas coberturas era a palha colmaça atada ao ripado da tosca armação e com o reforço de arjões estendidos e bem presos à estrutura, que impediam o vento de a levantar. É um sistema realmente eficiente quanto à impermeabilização e ao conforto térmico, com origem na pré-história, mas tinha, como desvantagem, a necessidade de substituição periódica da palha, que apodrecia e, sobretudo, o perigo dos incêndios e da sua propagação incontrolável. Nos Pinheiros, por



Lousa esculpida, Quintanilha.

Em alternativa ao colmo, as lajes de xisto são preferidas devido à sua maior durabilidade e a não estarem sujeitas a incêndios.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Exemplo de arquitetura tradicional com cobertura em telha mourisca, Cicouro.



Arquitetura tradicional com cobertura em lousa, aldeia de Montesinho.

Exemplo de arquitetura tradicional recuperada, Constantim.



exemplo, ainda hoje é possível encontrar algumas casas colmaças, mas a maioria delas são já dependências não habitadas. Nas áreas onde o solo é xistoso e permite retirar placas finas e largas, a palha é preterida por este recurso, muito mais estável e seguro, mas mais pesado sobre a estrutura e menos eficaz no isolamento térmico. Neste caso, as placas são simplesmente colocadas sobre o ripado da armação, em disposição regular ou sem regra alguma definida, numa sobreposição em escama descendente e entrecruzando-as alternadamente na cumeeira. Na Lomba (Vinhais) e na Lombada (Bragança) as placas engrenam alternadamente na cumeeira, formando uma crista que as ajuda a firmar.

Nas aldeias melhor servidas de acesso por estrada ou caminho de ferro, a industrialização e as redes de comercialização disponibilizaram materiais e artigos de construção civil, caros, é certo, mas que rapidamente se generalizaram pela sua duração e fácil aplicação. Foi o caso das telhas cerâmicas, já conhecidas desde o Império Romano, mas que, nesta região, se aplicavam apenas nas Igrejas e Capelas e nas casas mais ricas, sendo fabricadas grosseiramente nalguns fornos telheiros da região, com moldes de tipo mourisco e dimensão variável.

As novas telhas que no final do séc. XIX estavam já disponíveis em todo o interior do país eram de patente francesa, ainda hoje conhecidas por "tipo Marselha", diferentes das tradicionalmente utilizadas na TFT mas, efetivamente, mais eficientes. Daí que nas recônditas aldeias do interior, com difícil acesso e sem existência de barreiros que permitissem o fabrico local da telha mourisca, os telhados mais antigos apresentam telha "tipo Marselha".

Curiosamente, algumas aldeias da TFT, como Pinheiro Novo, evidenciam ainda toda a evolução das coberturas – a palha colmaça, as patelas de xisto ou lousa, a telha mourisca, a telha francesa, elementos de ardósia oriundos de Espanha e de importação recente e até soluções combinadas muito bem concebidas.

Na Mofreita (Vinhais), por exemplo, era costume cobrir a parte mais elevada das águas e a mais baixa com lousa, até aos beirais, que se firmavam com o peso de alvos blocos de quartzo, criando um efeito muito decorativo.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

O prolongamento dos beirados sobre os panos de parede é curto, mesmo quando a cobertura recorre à telha, não sendo comum a utilização de telhão nem a sobreposição sucessiva de telhas, como se vê, por exemplo, na cidade velha de Miranda do Douro. Esta circunstância e a grande proximidade dos vãos de janela do capiamento das paredes, que muitas vezes se resume apenas à altura da própria verga, implicam infiltrações, com a saturação permanente das alvenarias e o apodrecimento dos madeiramentos. A varanda, ao prolongar a cobertura para além da fachada respetiva, se por um lado dificulta o arejamento e a iluminação interior, por outro, contraria estas infiltrações e diminui o desconforto provocado pelo excessivo teor de humidade.

Deve, porém, inferir-se que há muitas soluções interessantes de proteção das fachadas pelo prolongamento dos beirados. Uma delas consiste no apoio em cachorros de pedra de pequenas escoras de madeira que suspendem a projeção da cobertura, como pode ver-se em alguns portais das aldeias de Ifanes e Duas Igrejas.

Ainda no que respeita às coberturas, deve referir-se que a evacuação dos fumos da lareira se fazia naturalmente pela telha-vã, sem recurso a chaminés e, quando muito, com pequenas trapeiras nos telhados, conseguidas com o alteamento de algumas telhas. Contudo, há exemplos de engenhosas chaminés em coberturas de lousa, os bueiros, certamente não muito antigas, mas que tiveram alguma generalização como pode ver-se, por exemplo, em Rio de Onor e noutras aldeias das serras da Coroa e de Montesinho.

Outra questão interessante é a cor e a integração do aglomerado na paisagem.

A preocupação de ajustar os edifícios ao perfil morfológico do terreno, por um lado por uma questão de custos e de reforço estrutural e por outro para que o embasamento maciço da cozinha reduzisse o risco de incêndio, valorizou a dimensão linear das construções e contribuiu decididamente para que a sua integração volumétrica se fizesse de forma equilibrada. É neste aspeto que as intervenções recentes causam geralmente mais perturbação. A volumetria exagerada, a proeminência vertical e a localização isolada provocam roturas irreversíveis no conjunto onde se inserem. Mas o equilíbrio não resulta apenas da geometria. A inexistência de perímetro rígido que o coberto vegetal, por si só, já torna difuso e, sobretudo, o recurso a materiais de construção proporcionados pela geologia local, com texturas e cores que não agridem a serenidade do cenário, contribuem para uma integração harmoniosa.



Arquitetura tradicional, Pinheiro Novo.

Granito utilizado na moldura da janela servindo de reforço estrutural.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Forno de cal, Dine.

Aliás, o custo elevado da cal, obtida por calcinação do calcário em escassos fornos que serviam uma grande região (como os de Dine, Cova de Lua ou Picote) a reduzia ao seu papel de ligante nas argamassas (muitas vezes apenas de barro) e tornava proibitivo o seu uso comum na preparação de rebocos e na caiação. Só os locais de culto religioso e as casas mais ricas recorriam à caiação plena das fachadas, sobre rebocos grosseiros ou diretamente sobre o próprio aparelho da alvenaria. Por questões higiénicas e estéticas podiam debruar-se com faixas alvas os vãos de portas e janelas e respingar o telhado para melhor o conservar. Assim, os aglomerados quase passavam despercebidos na paisagem, confundindo-se com a própria natureza e apenas ressaltavam a igreja e um ou outro edifício mais cuidado, já que a própria cal das coberturas se apagava com a humidade do inverno.

Mas a arquitetura rural não se esgota no edificado destinado à habitação e aos seus anexos. Há outras construções rurais, simples, que pela sua tipicidade merecem particular referência nomeadamente os pombais, os lagares, os moinhos de água, os pisões e as forjas, expressão viva do espírito comunitário que caracteriza este povo.

Conjunto de pombais, recuperados, de tipologias redonda e em ferradura, na periferia da aldeia de Uva.





Os Pombais

São edifícios rurais dispersos na periferia das povoações, destinados à criação columbófila, que podem classificar-se em dois tipos distintos, de planta circular ou de planta em ferradura, sendo os primeiros menos frequentes (com concentração em Santulhão e Iфанes). Os pombais são edificados em alvenaria, apresentando, estes últimos, uma parede reta correspondente, na implantação, ao fecho da ferradura, onde se rasga uma portinhola de acesso.

O pé direito é mais alto na convexidade e decresce, uniformemente ou não, até à referida parede reta, definindo assim a inclinação da única água da cobertura, realizada em patelas de lousa, mais raramente em telha.

Na justaposição da cobertura nas paredes existem orifícios de entrada para as pombas, sendo todo o edifício coroado por uma espécie de toscos merlões, que não têm preocupação decorativa, mas tão simplesmente a de atrair a atenção das aves. O revestimento interior é constituído por favos de lousa onde as pombas nidificam e o pavimento térreo acumula o estrume ácido, tipo guano, aqui comumente designado "pombinho", com que se corrige o pH dos terrenos agricultados.

O pombo e o estorninho, ave hospedeira que coabita com as columbófilas, são um complemento importante da alimentação doméstica, podendo constituir uma mais-valia na oferta gastronómica da região que inclui estas aves em receitas tradicionais.

Os pombais proliferam em toda a TFT, mas existem em maior quantidade nos planaltos de Miranda e de Bragança e apesar de se ter, entretanto, verificado o abandono ou até a ruína de muitos deles, outros têm vindo a ser reconstruídos.

À esquerda, pombal tradicional, vendo-se ao fundo o castelo de Algosó. Em cima, pombal isolado na paisagem, Mogadouro.

Pombais em Cova de Lua, Parque Natural de Montesinho.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

Núcleo Museológico de Izeda, vendo-se em primeiro plano talhas em folha de Flandres, para azeite.



Os Lagares de Azeite e de Vinho

Como elemento essencial da alimentação mediterrânica, o azeite acompanhou a expansão e a consolidação do Império Romano, tendo chegado à Lusitânia antes do início do I Milénio. A Trás-os-Montes a olivicultura chega muito mais tarde, talvez já no final da Idade Média.

Contudo, o "Azeite de Trás-os-Montes", pela sua genuinidade e excepcional qualidade, beneficia já de Denominação Registada e de Marca de Certificação e está inscrito desde 1996 no registo comunitário das Denominações de Origem.

Na TFT esta cultura tem algum significado na parte meridional do planalto mirandês, nas áreas protegidas dos talwegues dos principais rios, onde se faz sentir ainda a influência climática da Terra Quente, nomeadamente nas encostas do vale do Sabor entre Mogadouro e Castro Vicente. Nas proximidades de Izeda, de Santulhão e de Picote existem ainda alguns lagares tradicionais, anteriores à mecanização operada com as prensas hidráulicas e as correias de transmissão.

Fase da extração do azeite, em lagar tradicional.



Estes lagares artesanais, hoje impedidos de laborar pela regulamentação comunitária, se incólumes, são já muito pouco frequentes e constituem testemunhos culturais de exceção. Neste contexto foi desenvolvido em Izeda o projeto de recuperação de um antigo lagar para instalação do núcleo museológico de Izeda.

Estes lagares são construções geralmente isoladas, de planta quadrangular e paredes de alvenaria resistente. Interiormente dispõem-se os lagares, construídos com enormes monólitos de granito, onde a separação do azeite e da água ruça se faz por aperto contra seiras de esparto encapachadas, operado por varas ou malhais de madeira, que são troncos de castanheiro ou freixo de grande dimensão, com um topo articulado numa parede em rotação cilíndrica e o outro vazado verticalmente

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

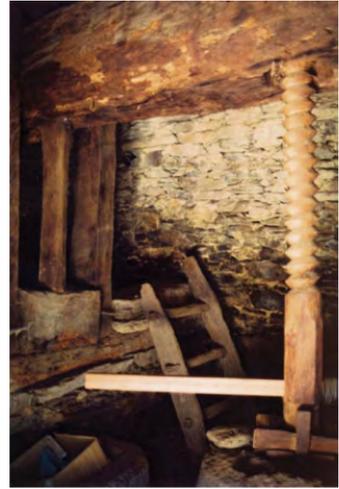
por um fuso de sobreiro encastrado num peso (quintal) de granito, constituindo uma prensa de alavanca. Para realizar a primeira trituração, de onde se obtém o bagaço, existe uma espécie de tanque circular em granito, inteiriço, a moenda ou pio, onde giram as galgas, espécie de mós, também de granito, articuladas com um eixo vertical de sobreiro – o balugo – que gira pela transmissão de um engenho mecânico, movido por uma junta de bois não por água, num sistema idêntico ao das azenhas vulgares.

Os lagares de vinho são construções em tudo semelhantes aos de azeite, mas em muito maior número, não se circunscrevendo apenas a uma determinada área, já que a vinha, independentemente das características fitoclimáticas que condicionam a qualidade do vinho, se cultivava em todas as aldeias.

São construções rústicas, integrando o conjunto edificado do assento de lavoura, geralmente adjacente à própria casa de habitação, ou independentes quando são comunitárias, preferindo locais frescos e arejados, muitas vezes até com o piso inferior à cota da soleira.

Edificados com paredes espessas e resistentes de xisto ou granito e desprovidos de vãos para além da porta de acesso, apresentam no interior dois níveis. Um, superior, totalmente ocupado pelo lagar, às vezes dois, constituído por grandes monólitos solidamente amarrados e até chumbados para não verterem. Outro, inferior, onde gira um peso grande, em pedra, que tem encastrado um fuso roscado de madeira rija (carvalho ou sobreiro), como o dos lagares de azeite e como nestes atravessando uma imensa vara de madeira que em posição horizontal cobre o lagar. A rotação manual do peso movimentava a vara que esmaga as uvas no lagar e este escoava o vinho por uma bica para uma lagareta de pedra de onde se trasfega para os tonéis.

O vasilhame, quando não se acumula no próprio local, está na adega, geralmente contígua. De realçar porém, que nalgumas aldeias do planalto mirandês, onde a vinha é extensiva e as condições climáticas menos conformes à conservação do vinho, se encontram adegas enterradas no solo, correntemente designadas por bodegas, que alcançaram uma notável difusão em Urrós, povoação localizada quase na fronteira da região da Terra Fria.



Lagar de vinho em Guadramil.

As "Bodegas" de S. Jumil, conjunto de pequenas adegas tradicionais onde se faz, guarda e prova o vinho.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Moinho de água junto ao Pinheiro Novo.

Os Moinhos de Água

Moinhos e azenhas são dois termos que designam engenhos hidráulicos, respetivamente de roda horizontal e de roda vertical, que se sabe terem sido introduzidos em diferentes versões, não completamente discerníveis, pelos romanos e pelos árabes. Uns e outros proliferam em todas as áreas montanhosas sulcadas por linhas de água de regime torrencial, podendo adiantar-se que, ainda em 1965, só nas Beiras, Alto Douro e Trás-os-Montes se registavam oito mil.



Aspeto da cobertura em lousa.

Destes engenhos salientam-se particularmente os de roda horizontal, bem adaptados ao regime torrencial dos ribeiros de montanha, que quase secam no estio. Por isso mesmo, a sua atividade anual se reduzia a pouco mais que os meses de inverno. Eram estes moinhos os mais correntes na TFT e utilizados na moagem do cereal (centeio, trigo e milho), havendo outros, semelhantes mas muito mais raros, usados na fiação do linho e na serração de madeira. Estes moinhos de roda horizontal são de rodízio, com penas, não ocorrendo nesta região os de sistema de turbina por rodízio submerso. O edifício, de pequena dimensão, não ultrapassando 5 x 7 metros, é constituído por paredes muito resistentes em alvenaria de xisto ou granito, conforme a natureza geológica do local e com cobertura de duas águas geralmente em lajetas de lousa ou com tosco telhado. Localiza-se nas margens ou pelo menos na proximidade das linhas de água de forte caudal, onde é possível criar um açude, que alimenta uma levada que o vai acionar. O engenho motor, o rodízio, é uma roda horizontal (cabaço) com cerca de dois metros de diâmetro, que tem inserida uma numerosa série (geralmente vinte) de palas côncavas (penas) centrada num eixo vertical (pela

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

ou árvore). A água da levada, repuxada em jato por um orifício do cubo, é dirigida contra as penas fazendo rodar o rodízio e a pela, que está solidária com a mó e lhe transmite o movimento.

Os moinhos de roda vertical ou azenhas, muito mais raros na TFT, são constituídos por uma grande roda vertical de duplo aro lateral, enquadrando pelas que são propulsionadas pela corrente da levada, fazendo-a girar e transmitindo esse movimento às mós.

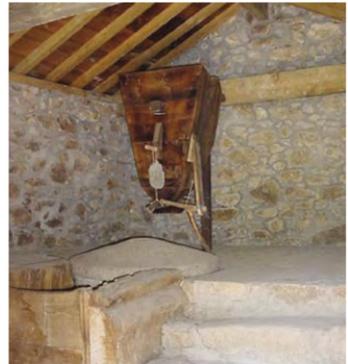
A disposição no interior do edifício reserva o sobrado à moagem propriamente dita, sendo o exíguo espaço quase todo ocupado pelas mós ou pedras (pouso e andadeira), pela tremoia e a sua sustentação, onde se acumula o grão, pelo aliviadouro, que comanda a engrenagem do rodízio e pelo pejadouro, que controla a saída da água do cubo (ou canal). O nível subjacente ao sobrado, geralmente conhecido por cabouco, inferno ou aguadouro, insere todo o mecanismo do rodízio e conduz a água.

Não vão muitos anos que se viam ainda na TFT bastantes moinhos em plena atividade. A maioria deles eram designados "Moinhos do Povo" e pertenciam à população de cada uma das aldeias, sendo geridos e mantidos pela comunidade local e utilizados à vez de acordo com o regulamento aprovado pelo Concelho do Povo. Cada aldeia, conforme a sua dimensão e produção, tinha um, dois ou três moinhos junto às ribeiras mais próximas quando o seu regime hídrico se ajustava convenientemente.

Na TFT a maioria dos moinhos de água localizam-se na rede de afluentes e subafluentes do Sabor e do Tuela, com maior concentração a norte da cidade de Bragança. No sul desta região são praticamente inexistentes, registando-se alguns perto de Izeda, na Ribeira de Vilalva.

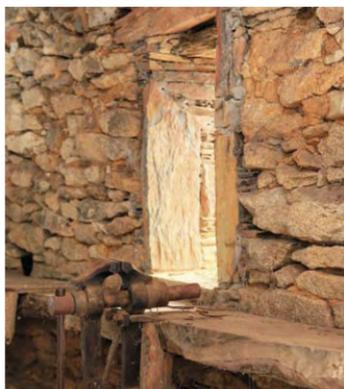


Roda de moinho, Moimenta.



Moinho de Moimenta.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Interior da forja comunitária
de Vale de Frades.

Exterior da forja comunitária
de Vale de Frades.

Forja Comunitária

A forja era uma oficina do povo onde, de acordo com regulamento próprio, se afiavam os picos e facas e se faziam e consertavam as ferramentas e outros utensílios metálicos, alguns com configuração e motivos decorativos que merecem lugar de destaque no acervo artesanal que caracteriza Trás-os-Montes – espelhos e dobradiças, trasfogueiros, braseiras e grades. Instalava-se numa casa térrea, geralmente de pequena dimensão. Tinha no interior um maciço de pedra onde se colocavam as brasas de azinho e sobre, fornalha, e sobre ela uma pedra vertical com um buraco onde passava o bico do fole, construído em madeira e couro, de grande dimensão e acionado por uma alavanca manual.

Próximo da fornalha estava o cepo com a bigorna, também designada cavalete ou çafra, onde o malho moldava o ferro e junto dele, a pia com água para o temperar. A monte, algumas formas de pedra para moldar calotes e diversas ferramentas para forjar o ferro – calcadores, talhadeiras, ponteiros, tenazes, entre outros.

Existiram forjas comunitárias em muitas aldeias da Terra Fria Transmontana, como Quintanilha, Carrazeda, Pinheiro Velho, Rio de Onor, Moimenta, Cova da Lua ou Vila Chã de Braciosa, conservando-se ainda algumas, como referência cultural, embora inativas, nos Centros Rurais do Parque Natural de Montesinho ou em museus etnográficos de expressão local, como é o caso da Forja de Quintanilha.



Os Pisões

Os tecidos caseiros de lã apresentam-se frouxos à saída do tear, pouco consistentes e ralos, sujeitos a desfiar. Este pano designa-se então "encherga" e tem que ser "pisoado", ou seja, fortemente batido estando molhado, para apertar e empastar as fibras da trama e da teia. Os dispositivos que desempenham esta função são os pisões, conjunto de dois maços ou mascotos de madeira, articulados numa engrenagem que lhes transmite movimentos contínuos verticais, e que batem o tecido que se coloca numa caixa aberta, embebido em água ou noutros produtos necessários para o fim em vista – encorpar, lavar, impermeabilizar. A força motriz que movimenta os pisões é transmitida pela rotação de uma roda movida por água corrente, como um vulgar moinho ou azenha. O próprio edifício é também semelhante no tipo e dimensão da estrutura. O movimento de um eixo determinado pela rotação da roda de água faz girar alternadamente duas palas, que deslocam duas patilhas que sustentam os maços. Deste modo, os maços caem em alternância e com todo o seu peso sobre os tecidos, sendo necessário repetir a operação inúmeras vezes.

Esta atividade é muito antiga, acreditando-se que tenha sido introduzida na região no período romano. Em 1977 havia notícia de, pelo menos, dois pisões na Terra Fria Transmontana – um junto ao rio Maçãs, na freguesia de S. Julião de Palácios, designado Pisão do Félix e outro em Vinhais, na freguesia de Alvaredos, junto à ribeira de Cibrão. Nenhum destes exemplares se mantém ativo na atualidade.



Linho a secar nas margens da ribeira, Mogadouro.



Pormenor de colcha artesanal em linho.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Casulhos, casotas ou casicas, construções rudimentares, em xisto, granito ou ambos, de falsa cúpula, que não servem de habitação permanente, mas servem de guarida face a condições climatéricas adversas.



Abrigo móvel para pastor.



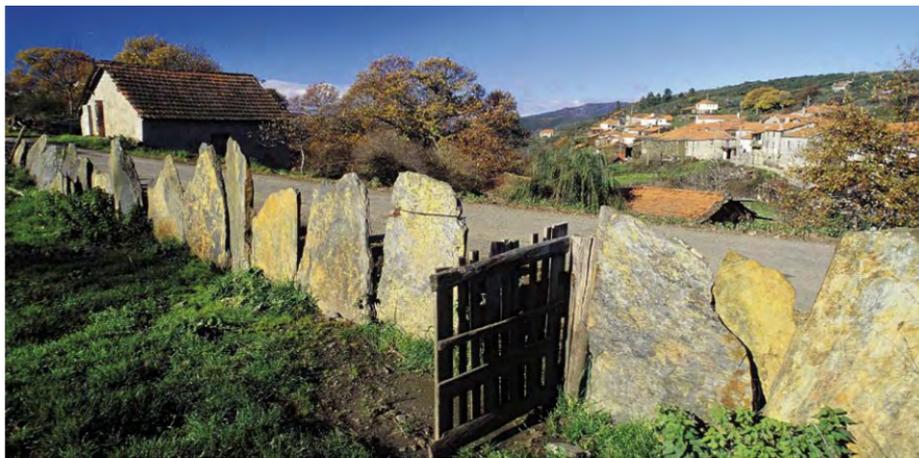
Redil de ovelhas no planalto mirandês.



Os Abrigos, Muros e outras Construções

As construções de apoio às atividades agropastoris, são estruturas de *facies* primitivas, de perfil arcaizante. As cabanas, cabanhas ou caniças são abrigos móveis dos pastores às quais se associam os respetivos chequeiros, currais ou quadrados, constituídos por uma vedação de grades (caniças ou caniças), colocados no campo, nos quais se encerram as ovelhas e as cabras e se estruma a terra. A cabana é constituída por uma grade ou esteira retangular, plana ou ligeiramente encurvada, revestida a colmo, que se apoia no solo. Destinava-se a resguardar o pastor do vento, do frio e da chuva, que se deita sobre palhas de restolho, de colmo ou giesta, tendo como cabeceira um saco de palha e uma manta para se cobrir. No inverno o pastor fazia o chocador para aquecer os pés (espécie de braseiro, em fossa escavada no solo, na qual era colocada uma pedra no fundo e se mantêm as brasas, rodeada por paus espetados configurando um cone coberto por uma manta).

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Por vezes o pastor utilizava as capas das fragas, abrigos sob pala formados pelos rochedos e fragas, situados nas imediações do chequeiro (redil), que vedava com pedras, paus e scobas, deixando apenas um pequeno buraco. Assim criava pequenos abrigos, designados como chibiteiros, onde colocava os chibitos ou chibicos nas primeiras semanas de vida, abrigados e protegidos de predadores. As progenitoras eram levadas até ao chibiteiro para amamentar as crias, que até aos dois meses de idade não conseguem acompanhar o rebanho.

Muro como divisória de propriedade.

Existem outras tipologias de abrigos para ovicaprinos, designadamente os chocos, os currales e as curriças.

Outro tipo de pequenas construções corresponde aos abrigos de pedra e em falsa cúpula, designados como casulhos, casotas ou casicas. São construções rudimentares, que não servem de habitação permanente, mas servem de guarida face a condições climatéricas adversas.



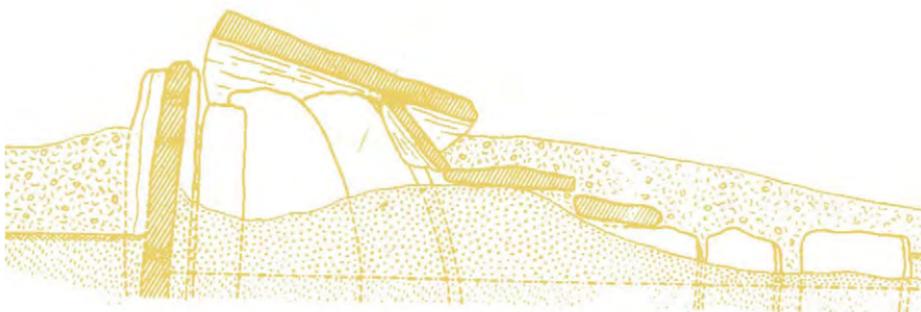
Muro com remate em pedras verticais, de tipo celta.



Palheiro, modo tradicional de proteger as palhas e feno da chuva.

Entrada para uma horta.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO VISITÁVEL



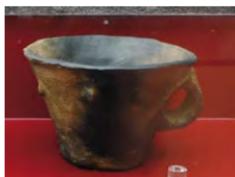
A ocupação humana do território da Terra Fria é remota, tendo deixado marcas nos abundantes sítios e achados arqueológicos que contribuem para o engrandecimento de um riquíssimo património cultural, marca indelével da memória coletiva do homem transmontano.



O património arqueológico é por definição difuso, vestigial e pela sua natureza encontra-se frequentemente caracterizado de forma insuficiente e é muito perecível e vulnerável à agressão de elementos naturais, como a erosão ou agentes antrópicos, patentes na agricultura mecanizada ou na construção civil.



Não são muito numerosos os sítios conhecidos que já foram objeto de um estudo aprofundado e alvo de intervenções arqueológicas sistemáticas, que permitam avaliar a sua extensão e caracterização.



Esta vulnerabilidade dos contextos arqueológicos fundamenta a necessidade de implementação e justifica excecionais medidas de proteção que permitam acautelar os vestígios já conhecidos ou a sua existência potencial.

Achados arqueológicos expostos no núcleo interpretativo da Lorga/Gruta de Dine.

Salienta-se que a arqueografia assinala inúmeras destruições de contextos de necrópole de diferentes épocas, tanto monumentos megalíticos da Pré-história Recente, como possíveis cistas proto-históricas ou romanas e mesmo sepulturas rupestres medievais. Também em diversos povoados fortificados se regista a destruição, sobretudo devido à lavoura mecanizada e ao reaproveitamento de pedra para outras construções.

Todas estas circunstâncias implicam que a maior parte dos sítios arqueológicos da TFT não se encontre acessível ao público ou não disponha das condições ideais de visita e interpretação.

Ressalva-se, contudo, um significativo conjunto de sítios e monumentos a visitar.

A visita a estes conjuntos de valor patrimonial inestimável implica sempre uma enorme consciência cívica e o respeito pela integridade dos notáveis vestígios e estruturas do passado aí existentes.

Bragança

Sampaio (arte rupestre, Paleolítico) - afloramento de xisto-grauvaque, situado na margem direita do rio Sabor, imediatamente sobranceiro ao rio. Apresenta três painéis diferenciados com arte rupestre, que remontam ao Paleolítico Superior. (41° 46' 25"N; 06° 40' 44"O)

Pousadouro (arte rupestre, Paleolítico) - abrigo em pala de xisto de grandes dimensões. Situado na margem direita da ribeira do Pousadouro, a cerca de 50 metros do rio Sabor, onde esta desagua, encontra-se um painel com gravuras do Paleolítico Superior. (41° 43' 15"N; 06° 40' 00"O)

Fraga Escrevida (arte rupestre, Paleolítico) - afloramento de xisto-grauvaque, localizado numa encosta na margem direita do rio Sabor, cerca de 250 metros acima do rio, sobre a confluência com a ribeira de Amiães. Distinguem-se três painéis diferenciados com gravuras. (41° 35' 20"N; 06° 39' 56"O)

Mamoia de Donai (mamoia, Pré-história Recente, Imóvel de Interesse Público) - monumento megalítico de médias dimensões, quase totalmente destruído, mas do qual persiste uma pequena parte da mamoa, coberta atualmente por mato e vários carvalhos. (41° 49' 58"N; 06° 48' 57"O)

Castro de Arrabalde de Gimonde (povoado fortificado, Proto-história, Imóvel de Interesse Público) - vestígios de um povoado fortificado localizado num esporão. Dispõe de muralha de forma elíptica, torreão e fosso. Na época romana o povoado estendeu-se para fora de muralhas. (41° 48' 00"N; 06° 41' 46"O)

Castro da Ciragata (povoado fortificado, Proto-história, Imóvel de Interesse Público) - povoado com sistema defensivo apoiado numa linha de muralha que envolve um perímetro de média dimensão, com uma planta subcircular, com dois fossos e referências bibliográficas de existência de dois núcleos de pedras fincadas. (41° 40' 14"N; 06° 43' 28"O)



Gravuras rupestres paleolíticas do núcleo de Sampaio, Milhão.

MR



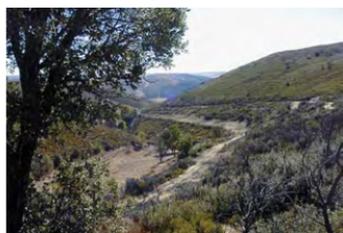
Castro do Arrabalde de Gimonde.

AR

Castro da Ciragata, Parada de Infanções.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Caminho de Doñas: troço da Via XVII do itinerário de Antonino, próximo de São Julião de Palácios.

Castro de Sacoias (povoado fortificado, Período Romano, Monumento Nacional) - dois cabeços de relevo suave, à mesma cota, a nascente da aldeia de Sacoias, separados entre si por uma depressão pouco pronunciada. No cabeço a norte localiza-se a capela da Senhora da Assunção, no mesmo local onde a tradição assinala a existência de um templo anterior dedicado a Santa Maria. Foi um importante povoado da época romana, quase de certeza com ocupação na Idade Média. (41° 51' 30"N; 06° 41' 22"O)

Caminho de Doñas ou Porto Calçado (via, Período Romano) - troço remanescente da via XVII do Itinerário de Antonino, junto ao rio Maçais. (41° 48' 21"N; 06° 32' 34"O)

Minas de França (mina, Período Romano) - vestígios romanos de exploração aurífera, incluindo galerias e escoriais, situados a noroeste da aldeia de França (a recente desativação das minas criou situações de perigo que requerem bastante ponderação em visita). (41° 54' 19"N; 06° 44' 49"O)



Minas de França: Penedo Furado.

Atalaia de Candaira (atalaia, Período Medieval, Imóvel de Interesse Público) - grande estrutura quadrangular, de lados ligeiramente arqueados, apresentando no centro uma construção circular. Poderá ter origens medievais, ainda que a sua forma atual deva ser de época moderna. (41° 49' 58"N; 06° 43' 28"O)

Ruínas da Capela da Senhora da Hera (capela, Período Medieval, Imóvel de Interesse Público) - ruína de um templo de planta longitudinal, de nave única, com estrutura complementar anexa retangular, a norte. (41° 53' 00"N; 06° 49' 40"O)

Ruínas da Capela da Senhora da Hera.





Castelo de Rebordãos (castelo, Proto-história e Período Medieval e Moderno, Imóvel de Interesse Público) - o Castelo de Rebordãos situa-se num pequeno cabeço em esporão, na encosta e no limite nordeste da serra da Nogueira. A primeira ocupação do local terá sido um pequeno povoado fortificado, do Bronze Final ou Idade do Ferro, de que restam escassos vestígios. A segunda fase de ocupação corresponde à edificação de um pequeno castelo roqueiro medieval, cuja ocupação se prolonga à época moderna. Deste castelo roqueiro restam ainda evidentes vestígios de estruturas, que embora muito derrubadas, ainda se preservam nos alicerces e alguns panos de muros de dimensão considerável. (41° 45' 06,259" N; 06° 50' 12,119" O)

Castelo de Rebordãos.

Castelo dos Mouros ou Urreta do Castelo de Calvelhe (povoado fortificado, Proto-história) - encontra-se implantado num esporão sobre o vale alcantilado da Ribeira dos Veados, afluente do Sabor. Possui istmo de acesso cortado por um profundo fosso, campo de pedras fincadas, linha de muralha em xisto, torreão e vestígios dos derrubes das estruturas habitacionais. (41° 35' 46" N; 06° 41' 46" O)

Abrigo rupestre da Solhapa.



Miranda do Douro

Abrigo rupestre da Solhapa (arte rupestre, Pré-história Recente, Imóvel de Interesse Público) - abrigo situado a cerca de três quilómetros da localidade de Duas Igrejas num ermo granítico, sobranceiro ao rio Douro. Na gruta regista-se grande diversidade iconográfica: covinhas, traços perpendiculares, semicírculos e barras retilíneas e interligadas, de forma quase labiríntica, a par de um elemento serpentiniforme e de figurações humanas. (41° 27' 25" N; 06° 20' 12" O)



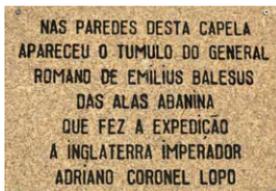
CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Castro de S. João das Arribas. **Castro de S. João das Arribas** (povoado fortificado, Proto-história, Monumento Nacional) - povoado fortificado integrado na Rota dos Castros e Berrões e assente sobre um promontório, cujo sistema defensivo é composto por duas linhas de muralha e um torreão, o colo de acesso é protegido por muralha e provavelmente um fosso. Os vestígios de romanização são abundantes e incluem um elevado número de epígrafes. (41° 32' 22"N; 06° 13' 24"O)



Castro de Vale de Águia ou Castrilhuço (povoado fortificado, Proto-história, Imóvel de Interesse Público) - povoado fortificado integrado na Rota dos Castros e Berrões, com notáveis condições de defesa natural, com vertentes abruptas sobre uma apertada curva do rio Douro. Possui vestígios de uma espessa muralha, que circundando o topo do monte, forma a única plataforma bem conservada do povoado. (41° 30' 56"N; 06° 15' 34"O)



Castro de Cigaduenha (povoado fortificado, Proto-história) - povoado fortificado de grandes dimensões integrado na Rota dos Castros e Berrões e implantado em promontório sobre o Douro, que apresenta ainda uma grande muralha e restos de casas. O recinto fortificado é constituído por uma potente muralha e por um campo de pedras fincadas. (41° 23' 27"N; 06° 19' 13"O)



Réplica da lápide encontrada, tradução do seu conteúdo e capela junto ao Castro de S. João das Arribas.

Fraga do Puio (arte rupestre, Proto-história) - interessante conjunto de figuras esquemáticas realizadas por picotagem larga, onde se destaca uma figura semiesquemática, de arqueiro em posição de lançamento. (41° 23' 51"N; 06° 22' 02"O)

Eremitério Os Santos (ermitério, Período Medieval, Imóvel de Interesse Público) - Abrigo, talhado em monólito granítico de grandes dimensões, virado a sul e este, ostentando, nas faces e na cobertura, pinturas murais sobre reboco, divididas em painéis, definidos por moldura pintada de preto. O abrigo pode corresponder à cabeceira de uma pequena capela. A estrutura de planta retangular, implantada em plataforma subjacente ao abrigo, poderia ser constituída por um pequeno templo ao qual

estariam adossadas as celas dos religiosos. Na envolvente desta última, encontram-se espalhados no terreno fustes de coluna. (41° 23' 20,460"N; 06° 23' 42,281"O)

Mogadouro

Fraga da Letra (arte rupestre, Pré-história Recente) - pequeno abrigo com pinturas esquemáticas, elaboradas com ocre vermelho alaranjado, localizado na vertente sudoeste das falésias quartzíticas do Castelo de Penas Roias. (41° 23' 31,301"N; 06° 39' 18,667"O)

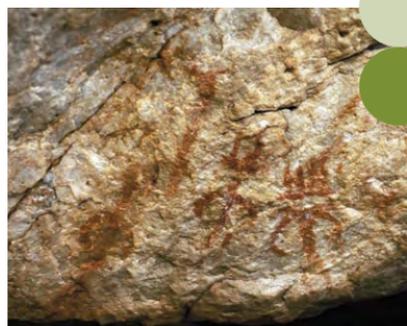
Pena Mosqueira (necrópole megalítica, Pré-história Recente) - o grupo megalítico de Pena Mosqueira é composto por 4 monumentos, dois de cada lado da estrada 221. Pena Mosqueira 1 parece ser o mais pequeno de todos os quatro monumentos. O monumento 2 aparenta corresponder ao maior e mais importante do grupo. O monumento 4 não foi completamente destruído pela construção do forno de telha, mas foi profundamente afetado. (41° 21' 33"N; 06° 33' 44"O)

Estação Arqueológica das Fragas do Diabo (arte rupestre, Pré-história Recente, em vias de classificação, homologado como Imóvel de Interesse Público) - pequeno desfiladeiro rochoso de xistos-grauvaques na ribeira da Veiga, um pequeno afluente do Douro. Zona com numerosos abrigos naturais, a estação arqueológica corresponde a um conjunto de abrigos rochosos que distam entre si sensivelmente cinquenta metros. Nestes abrigos encontram-se diversos painéis de arte rupestre, que apresentam gravuras tipo unhas do diabo, com exceção do abrigo 2, que não tem gravuras visíveis. (41° 17' 26"N; 06° 38' 40"O)

Castro de Santiago (povoado fortificado, Proto-história) integrado na Rota dos Castros e Berrões e situado no alto da Serra do Variz, é defendido por uma única linha de muralha e provavelmente também torreões e um campo de pedra fincadas. (41° 21' 03,045"N; 06° 37' 28,718"O)

Castro de Oleiros (povoado fortificado, Proto-história, Imóvel de Interesse Público) - povoado fortificado assente sobre um esporão xistoso, no interflúvio das ribeiras de Costureira e Culmeães. Recinto muralhado de planta poligonal, é o local de proveniência de onze estelas funerárias. (41° 18' 06"N; 06° 27' 30"O)

Castro Vicente (povoado fortificado, Proto-história, Imóvel de Interesse Público) - relevo destacado que emerge a sudeste da aldeia de Castro Vicente. Ainda persistem vestígios do complexo defensivo, nomeadamente troços de muralha. A capela do Santo Cristo poderá ter fundação medieval. (41° 22' 33"N; 06° 49' 44"O)



Fraga da Letra, Penas Roias.



À esquerda, estela funerária de Sanhoane, do Período Romano. Em baixo, pedras gravadas de Castro Vicente, Sala Museu de Arqueologia de Mogadouro.



Sepultura antropomórfica da zona de Algozinho.



CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL



Berrão no adro da igreja de Vila dos Sinos.

Cunho (povoado fortificado, Proto-história) - relevo em esporão sobre a ribeira do Cunho. Deste deriva um conjunto de materiais bastante significativos, com predomínio das cerâmicas. (41° 17' 19"N; 06° 32' 03"O)

Castro de Vilarinho dos Galegos (povoado fortificado, Proto-história) - integrado na Rota dos Castros e Berrões é um povoado fortificado de pequenas dimensões, localizado num cabeço em esporão sobre o rio Douro. Tem uma única linha de muralha, um torreão circular e fosso. (41° 15' 09"N; 06° 37' 02"O)

Picão das Bouças (habitat, Período Romano) - na zona rochosa, ao lado de um caminho e de uma casa de construção recente, surgem o que parecem ser umas escadas escavadas num afloramento granítico, facilmente visíveis, sendo que estes "degraus" serão provavelmente entalhes de assentamento de uma estrutura. Na envolância desta estrutura, para todos os lados, aparecem à superfície materiais romanos e eventualmente medievais. (41° 19' 17"N; 06° 26' 33"O)

Adro da Igreja de Vila dos Sinos (necrópole, Período Romano) - apesar de algumas obras e reconstruções ao longo dos tempos, a Igreja de Vila dos Sinos conserva ainda no essencial uma traça

medieval, mantendo-se razoavelmente bem conservada. Existem vestígios de necrópole do Período Romano e também do Período Medieval. Existe ainda um grande berrão em granito, para além de outras esculturas zoomórficas e uma estela funerária romana. (41° 17' 01"N; 06° 37' 16"O)

Calçada da Bemposta (via, Período Medieval) - calçada constituída por blocos de grande dimensão, com uma superfície bastante homogénea. (41° 19' 09"N; 06° 30' 43"O)

Necrópole de Santo André de Algosinho.

Castelo da Bemposta (povoado fortificado, Período Medieval) - do antigo castelo e cerca amuralhada que durante a Idade Média defendia Bemposta, restam atualmente parques e adulterados vestígios. Os elementos mais significativos da estrutura defensiva detetam-se junto à igreja matriz, no ponto mais elevado da atual aldeia. (41° 18' 32"N; 06° 30' 14"O)



Santo André de Algosinho (necrópole, Período Medieval) - no extremo ocidental de Algosinho, a cerca de 250 metros do último núcleo de casas da aldeia, no local designado localmente com o topónimo Santo André, existem quatro estruturas de enterramento, que integravam uma antiga necrópole rupestre de cronologia medieval. (41° 17' 52"N; 06° 33' 46"O)

Necrópole da Igreja de Urrós (necrópole, Período Medieval) - no adro da Igreja Matriz da aldeia de Urrós existe um conjunto de sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, que se encontram junto à porta sul. (41° 20' 48"N; 06° 27' 55"O)

Ruínas da Capela de São Fagundo (capela e necrópole, Período Medieval) - a Igreja de São Fagundo é um antigo templo medieval, hoje arruinado. Nas imediações da capela existe uma necrópole medieval com sepulturas escavadas na rocha. (41° 20' 45"N; 06° 27' 16"O)

Necrópole de São Fagundo (necrópole, Período Medieval) - na periferia da capela de São Fagundo localizam-se outros quatro conjuntos de sepulturas e sepulturas de lajes. (41° 20' 43"N; 06° 27' 11"O)

Vimioso

Terronha de Argoselo (povoado fortificado, Proto-história) - povoado fortificado localizado num cabeço rodeado por pequenas linhas de água afluentes do rio Sabor. Possui uma única linha de muralha e no interior do espaço detetam-se os derrubes de dois torreões, havendo também notícia da existência de um fosso. (41° 37' 04"N; 06° 37' 58"O)

Penedo da Abrunheira (povoado fortificado, Proto-história) - povoado fortificado de pequenas dimensões e sobranceiro ao rio Sabor, era defendido por um torreão sobre o colo de acesso, envolvido por uma linha de muralha. (41° 35' 57"N; 06° 38' 49"O)

Castro da Batoqueira (povoado fortificado, Proto-história) - povoado fortificado de pequenas dimensões, está implantado num esporão debruçado sobre o Maçãs. É claramente visível a existência de um grande torreão a defender a zona de acesso e uma linha de muralha de grande altura, que ainda se apresenta conservada. (41° 36' 30"N; 06° 33' 18"O)

Terronha de Vimioso (povoado fortificado, Proto-história) - povoado fortificado assente num esporão sobre o Angueira. Persiste o sistema defensivo, composto por um campo de pedras fincadas, fosso, bastião e duas linhas de muralha. (41° 33' 42"N; 06° 29' 45"O)

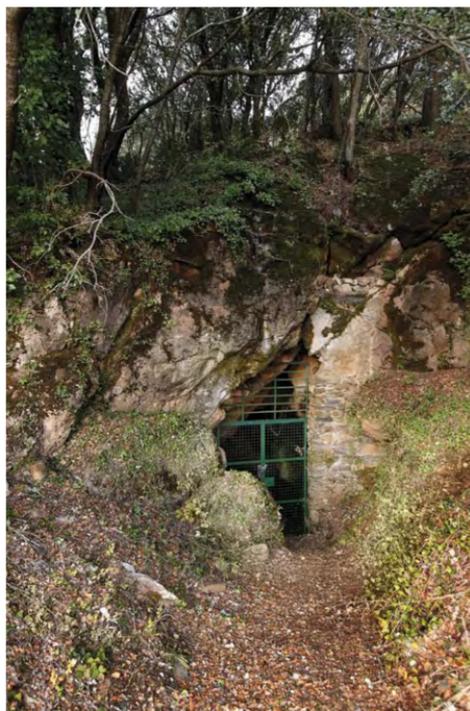


Vista sobre o rio Maçãs, a partir do Castro da Batoqueira.

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL

Vinhais

Lorga de Dine (gruta, Proto-história) - dispõe de Núcleo Interpretativo e painéis informativos, esta pequena gruta de origem cársica, com duas salas conhecidas, utilizada como necrópole. Esta poderá não ter sido a sua única função, sugerindo-se também a sua utilização como local de armazenamento, devido à existência de grandes vasos. O espólio recolhido é numeroso e de significativa qualidade, destacando-se a grande quantidade de cerâmica, muitos vasos inteiros, na sua maioria profusamente decorados. Há também abundante material lítico, material osteológico humano e animal. (41° 54' 35"N; 06° 55' 48"O)



Lorga de Dine, gruta utilizada pelo homem desde a Pré-história. Em baixo, Castro de Cigadonha em Moimenta.

Pedra Espetada (menir, Pré-história Recente) - a cerca de 400 metros do cruzamento da estrada de terra batida que conduz até Sernande, num pequeno outeiro, situa-se a Pedra Espetada, estela/menir com fossetes insculpidos. (41° 56' 47"N; 07° 07' 57"O)

Castro de Cigadonha de Moimenta (povoado fortificado, Proto-história) - localizado num cabeço em esporão na margem direita do rio Tuela, integra, na estrutura defensiva, um fosso, um eventual torreão e uma linha de muralha. (41° 56' 39"N; 06° 58' 29"O)

Cidadelha de Vinhais (povoado fortificado, Proto-história) - vestígios de um povoado de grandes dimensões com uma implantação sobranceira à atual vila de Vinhais, dotado de duas linhas de muralhas que delimitam duas plataformas. (41° 50' 51"N; 6° 59' 29"O)

Monte de Santa Comba, Ousilhão. (povoado fortificado, Proto-história, em vias de classificação, homologado como Imóvel de Interesse Público) - povoado implantado num relevo de acentuada proeminência, que se desenvolve a noroeste da aldeia de Ousilhão. É possível observar três linhas de muralha, campo de pedras fincadas e fosso. (41° 47' 39"N; 06° 58' 03"O)

Ruínas do Forte de Modorra (habitat, Período Romano, em vias de classificação, homologado como Imóvel de Interesse Público) - habitat também conhecido por Torre ou Castelo, situado sobre o rio Tuela, imediatamente a norte da antiga via romana, que logo a seguir atravessa a Ponte de Soeira. Isoladas a meio do esporão encontram-se as ruínas de um edifício aparentemente retangular, de boa construção, de paredes argamassadas. (41° 50' 22"N; 06° 56' 54"O)





CARACTERIZAÇÃO
GERAL

CARATERIZAÇÃO HISTÓRICO-PATRIMONIAL





Nevoeiro no vale do rio Angueira.





rota da terra fria em geral



Descrição Sucinta da Rota da Terra Fria

Pág.

100

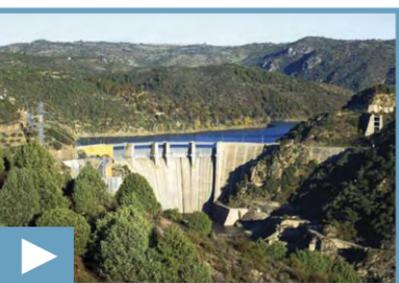
DESCRIÇÃO SUCINTA DA ROTA DA TERRA FRIA



Caminho rural na zona
de Carção, troço 1.



Outeiro, troço 3.



Em cima, paisagem entre Cicouro e
S. Martinho de Angueira, troço 2.
Em baixo, Barragem
da Bemposta, troço 4.

A definição de percursos ou itinerários é um expediente artificial que permite, com grande economia de tempo e de esforço, uma visão mais organizada e um conhecimento mais circunstanciado de uma região. É maior ainda quando a diferença e a variedade são notas fundamentais que animam a paisagem e que alimentam a curiosidade pelos costumes e tradições tão próprios e específicos de cada localidade. É aqui que o guia ou o roteiro assumem o seu papel de cicerone mudo, propondo percursos previamente racionalizados, mas abrindo caminho à descoberta, à intuição, à afinidade.

São três os destinatários desta proposta para uma Rota da Terra Fria: os autóctones distraídos pela rotina das referências que lhes são afins, para que redescubram e alimentem a sua relação com a terra pátria; os visitantes que passam e repassam sem entenderem o que vêm porque a falta de informação lhes não sacia a curiosidade; e os que nunca passaram nem hão de passar, para que ao menos de longe possam sentir as emoções de uma viagem imaginária.

A Rota da Terra Fria recomenda um traçado viário de quatrocentos e cinquenta e cinco quilómetros, tendo tido o cuidado de o definir tomando em consideração a maior comodidade para um percurso abrangente dos cinco concelhos de Bragança, Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso e Vinhais, que demonstrasse a riquíssima variação da paisagem, integrando tudo o que de melhor se pode oferecer. E o que não estiver à vista, está ao alcance – o prazer, a curiosidade e o espírito de aventura lá o conduzirão.

O tempo de percurso fica ao critério de quem o faça. Se aceitar, porém, as sugestões que lhe fazemos para conhecer melhor a forma como o incógnito se ajusta à natureza e a forma como esta lhe retribui, aí gastará o tempo que quiser, que uma vida inteira vivida por perto pode nem ser suficiente para entender a grandeza de alma da gente de Trás-os-Montes.

Quanto à forma de concretizar o passeio, não tendo dúvida que o fará de automóvel, sempre lhe diremos que poderá iniciá-lo em qualquer uma das onze **Portas dos Troços**, que mais não são que as articulações do circuito com os principais eixos locais da rede nacional de estradas. Em todas as 5 sedes de concelho encontrará também as **Portas da Rota**, onde poderá colher toda a informação sobre a Rota da Terra Fria Transmontana, quer seja em formato papel ou multimédia. As Portas são espaços preparados para o conhecimento, convívio e animação, onde é estimulada a participação do visitante em diversas atividades, como sejam ações de degustação, eventos

DESCRIÇÃO SUCINTA DA ROTA DA TERRA FRIA

culturais e de mostra de artes e ofícios tradicionais. Em suma, as Portas são espaços polivalentes que devem constar do plano de visita de todos os que querem conhecer e desfrutar da Rota da Terra Fria Transmontana.

Ao longo do percurso, poderá ainda contar com a ajuda de quiosques multimédia, localizados nas Portas dos Troços e ainda com sinalização, que conta com painéis de estrada e de informação geral.

Antes, porém, que desta informação se sirva, leve de avanço algumas breves noções que aqui lhe apresentamos.

Se iniciar a Rota em Quintanilha, mera sugestão tão válida como outra qualquer, entra na porta mais próxima da fronteira internacional e conhecerá os vales superiores do Maços e do Angueira, com breve passagem na vila de Vimioso.

No segundo troço, o mais curto da série, percorre a bacia de apanhamento do Angueira, onde o planalto de Miranda se esgota nos primeiros contrafortes da serra de Culebra.

No que se lhe segue vai contornar a Terra de Miranda, com uma aventureira aproximação às cristas escarpadas do Douro. E terá o privilégio de conhecer a cidade de Miranda do Douro.

No quarto troço, partindo de Sendim, irá contemplar a barragem da Bemposta e as margens abruptas do rio Douro, conhecer testemunhos ancestrais, como o castro de Vilarinho dos Galegos, culminando na bonita vila de Mogadouro.

No quinto troço fará o carrossel dos flúvios e interflúvios que alimentam o Douro, do Angueira ao Sabor e ao Azibo. Se o tempo for propício sentirá alguns aromas da Terra Quente. O azeite e as cerejas não andam longe.



Painel de estrada da Rota e Painel de informação geral da Rota.



Quiosque multimédia da Rota.

Aldeia Nova, Miradouro de S. João das Arribas, troço 3.



DESCRIÇÃO SUCINTA DA ROTA DA TERRA FRIA

Casas em lousa e xisto, troço 7.
À direita, Olival no vale do rio Sabor,
troço 6.

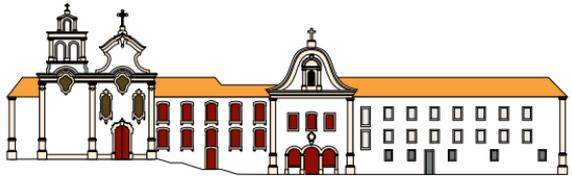


No sexto troço é o território, por excelência, da oliveira, até à subida ao planalto, em Serapicos, onde já domina o castanheiro.

No sétimo troço terá sempre presente a serra de Nogueira e os seus extensos cobertos de carvalho negral. Tem aqui a melhor oportunidade de fazer um **desvio** à cidade de Bragança.



Fumeiro de Vinhais, troço 8
À direita, Igreja e Convento de
S. Francisco, Vinhais.
Em cima, Rio Tuela, troço 8.



No oitavo troço corta o vale do Tuela e visita Vinhais e o seu fumeiro.

Vale do rio Sabor, troço 5.

No nono rodopia pelas vertentes do Rabaçal até atingir as maiores altitudes da serra da Coroa.



DESCRIÇÃO SUCINTA DA ROTA DA TERRA FRIA



No décimo percorrerá a meia-encosta da serra de Montesinho até à mítica aldeia de Rio de Onor.

E no último, fará o planalto de Deilão, descendo a Lombada até ao ponto de partida.

O traçado da Rota da Terra Fria constitui um percurso orientado para uma mobilidade fácil, cómoda e segura numa abrangência integral do território que a motiva, facilitando a acessibilidade quer aos lugares por ele atravessados, quer a outros lugares na sua proximidade que despertem a curiosidade e o interesse de quem o percorrer.

O acesso ao circuito da Rota estabeleceu-se em "Portas", definidas pelos aglomerados criteriosamente selecionados, nos pontos de interseção com os itinerários, provenientes das diversas origens, que atravessam o território da Terra Fria do Nordeste Transmontano.



Serra de Montesinho, troço 10.
À esquerda, Planalto de Deilão, troço 11.



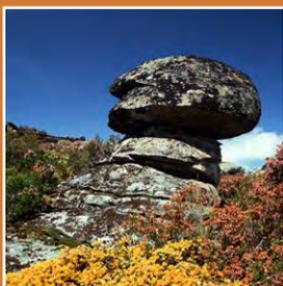
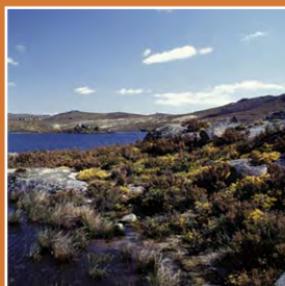
Casas em colmo e granito, troço 9.
À esquerda, Gaiteiro.

Vale do Rabaçal, troço 9.





rota da terra fria troço a troço



	Pág.
Troço 1 Quintanilha - Avelanoso	106
Troço 2 Avelanoso - Constantim	120
Troço 3 Constantim - Sendim	126
Troço 4 Sendim - Mogadouro	146
Troço 5 Mogadouro - Algosos	160
Troço 6 Algosos - Salsas	176
Troço 7 Salsas - Zoio	188
Troço 8 Zoio - Sobreiró de Cima	206
Troço 9 Sobreiró de Cima - Moimenta	218
Troço 10 Moimenta - Rio de Onor	228
Troço 11 Rio de Onor - Quintanilha	244

< Nevoeiro denso cobrindo os vales por entre as Lombas, no inverno.



Vista parcial da aldeia de Outeiro encimada pelo castelo.

TROÇO 1



TROÇO 1



▷ legendas do mapa

TROÇO 1

TROÇO 1 | Quintanilha – Avelanoso



Quintanilha, remate de portas
esculpido no xisto.

Se iniciar a Rota em **QUINTANILHA**, percorra o arruamento principal da aldeia a partir da Igreja Paroquial. Em algumas casas encontrará, ainda, no remate de portas e janelas, lousas insculpidas com cronogramas e motivos decorativos curiosos. Não serão muito antigos, mas a ingenuidade do detalhe não é comum.

Transposto o dorso do interflúvio (entre os rios) Maçãs-Caravela, desça pelo seu flanco poente ao longo do lameiro, até próximo da confluência destes rios, mas não vire para a fronteira, siga a estrada nacional no sentido oposto. O enorme viaduto é a continuidade do A4 para a N122 em Espanha.

Nas proximidades deste cruzamento verá assinalada a Capela de Nossa Senhora da Ribeira, um templo gótico que merece visita, que também a mereceu da Rainha Santa Isabel quando chegou a Portugal.

Tomando o rumo de Vimioso deparam-se as primeiras casas da povoação de **RIO FRIO** (Rivo-Frigido do Monte, conforme aparece em documento de 1144) e por momentos, pouco depois, a silhueta distante da cidade de Bragança. À esquerda, saída para **PAÇÓ**, um pequeno aglomerado que se estende quase até à estrada e pouco depois outro **desvio** para **PARADINHA**. São aldeias pequenas, empilhadas de xisto, com uma nota comum que lhes marca a diferença – a recorrente aplicação de avantajados monólitos de piçarra local para escorar varandas e firmar paredes. São as “paelas” de xisto, recurso antigo, em vias de extinção. Continuando a estrada surge, pouco adiante, o castelo de **OUTEIRO**, alcandorado numa súbita proeminência que o eleva a mais de cem metros da povoação da falda



Capela de N. Sr. da Ribeira – Quintanilha

Assim designada pela evidência da sua localização, é uma capela muito antiga. Quer a tradição que indo alta ainda a Idade Média, uma pastorinha muda de nascença, achando aqui uma imagem da Santíssima Virgem, apregoou alto e sonante, preclaro milagre, de imediato confirmado por espantosas curas que causaram assombro e originaram uma imensa devoção, ainda hoje arreigada na população local.

Seria pequena e humilde a ermida quando Isabel de Aragão ali passou em 1282, a caminho de Trancoso para se casar com el-rei D. Dinis. Chamando-lhe à atenção tão grande concurso de gente, quis venerar a imagem e colocou-se sob a sua proteção. Prometeu reformar a capela e assim cumpriu quando el-rei seu marido, ergueu o Castelo de Outeiro. Inicialmente administrada pelos frades de Santa Maria de Moreruêla e depois pela Ordem de Cristo, no séc. XVI, foi incorporada na Diocese de Miranda, ficando então sob o encargo do Cabido da Sé. Acorrida por multidões de devotos em todos os dias do ano, a sua festa tinha feira franca com concurso de portugueses e espanhóis. Aliás, a própria irmandade, confirmada por bula pontifícia, incluía estatutariamente um castelhano. A devoção perdura, como perdura a capela, a qual está classificada como Imóvel de Interesse Público.

Basilica de Santo Cristo do Outeiro

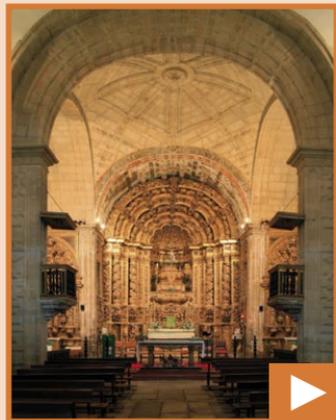
Constitui uma verdadeira surpresa, um autêntico assombro, a descoberta da Basilica de Santo Cristo do Outeiro por quem, desprevenido, se dirija de Bragança a Vimioso.

Numa capela da antiga vila de Outeiro, de que era donatária a Casa de Bragança, venerava-se uma imagem do Santo Cristo crucificado que a devoção popular jurava ver suar pelo padecimento da cruz. Corria dura a Guerra da Restauração e as surtidas e escaramuças na raia eram permanentes, com pesadas baixas para ambos os lados. Neste clima de paixão e medo, deu-se o caso de uma criança do vizinho lugar de Milhão, muda de nascença, romper em aclamações a D. João IV. O delírio foi geral e o milagre, atribuído ao Senhor Santo Cristo de Outeiro.

Em 1648 inicia-se a construção de um novo templo para perpetuar a memória de tão venturoso acontecimento.

A nova basílica, de avantajada dimensão, é soberba. De destacar a frontaria ricamente lavrada, as duas torres sineiras coroadas por coruchéus, e o pórtico de duplo arco, no eixo central um grande óculo profusamente decorado.

De realçar no interior, a nave principal com abóbada nervurada ao estilo gótico e o coro assente num pórtico de três arcos. No altar-mor, as talhas barrocas deslumbram pela riqueza dos ornatos. A sacristia merece uma visita, aprecie os painéis de pinturas figurativas que revestem as paredes e o teto, o arcaz estriado, e a rica coleção de alfaia religiosas.



que lhe tomou o nome. Aqui, não hesite em desviar um pouco e ficará deslumbrado com a inesperada aparição da magnífica Basilica de Santo Cristo, uma prece barroca do mais erudito cinzel, imponente no desterro da raia.

De um e outro lado da fronteira acolhe sentida devoção e nunca as beligerâncias que separaram as gentes lhe faltaram ao respeito. Aprecie a sua arquitetura, a sua envólvecia, a abóbada, os retábulos, a sacristia. A escassa distância pode visitar também a vetusta Matriz, os antigos Paços do Concelho e o pelourinho do extinto município que aqui teve a sua sede. E se ainda lhe sobrar tempo suba o monte até às ruínas do castelo medieval. Só pela vista que daí se desfruta sentir-se-á recompensado.



Pelourinho do Outeiro.
À esquerda, cruzeiro da Paradinha.

TROÇO 1

Santuário de S. Bartolomeu,
Argozelo.



Tome de novo a estrada nacional rumo ao sul, que corre sempre em planalto. Os sequeiros de centeio e trigo são esparsos entre os pousios, muitos cobertos já de mato rasteiro e o arvoredo é escasso.

À direita, uma indicação para o Santuário de S. Bartolomeu, sobranceiro às escarpas do Sabor.

Aproxima-se **ARGOZELO**, povoação grande, a maior do concelho de Vimioso, depois da sede, que não desmerece, de facto, os pergaminhos foralengos que a honraram. Teve até judiaria importante, ainda hoje memoriada. Data do ano 1187, escrito em latim bárbaro e português arcaico, a primeira designação desta povoação com os termos Ulgosello e Delgosello, decorria na altura o reinado de D. Afonso III. Ulgosello, diminutivo de Ulgozo antigo nome de Algozo, outra freguesia do concelho, deu origem ao nome Argozelo que ainda hoje se usa e assim é pronunciado pelas pessoas que, segundo o uso local tradicional, seguem distinguindo o s do z, assim como se usava em antigo português.

À saída da povoação, num outeiro a nascente, há vestígios romanos de atividades mineiras que atestam o interesse económico que este local teve num remoto passado. Ponte dos Mineiros, sobre o rio Sabor, recuperada pela população local em memória da extração mineira de volfrâmio e estanho, que perdurou até 1986.

Se correr o estio, atente na variação pancromática da paisagem. O azul do céu, os matizes verdes do mato nos pousios, o vermelho rubro da terra lavrada e as searas amarelas que aguardam a ceifa.

Cruzeiro de
Argozelo.



TROÇO 1

Aproxima-se **CARÇÃO**, terra de comerciantes, onde uma boa parte da população descende de judeus que por ali se refugiaram no final do século XV. A atestar a importância do legado judaico, o brasão da freguesia inclui uma "mezuzá" e uma "menorá" (candelabro de sete braços, um dos mais antigos símbolos judaicos).

À direita, a curta distância, foi identificado um castro, um entre muitos que cobrem esta região.

Passada a aldeia, inicia-se a descida ao rio Maçãs, com Vimioso à vista, a nascente. A estrada desenvolve um extenso gancho a norte, a ganhar ponto contornando o Alto do Rebolo, onde o Maçãs se enrosca a duzentos e cinquenta metros de profundidade. É um encosta escarpada, com agreste penedia, donde irromp com dificuldade alguma carrasca ou pé de sobreiro. No alto do esporão observam-se mais vestígios irreconhecíveis d antigos povoados. O arvoredo ficou no cimo, alimentad pela ribeira do Freixoal, que se cruzou em Carçãõ ante de iniciar a descida, ao ver pela última vez a silhueta d castelo de Outeiro.



Ponte dos Mineiros, reconstruída recentemente, sobre o rio Sabor.



Cruzeiro em Carçãõ. Em baixo, o vale cavado do rio Maçãs junto a Carçãõ.



TROÇO 1



Açude no rio Maços que permitia a existência de um antigo moinho de água.

A influência mediterrânica no vale do rio Maços permite o cultivo da oliveira.

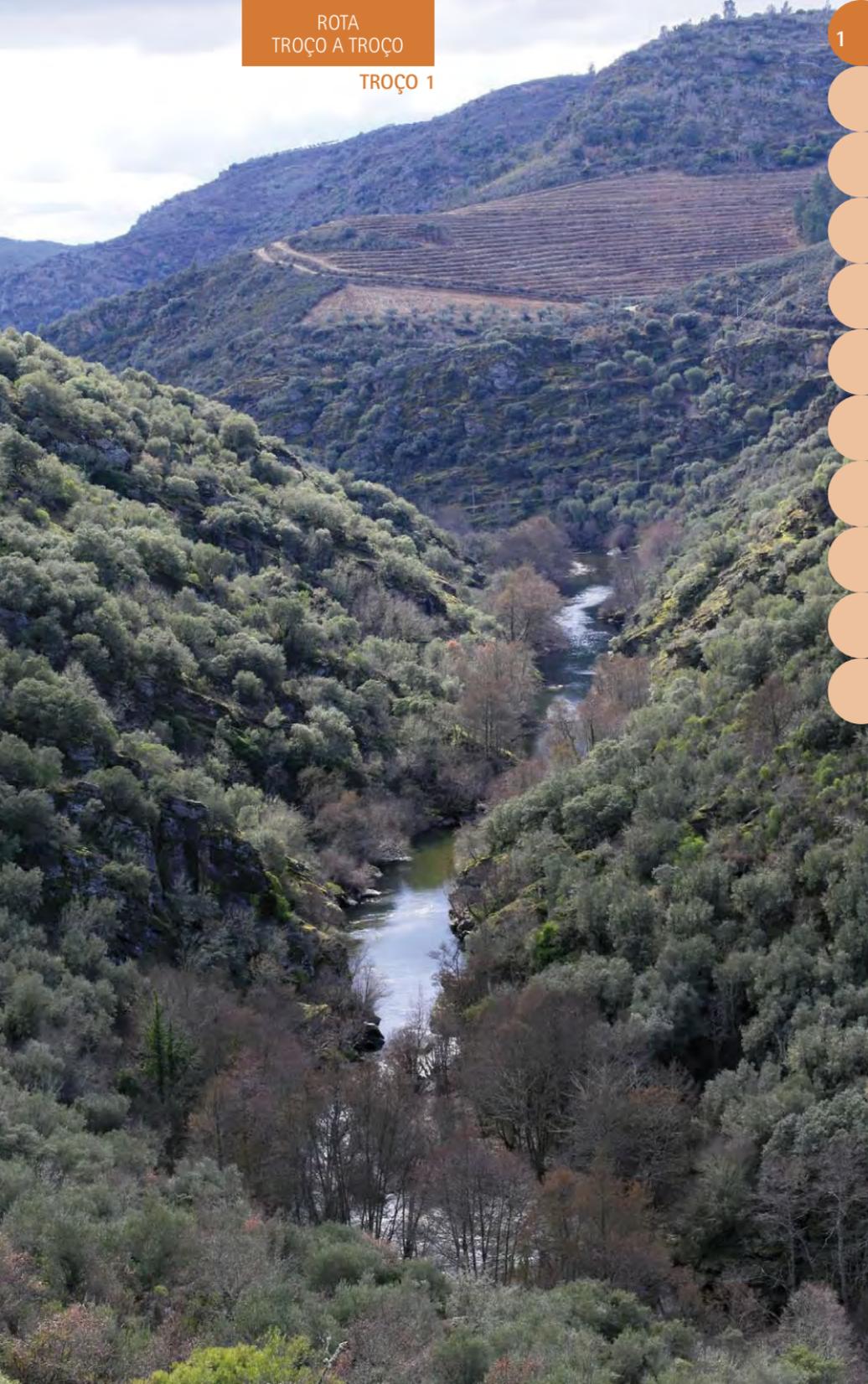


Transposto o Maços numa alta ponte construída no Estado Novo há cinquenta anos, inicia-se a subida da margem esquerda tendo como cenário o magnífico vale encaixado do rio, que corre para sul. Mantêm-se o fraguado e a rusticidade do



coberto arbóreo, que varia e se densifica com a chegada ao coroamento da vertente, onde assenta Vimioso. No caminho fica para trás a cultura de oliveiras em surribas individuais sobre as encostas escarpadas. O solo, sempre xistento, apresenta-se agora mais amarelado. Sobreiros e azinheiras, oliveiras e freixos são espontâneos, entre o mato rasteiro. Nos pontos mais elevados, pequenas manchas de pinhal e uma contínua expansão de castanheiro, em pequenas plantações ainda de tenra idade.

Antes de chegar a Vimioso desvie uma curta distância pela estrada de Mogadouro para subir à ermida da Senhora das Pereiras, ereta no dorso do Maços-Angueira. Vale pela magnífica panorâmica, com amplas vistas sobre o quadrante austral.



TROÇO 1

VIMIOSO

1480-1940
FOI DADA A CATEGORIA DE
VILA A VIMIOSO EM 1480
POR D. AFONSO V

Vila ridente e airosa, com uma claridade que não teria quando espartilhada na cintura de muralhas que a Guerra dos Sete Anos estilhaçou. Em frente às ruínas do castelo, pode ver-se o pelourinho a ostentar a antiguidade das suas prerrogativas municipais. No centro da vila, a Igreja Matriz, com a sua abóbada estrelada, exige uma visita atenta e no arrabalde, a velha atalaia pode ainda recordar-lhe muitas histórias da defesa da raia nos séculos XVII e XVIII. No Centro Cultural poderá colher informação detalhada sobre a região.



Igreja Matriz de Vimioso

A atual Igreja Matriz de Vimioso foi edificada já no séc. XVII, em pleno domínio filipino, por iniciativa de um fidalgo local de nome João Mendes de Antas, substituindo uma anterior que se situava na Rua do Calvário. A fachada é rematada por dois torreões, sendo um do relógio e outro sineiro e inclui um pórtico simples, ainda de tradição renascentista, sobrepujado por um vão cruciforme. Relacionando as duas torres, a frontaria é percorrida por uma curta platibanda de balaústres. O corpo da igreja apresenta os costãos reforçados por cinco botaréus de cada lado, o que pode justificar uma previsão inicial de três naves. Se foi essa a intenção, a obra não foi assim concluída, apresentando uma só nave com abóbada de canhão em cantaria lavrada, que se desenvolve a pouca altura, atarracando o interior do templo. Aos cinco retábulos barrocos que possuía, foram-lhe

modernamente acrescentados mais três. Merece particular referência o mor, com seis colunas salomónicas e profusa ornamentação entalhada e dourada.



À esquerda, pórtico de entrada de pátio em casa senhorial, no largo da Igreja Matriz.

Brazão que encima a fonte e bebedouro de animais, no largo da Igreja Matriz.

Castelo e Atalaia de Vimioso

Vimioso tem origem num castro da Idade do Ferro, que sobreviveu e se adaptou na ocupação romana. Recebendo posteriormente diversas reedificações ordenadas pelos reis leoneses Sancho II e Afonso VI, pelo Conde D. Henrique nos finais do séc. XI e depois por D. Afonso Henriques e D. Diniz, que reconheciam o posicionamento estratégico deste local sobranceiro no interflúvio Maçãs – Angueira.

Quando Duarte D' Armas desenha o castelo de Vimioso em 1509, este tinha um formato quadrangular, com a torre de menagem e três cubelos angulares, sendo estes abobadados. Tinha uma única porta e os panos de muralha, vazados por inúmeras troneiras, eram rodeados por fosso. Se nas Guerras da Independência e da Restauração foi teatro de múltiplos assédios, justificando uma completa reconstrução abaluartada, ordenada em 1660 pelo Conde de Mesquitela, então Governador das Armas da Província, a guerra dos Sete Anos determinaria o seu fim. Em 1762 foi arrasada por ordem do general espanhol Marquês de Sarria, que invadiu esta região à frente de um exército de trinta mil homens.

Hoje, para além de um pano de muralha entalado entre casas, ainda são visíveis as ruínas do castelo de Vimioso, no interior do arquivo municipal e do seu espaço envolvente. Contudo, em local sobranceiro à vila, a nascente e dominando o vale do rio Maçãs, conserva-se ainda uma estrutura maciça edificada em silharia e com vestígios de um grande fosso envolvente, que foi uma atalaia de vigilância e defesa, provavelmente da época da Restauração.



Paços do Concelho e Pelourinho de Vimioso.



Capela de Nossa Senhora dos Remédios no centro de Vimioso.



Arquivo municipal de Vimioso, em cujo interior e envolvente se podem ver as ruínas do castelo.



TROÇO 1

Artesanato: Trabalho de escrinheira (em palha de centeio e casca de silva) e trabalhos em cobre e bronze.



Antes de prosseguir a Rota vale a pena referir que a 13 ou 14 quilómetros ficam as célebres Minas de Santo Adrião, uma jazida de alabastro e calcário sacaróide já explorada pelos romanos e que conserva ainda quatro grutas com interessantes concreções estalactíticas.

A Rota aponta agora a Avelanoso. Saindo de Vimioso encontra-se, do lado esquerdo da estrada, o Parque de Campismo Municipal e um parque de merendas instalado num montado de sobreiros. O planalto estende-se coberto de mato e penedia, com algumas intercalações de searas quando o terreno é favorável.

Junto à primeira indicação que se encontra à direita, para S. Joanico, está localizado o Parque Ibérico de Aventura e a Porta da Rota da Terra Fria, de Vimioso.

S. JOANICO é uma povoação que se desenvolve sobre o Angueira, com uma curiosa ponte românica de cinco lumes. A segunda indicação à direita é para Serapicos, aldeia sobranceira a um lameiro alimentado pelo mesmo rio. Para a esquerda fica **VALE DE FRADES**, onde poderá visitar uma forja tradicional que em mirandês se designa por "frauga", onde se afiam as "relhas", ou pontas de arado.

Todo este percurso se faz pelo vale do Angueira, incluído também na Rede Natura 2000 e particularmente distinguido por constituir o último reduto de uma espécie rara de crustáceos, o lagostim de patas brancas, muito apreciado



Parque de Campismo de Vimioso.



Terms da Terronha, Vimioso.

Ponte românica sobre o Angueira, S. Joanico.





Arquitetura tradicional em Vale de Frades.



Igreja de S. Joanico.

na gastronomia mas hoje dado como quase extinto.

Em frente, embora com pouca expressão na paisagem, elevam-se as serras de Rompe e Barca de Mourigo, pequenas elevações que quebram a monotonia do planalto e consubstanciam a demarcação fronteira no interflúvio Maçãs-Angueira.

Continuando a estrada, pela planura já ligeiramente modelada, chama mais uma vez a atenção a festiva combinação pictórica do intenso vermelho dos terrenos revoltos e do tom crestado das searas. O mato rasteiro, alguns sobreiros e pequenos pinhais dominam, até que se estende de novo a achada que se vai utilizando para criar novos soutos. E assim chegamos a Avelanoso, junto à ribeira de Santa Ana.

Aspetos dos matos na primavera.



Culturas cerealíferas a norte do planalto mirandês.

TROÇO 1



ALOJAMENTO

BRAGANÇA

Albergue dos Peregrinos de Quintanilha

R. do Silo, 1
5300-772 Quintanilha
Tlm. 916 277 332
www.facebook.com/apamquintanilha

VIMIOSO

Hotel A Vileira

Avenida de Alcanices, 2
5230-308 Vimioso
T. 273 518 200
Fax 273 518 203
www.vileira.com

Hotel Rural Senhora de Pereiras

EN 219, Lugar de Pereiras
5230-286 Vimioso
T. 273 518 000 | 273 518 001

Casa da Janal

Vimioso
T. 214 108 656
Tlm. 963 786 581
966 297 466
Fax 214 108 656
emilia.pimentel@sapo.pt
http://janaltur.no.sapo.pt

Alojamento Local "Residencial Centro"

R. Abade de Baçal, 18
Bairro de São Sebastião
5230-304 Vimioso
T. 273 512 539
Fax 273 512 254

Parque de Campismo e Caravanismo de Vimioso

EN 218
5230 Vimioso
T. 273 511 034

Casa de Caçarelhos

Largo da Feira
5230-090 Caçarelhos
T. 273 559 297
Fax 273 559 298
www.casadecaçarelhos.com

Casa do Planalto Mirandés

R. do Chapaçal, 11
5230-270 Vilar Seco
T. 273 559 198
Tlm. 933 200 948



RESTAURAÇÃO

BRAGANÇA

Cervejaria Abel

R. do Castelo
5300-711 Outeiro
T. 273 589 284

VIMIOSO

Restaurante "Tia Maria"

Av. S. Bartolomeu
5230-048 Argoselo
T. 273 589 164

Restaurante "Europa"

R. da Fonte
5230-123 Carção
T. 273 511 168

Restaurante "Dourada"

Estrada Nacional 318
5230-124 Carção
T. 273 512 333

Restaurante "Luar da Noite"

Estrada Nacional 317
5230-124 Carção
T. 273 512 270

Restaurante "A Vileira"

Av. de Alcanices
5230-308 Vimioso
T. 273 518 200

Restaurante Senhora de Pereiras

Estrada Nacional 218
5300-300 Vimioso
T. 273 518 000
Tlm. 933 190 047

Restaurante "Amazónia"

R. Dr. Trigo de Negreiros
5230-326 Vimioso
T. 273 511 023

Restaurante "O Bléu"

Rua Abade Baçal
5230-304 Vimioso
Tlm. 967 603 928

Restaurante/churrasqueira "As Rosas"

Av. de Alcanices
5230-308 Vimioso
T. 273 106 344

Pizzeria "Juventude"

Bairro S. Sebastião
5230-304 Vimioso
T. 273 512 461

Pizzeria "Pires"

Praça Eduardo Coelho
5230-315 Vimioso
T. 273 512 281



SERVIÇOS

BRAGANÇA

Guarda Nacional Republicana (GNR)

Av. General Humberto Delgado
5301-901 Bragança
Comando Territorial de Bragança - T. 273 300 570
Destacamento Territorial de Bragança - T. 273 300 530

Polícia de Segurança Pública (PSP)

R. Dr. Manuel Bento, 4
5301-868 Bragança
Comando Distrital
- T. 273 303 400
Esquadra de Trânsito
- T. 273 303 413

Bombeiros Voluntários de Bragança

R. Dr. Manuel Bento, 2
5301-868 Bragança
T. 273 310 800

Museu das Tradições, Artes e Invenções

R. Central
5300-772 Quintanilha
T. 273 939 445 (contacto da Associação Protetora "Amigos do Maçãs")

Museu Etnográfico de Rio Frio de Paço

R. do Val
5300-832 Rio Frio de Paço
apqvprf@sapo.pt (contacto da Associação Promotora da Qualidade de Vida de Paço de Rio Frio)

Núcleo Museológico de Outeiro

R. da Picarrela
5300 - 711 Outeiro
T. 273 589 252 (contacto da Junta de Freguesia)

VIMIOSO

GNR – Posto Territorial de Argozelo

Largo de São Sebastião
5230-032 Argoselo
T. 273 589 131
ct.bgc.dmdr.parz@gnr.pt

CTT

Largo Mendo Rufino
5230-999 Vimioso
T. 273 518 040
Fax 273 518 046

Bombeiros Voluntários de Vimioso

R. da Fonte Nova, 12
5230-319 Vimioso
T. 273 511 000
Tlm. 925 765 781 | 925 765 802
geral@bvvimioso.pt
www.bvvimioso.pt

Centro de Saúde de Vimioso

Av. Alcanices
5230-308 Vimioso
T. 273 510 030
Fax 273 510 031
geral@csvimioso.min-saude.pt

Núcleo Museológico Etnográfico da Casa da Cultura de Vimioso

Largo Mendo Rufino
5230 Vimioso
T. 273 518 120

Câmara Municipal de Vimioso

Praça Eduardo Coelho
5230-315 Vimioso
T. 273 518 120
Fax 273 512 510
www.cm-vimioso.pt

GNR – Posto Territorial de Vimioso

Avenida Alcanices, nº 28
5230-308 Vimioso
T. 273 512 216
Fax 273 511 120
ct.bgc.dmdr.pvms@gnr.pt

Termas da Terronha

EN 218 - 2 Km 58 (junto à ponte velha do rio Angueira)
5230 Vimioso
T. 273 511 381 / 2 / 3
termasdevimioso@cm-vimioso.pt



FESTAS E ROMARIAS

BRAGANÇA QUINTANILHÁ

Senhora da Ribeira (último domingo de maio) e S. Gens e S. Tomé (última semana de agosto).

RIO FRIO

Santo Estêvão (26 de dezembro); N.ª Senhora da Assunção (2.º domingo de agosto); S. Roque (2.ª quinzena de dezembro); S. Francisco (3.º domingo de setembro); S. João (fim-de-semana próximo a 24 de junho); N.ª Senhora das Dores (sexta-feira antes do Domingo de Ramos) e Festa de Nossa Senhora das Necessidades (8 de setembro).

PAÇO

Festa de Nossa Senhora de Fátima (último domingo de agosto).

PARADINHA

Festa da Senhora do Carmo (3.º domingo de agosto); Festa de São Sebastião (dia anterior à Festa da Senhora do Carmo).

OUTEIRO

Festa de São Gonçalo (9 de janeiro); Santa Cruz (3 de maio), S. Miguel (8 de maio), a Peregrinação Diocesana do Coração de Jesus (1.º domingo de julho); (Nossa Senhora da Assunção (15 e 16 de agosto), Nossa Senhora do Carmo (móvel – agosto) e Santo Estêvão (26 de setembro).

VIMIOSO

ARGOZELO

A festa de São Bartolomeu que decorre todos os anos no dia 24 de agosto, são verdadeiras enchentes de populações que se deslocam ao santuário situado nas imediações desta terra para prestar devoção ao santo. Também nos fins de semana do mês de agosto têm lugar as festividades em honra

de Nossa Senhora das Dores e Santa Bárbara, S. Roque, S. José e Senhor do Bonfim. Em dezembro têm lugar as festividades em Honra de Santa Bárbara dos Mineiros e em janeiro, festas em Honra de Santo Amaro e S. Sebastião e S. Fabião.

CARCÃO

Festa de Nossa Senhora das Graças, no último domingo de agosto e as festas em honra de São Roque a 15 e 16 de agosto.

VIMIOSO

Festa de São Sebastião (penúltimo domingo de janeiro); Festa de Santo Antão (penúltimo domingo de maio); Festa de Santo António (13 de junho); Festas de S. Lourenço; Festa de Sta Bárbara; Festa Sra dos Remédios e da Sra da Saúde (semana do dia 10 de agosto); Feira de Artes, Ofícios e Sabores (dezembro).

SÃO JOANICO

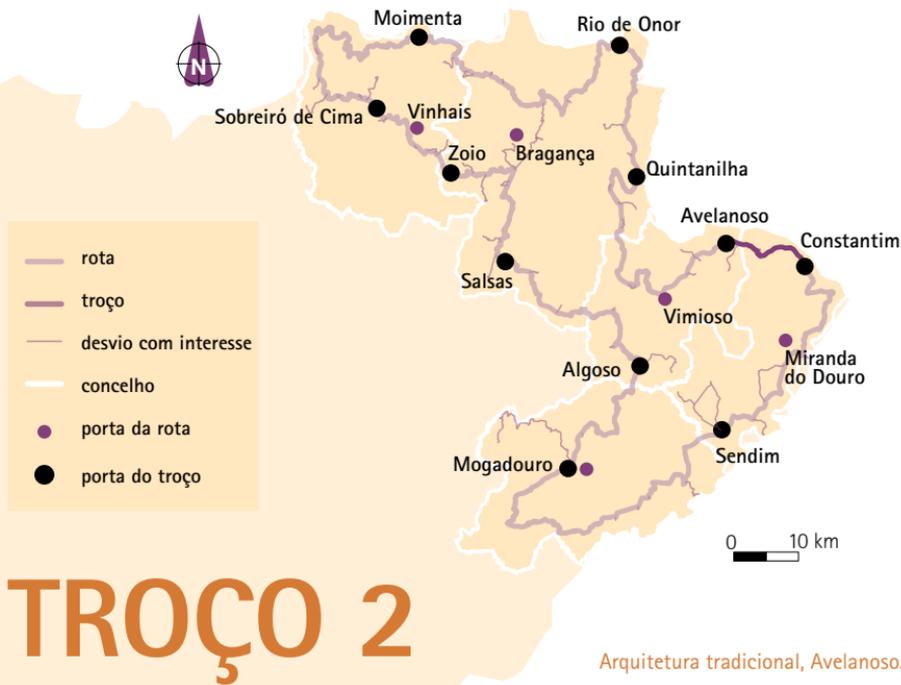
Festa da paróquia no último domingo de agosto.

VALE DE FRADES

Nossa Senhora de Fátima (14 de agosto) e Nossa Senhora da Assunção (15 de agosto).

SERAPICOS

Festa de S. Vicente a 22 de janeiro, Festa de S. Sebastião na primeira semana do mês de agosto. Logo ao amanhecer os gaiteiros tocam a alvorada pelas ruas da aldeia, segue-se a missa cantada em honra do Santo.



TROÇO 2



TROÇO 2 | Avelanoso – Constantim



Zona de lazer junto ao rio Angueira. **AVELANOSO** é uma pequena povoação muito antiga, no sopé da serra da Mó, edificada nas proximidades de um castro, datando pelo menos da Idade do Ferro, posteriormente romanizado. A aldeia mantém ainda um núcleo embrionário basicamente edificado em xisto com reforço estrutural de granito. Avelanoso é referido pela primeira vez, na documentação oficial, nas Inquirições de 1258, ordenadas por D. Afonso III.

É aqui a Porta do segundo troço da Rota.

Tome o caminho para S. Martinho de Angueira. Passada a ribeira da Lagoaça, que alimenta os lameiros que marginam a estrada, terá ao fim de uma pequena subida um parque de merendas. Pouco adiante chega à Cruz Branca, um cruzamento de estradas que delimita os concelhos de Vimioso e Miranda do Douro. A transversal leva-o a **ÇAÇARELHOS** ou à fronteira das Três Marras, a pouco mais de dois quilómetros. Seguindo a direção de Caçarelhos, após 5 km chega-se a Angueira, se lá não foi quando desviou a S. Joanico.

Retomando a EM 542, segue em direção a S. Martinho. O planalto mantém as suas características, com terreno xistoso, ocre, matos e retalhos de secadal, sobre e azinho mais ou menos disperso. Os freixos adquirem agora expressão crescente e é persistente a insistência no povoamento de castanheiros, retalhando manchas pouco sucedidas de pinhal.



Arquitetura tradicional, Avelanoso.



Vai contornar o Alto da Vigia, uma elevação perfurada pelas galerias das antigas minas de estanho de Codeço, donde são já visíveis as Penhas da Felgueira e das Três Marras, sobre um afloramento quartzítico que se prolonga pela Serra de Mourigo, estabelecendo a fronteira entre Portugal e Espanha.

Por alturas de 1809, a fronteira transmontana era permanentemente ameaçada pelos espanhóis, daí a portaria do Conselheiro de Guerra desta província, com data de 21 de janeiro do mesmo ano, que apontava para a imediata e pronta fortificação, não só de Avelanoso, como de outros lugares.

E está chegado a **S. MARTINHO DE ANGUEIRA**, sobre o rio Angueira, escassos quilómetros a montante da já referida povoação do mesmo nome. A circunstância desta freguesia abranger uma zona geológica de contacto xisto-granito enfatiza aqui a combinação destes materiais que era já patente nas povoações anteriores. Visite pelo menos a Igreja Matriz. A primeira referência histórica a S. Martinho de Angueira, que se conhece, é um documento de doação de umas casas ao Mosteiro de Sanabria, em 1211.

Prossiga agora em direção a **CICOURO**, mas se tiver tempo faça um pequeno desvio à direita pela ponte da Matança e tome a estrada que conduz a **MALHADAS**. São cinco ou seis quilómetros e não se vai arrepender, pois terá oportunidade de conhecer o Santuário da Senhora do Nazo, não muito longe da pequena aldeia de Especiosa. É devoção muito antiga, seguramente medieval, com culto em toda a terra de Miranda e festa a Natividade da Virgem. A posição sobranceira



Monumento à memória do passado mineiro de S. Martinho de Angueira. À esquerda, vista geral de S. Martinho de Angueira.



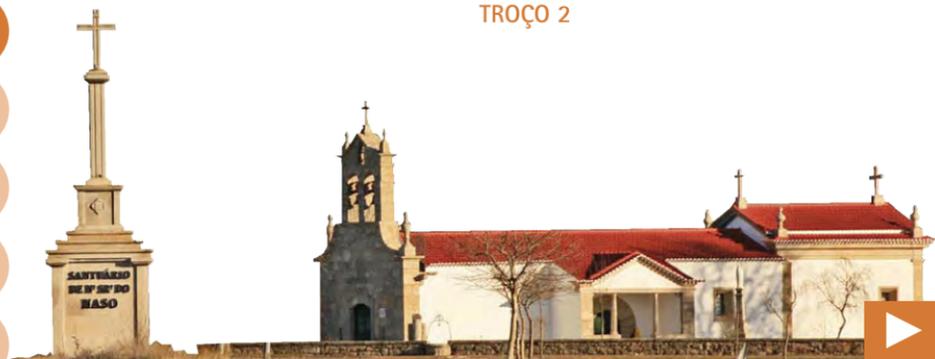
Aspeto de arquitetura tradicional em que o xisto é quase rubro, Cicouro.

Arquitetura tradicional, Cicouro.



TROÇO 2

2



Santuário da Senhora do Nazo. da Igreja, com cinco capelas ao redor, proporciona vistas magníficas sobre o extenso planalto.

Se optou e bem por ir à Senhora do Nazo, volte de novo a S. Martinho para retomar o caminho de Cicouro. A planura é empolada a meia distância, mas apenas ligeiramente, na Cabeça Gorda, mantendo o nivelamento até à Capela de Santo Amaro, concepção contemporânea (1992) do Arq. Michele Cannatà sobre o embasamento de um templo seiscentista (1633) da mesma invocação.

Chegou a Cicouro e está a pouco mais de um quilómetro da fronteira.

A povoação é em tudo semelhante às que acabou de atravessar, onde o xisto, por vezes quase rubro, é ainda um aspeto dominante no edificado.

O segundo troço da Rota está a chegar ao fim com a aproximação de Constantim, seguindo a estrada pela raia fronteira entre montados de sobre e azinho.



Capela de Santo Amaro, Cicouro.



Campanário da Igreja de Avelanoso.



FESTAS E ROMARIAS

VIMIOSO

AVELANOSO

Festas de S. Barnabé e festa de Nossa Senhora da Saúde, em agosto.

ANGUEIRA

Nossa Senhora do Rosário e S. Lucas, ambas em agosto e S. Miguel, no último fim de semana de setembro.

MIRANDA DO DOURO

SÃO MARTINHO DE ANQUEIRA

Santa Cruz (2 a 4 de maio), N. Sra. do Rosário (Festa dos Pauliteiros) – (penúltimo dom. de agosto) e S. Martinho (11 de novembro).

CICOURO

Santo António (10 de janeiro); Nossa Senhora de Fátima (13 de maio); São João (24 de junho); Santo Amaro (15 de agosto) e Nossa Senhora do Rosário (outubro).





TROÇO 3

Pauliteiros de Miranda.



▶ índice

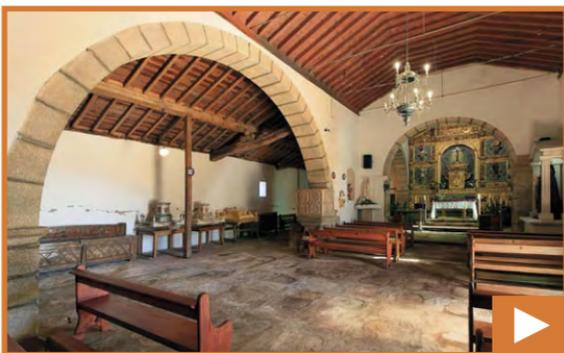
Serra de Santo Adrião

Espanha



TROÇO 3

TROÇO 3 | Constantim – Sendim



CONSTANTIM é um interessante aglomerado rural rasgado a meio por um afluente do rio Fresno, que fecunda as hortas ribeirinhas e alimenta os mananciais. Daí a quantidade de fontes e fontanários.



Igreja Matriz de Constantim.

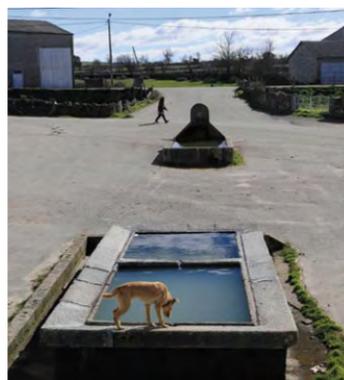
Visite a Igreja Matriz, de origem românica e capela da Trindade e meta-se a caminho na direção de Ifanes. Encontrará logo à saída da povoação uma derivação à esquerda para a vizinha aldeia de Moveros, além-fronteira. Por ela chegará ao Santuário da Senhora da Luz, ermida antiga, erguida sobre a linha fronteira e respeitada por portugueses e castelhanos. Apreciará aqui uma das mais soberbas panorâmicas da região, estendendo a vista por todo o planalto até às Serras do Montesinho, Nogueira, Bornes e Mogadouro e fechando o circuito a rechã de Zamora onde se assome timidamente a povoação espanhola de Brandilanes.

O tom avermelhado do solo nos terrenos lavrados de fresco contrasta fortemente com as searas e os milheirais que se multiplicam com a aproximação de Ifanes. Aqui encontrará referência toponímica bilingue na identificação dos povoados e dos arruamentos – o português e o mirandês, duas línguas autônomas derivadas do latim, que qualquer incola domina com fluência.

Casa tradicional recuperada e ferrolho de porta carral.



IFANES é uma aldeia com aspeto limpo e agradável, que tem sabido conciliar os gostos com o correr dos tempos. Foi povoada pelo Homem desde eras muito recuadas, como nos atestam as várias esculturas rupestres descritas pelo Abade de Baçal. As "Três Pegadas" como o povo as designa e a "Ferradura" são consideradas as mais significativas. Em 1211, a povoação de Ifanes foi



doado por D. Sancho I aos frades do mosteiro leonês de Moreruela. Pouco tempo depois, em 1220, D. Pelayo de Moreruela, o abade deste mosteiro, deu foral à "vila de Ifanes em Portugal". Apenas em 1545, com a criação da diocese de Miranda, Ifanes deixou de pertencer a Moreruela.

Aspetos de arquitetura tradicional em Ifanes.

Nesta localidade é já bem perceptível a transição do xisto para o granito, agora mais frequente nas traveções estruturais das casas e até em alçados planos. Salientam-se algumas casas, de entre elas duas que foram fotografadas por Fernando Távora para o inventário da Ordem dos Arquitetos, nos anos 50.



Se não desviou à Senhora do Nazo quando passou em S. Martinho de Angueira pode agora fazê-lo tomando a estrada da Póvoa. É um percurso interessante, sobretudo no atravessamento do Vale do Fresno, com um encantador parque de merendas na Ponte que liga Ifanes à Póvoa.



TROÇO 3

3



"Pórtico" de entrada para uma horta na periferia da aldeia de Ifanes, com pombal ao fundo.

Arquitetura tradicional e um "lameiro" em Paradela, onde a faina agrícola integra naturalmente o espaço público.

Repare numa curiosas construções brancas de planta em ferradura e cobertura de uma água dupla, amiúde encristadas com um arremedo de ameias, que polvilham as imediações de Ifanes. São os pombais típicos desta região nordestina, que doravante encontrará, com mais ou menos profusão, em todas as povoações. Continue o itinerário.

Com a achada de Zamora em pano de fundo chega a **PARADELA**, outra povoação muito semelhante às que viu atrás. Também aqui as casas agrícolas, com os seus pátios e portas carrais integram naturalmente a malha urbana, transpondo para o espaço público as rotinas da faina agrícola. Salienta-se que Paradela é a aldeia de Portugal onde o Sol mais cedo almeia.





O Mirandês

O mirandês não é um dialeto, não é uma variante sincrónica na evolução do português. Não tem apenas diferenças tónicas, mas morfológicas, sintáticas e lexicais. É um idioma oriundo do latim, misto entre o leonês e o galego-português e com forte influência deste no vocabulário e que remonta ao povoamento, no final da Idade Média, dos enclaves raianos da antiga Terra de Miranda, onde ficou enquistado pelo isolamento geográfico.

É ainda mal conhecida a filologia mirandesa, mas reconhecem-se como suas variantes o quadramilês, o riodonorês e o sendinês, falados nas áreas de Guadramil, de Rio de Onor e de Sendim.

A população local é ainda hoje bilingue, utilizando o mirandês na convivência familiar e recorrendo ao português para solenizar as relações sociais. E ela exprime a diferença, prestigiando claramente o português quando diferencia o simples "falar" na sua língua tradicional, do "falar" fidalgo quando o faz na língua pátria. Este recalçamento quase fez desaparecer o mirandês, sendo necessário muito esforço de autoestima para que se não perdesse definitivamente esta singularidade. Hoje já se aprende nos bancos da escola e está oficialmente reconhecido como língua europeia minoritária e segunda língua oficial portuguesa..



Ah! Jasus Ninico!
Astros s' açandirum
Tanta alegria bai

Nessa noite linda.
No ciêlo e na têrra
Ls anjos cantarum
Filho de Tius Pai!
D' alegria infinda!

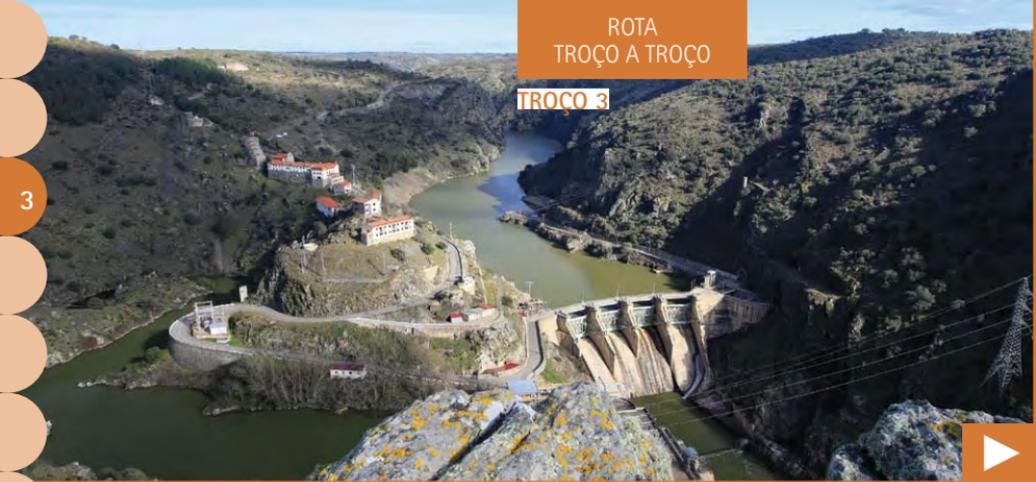
Cantaru ls pastoricos
Melhor fura, Nino,
Al som dals pandeiros.
Du' home ion num fura!
Bailam las pastoras
Por bias de mi
Al som dals gateiros.
Tius sofre amargura.

Astros s' açandirum
Ion son pubrezico,
Na mie noite negra.
Bós todo teneis.
Ando siêmpre triste,
Dai-me bôssa graça,
Nada m' alegra.
Rico me fareis!

Miu Nino Jasus,
Portugal iê bôssu,
Qu'al bôssu Natal
Cumos bós naciú.
Seia sempre alegre
Pobre e pequenhico,
Neste Portugal.
Só num tenê friu.

Quadras natalicias populares em
língua mirandesa, recolhidas em 1983,
em Genísio - Miranda do Douro.

A indicação de um miradouro leva-nos por um caminho em terra, por entre um souto, até à Penha das Torres sobre as arribas do Douro. No caminho encontrará o maior castanheiro do Parque Natural do Douro Internacional. Chegado ao miradouro será surpreendido por uma das mais temerárias vistas sobre o Douro. Tratando-se de um trecho dos canhões do Douro com margens menos abruptas, apresentam-se contudo muito rochosas, com carrascas e coralheiras e rompendo das brenhas. Vislumbra-se a confluência da ribeira de Castro com o rio Douro, cursos que nesta área estabelecem a fronteira entre os dois países. Imediatamente a montante da confluência, sobre o Douro, vê-se a barragem espanhola de Salto de Castro.



Vista a partir do Miradouro da Penha das Torres em Paradela, onde se vislumbra a confluência da ribeira de Castro, à esquerda, com o rio Douro, à direita.

Parque de merendas no miradouro da Penha das Torres.



A partir daqui e por alguns quilómetros a Rota vai acompanhar o curso do Douro, que corre esganado entre altas arribas profundamente rasgadas na rocha viva do planalto – são os Canhões do Douro. Por estas arribas, vagueiam aves de rapina, designadamente a enorme águia-real e, no período estival, o migrante abutre-do-egito, aqui conhecido por Minhoto. O corço, o javali e o lobo, também não são raros nos canhões fluviais do Douro.

Do coroamento das abruptas falésias o panorama é verdadeiramente surpreendente, mas se conseguir num ou outro ponto baixar por sinuosa vereda até à margem do rio, terá então uma visão arrepiante, esmagadora, da força da natureza. Esta percepção da nossa insignificância perante a infinita dimensão do

O Canhão do Douro - A bacia hidrográfica do Douro é uma das mais extensas da Europa Ocidental. O rio, que percorre mais de novecentos quilómetros antes de se abrir ao oceano, atravessa galhofeiramente a meseta Ibérica e entra em Portugal à sorrelfa, já profundamente encaixado, caracolando entre abruptas arribas que o precipitam quinhentos metros entre Zamora e Barca de Alva, que entre si não distam mais que uns cento e cinquenta quilómetros. A garganta, fundamente escavada, apresenta nalguns troços formidáveis arribas que chegam a ultrapassar duzentos metros a pique – é o famoso Canhão do Douro, ilustrado em tantos postais e revistas que correm este mundo fora.

Acidente inexpugnável que a Natureza interpôs durante séculos à convivência de dois povos, é reduto de uma riquíssima variedade de aves que aqui nidificam, encontrando o acolhimento necessário à sua conservação.

O Abutre-do-egito, também conhecido por Britango, de plumagem branco-sujo, rémiges negras, face amarela e nua, colar hirsuto e bico delgado e comprido, é o abutre mais pequeno da Europa. Por ser considerado uma das espécies ameaçadas que aqui nidifica, foi escolhido como logotipo do Parque Natural do Douro Internacional. Mas há mais de cento e cinquenta espécies de aves, algumas em perigosa regressão, que têm aqui o seu habitat, com excelentes recursos tróficos (alimentares) nos planaltos adjacentes – o grifo, a águia-real, a águia-de-bonelli e a cegonha-preta e alguns pássaros já de extrema raridade como o chasco-preto, a gralha-de-bico-vermelho, a calhandra-real ou o dom-fafe.

Dos vários miradouros como o da Penha das Torres, o de S. João das Arribas ou o da Fraga do Puio, numa perspetiva ampla ou num passeio de barco pelas albufeiras das barragens de Miranda ou de Picote, sufocado pela imponente esmagadora das falésias, pode o viajante avaliar o peso e a dimensão deste espaço e reconhecer a generosidade divina na criação da natureza.

Universo e da sua ordem natural impressionou profundamente os nossos antepassados, que por aqui deixaram abundantes vestígios da sua presença – castros, abrigos, necrópoles, ermidas, muros, caminhos e muitas plantações dispersas aproveitando minúsculas chãs e socalcos que o fraguado protege.

Integrada no Parque Natural do Douro Internacional e na Zona de Proteção Especial do Douro Internacional e Vale do Rio Águeda, Aldeia Nova é provavelmente o lugar da periferia da freguesia de Miranda do Douro mais conhecido pelos viajantes, devido à capela de S. João e o Castro de S. João das Arribas. Para se lá chegar, desce-se por um caminho em terra até uma capela, ereta em 1833 sobre um antigo castro da Idade do Bronze, de que se conserva ainda uma boa parte da estrutura (Monumento Nacional). Aqui, foram encontrados em prospeções arqueológicas, machados de sílex, pontas de lança em bronze e cobre, objetos de cerâmica, grãos de trigo carbonizados, pedras de moer, moedas, entre outros. Ao longo dos anos, as pedras dos seus muros foram sendo reutilizadas para surrubar a encosta e construir outras casas e, nas paredes da capela, apareceu uma epigrafe honorífica de Emilius Balesus, cidadão romano que aqui morreu depois de acompanhar, como porta-bandeira, o Imperador Adriano na sua expedição a Inglaterra, para submeter os bretões, na primeira metade do Séc. II D.C..



Freixo monumental à saída de Aldeia Nova em direção a Vale de Águia.

Capela de S. João das Arribas, em Aldeia Nova.



TROÇO 3

3



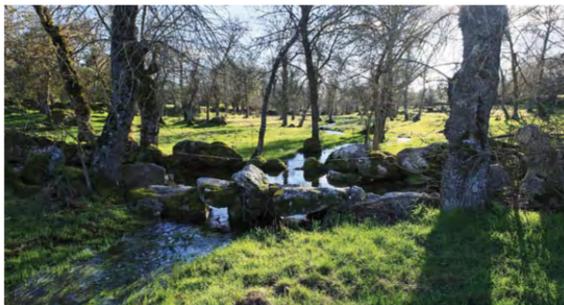
Em pleno centro da cidade de Miranda do Douro, o aprazível Parque Urbano do Rio Fresno.

Refeito da surpresa, ajuste-se de novo à escala e dimensão do seu quotidiano e prossiga para Miranda do Douro, uma antiga cidade aninhada no esporão da confluência do Fresno com o Douro, que merece uma visita atenta e mais demorada.

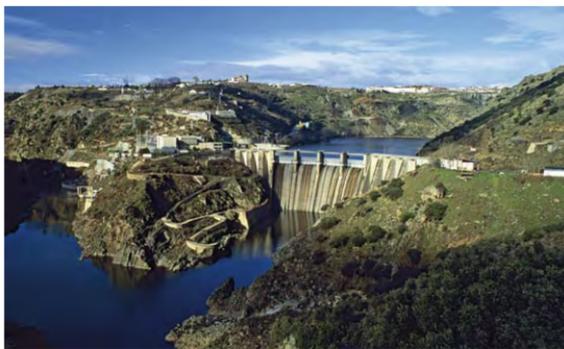
Sobre as margens montanhosas e alcantiladas do rio Douro, surge como uma sentinela atenta, observando, do outro lado do rio, a vizinha província espanhola de Castela e Leão.



Em cima, castro da Idade do Ferro, com parque de merendas em Vale de Águia. À direita, lameiros nas imediações da aldeia de Vale de Águia.



Em 1956 com o início das obras da barragem hidroelétrica de Miranda do Douro, aumentou a população, relançando a economia local, abrindo assim novos horizontes de desenvolvimento e permitindo a comunicação por via terrestre com Espanha.



MIRANDA DO DOURO

Habitada já desde a Idade do Bronze, Miranda foi uma cidade importantíssima no tempo dos romanos, que lhe deram o nome de Conticum, depois de Paramica, e por fim Seponcia. Conquistada pelos árabes em 716, estes deram-lhe o nome de Mir-Andul, nome que por deformação se tornou Miranda.

Miranda é uma referência cultural, social e religiosa de Trás-os-Montes, é "um símbolo secular da vontade lusitana em terras fronteiriças".

A cidade antiga merece, de facto, uma visita atenta. Percorra as ruas estreitas que tecem a malha urbana ligando as antigas portas e dê atenção especial à que chamam da Costanilha, um alfofre de casas quinhentistas particularmente interessante. Visite a catedral, aprecie os magníficos retábulos, venere a imagem do Menino Jesus da Cartolinha (cujo enxoval faria inveja a muito Morgado de pingues rendas) e, à saída, repare nas ruínas do antigo Paço Episcopal e, mais adiante, na igreja do antigo Convento dos Frades Trinos, atualmente Biblioteca Municipal. Se estiver atento ao horário, pode ainda conhecer as coleções de arqueologia e etnografia do Museu da Terra de Miranda.



Porta do castelo de Miranda do Douro.



Museu da Terra de Miranda e Igreja da Misericórdia no centro histórico da cidade.



TROÇO 3

3 Castelo de Miranda do Douro

O foral atribuído a Miranda do Douro por D. Afonso Henriques foi confirmado por D. Sancho I em 1217 e renovado por D. Dinis em 1286, que lhe reforçou a estrutura defensiva. Em 1325, já concluída a reforma do castelo e muralhas, houve oportunidade, poucos anos mais tarde, de comprovar a sua inexpugnabilidade com a resistência que ofereceu aos assédios castelhanos na guerra da Independência. Só por ardil se gorou o esforço da sua defesa, sendo enganado o Alcaide-Mor, que perdeu a praça. D. João I acabaria, contudo, por retomar Miranda e ordenar a recuperação do arruinado castelo. Quando em 1510 D. Manuel outorga o Foral Novo a Miranda do Douro, a praça teria o aspeto que se pode ver no Livro das Fortalezas de Duarte D' Armas (1509) – a vila amuralhada e com uma barbacã com alguns passos vazados por troneiras, tendo num dos topos o castelo quadrangular de cinco torres, incluindo a de menagem e no outro um sexto torreão. A velha porta da Senhora do Amparo, rasgada no muro entre dois cubelos, ainda se conserva. Em 1545, reinando D. João III, Miranda do Douro recebe o título de cidade e é escolhida para sede de uma nova diocese, privilégios que projetam a urbe e lhe conferem uma importância excecional. Durante a Guerra da Restauração foi necessário adaptar a fortaleza para resistir à artilharia das forças espanholas, sendo dessa época o que resta de um baluarte sobranceiro ao rio Fresno. Já no início do séc. XVIII, Miranda do Douro é de novo palco de grandes confrontos que acabariam com a sua conquista, à traição, em 1710, sendo retomada com grandes danos no ano seguinte, pelo general Conde da Atalaia.

O epílogo, porém, teria lugar em 1762 na Guerra dos Sete Anos, com a investida dos espanhóis sobre Miranda, que provocou a explosão do paiol destruindo o castelo e duzentas casas e matando mais de quatrocentas pessoas. Durante a ocupação, até à paz de 1768, sofrem o vexame do desmoronamento das muralhas, volvidas a nascente, que a guarnição espanhola lhe infligiu.

Com a transferência da cabeça da diocese para Bragança, em 1764, deixou de se justificar a reconstrução do castelo e muralhas, cujas ruínas ainda hoje testemunham a violência dos combates que aqui tiveram lugar.



A Sé de Miranda do Douro

Em 1545, a Bula do Papa Paulo III *Pró Excellentí Apostólica Sedis* criava a Diocese de Miranda do Douro com sede na antiga vila raiana.

Desde logo o Rei se prontificou a mandar erguer a Sé, tendo por base um projeto arrojado que ultrapassava largamente a escala adequada à real dimensão do novo Bispado, desmembrado da Arquidiocese de Braga, designando o espanhol D. Torribio Lopes com o seu primeiro Bispo titular. Miguel de Arruda foi um dos arquitetos, tendo em conta, provavelmente, um esboço realizado por Gonçalo de Torralva que D. João III apreciara. E o templo foi edificado no chão onde se erguera a antiga matriz de Santa Maria que vinha já do tempo do rei D. Dinis, por ser amplo como convinha a tão ambiciosa iniciativa. A obra iniciou-se em 1552, tendo como Mestres os castelhanos Francisco Velásquez e Pedro de La Faia.

Em 1710, durante a Guerra da Sucessão de Espanha, Miranda do Douro foi tomada pelos espanhóis, por traição do Sargento-Mor da praça, ficando a guarnição aprisionada e a cidade saqueada. Ao fim de ano e meio de submissão, a posição inverteu-se com a reconquista feita pelo general Conde da Atalaia.

Durante este atribulado período, reza a história que um soldado português morreu estando prestes a casar e que a noiva ofereceu o enxoval à imagem do Menino Jesus que se venerava na Sé.

Desde então esta imagem passou a receber ricos presentes de roupa fina, incluindo, já no séc. XIX, uma pequena cartola. Esta imagem, terna devoção da população mirandesa, ficou assim conhecida pelo "Menino Jesus da Cartolinha" e reúne hoje um curiosíssimo enxoval que pode ser admirado na Sé.

Em 1762, já em plena Guerra dos Sete Anos, de novo os espanhóis arremetem sobre Miranda, fazendo então explodir o paiol, destruindo o castelo e 200 casas e matando mais de 400 pessoas. Após esta catástrofe Miranda ficou vulnerável e sem condições para manter a sede diocesana que, a pedido do Bispo D. Frei Aleixo de Miranda Henriques se transferiu para Bragança, sendo alguns anos mais tarde, já em 1780, os dois títulos diocesanos juntos na mesma mitra.

A fachada da Sé de Miranda é constituída por um corpo flanqueado por duas torres, tendo toda a composição em cantaria aparente. Esse corpo central contém um pórtico maneirista que se eleva aos dois pisos e é ladeado por quatro vãos envidraçados, dois em cada nível. O interior, de três naves de cinco tramos, apresenta uma alta cobertura em abóbadas nervuradas que se articulam com a do transepto, conferindo ao espaço a dimensão e a imponência de uma catedral medieval. O aparato interior resulta, pode dizer-se, de uma apreensão já maneirista de soluções arcaizantes do período gótico.



TROÇO 3

3



Ruínas da arcada do claustro do Paço Episcopal.

Nas traseiras da Sé conservam-se as ruínas da arcada do claustro do Paço Episcopal, que foi consumido por um incêndio em 1706.

Centro histórico de Miranda do Douro.





Interior e frescos do séc. XV e XVI da Igreja Matriz de Santa Eufémia, Duas Igrejas.

Ao deixar a cidade e já que a vai contornar por poente repare na ponte gótica sobre o Fresno, no Aqueduto do Vilarinho e na Fonte dos Canos. Tome agora a estrada de Mogadouro. Vai passar por Vale de Mira e Cércio e se fizer um pequeno desvio até **DUAS IGREJAS**, poderá visitar a Capela de Nossa Senhora do Monte, a Igreja Matriz de Santa Eufémia, templo de traça românica que, no seu interior, recuperado, alberga fragmentos de interessantes frescos e um curioso conjunto de frontais de altar. A oeste de Duas Igrejas assinala-se a passagem de uma antiga Via Romana. Entretanto, com sorte, poderá ainda ter a oportunidade de assistir a uma atuação do seu Grupo de Pauliteiros, fundado há sessenta anos e um dos mais consagrados grupos folclóricos da região, que executa com magistral perfeição a famosa dança dos pauliteiros, uma exibição de filiação guerreira onde só entram homens e o pingacho e o galandum, estas alargadas a dançarinos de ambos os sexos. Na romaria da Senhora do Monte, a 15 de agosto, é mais que certa a sua atuação.



Fonte de Mergulho, que se calcula ser de construção romana, Cércio.



Pauliteiros de Miranda.

TROÇO 3

3

A Solhapa - designação mirandesa de abrigo rupestre (deriva do latim sub lapide) e refere-se concretamente ao que existe a cerca de três quilómetros de Duas Igrejas, em local ermo e rochoso, nas proximidades da estrada de Mogadouro. Chamam-lhe também Seantralhouço, Poço Picão e Malrana.

Sempre serviu de abrigo a pastores, constituindo um redil para centena e meia de ovelhas. A curiosidade, contudo, reside no facto das superfícies rochosas apresentarem diversas insculpturas feitas por picotagem (petróglifos), algumas com figuras antropomórficas, em duas séries no exterior e três no interior do monumento. São atribuídas a uma população de caçadores/recoletores que aqui terá habitado entre os finais do Neolítico e o início do Calcolítico/Bronze.

Na sua proximidade têm sido encontrados inúmeros vestígios de ocupação humana muito antiga, designadamente as ruínas de um castro, a pouco mais de cem metros, com cerca de um hectare e meio de dimensão.

As agressões de que tem sido vítima, designadamente com a extração de pedra para construção e o arroteamento dos terrenos agrícolas envolventes, justificou a sua classificação em 1982 como Imóvel de Interesse Público.



Capela de Santa Marinha, Cércio.

Em Duas Igrejas, é possível ao visitante retomar a Rota através da EM 602 que faz a ligação a Vila Chã da Braciosa, condicionando no entanto a passagem por Cércio e Freixiosa.

Próximo de Cércio, está assinalado o maior zimbro do Parque Natural do Douro Internacional, árvore classificada.

Estando em **CÉRCIO** anote uma curiosidade, que achará também noutras povoações, mas que se circunscreve praticamente a esta zona do planalto mirandês - a fachada principal da igreja é totalmente cega, apresentando uma verticalidade limpa e compacta e reservando o investimento arquitetónico e decorativo para outros planos e sobretudo para o seu interior. É o caso do interessante retábulo das almas, em talha policromada, também um motivo recorrente na região.

À saída de Cércio pelo CM 1126 em direção a Freixiosa, chegando ao ribeiro de Cércio, encontram-se vestígios cerâmicos e registos epigráficos do povoado tardo-romano de Santa Marinha, que terá tido continuidade na Alta Idade Média e, à direita, existe a indicação de fonte romana, curiosa fonte de mergulho que parece ser da época romana. Do lado esquerdo, observa-se um troço lajeado da antiga estrada, vencendo o curso de água sobre um pontão e, um pouco adiante, a capela de Santa Marinha, uma pequena capela bastante peculiar, com 5 pilaretes de granito em frente à fachada, fazendo lembrar um conjunto de menires.

Arquitetura tradicional, Freixiosa.



A estrada prossegue no planalto, entre pousios e searas, com alguns freixos e sobreiros ou pequenos pinhais. Já próximo de **FREIXIOSA**, é possível visitar, nas proximidades de Poço Picão, o Abrigo Rupestre da Fraga da Solhapa, um local pré-histórico com vestígios de arte rupestre, que está classificado como Monumento Nacional. Registe-se ainda a profusão de pombais, nas imediações de Freixiosa e destaque-se a Capela de Santo Eustáquio à entrada da localidade.

Assente num promontório do Douro, também aqui, muito próximo de Cércio se encontram vestígios de mais um povoado proto-histórico, defendido por duas linhas de muralha, conhecido por Castro de Cércio.

Ao fundo da aldeia de Freixiosa a indicação local de um parque merendeiro, à esquerda, e de um miradouro, à direita, proporcionam-lhe, um e outro, excelentes tomadas de vista para uma real apreensão do vale escarpado do Douro, que aqui corre tão encaixado na funda falésia que bem justifica o epíteto de "Canhão do Douro".

No primeiro caso desce a abrupta vertente por um sinuoso caminho em terra até ao rio e no segundo atinge uns penhascos eriçados de carrascas e zimbros que dominam extensa paisagem.

No regresso à aldeia atente-se numa adegas no meio do povoado que passa ao olhar distraído, por uma tradicional fonte de mergulho.

Retomando o CM 1126, após 3 km chega-se a **VILA CHÃ DE BRACIOSA**, povoação que faz jus ao seu topónimo com a absoluta planura da sua implantação. Junto à Capela de Santa Cruz, curiosa por constituir a sua fachada integralmente no costão, alpendrado como se fora uma casa de habitação, com portas e janelas de molduras barrocas, tem o início o povoado e bifurca a estrada para Picote e para Duas Igrejas.

A população de Vila Chã de Braciososa utiliza ainda hoje o Mirandês para contar histórias, para cantar e dançar à volta da fogueira das festas pré-cristãs, sobre os trabalhos agrícolas, entre outros. Diogo de Teive (1514 - 1565) escritor português quincentista, foi uma das personalidades que marcou a História de Vila Chã de Braciososa, em virtude de ter sido abade da mesma. Esteve ligado ao círculo de humanistas do reinado de D. João III.

A igreja tem uma torre sineira que é única no concelho. Cá fora, no afloramento encostado ao muro do cemitério, abre-se uma sepultura cavada na rocha. Esta igreja, o adro e o antigo cemitério são classificados como Imóveis de Interesse Público.

Continue para **PICOTE** e aí chegado, tem a aguardá-lo, no largo da terra, uma escultura zoomórfica à qual falta a cabeça, toscamente talhada em pedra. É um berrão da proto-história achado nas redondezas e que testemunha um antiquíssimo culto comum a toda a região transmontana.



Pastagens na planura de Vila Chã de Braciososa.

"Os Santos" do "Lhapo" das Barrocas ("Lhapo" em mirandês significa abrigo) - Entre a vila de Sendim e a aldeia de Picote, num local conhecido por Barrocas, a cerca de meia hora a pé desta aldeia e encravada nas fragas do Douro, existe uma cavidade sob uma pala rochosa, que em tempos remotos terá abrigado os pastores das inclemências do tempo e que tem a particularidade de apresentar curiosas pinturas murais com motivos religiosos - a Senhora da Glória, a Santíssima Trindade, dois frades, uma pomba e um corvo. O povo designa-os, simplesmente, por "Os Santos".

São pinturas a fresco, provavelmente quincentistas, em muito mau estado de conservação por estarem expostas ao relento e vulneráveis a todo o tipo de vandalismo.

A pouca distância do abrigo existe uma capela, a Capela de S. Paulo, que se presume relacionada com este abrigo, mas é muito provável que a sua devoção tenha sido obra de algum devoto eremita ou patrocinada por um cenóbio da região.

TROÇO 3



Miradouro da Fraga do Puio, Picote.



No fundo do povo há indicação que o leva ao miradouro da Fraga do Puio (em mirandês Peinha de L Puio), de onde desfruta mais uma excecional vista sobre o Douro e onde a mão laboriosa do homem, apesar das agruras da natureza, consegue ainda repovoar de oliveiras, surribando caldeiras para as poder segurar.



Igeja de Barrocal do Douro, notável exemplar de arquitetura moderna.

A fauna do Parque Natural do Douro Internacional tem em Picote um dos seus setores mais valiosos incluindo um mosaico de habitats entre arribas e planaltos que proporciona a existência de mais de 200 espécies de vertebrados, entre as quais 150 aves. De entre estas destacam-se as aves rupícolas, que utilizam os escarpados rochosos como refúgio de nidificação.

Estando em Picote desça ao **BARROCAL DO DOURO** e à barragem hidroelétrica, classificados com conjunto de interesse público, que bem justificam uma visita guiada a solicitar à EDP. Onde é hoje a aldeia de Barrocal do Douro foi projetada e construída, há mais de 50 anos e a partir do nada, "uma cidade ideal" onde não faltaram um cineteatro com salão de festas, piscinas e centro comercial. Ainda hoje aqui merecem apreço vários exemplares notáveis de arquitetura moderna.



Na volta retome a estrada e percorrendo o maior montado de sobro da Terra Fria, chegará a Sendim.

A Porca de Picote

Não são muitos os testemunhos escultóricos pré-romanos que chegaram à atualidade.

Os mais conhecidos são os que figuram quadrúpedes, por vezes de difícil identificação e que poderão representar porcos, javalis ou touros. São vulgarmente conhecidos por "berrões" ou "verracos, varrascos" e têm aparecido numa vasta região, estendendo-se de Trás-os-Montes ao interior de Leão e Castela. Na época proto-histórica poderão ter funcionado quer como entidades protetoras dos povoados e do gado, quer como demarcadores de pastos ou ainda como símbolos de determinadas elites sociais. Em época romana terão assumido um carácter funerário. A recolha descontextualizada dos que se conhecem não permite uma conclusão segura.

Em Portugal, o mais famoso é a Porca de Murça. Mas existem também na Terra Fria, como o que serve de base no encastamento do pelourinho de Bragança ou a "Porca" que ornamenta o largo principal de Picote e que há anos foi achada nas imediações desta aldeia.

MIRANDA DO DOURO



ALOJAMENTO

Casas de Campo Mirandesas

Cimo da quinta Lg. do Chafariz
5210-172 Pena Branca
T. 273 431 485
Tlm. 937 766 777 / 6 / 4
reservas@
casasdecampomirandesas.com
www.casasdecampomirandesas.com

Alojamento Local Flor do Douro

R. do Mercado, 7
5210-210 Miranda do Douro
T. 273 431 186 | Fax 273 417 273
flordodouro@gmail.com
www.flordodouro.com

Alojamento Local Pimentel

R. 1º de maio, 49
5210 Miranda do Douro

Alojamento Local Sta. Cruz

R. Abade de Baçal, 61
5210-201 Miranda do Douro
T. 273 431 374 | Fax 273 431 341
santacruz.zip@gmail.com

Alojamento Local Vista Bela

R. do Mercado
5210-210 Miranda do Douro
T. 273 431 054

Alojamento Local O Caçador

Bº da Igreja | 5210-336 Vila Chã
T. 273 449 266

Hotel Parador Sta. Catarina

Largo da Pousada
5210-183 Miranda do Douro
T. 273 431 255 / 005
Fax 273 431 065
info@hotelparadorsantacatarina.pt
rh@hotelparadorsantacatarina.pt
www.hotelparadorsantacatarina.pt

Alojamento Local D. João III

Estrada Nacional 218
5210-209 Miranda do Douro
T. 273 431 053
hoteljoao@hotmail.com

Hotel a Morgadinha

R. do Mercado, 57/59
5210-210 Miranda do Douro
T. 273 438 050 | Fax 273 438 051
Tlm. 926 389 988
info@hotelmorgadinha.pt
www.hotelmorgadinha.pt

Hotel Turismo

R. 1º de maio
5210-191 Miranda do Douro
T. 273 438 030 | Fax 273 431 331
mail@hotelturismomiranda.pt
www.hotelturismomiranda.pt

Hotel Mira Fresno ***

R. 1º de maio, 2
5210-191 Miranda do Douro
T. 273 430 030 | Fax 273 430 039
info@hotelmirafresno.pt
www.hotelmirafresno.pt

Hotel O Mirandês ***

Urbanização do Juncal
5210-209 Miranda do Douro
T. 273 432 823 | Fax 273 432 154
info@omirandes.net
www.omirandes.net

Alojamento Local Planalto Mirandês

R. 1º de maio, 25
5210-191 Miranda do Douro
T. 273 431 362 | Fax 273 432 780
geral@hrplanalto.pt
www.hrplanalto.pt

Alojamento Local Balbina

R. D. Catarina, 1
5210-228 Miranda do Douro
T. 273 432 394

Hotel Cabeço do Forte **

Cabeço do Forte, 10
5210-185 Miranda do Douro
T. 273 431 423 | Fax 273 431 126
www.cabecodoforte.com.pt

Casa do Poço – Turismo Rural

R. do Prado, 2 | 5210-126 Ifanes
T. / Fax 273 449 009
Tlm. 965 871 464
info@casadopoco.pt
www.casadopoco.pt

Quinta de La Barandica Turismo Rural

R. Caminho de Miranda
5210-150 Malhadas
T. 273 417 226 / 7
Fax 273 417 228
info@labarandica.com
www.labarandica.com

Casa Retiro da Freixiosa ICNF)

R. da Igreja
5210-333 Freixiosa
T. 279 340 030 | 273 432 833
Fax 273 431 457 / 279 341 596
pndi@icnf.pt
www.icnf.pt

Centro de Acolhimento Juvenil do Barrocal do Douro

Barrocal do Douro
5225-072 Picote
T. 273 430 020 / 1
Fax 273 431 075 / 432 777
turismo@cm-mdouro.pt
www.cm-mdouro.pt

Parque de Campismo de Santa Luzia

Bº de Santa Luzia
5210 Miranda do Douro
T. 273 431 273 / 273 430 020
Fax 273 431 075
cultura@cm-mdouro.pt
www.cm-mdouro.pt

Casa do Puio Agroturismo

R. de la Peinha de le Puio
5225-072 Picote
T. 273 739 176
Tlm. 913 333 573
919 363 439 | 918 216 168
info@casadepuio.com
www.casadepuio.com

Casa do Correio de Freixiosa – Casa de Campo

R. da Igreja
5210-333 Freixiosa
Tlm. 919 858 194
geral@casadocorreio.com
www.casadocorreio.com

Obra Kolping

Estrada da Barragem
5225-072 Picote | T. 273 312 038

Casa de L. Bário Casa de Campo

Rue de L. Bário, 7
5225-072 Picote | T. 273 738 088
Tlm. 965 618 004 / 962 468 422
geral@casadelbarrio.com
http://casadelbarrio.com/

Casa dos Edras Turismo de Natureza

R. Principal
5210-170 Aldeia Nova -
- Miranda do Douro
Tlm. 961 039 516 / 7
www.casadosedras.pt

TROÇO 3



RESTAURAÇÃO

Restaurante Concelho

R. do Concelho, 4
5210-150 Malhadas
T. 273 417 073

Restaurante Malharrês

R. do Concelho
5210-150 Malhadas
T. 273 417 313

**Gorgonzola
Cafetaria e Pizzaria**

R. do Mercado - Lote 4 F
5210-210 Miranda do Douro
Tlm 938 376 919
www.facebook.com/
pizzariagorgonzola

Restaurante Santa Catarina

Largo da Pousada
5210-183 Miranda do Douro
T. 273 431 255 / 005
Fax 273 431 065
info@hotelparadorsantacatarina.pt
www.hotelparadorsantacatarina.pt

Restaurante Balbina

R. D. Catarina, 1
5210-228 Miranda do Douro
T. 273 432 394

Restaurante Capa d'Honras

Travessa do Castelo
5210-234 Miranda do Douro
T. 273 432 699
capadonras@hotmail.com

Restaurante D. João III

Estrada Nacional 218
5210-209 Miranda do Douro
T. 273 431 053
hoteldjoao@hotmail.com

Restaurante El Duero

R. do Mercado, 21
5210-210 Miranda do Douro
Tlm. 936 518 198

Restaurante O Buteko

Largo D. João III
5210 Miranda do Douro
T. 273 431 231

Restaurante Miradouro

R. do Mercado, 53 / 55
5210-210 Miranda do Douro
T. 273 431 259
brunomiradouro@gmail.com
www.miradouro.com.pt

Restaurante O Mirandês 1

Largo da Moagem
5210-183 Miranda do Douro
T. 273 431 418

Restaurante O Mirandês 2

Urbanização do Juncal
5210-209 Miranda do Douro
T. 273 432 823

Restaurante O Moinho

R. do Mercado
5210-210 Miranda do Douro
T. 273 431 116

Restaurante Jordão

R. 25 abril
5210-178 Miranda do Douro
T. 273 431 359

Restaurante Santa Cruz

R. Abade Baçal, 61
5210-201 Miranda do Douro
T. 273 431 374

Restaurante S. Pedro

R. Mouzinho de Albuquerque
5210-225 Miranda do Douro
T. 273 431321

Restaurante Vista Bela

R. do Mercado
5210-210 Miranda do Douro
T. 273 431 054

Restaurante Torreão

R. Mouzinho de Albuquerque
5210-225 Miranda do Douro
Tlm. 919 509 604

Restaurante Sol e Sombra

R. José Inácio Pinto, 154
5210-004 Miranda do Douro
Tlm. 918 011 150

Restaurante L Pauliteiro

Estrada Nacional 221
5210 Miranda do Douro
Tlm. 933 610 119

Take Away – Paladares

R. José Inácio Pinto, 11
5210-004 Miranda do Douro
T. 273 431 103

**Café Central – Restauração
e Bebidas**

R. da Macieira
5210 Duas Igrejas

Restaurante Carmona

Largo do Tombar | 5225-072 Picote
T. 273 739 127



SERVIÇOS

**Câmara Municipal de
Miranda do Douro**

Largo D. João III
5210-190 Miranda do Douro
T. 273 430 020
Fax 273431075
geral@cm-mdouro.pt

**Biblioteca Municipal de
Miranda do Douro**

R. do Convento
5210-187 Miranda do Douro
T. 273 430 024

**Bombeiros Voluntários de
Miranda do Douro**

Estrada Nacional 218
5210-183 Miranda do Douro
T. 273 431 066

**Centro de Saúde
de Miranda do Douro**

R. de Dom Dinis
5210-217 Miranda do Douro
T. 273 430 040

**Guarda Nacional Republicana
de Miranda do Douro**

Largo de São José
5210-187 Miranda do Douro
T. 273 430 010

**Parque de Campismo de
Miranda do Douro**

Bairro de Santa Luzia
5210-199 Miranda do Douro
T. 273 431 273
Fax 273 431 075
cultura@cm-mdouro.pt

**Piscina Municipal de
Miranda do Douro**

Bairro de Santa Luzia
5210 Miranda do Douro
T. 273 432 512

**Posto de Turismo de
Miranda do Douro**

R. 1º de maio
5210-191 Miranda do Douro
T. 273 430 025

Museu da Terra de Miranda

Largo Dom João III, 2
5210-190 Miranda do Douro
T. 273 431 164
Fax 273 431 164

Casa da Cultura Mirandesa

R. Mouzinho de Albuquerque, 12
5210-225 Miranda do Douro
T. 273 430 020

Casa da Música Mirandesa Lhargo de L Castielho

5210-188 Miranda do Douro
273 430 020

Centro Ambiental Hispano-Luso

Parque Náutico de Miranda Douro
5210-186 Miranda do Douro
T. 273 432 396
Fax 273 431 044

Delegação do Parque Natural do Douro Internacional

Cabanais do Castelo
Largo do Castelo
5210-188 Miranda do Douro
T. 273 431 457

Douro Pula Canhada

Apartado 11
5210-909 Miranda do Douro
T. / Fax 273 431 340
Tlm. 961 561 119 / 960 180 363
info@douropulacanhada.com
http://douropulacanhada.com

Frauga – Associação para o Desenvolvimento Integrado de Picote

R. da Penha do Puio
5225-072 Picote Miranda do Douro
T. 273 739 726
Tlm. 933 534 927
geral@frauga.pt
frauga@gmail.com

Ecomuseu de Picote

R. da Penha do Puio
5225-072 Picote
Miranda do Douro
T. 273 739 726
Tlm. 933 534 927

CTT

R. do Paço
5210-999 Miranda do Douro
T. 273 438 110
Fax 273 438 116



FESTAS E ROMARIAS

CONSTANTIM

São João; Romaria de Nossa Senhora da Luz (último domingo de abril); Festa do Mono e da Mona (3º domingo de setembro); Ceia das morcelas (29 de dezembro); Festa dos Moços (28 de dezembro).

IFANES

S. Sebastião (3º fim de semana de janeiro); N. Sr. Piedade (último domingo de maio); St. Catarina (25 de novembro).

PARADELA

Festa em honra de S. Sebastião (20 de janeiro); Festa em honra a Nossa Senhora da Ascensão (último domingo de agosto).

ALDEIA NOVA

S. João das Arribas (1º domingo de maio).

VALE DE ÁGUA

Festa de Nossa Sra. da Encarnação (15 dias antes da Páscoa e no fim-de-semana entre os dias 10 e 20 de novembro).

MIRANDA DO DOURO

Dia da Cidade (10 de julho); S. Sebastião (3º domingo de janeiro); S. José (19 de março); N. Srª Fátima (último domingo de maio); S. João (24 de junho); N. Srª Caminhos (último domingo de junho); Stª Luzia (último domingo de julho); Stª Bárbara (penúltimo domingo de agosto); S. Judas Tadeu; Fogueira do Galo (24 de dezembro).

VALE DE MIRA

Nossa Sr.ª das Dores (9/10 de novembro).

CÉRCIO

Festa de Stº Amaro (15 de janeiro); Festa de S. Brás (3 de fevereiro); Festa de N. Sr. dos Passos (Domingo de Ramos); Festa de Stª Marinha (18 de julho) e Festa de Stª Bárbara (último domingo de agosto). A festa de Stª Marinha, em Cércio, tem uma particularidade que a distingue das restantes uma vez que, muita gente do concelho

se desloca a Cércio para uma enorme petiscada, que tem como principal atração os caracóis.

PICOTE

Festa de Santo Cristo (primeiro domingo de agosto); Festa em honra de Santa Bárbara (último domingo de agosto).

DUAS IGREJAS

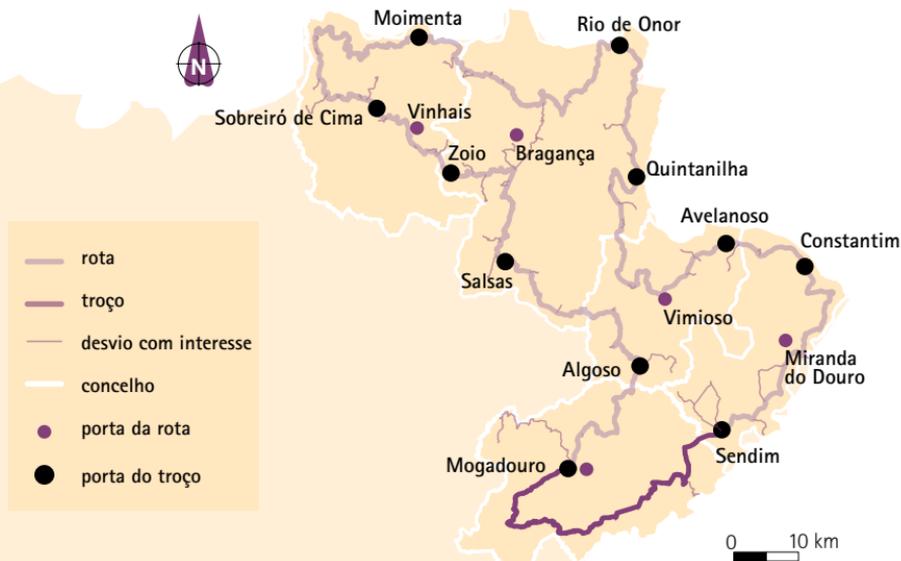
Festa a Nossa Sr.ª do Monte (15 de agosto); Festa dos Pássaros (Natal) "Procissão" com o andar de Nossa Senhora entre a Igreja Matriz e a Capela da Sr.ª do Monte; Festa de São Sebastião (20 de janeiro); Festa de N. Sr. dos Passos (domingo de Ramos); Festa de Stª Bárbara (3º fim de semana de maio); Festa de Stº António (13 de junho); Festa de Stº Estevão (26 de dezembro) e Festa de St. Evangelista (27 de dezembro).

FREIXIOSA

Festa de Santa Bárbara (foi celebrada no primeiro domingo de setembro, devido à emigração, adiaram a festa para agosto); Festa de Nossa Senhora do Rosário (outubro); Festa de Santo Eustáquio (maio).

VILA CHÃ DE BRACIOSA

Festa do Menino Jesus, mais conhecida por Festa da Velha, celebra-se a 1 de janeiro; Festa de Santa Bárbara em agosto; Festa de Santo Eustáquio em agosto e Festa dos Sartigalhos (nome mirandês para gafanhotos) em 8 de maio, reza a lenda que, no passado, teria havido na freguesia uma praga de Sartigalhos tão grande que devastou todas as culturas, os habitantes, aterrorizados e desesperados, pediram intervenção divina e deitaram sortes aos Santos "residentes" na Igreja.



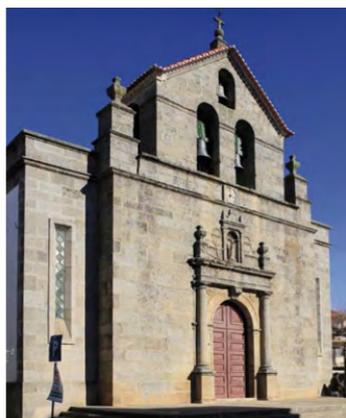
TROÇO 4

Rio Douro, Urrós.



TROÇO 4

TROÇO 4 | Sendim – Mogadouro



Igreja de Sendim.

No início deste troço criou-se um **desvio** circular – Sendim –Atenor–Palaçoulo–Sendim. Este desvio permite conhecer os relevos que conduzem ao rio Angueira e poder admirar, a partir de Teixeira, a serra de Mogadouro, a sul, em anfiteatro e, a oeste, ao longe, o altaneiro castelo de Algozo.

SENDIM seria já um aglomerado importante quando os romanos construíram a via, hoje localmente designada por "Carreiro Mourisco", que ligava o sul oriental da Lusitânia à importante Astorga (capital da Hispania Citerior). A sua localização estratégica, do ponto de vista económico, deriva do facto de se situar no ponto em que o planalto mirandês se estreita, apertado entre o vale profundo do Douro e os relevos acentuados cavados pelos rios Angueira, Maços e Sabor, constituindo-se assim como um epicentro de trocas de produtos, provenientes quer do planalto, quer das hortas e lameiros das margens dos rios e das encostas de clima mais mediterrânico.

A Vila de Sendim, é a localidade mais a sul e a mais importante do concelho de Miranda do Douro. Está inserida na zona do Parque Natural do Douro Internacional, uma zona rica em fauna e flora. É uma vila situada a poucos quilómetros do rio Douro, a uma altitude média de 714 metros e que como tal se identifica com as arribas, sendo mesmo denominada a "Capital das Arribas".

As suas principais atividades económicas são a agricultura (vinho, azeite), pecuária, oficinas, construção civil, extração de inertes e artesanato. Existem ainda atividades a nível de comércio, serviços e construção civil.

Antes de sair de Sendim, para iniciar o percurso do troço 4, não deixe de visitar a Igreja Matriz e de se deliciar com uma fantástica Posta Mirandesa, um dos ex-libris da excelente gastronomia transmontana.



Aspeto de arquitetura no centro de Sendim.

Festival Intercéltico de Sendim – Terras de Miranda

Estão hoje suficientemente documentadas as origens célticas ou pré-célticas dos povos que habitaram o noroeste peninsular antes da dominação romana, sendo reconhecidos muitos vestígios que denotam a sua influência e as fortes relações com grupos populacionais oriundos ou relacionados com regiões onde a civilização celta foi efetiva.

Nos usos e costumes, na arte e no edificado ficaram-nos fortes indícios da sua influência, designadamente em enclaves disseminados distantes entre si e com afinidades tão próximas. É isto que se verifica nas Terras de Miranda, sobrevivendo, por exemplo, em tradições e costumes populares e nas danças e cantares. Reconhece-se, portanto, alguma afinidade do povo mirandês com povos hispânicos, gálicos e bretões, que poderá ter como denominador comum a herança celta, onde a Europa, de facto, enraiza. Tanto bastou para se justificar a realização anual do Festival Intercéltico de Sendim, iniciado no ano 2000 e orientado sobretudo para a cultura musical, que tem conhecido um crescente entusiasmo e afluência de participantes oriundos de Portugal, Espanha, Inglaterra, Irlanda e Escócia.

Saimos de Sendim pela N221-2, em direção a Atenor e, a pouco mais de um quilómetro, depois de uma derivação à direita para Prado Gatão e Palaçoulo e antes de sobrepassar o IC5, encontramos os edifícios da velha estação da linha ferroviária do Sabor, há muitos anos abandonada, na qual subsistem os painéis de azulejos alusivos à região.

Junto à estação e acompanhando a desaparecida linha, são ainda perceptíveis extensos vestígios de uma antiga via romana, que atravessava o Planalto Mirandês na direção aproximada do enfiamento Sendim – Malhadas – Constantim, conhecida por “Carreiro Mourisco”. A estrada prossegue no planalto, atravessando uma ligeira depressão – o Vale da Fonte, fronteiro ao cabeço de Vale Boi, onde se registam muitos vestígios de um castro romanizado, incluindo muitas epígrafes e que é conhecido por Castro do Vidoeiro. Pouco depois, já se divisa um pequeno aglomerado de casas de xisto pardo – **ATENOR**, na encosta setentrional da ribeira de Vale de Palheiros, que neste local forma uma charca. Nesta localidade está instalado o Centro de Acolhimento e Recriação do Burro de Miranda – “Palheirico” – onde poderá observar, dentro de um cercado, frente à igreja, os burros da raça mirandesa.

Saindo de Atenor pela EN221-2, após 3,9km, chega-se a **TEIXEIRA**, onde se impõe uma visita à Igreja Paroquial, do séc. XVI, com interessantes frescos da época da sua fundação. No ponto mais elevado, junto a um marco geodésico encontramos a Capela do Santo Cristo, donde se desfruta um belo panorama, para sul, sobre a Serra da Castanheira.

Com o avanço para noroeste, o planalto começa a adquirir alguma modelação, com pequenas encostas raramente arborizadas com sobreiros e que, na primavera, se cobrem de branco com mantos de estevas, pontuados por azinheiras. Nas proximidades da ribeira de Veigas, nas Aguçadeiras,



AEPGA

Burros de Miranda

A Associação para o Estudo e Proteção do Gado Asinino (AEPGA) tem por objeto social a proteção e promoção do gado asinino e, em particular, a raça autóctone de asininos da Terra de Miranda – o Burro de Miranda. O Burro de Miranda teve durante muito tempo um enorme valor e utilidade como animal de sela, de apoio nos trabalhos agrícolas e no transporte. Atualmente, a sua utilidade nestas áreas diminuiu com o avançar da mecanização agrícola e o abandono das práticas agrícolas tradicionais e urge encontrar outras utilizações para sustentar a sua recuperação.

Esta associação realiza diversos eventos e formações durante o ano com o intuito de promover e valorizar esta raça, demonstrando as diferentes utilidades que, atualmente, podem estar associadas a este animal, nomeadamente, o seu uso terapêutico (asino-medição e asinoterapia), pedagógico (programa de sensibilização ambiental) e lúdico (passeios de burro). Em linhas gerais, a AEPGA pretende, com as ações desenvolvidas a preservação e aproveitamento desta raça autóctone de forma, a preservar um património genético, ecológico e cultural único no nosso país.

visite o site



Em cima o “Palheirico”.
À esquerda, interior com frescos da igreja paroquial de Teixeira, séc. XVI.

TROÇO 4



Serra da Castanheira, vista para sul, a partir da aldeia de Teixeira.

em Vale de Espinheiros e em Vale de Palheiros, registam-se diversas insculpturas em afloramentos de xisto grauváquico, atribuíveis ao período neolítico. Numa paisagem marcada pela policultura, registando aqui e além a presença de sobreiros e freixos, que os tartaranhões amiúde sobrevoam, estende-se no horizonte a Serra de Mogadouro.

Regressando a Atenor pela EN221-2, a 500m desta localidade, encontramos uma derivação, para a esquerda,

A raça mirandesa

[visite o site](#)

Não está definitivamente esclarecida a origem da raça bovina mirandesa e as suas relações étnicas e filogénicas, admitindo-se que possa descender da raça fusca do planalto superior castelhano que deriva do tronco ibérico de um conjunto de raças europeias e que tem em comum a coloração castanha. O atual desenvolvimento das pesquisas com base no ADN poderá trazer uma nova luz a este assunto.

O seu berço é a Terra de Miranda, irradiando depois para a área correspondente à Terra Fria e à parte nascente da Terra Quente que, em conjunto, integram hoje o solar da raça mirandesa. Prefere os lameiros acima dos 500 metros de altitude, onde as pastagens têm uma composição florística própria.

Muito bem adaptada à rusticidade, com um instinto maternal muito desenvolvido, tem uma grande longevidade produtiva (em média 15 anos) e os seus produtos são de excelente qualidade.

E ainda, olhos de sapo, cornos delgados, focinho à perdigueira, cor castanha escura, pés de banco, garupa redonda, cu de padeira e martelada entre a olhadura.

À "Carne Mirandesa", pela sua excecional qualidade, foi atribuída uma "Denominação de Origem Protegida". É dela que se faz a célebre "Posta Mirandesa". Cortada da perna em nacos com a dimensão aproximada de uma palma de mão por uma mão travessa, é passada pela brasa com sal a gosto.



Com o objetivo principal da conservação e melhoramento genético dos bovinos de raça mirandesa, da valorização dos seus produtos e da valorização sócioeconómica dos seus criadores, foi criada a Associação dos Bovinos da Raça Mirandesa (www.mirandesa.pt) com sede em Malhadas e com uma moderna e bem equipada Unidade Industrial em Vimioso, para transformação e embalagem da carne.

TROÇO 4

que liga diretamente a **PALAÇOULO**. Merece a pena a visita a esta aldeia para uma boa oportunidade de adquirir uma navalha forjada artesanalmente pelos famosos cuteleiros que aqui exercem esta arte. Em Palaçoulo encontra-se uma das maiores bases industriais de Trás-os-Montes, a tanoaria e o mobiliário, que gozam de grande prestígio.

O regresso a Sendim poderá ser realizado através da EM569, passando por Prado Gatão, uma pequena aldeia de arquitetura tradicional..

Saindo de Sendim em direção a Mogadouro pela EN221, após 6,6 km, no lugar de Urrós Gare, junto à antiga estação ferroviária da linha do Sabor, tome a direção de Urrós e Bemposta e desvie, logo de seguida, para o centro de Urrós. Em **URRÓS**, aldeia aprazível que ainda mantém alguma interessante arquitetura tradicional, é possível visitar as ruínas da Capela de São Fagundo, um antigo templo medieval que ainda mantém intactos o portal frontal e o arco triunfal da capela-mor. Aqui poderá tomar um estradão de terra batida que o levará, por entre vinhas, oliveiras e amendoeiras, até às margens do Douro, para poder desfrutar de uma das mais belas vistas que este rio lhe oferece.

Regressando a Urrós, tome a estrada para **BEMPOSTA** e, após 5,8 km, chegará a esta antiga vila e sede de concelho, atual sede de freguesia. Não deixe de visitar a Igreja de S. Pedro, do séc. XII, e aproveite para conhecer o pelourinho, a ponte neoromânica ou as casas brasonadas, símbolos de um passado de prosperidade. Se lhe agradar, poderá ainda visitar, bem perto desta aldeia, a Barragem Hidroelétrica da Bemposta, construída nos anos 60.

A ligação a Algosinho faz-se através da EM596. O percurso atravessa o lugar de **LAMOSO** (a 2,5 km de Bemposta), pequena aldeia rural na margem esquerda da ribeira



Cutelaria de Palaçoulo em exposição.



Ruínas da Capela de S. Fagundo, em Urrós.



Frontão sobre porta de casa solarenga. À esquerda máscara do "Chocalheiro" de Bemposta e pelourinho de Bemposta.

TROÇO 4

4



Cascata da Faia d'Água Alta.



Interior da Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena, Tô.

Igreja de traço românico, com modilhões historiados sob a cornija do edifício, Algosinho.



do seu nome. Esta ribeira, em épocas de grande caudal, proporciona uma beleza impressionante ao precipitar-se de uma altura de 35 metros, por 10 metros de largura, do cimo de uma fraga, conhecida por "Faia d'Água Alta", onde se pode aceder por um percurso pedestre referenciado pelo Parque Natural do Douro Internacional.

Após Lamoso, percorrendo aproximadamente 2,4km, encontra uma derivação à direita, para Tô e, à esquerda, para Algosinho.

A freguesia de **TÔ**, situa-se na parte oriental do concelho de Mogadouro, não muito longe da fronteira espanhola. Dista treze quilómetros da sede do concelho. O seu povoamento inicial remonta à Pré-história. Do património edificado, destaca-se a Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena, situada no centro da freguesia. É uma das melhores igrejas deste concelho e uma das que se encontra em melhor estado de conservação. No seu interior, realça-se a capela-mor abobadada, com uma pintura do Santíssimo Sacramento no centro.

Retomando a EM596, após 3 km, chega-se à localidade de **ALGOSINHO**, aldeia histórica, assento de Templários, com ampla vista sobre as arribas do Douro, está situada em pleno Parque Natural do Douro Internacional. Do seu património destaca-se a igreja de traço românico, um dos mais belos exemplares do estilo românico do distrito de Bragança. Para além desta igreja é digno de referência o chamado "Castelo dos Mouros" ou do "Mau Vizinho".

Saindo de Algosinho em direção a Ventozelo, após 700m, a EM596 entronca com a EM595. Virando à esquerda no referido cruzamento, poderá visitar o centro da freguesia de **PEREDO DA BEMPOSTA**, cujo povoamento remonta a épocas muito antigas, como o comprovam os povoados pré-históricos do período do Neolítico aqui encontrados. Patrimonialmente, destaca-se a Igreja Matriz de Peredo, templo de características medievais do qual não se tem referência da época.





Vinha típica do planalto mirandês, em Tô.

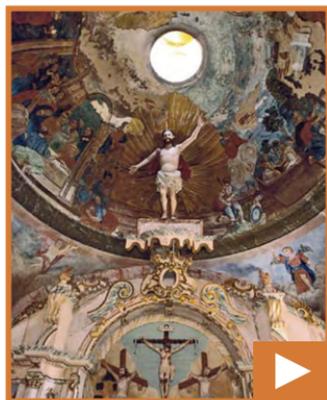
Retornando ao cruzamento da EM596 com a EM595, deverá virar à direita e, logo de seguida, à esquerda, para prosseguir em direção a **VENTOZELO**.

Nesta pequena povoação, dedicada à agricultura e à pecuária, merece bem uma visita a Capela do Senhor da Boa Morte com os seus belíssimos frescos do século XVIII, com figuras em tamanho real alusivas à "via sacra", revestindo as paredes e a abóbada. Esta capela foi mandada edificar pelos Távoras no final do século XVII. Dos vestígios mais antigos destacam-se a Fonte da Vila e as calçadas romanas.

De Ventozelo retomamos a estrada EM596 e, no cruzamento com a EM595, viramos à esquerda para, em pouco mais de 4km alcançarmos **VILARINHO DOS GALEGOS**.

Nesta aldeia existiu uma das maiores comunidades de judeus do Nordeste Transmontano que, durante séculos, se dedicou ao comércio entre Portugal e Espanha. Foi comenda dos Templários e, após a sua extinção, passou para a Ordem de Cristo. Do seu património merece especial destaque o Castro de Vilarinho dos Galegos, localizado num cabeço em esporão sobre o rio Douro que continua a ser alvo de prospeção arqueológica.

À saída de Vilarinho dos Galegos, onde termina o tecido urbano, apresenta-se uma via à esquerda que permite a ligação da EM595 à EM586, possibilitando deste modo um acesso a Bruçó e Meirinhos. Prosseguindo por essa via, após 6,5 km, junto ao entroncamento com a EM586, virando à esquerda, poderá visitar a aldeia de **BRUÇÓ**, perto das arribas do Douro e integrando a área do Parque Natural do Douro Internacional.



Frescos do séc. XVIII no interior da Capela do Senhor da Boa Morte, Ventozelo.

Castro de Vilarinho dos Galegos.



TROÇO 4



Paisagem das proximidades do Douro em Vilarinho dos Galegos.

A primeira referência escrita a Bruçó aparece no foral da vila de Bemposta, datado de 1512. Por aqui passavam os romeiros dos caminhos de Santiago e os almocreves, os quais deram o nome à ponte e a um caminho situados no termo da freguesia.



De mais antiga fundação, destaca-se a igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, perto da ermida de Santa Bárbara, rica em retábulos de talha e em imagens. Como património religioso serão ainda de referir as capelas do Divino Espírito Santo, de S. Sebastião e de Santa Bárbara.



Queijos de ovelha, Bruçó.

Destaque ainda para a presença do Castelo Velho de Bruçó, pequeno povoado fortificado da Idade do Ferro, assente no relevo terminal do planalto mirandês, na margem direita do rio Douro. Além dos significativos vestígios de



Solar dos Morais Pimentéis, Castelo Branco



TROÇO 4

4

um monumental torreão, é possível ainda observar-se um campo de pedras fincadas, um fosso e um troço preservado da antiga muralha, edificada com pedra granítica e com cerca de 1,80 m de largura, o que documenta a robustez e o investimento na conceção do complexo defensivo deste reduto.

Retornando à EM586, o visitante prossegue viagem em direção a Castelo Branco, até a via entroncar com a EN221, a qual permite ligação a Freixo de Espada à Cinta.



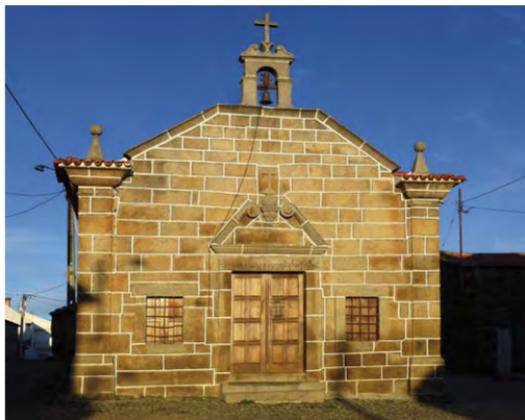
Igreja Matriz de Castelo Branco.

A aldeia de **CASTELO BRANCO**, já no limite oeste do Parque Natural do Douro Internacional, tem origens muito antigas, cujos vestígios arqueológicos levam a supor tratar-se de um castro "lusitano" num sítio chamado Cabeço dos Mouros, onde foi edificada uma capela que ainda hoje existe. Do seu património bastante rico merecem destaque: a Igreja Matriz, do séc. XVI, com interiores do séc. XVIII; o Solar dos Pimentéis, um dos mais elegantes edifícios do distrito de Bragança, com braço em granito de meados do séc. XVIII; a Capela de N. Sr^a da Vila Velha que se pensa resultar da cristianização de um antigo santuário.

De Castelo Branco prosseguimos para Meirinhos pela EN315, ao longo de cerca de 7,3km.

Neste percurso já abandonámos os granitos, que marcaram a paisagem desde Urrós, e acentuam-se os cultivos característicos do planalto mirandês, com oliveiras, cereais, alguma vinha e pastagens. De quando em quando algumas manchas florestais.

Capela em Meirinhos.



MEIRINHOS, situa-se na margem esquerda do rio Sabor, a cerca de 15km de Mogadouro, tem povoamento muito antigo, que remonta à Pré-história, e encontra-se referenciada em documentos do início do séc. XI.

A partir de Meirinhos, o acesso a Valverde faz-se através da EM593, que tem o seu início junto da rotunda da EN315 que se localiza no centro da freguesia de Meirinhos. O percurso atravessa o vale da ribeira de Castelo Branco, através da ponte de Meirinhos datada de 1677.

Chegados a **VALVERDE** podemos aproveitar para visitar a Igreja Paroquial de S. Sebastião, que data do século XVI, as Capelas de Santo António, do Divino Espírito Santo, de Santo



Arquitetura popular de Valverde.

André e de S. Francisco, que têm interesse do ponto de vista arquitetónico. Esta aldeia apresenta ainda alguns exemplares interessantes de arquitetura tradicional.

Saindo de Valverde e prosseguindo pela EM593, já próximo de Mogadouro, deparamo-nos com a imponente serra da Figueira, que sobressai da restante paisagem planáltica. Para além do seu miradouro, é de referir o povoado fortificado das Fragas de São Cristóvão, cuja implantação permite o controlo da zona terminal do planalto mirandês. O arqueólogo Francisco Sande Lemos refere neste local a existência de um sistema defensivo formado por duas linhas de muralha, de configuração adaptada aos afloramentos rochosos. O mesmo autor noticia ainda a recolha de alguns fragmentos de cerâmica atribuíveis a uma hipotética fase de transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

De Valverde seguimos para **MOGADOURO**, onde termina este troço.



Os cogumelos

Os cogumelos, tal como os conhecemos são a parte visível de um fungo oculto, o micélio, geralmente subterrâneo e que se constitui com seu aparelho reprodutor. Vivem da decomposição da matéria vegetal morta em associação simbiótica com as espécies arbóreas.

A imensa variedade destes macrofungos tem a ver com a diversidade e a natureza do coberto arbóreo a que se associam mas também, naturalmente, com as condições edafo-climáticas do local.

Aos extensos carvalhais, soutos e pinhais da Terra Fria estão associados diversos tipos de cogumelos úteis para outros fins, por exemplo, na indústria farmacêutica. A sua colheita constitui já um valor acrescentado com algum significado, na economia rural, designadamente dos cogumelos comestíveis, que são exportados em grande escala. Destes salientamos alguns de considerável valor económico como as pinheiras (*Lactarius deliciosus*), os tortulhos ou miscalos amarelos (*Tricholoma equestre*) e os boletos (*Boletus pinophilus*), nos pinhais, ou as amanitas dos Césares (*Amanita caesarea*), as carneiras (*Hydnum rufescens*), as línguas de vaca (*Fistulina hepatica*), os boletos (*Boletus reticulatus* e *Boletus edulis*) e os cantarelos (*Cantharellus cibarius*), nos soutos, castiçais, carvalhais e outros povoamentos de folhosas.



As amendoeirais em flor, no início de cada ano, pintam a paisagem de branco e rosa, atraindo à região inúmeros visitantes.

TROÇO 4



ALOJAMENTO

MIRANDA DO DOURO

Alojamento Local Gabriela
Largo da Igreja | 5225 Sendim
T. 273 739 180
gabriela-sendim@clix.pt

Alojamento Local Galego

Travessa 25 de abril, 4
5225-109 Sendim
T. 273 739 202

Hotel O Encontro **

Estrada Nacional 221
5225-103 Sendim
T. 273 738 050 | Fax 273 738 059
Tlm. 919 453 071
hrpontoencontro@mail.telepac.pt
www.hrencontro.pt

La Tenerie - Hotel Rural

Rue de la Frauga, 62
5225-102 Sendim
T. 273 738 006 | Fax 273 738 008
Tlm. 927 820 005 | 964 827 511
contactos@latenerie.net
www.latenerie.net

Curral de I Tiu Pino

Agroturismo - Enoturismo

Lagar de Vinho Primitivo
R. da Fragua
5225-102 Sendim
T. 273 739 679
Tlm. 937 650 529 | 935 066 973
reservas@curraldeltiupino.com
www.curraldeltiupino.com

MOGADOURO

Casa das Arribas

Cardal do Douro - Bemposta
5200-070 Bemposta
Tlm. 969 031 894 | 963 425 680
917 648 156
contacto@naturisnor.com
www.naturisnor.com

Terrassol

R. do Cimo de Vila | 5200-422 Tô
Tlm. 936 947 962
mmcrkunst@hotmail.com

Solar dos Marcos

R. Santa Cruz
5200 - 055 Bemposta
T. 279 578 084
Tlm. 932 552 732
reservas@solar-dos-marcos.com

Casa das Quintas

Turismo Rural

Quinta das Quebradas
5200-356 Castelo Branco
T. 279 599 435
Tlm. 966 776 015
info@casadasquintas.com
www.casadasquintas.com



RESTAURAÇÃO

MIRANDA DO DOURO

Restaurante Fonte Nova

Estrada Nacional
5225 Sendim
T. 273 739 037

Restaurante Gabriela

Largo da Igreja, 28
5225-106 Sendim
T. 273 739 180
gabriela-sendim@clix.pt

Restaurante Galego

Travessa 25 de abril, 4
5225-109 Sendim
T. 273 739 202

Restaurante La Tenerie

Rue de la Frauga, 62
5225-102 Sendim
T. 273 738 006 | 7
Tlm. 937 820 005 | 964 827 511
contactos@latenerie.net
www.latenerie.net

Restaurante O Encontro

Estrada Nacional 221
5225-103 Sendim
T. 273 738 050 | Fax 273 738 059
Tlm. 919 453 071
contactos@hrencontro.pt
www.hrencontro.pt

Restaurante Borela

R. da Fonte
5225-032 Palaçoulo
T. 273 459 192

Restaurante Nor-Imperial

Largo da Cruz, 18
5225-032 Palaçoulo
T. 273 459 347

O Moguilho

R. Caminho do Prado
5225 Sendim

MOGADOURO

Restaurante Sol e Mar

Largo de Santo Cristo, 1
5200 - 029 Bemposta
T. 279 579 134



SERVIÇOS

MIRANDA DO DOURO

Bombeiros Voluntários de Sendim

Av. do Ciclo Preparatório
5225-101 Sendim
T. 273 739 606

Guarda Nacional Republicana de Sendim

Rua Caminho do Prado, 134
5225-125 Sendim
T. 273 739 211

Piscina Municipal de Sendim

5225 Sendim
T. 273 739 048

Casa do Artesanato

Largo da Igreja
5225-106 Sendim
T. 273 739 184



**FESTAS
E ROMARIAS**

**MIRANDA DO DOURO
SENDIM**

S. Sebastião (junho), Sta Bárbara (2º domingo de agosto), Festival Intercéltico (1º fim de semana de agosto), Fogueira do Galo (24 de dezembro), Entrudo Tradicional e Dia da Vila (13 de julho).

São realizadas no segundo fim de semana de agosto as festas de Santa Bárbara. Todos os anos são nomeados novos mordomos de Santa Bárbara pelos seus antecessores, cabendo a eles organizar e angariar verbas através de petições, sorteios e fornecimento de serviços para a Festa do ano seguinte. Desde 1999 é realizado nesta vila anualmente no primeiro fim de semana de agosto o Festival Intercéltico de Sendim, festival que atrai milhares de pessoas apreciadoras de música folk.

TROÇO 4

ATENOR

Festas de Nossa Senhora das Candeias a 2 de fevereiro, de S. Brás a 3 de fevereiro, de S. Bartolomeu a 24 de fevereiro e de Stª Bárbara em agosto.

TEIXEIRA

Festa de S. Bartolomeu (24 de agosto) e Festa de S. Brás (3 de fevereiro).

PALAÇOULO

Palaçoulo: S. Sebastião (20 de janeiro); S. Miguel (8 de maio); N. Sra do Carrasco (15 de agosto); Sra Rosário (2 de setembro); Sta Bárbara, Festa dos Pauliteiros (20 de setembro ou no domingo a seguir).

MOGADOURO

BEMPOSTA

S. Pedro (29 de Junho), Nossa Sra dos Prazeres (2º domingo de agosto), Sta Bárbara (3º domingo de outubro) e Chocalheiro (dia 26 de dezembro e dia 1 de janeiro).

ALGOSINHO

S. João (24 de junho), Santo Cristo (1º domingo de agosto), Santa Bárbara (outubro), Santo António (13 de junho) e Santo André (30 de novembro).

VENTOZELO

Santa Cruz (1º domingo de maio), Santa Bárbara (15 de agosto) e S. Vicente (fim de semana mais próximo de 22 de janeiro).

VILARINHO DOS GALEGOS

Nossa Senhora das Necessidades (último domingo de maio), S. Miguel (29 de setembro), S. Bartolomeu (24 de agosto) e Santa Bárbara (4 de dezembro).

MEIRINHOS

Festas de Nossa Senhora de Fátima a 13 de maio, de Sto António em agosto (móvel), de S. Pedro a 29 de junho.

VALVERDE

Festas de Sto António no 2º sábado de agosto, da Sardinha no 1º sábado de agosto, de S. Sebastião a 20 de janeiro e de Stª Apolinário.

BRUÇÓ

Divino Espírito Santo (dia de Pentecostes), Santa Bárbara (3º fim de semana de agosto) e Festa dos Velhos (dia de Natal).

PEREDO DA BEMPOSTA

S. João (24 de junho), Santo Cristo (1º domingo de agosto), Santa Bárbara (outubro), Santo António (13 de junho) e Santo André (30 de novembro).

CASTELO BRANCO

S. Bernardino de Sena (20 de maio), Nossa Senhora da Assunção (12 de setembro), São Miguel (29 de setembro), Nossa Senhora de Fátima (13 de maio) e S. Lourenço (10 de agosto).

TÓ

Farandulo, Santo Menino ou Festa dos Rapazes (1º dia do ano), Santa Maria Madalena (22 de julho), Santa Bárbara (14 e 15 de agosto) e S. Cosme e S. Damião (27 de setembro).

URRÓS

Santa Bárbara (3º domingo de maio), Corpo de Deus (dia próprio) e S. Sebastião (3º domingo de agosto).

VALE DE PORCO

Festa do Chocalheiro e dos Velhos (25 de dezembro e 1 de janeiro).

Exibição dos Pauliteiros de Miranda.





TROÇO 5

Planalto mirandês.



ROTA
TROÇO A TROÇO

TROÇO 5



2 km

CASTRO VICENTE

MOGADOURO



► legendas do mapa

TROÇO 5 | Mogadouro – Algosó

MOGADOURO



Mogadouro situa-se na parte mais meridional da Terra Fria Transmontana, ocupando o prolongamento, para sul, do planalto mirandês. Em toda a faixa próxima do Douro dominam os granitos, alternando com algumas manchas de xistos e grauvaques. No restante território do concelho, já dominado por xistos e grauvaques, sobressaem afloramentos quartzíticos que, no seu conjunto, constituem as chamadas Serras de Mogadouro. Os solos, as características do clima e a atividade humana, assente na criação de gado e na policultura, com destaque para as culturas cerealíferas, atribuem à paisagem um manto de belíssimas colorações, que se modificam com as estações do ano.



O povoamento é antigo e recua aos tempos pré-históricos, estando documentado desde o IV milénio a.C.. A comprovar a sua antiga ocupação estão os povoados do Barrocal Alto e do Cunho, os monumentos megalíticos de Pena Mosqueira, Sanhoane, Barreiro e Modorra, a arte rupestre da Fraga da Letra em Penas Roias e outros achados dispersos, reunidos na Sala Museu de Arqueologia da Vila.



Testemunhos de épocas mais conturbadas são os sistemas defensivos da linha do Douro, no rio Sabor ou no Angueira, constituídos por pequenos castros fortificados com indícios de ocupação da Idade do Bronze, da Idade do Ferro ou da época romana.



Entretanto, a ocupação romana produziu alterações significativas na paisagem e na organização social e administrativa. Arrotearam os campos para o cultivo extensivo de cereais, fixaram-se em estruturas rurais organizadas, as villae, reforçaram estruturas já existentes, como deverá ter sido o caso dos castelos de Mogadouro e de Penas Roias, e romperam estradas que possibilitaram a ligação de Mogadouro a Asturica Augusta, atual Astorga, capital da Hispania Citerior a que pertenceria, então, o território do atual concelho de Mogadouro.

Peças da Sala Museu de Arqueologia em Mogadouro.

Salientamos, entre o espólio desta época, mas já no período final do império, em que o cristianismo seria a religião oficial, o curiosíssimo altar votivo da aldeia de Saldanha, decorado com inscrições em espinhas de peixe, simbolismo atribuído aos antigos cristãos. Neste altar, é de notar ainda a presença de suásticas circulares, que persistem desde a Idade do Ferro e estão também patentes em estelas funerárias que mencionam os Zoelas – povo que se estenderia desde as serras da Nogueira, Sanabria e Culebra até aos montes de Mogadouro.

Posteriores à queda do Império Romano, séc. V, constituem testemunhos dos novos invasores, provavelmente Suevos ou Visigodos, as necrópoles medievais de Algozinho e Urrós com os seus túmulos antropomórficos (séc. V – VIII).

A ocupação da península pelos árabes, a partir de 711, levou à fixação de uma significativa comunidade, maioritariamente berbere, no vale do Douro, onde permaneceu até à sua retirada maciça em meados do século IX. Muitos topónimos atestam ainda a importância desta presença, como será o caso de Macaduron que terá derivado para Mogadouro.

Castelo de Mogadouro

Em 1145, os castelos de Mogadouro e de Penas Róias foram doados aos Templários, por Fernão Mendes de Bragança, que realizaram, em 1166, uma reforma integral das estruturas existentes no castelo de Penas Róias e, na década seguinte, no castelo de Mogadouro.

Deste castelo conserva-se ainda a torre de menagem e alguns troços de muralha, sendo de construção mais recente a chamada "Torre do Relógio".

Em 1197, D. Sancho I trocou estes dois castelos por territórios raianos na Beira Baixa. No entanto, algumas décadas depois a vila é novamente mencionada como pertença da Ordem dos Templários e, com a extinção desta Ordem, em 1319, transitou para a Ordem de Cristo.



TROÇO 5

5



Monóptero de S. Gonçalo, na Quinta de Nogueira, pequeno santuário mandado construir pelos Távoras em honra de S. Gonçalo. Classificado como Imóvel de Interesse Público.

D. Afonso III concedeu o primeiro foral a Mogadouro em 1272 e renovou-o no ano seguinte. Em 1512, D. Manuel outorgou-lhe foral de novo. Em 20 de novembro de 1433, a Vila de Mogadouro é doada a Álvaro Pires de Távora passando a estar desde então, associada à família dos Távoras.

A nobre Família dos Távoras teve uma grande influência no desenvolvimento cultural e económico da vila, pois sendo seus senhores tudo fizeram nesse sentido. Proscritos do reino, confiscados seus bens e depurados nas pessoas, os Távoras desapareceram para sempre e Mogadouro ficou privado do desenvolvimento económico e cultural.

Portal da Quinta de Nogueira, no domínio dos Távoras. Em baixo: altar-mor da Igreja Matriz.



Igreja Matriz

Tendo como origem um simples templo românico de uma só nave, a atual igreja de três naves data dos finais do séc. XVI. De estilo maneirista, contém no seu interior belos retábulos de talha barroca do séc. XVIII. No altar-mor podemos ver um interessante retábulo de estilo rocaille pombalino, do séc. XVIII, que substituiu um retábulo maneirista do séc. XVII que se encontra atualmente na sacristia.

Igreja da Misericórdia

Esta igreja de estilo maneirista foi mandada construir por D. Luís Álvares de Távora, na sequência da fundação da Misericórdia de Mogadouro em 1559. É digno de destaque o portal encimado por um nicho com uma imagem representando a Pietá (Nossa Senhora da Piedade). O interior desta igreja merece também uma visita.

"Pietà" sobre o portal da igreja da Misericórdia.



Convento e Igreja de S. Francisco

O convento e a igreja de S. Francisco também foram mandados construir por D. Luís Álvares de Távora, em estilo maneirista de finais do séc. XVI. A fachada de três andares, da igreja, apresenta um frontão com nicho com a imagem do padroeiro. À esquerda a fachada da igreja é ladeada por uma bela torre do séc. XVII. No interior, de três naves, é de salientar o altar-mor com pinturas emolduradas pela talha dourada do retábulo, ao gosto italiano.

No antigo convento está atualmente instalada a Câmara Municipal.

Outros locais com interesse são ainda o Solar dos Pegados, o Miradouro de São Cristóvão e a Torre do Relógio de Sol.



TRINDADE COELHO

José Francisco Trindade Coelho, 1861 – 1908

Escritor de relevo, natural de Mogadouro, fez aqui a sua instrução primária com o apoio de dois padres em Estudos de Latim, base importante para a solidez da sua escrita e para a sua formação em Direito. Fez os estudos secundários no Porto e daqui partiu para Coimbra onde concluiu o curso de Direito. Deu explicações e colaborou em vários jornais. Ainda estudante casou e foi pai, agravando a sua já difícil situação económica.

Ao ter conhecido Camilo Castelo Branco, que o tinha em grande consideração, como pessoa e como escritor, recebeu deste o apoio fundamental que o ajudou a ingressar na magistratura, sendo colocado no Sabugal como Delegado do Procurador Régio. Ao longo de toda a sua carreira foi sempre considerado um magistrado de elevada craveira moral. Transferido para a comarca de Portalegre, fundou aí 2 jornais. Daqui foi transferido para Ovar e, mais tarde, para Lisboa, última etapa da sua carreira profissional.

Era um defensor de causas e um importante ativista pedagógico na democratização do ensino, tentando fazê-lo chegar até aos cidadãos, de que são exemplo as obras "Manual Político do Cidadão Português", o "ABC do Povo" ou o "Livro de Leitura". Continuou sempre a escrever em vários jornais a par com a produção de uma série de Folhetos para o Povo - "Parábola dos Sete Vimes", "Rimas à Nossa Terra", "Remédio contra a Usura", "Laos à Cidade de Bragança", "Cartilha do Povo" e "A Minha Candidatura por Mogadouro".

Da sua obra literária, deixou-nos, entre outros, "Os Meus Amores" (1891), a sua obra mais conhecida e "In Illo Tempore" (livro de memórias de Coimbra - 1902).

A desilusão com a sociedade do seu tempo acabou por levá-lo ao suicídio, na primavera de 1908.



TROÇO 5



Capela de Nossa Senhora do Caminho.
Em cima, jardim Trindade Coelho no centro da vila de Mogadouro. À esquerda, nicho com imagem de S. Sebastião.

Pejourinho de Mogadouro. À direita, biblioteca municipal de Mogadouro.





O percurso até Azinhoso é feito pela EN219, que liga Mogadouro a Vimioso. A sensivelmente 5km, na proximidade do acesso ao aeródromo municipal, apresenta-se um **desvio** para a direita que permite o acesso à aldeia de Azinhoso.

Neste percurso, sugere-se ao visitante um **desvio** até Castro Vicente. O acesso faz-se através da EN216, que se apresenta à saída de Mogadouro pela EN219.

O percurso de Mogadouro a Castro Vicente, pela EN216, apresenta um relevo ligeiramente ondulado em que na sua envolvência existe um mosaico agrícola composto por grandes áreas de culturas de sequeiro pontuadas por manchas de olival. Ao longo do percurso, depois de passar junto às localidades de Vale de Madre e Soutelo, acentua-se o declive da estrada, acompanhando o vale de uma ribeira até ao cabeço do Caro. Ao passar o cabeço, o percurso acompanha o vale do rio Sabor através de uma paisagem deslumbrante. Nas suas encostas, uma ocupação de imensos olivais, manchas de floresta climática de carvalho negral, sobreiro, azinheira e zimbreiro. Antes do percurso atravessar a ponte de Remondes é possível apreciar a beleza cromática das galerias ripícolas na confluência do rio Azibo com as águas do rio Sabor, com toda a sua diversidade florestal. Ao atravessar aquela ponte, podemos desfrutar de todo o panorama a montante e a jusante.

Ainda pela EN216, subindo a encosta do vale do Azibo, a paisagem mantém a mesma variedade de textura e cor, em que o carvalho cerquinho (*Ssp. broteroi*) se mistura, em rara consociação, com o sobreiro, participando tanto na floresta como na galeria ripícola.

Aspetto do vale do Sabor no caminho para Castro Vicente.

Carvalho cerquinho na margem direita do rio Sabor.



TROÇO 5



Pelourinho de Castro Vicente.

Quando o percurso sai da EN216 e entra na EM1158, encontra-se nesse cruzamento uma pedra, e a partir daqui o relevo apresenta-se mais uma vez de carácter ondulado, com uma presença marcante de ocupação agrícola, composta por grandes áreas de olival, culturas de sequeiro, vinha e campos de pousio. Após atravessar a localidade de Porrais, o percurso chega a Castro Vicente.

CASTRO VICENTE é uma das mais importantes freguesias do Concelho, foi vila e sede de concelho e mereceu a atenção dos monarcas portugueses ao longo dos séculos. O seu povoamento é muito remoto. O próprio nome da freguesia transporta-nos para a existência, em tempos antigos, de um reduto castrejo, que se encontrava muito perto da freguesia. A Capela do Senhor da Fraga, por seu lado, que foi inicialmente a Igreja Matriz de Castro Vicente, está edificada sobre vestígios de muralhas.

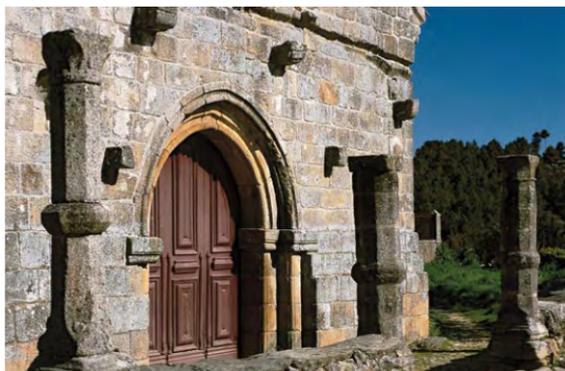
Castro Vicente foi doado por D. Fernando, no século XIV, a alguns elementos da nobreza da Galiza que o apoiaram nas lutas contra Castela.

Recebeu foral de D. Dinis a 3 de dezembro de 1305 e foral novo, de D. Manuel, a 1 de junho de 1510. O concelho acabaria por ser extinto depois da reorganização administrativa do país em 1836. Passou então para o concelho de Chacim, em 1853 para o de Alfândega da Fé e dois anos depois para o de Mogadouro. Eram seus donatários os Marqueses de Távora, cujo património lhes foi subtraído em 1759.

Do ponto de vista patrimonial, destaca-se a Igreja Matriz, o pelourinho como símbolo da anterior autonomia administrativa, podendo ver-se numa das faces o escudo com as armas de Portugal e as Capelas de Santa Luzia, de S. Gonçalo, de Nossa Senhora de Fátima e do Santo Cristo.



Paisagem florestal no caminho para Castro Vicente.



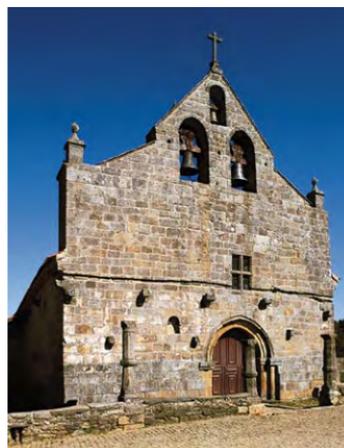
Se tiver curiosidade em conhecer uma das muitas belíssimas lendas amorosas de Trás-os-Montes, que decorre no séc. VIII e em que são protagonistas mouros e cristãos, pesquise na internet a Lenda de Castro Vicente.

Depois de visitar Castro Vicente, regressamos a Mogadouro pelo percurso inverso, pela N216 e, já perto de Mogadouro, no cruzamento, tomamos a N219, em direção a Azinhoso e, depois de percorrer cerca de 5km, encontramos à nossa direita o desvio para Azinhoso.

AZINHOSO chegou a ser vila e sede de concelho, com grande importância, mesmo à escala nacional. A povoação recebeu foral de D. João I em 1386, dado após a permanência do monarca nas Eiras de El-Rei.

D. Manuel outorgou-lhe foral novo em 1520, na sequência do qual se terá erguido o pelourinho, último testemunho da antiga autonomia municipal. Em 1647 foram fundados Misericórdia e Hospital, que atestam a importância que Azinhoso então detinha. O seu nome deriva da remota existência de azinheiras (Azinoso nas Inquirições de 1258), localmente conhecidas por carrascos.

Em Azinhoso poderá visitar vários monumentos e locais de interesse, como a Capela de Nossa Senhora da Saúde, a ponte romana, as ruínas do "Castro dos Mouros", a fonte de mergulho, alminhas, os moinhos de água da Ribeira de Bastelos, a albufeira da Barragem de Bastelos e a praia fluvial com parque de merendas. De destacar será o Museu de Arte Sacra, com exposição permanente na Capela da Misericórdia, adossada à Igreja Paroquial de Azinhoso. A primitiva igreja terá sido erguida no séc. XII mas, a atual construção é maioritariamente dos finais do séc. XIII e início do séc. XIV. Posteriormente, já no séc. XVII, foi alvo de um novo trabalho de reconstrução que abarcou o evangelho,



Igreja Matriz de Azinhoso.

Pelourinho de Azinhoso.



TROÇO 5



a tela da sacristia e ainda, provavelmente, o coro alto e a pia batismal. Deste período será também a construção da referida Capela da Misericórdia. No interior da igreja, poderá ainda apreciar um belo fresco, em bom estado de conservação.

Retomando a EN219 em direção a Vimioso, após 2,3km apresenta-se uma derivação à direita, através da EM600-3, para Penas Roias. No percurso o visitante poderá usufruir de uma área de lazer, com parque de merendas junto à barragem de Penas Roias.

Penas Roias. **PENAS ROIAS** foi vila e sede de concelho, pertenceu à Coroa até inícios do século XIII e foi doada, pela mão de D. Sancho I, à Ordem dos Templários.

Do ponto de vista patrimonial, destaque para o Castelo de Penas Roias que apresenta duas fases distintas de ocupação. A primeira é da Pré-História recente, provavelmente Calcolítico e/ou Idade do Bronze, sob a possível forma de povoado fortificado, embora não sejam visíveis quaisquer indícios. A segunda fase é a do castelo medieval. O início da construção do Castelo de Penas Roias datará de 1172 ou 1181 - segundo interpretação de Mário J. Barroca da inscrição gravada no lintel e ombreira da porta da Torre de Menagem - por iniciativa da Ordem do

Sobre o topónimo Penas Roias

Em céltico P, "pen" significa cabeça, mas também morro ou elevação; para português derivou, nuns casos para "Pena", como nos topónimos Ribeira de Pena, Penacova, Penamacor, Penedono, etc., e no substantivo peneplanície; noutros casos derivou para "penha", como em Penha Garcia, Penhas da Saúde, etc., e no substantivo penhasco. Em português antigo, assim como em algumas línguas atuais, o j lê-se como i, como j ou, como no caso do castelhano, com um som gutural aspirado. Em castelhano, "Rojas" significa vermelhas. Atribuindo ao j o som de i teremos "Royas", em português do séc. XVI, ou "Roias", como se escreve atualmente. Ora, a elevação onde se situa Penas Roias é um afloramento quartzítico com xistos e grauwagues, com grande percentagem de óxido de ferro, que lhe atribui uma coloração avermelhada, donde o nome de Penas Roias - morros ou elevações vermelhas.



5

Templo. Em 1197, D. Sancho I, como agradecimento pelos serviços prestados pela Ordem do Templo, doa-lhe a vila de Idanha-a-Velha e em troca recebe os castelos e as igrejas de Penas Roias e Mogadouro. Do castelo subsiste apenas a torre de menagem de planta em losango, os restos de um cubelo circular que integrava o castelejo e alguns troços da muralha deste a nascente.

Para além do castelo, são dignos de visita a Fraga do Castelo, onde se situa a "Fraga da Letra" com pinturas rupestres, contemporâneas do primeiro povoado fortificado; a Igreja Paroquial de Penas Roias ou de São João Batista, da Baixa Idade Média, a Capela da Misericórdia de Penas Roias, a Capela de Santa Cruz, o pelourinho e os fontanários.

Retomando a EM600-2, o percurso segue em direção a Vilarça e São Martinho do Peso.

Se quiser desfrutar de um magnífico panorama sobre o Planalto Mirandês, o vale do Douro e o vale do Sabor, faça um desvio pela EM600-3 e suba até ao alto da Serra da Castanheira seguindo as indicações para a capela de Nossa Senhora da Assunção.

Ao percorrer a EM600-2 acabará por entroncar na EM600, onde a serra da Castanheira se apresenta de frente para o visitante. Rumando a norte, após 4km, o visitante chega à localidade de São Martinho do Peso.



Inscrições rupestres da Fraga da Letra em Penas Roias.

Capela de Nossa Senhora da Assunção.



TROÇO 5

5



Paisagem com coberto muito diversificado de carvalho cerquinho, sobreiro, castanheiro, oliveiras e pinheiro bravo, em São Martinho do Peso.

SÃO MARTINHO DO PESO tem origem romana, pois segundo o Dr. António Mourinho o nome da freguesia vem da antiga Villa "Pesis Samorana", como o demonstram os vários artefactos encontrados nos antigos povoados aqui existentes. Foi uma abadia de apresentação dos Marqueses de Távora, passando em 1759 para o padroado real.

Alguns locais de interesse a visitar serão as Fragas da Pena da Cruz, o Cabeço do Salborinho em Macedo do Peso, a praia natural do Muro no rio Angueira e a ponte Gamona - caminho de terra a partir da

aldeia do Peso, sobre a ribeira do Peso. Prosseguindo pela EM600, após 1,6km, a via entronca na EN219, seguindo a direção de Vimioso. Aqui, a paisagem apresenta uma feição mais mediterrânica, com olivais, sobreiro em montado e, aqui e ali, carvalhos cerquinhos (o "carvalho português"). Estamos já aqui sob a influência climática do vale do Sabor e dos seus afluentes Angueira e Maçãs. Ao percorrer aproximadamente 5 km na EN219, existe uma ponte que atravessa o vale estreito e declivoso do rio Angueira, onde se pode observar os contrastes de cores do vale, a antiga ponte e no cume da montanha rochosa o Castelo de Algosó. Nesta paisagem avassaladora termina o Troço 5.

Castelo de Algosó visto a partir da zona de Valcerto.





TROÇO 5

MOGADOURO



ALOJAMENTO

Hotel Turismo Trindade Coelho

Largo Trindade Coelho
5200 – 213 Mogadouro
T. 279 340 010
Fax 279 340 011
contacto@
hoteltrindadecoelho.com
www.hoteltrindadecoelho.com

**Morada Turística
Casa das Águas Férreas**

Estrada Nacional, 221
5200 – 208 Mogadouro
T. 279 341 085
Fax 279 341 085
casadasaguasferreas@sapo.pt
www.casadasaguasferreas.com

Residencial 2000

R. de Ploumagoar
5200 – 000 Mogadouro
T. 279 343 007
Tlm. 964 347 453

Residencial A Lareira

Av. N. Sra. do Caminho, 58-62
5200-207 Mogadouro
T. 279 342 363

Residencial Gomes

Estrada Nacional 221
(Urrós-Gare)
5200-452 Mogadouro
T. 279 579 106

Residencial Belo Horizonte

R. das Eiras, 68
5200-235 Mogadouro
T. 279 342 717
Tlm. 919 248 564

Residencial Estrela do Norte

Av. de Espanha, 65
5200 – 203 Mogadouro
T. 279 340 050
estreladonorte65@hotmail.com

Residencial Dias

R. Capitão Cruz, 34
5200 – 222 Mogadouro
T. 279 341 560

Pensão Russo

R. 15 de outubro, 10
5200 – 217 Mogadouro
T. 279 342 134

Residencial Davim

Av. N. Senhora do Caminho
5200 – 207 Mogadouro
T. 279 342 771

Residencial São Pedro

R. das Eiras, 46
5200-235 Mogadouro
T. 279 343 402

Parque de Campismo

R. Complexo Desportivo Municipal
5200-244 Mogadouro
T. 279 340 231
Tlm. 936 989 202



RESTAURAÇÃO

Café Bacos Bar

R. das Eiras, 104
5200-235 Mogadouro
T. 279 343 450

Churrascaria Milénio

Av. N. Sra. do Caminho, 98
5200 – 233 Mogadouro
T. 279 341 679

Churrascaria Ideal

Av. do Sabor
5200 Mogadouro
T. 279 342 429

Paladares de Sempre

Praça Eng. Duarte Pacheco
5200-212 Mogadouro
T. 279 343 163
Tlm. 939 362 862

Pizza Xoi

Intermarché
5200-202 Mogadouro
T. 279 342 011

Restaurante Estoril

R. da República, 61
5200 – 233 Mogadouro
T. 279 342 793

Restaurante 2000

R. de Ploumagoar
5200 – 000 Mogadouro
T. 279 343 007
rrestaurante2mil@sapo.pt

Restaurante Europeu

Av. do Sabor, Lote 5, 1º A
5200 – 288 Mogadouro
T. 279 343 891
Tlm. 938 114 277

Restaurante A Lareira

Av. N. Sra. do Caminho, 58
5200 – 207 Mogadouro
T. 279 342 363
www.restaurantealareira.com

Restaurante Kalifa-Ok

R. da República, 18
5200 – 233 Mogadouro
T. 279 342 115

Restaurante Gomes

Estrada Nacional 221
(Urrós-Gare)
5200 – 452 Mogadouro
T. 279 579 106
Tlm. 933 237 736

Restaurante Primavera

R. das Sortes
5200 – 222 Mogadouro
T. 279 341 285
Tlm. 932 341 285
manuel.primavera@hotmail.com

Restaurante O Cantinho

R. Dr. Altino Pimentel
5200 – 267 Mogadouro
T. 279 107 977
Tlm. 938 317 214
gfp@portugalmail.com

Restaurante Campos

R. das Sortes, 28
5200 – 253 Mogadouro
T. 279 343 231
Tlm. 968 892 897
www.restaurantecampos.net

Restaurante a Tasquinha

Av. do Sabor, 4
5200 – 204 Mogadouro
T. 279 342 654
www.atasquinha.mogadouro.net

Restaurante Rolima

Av. de Espanha, 27
5200 – 203 Mogadouro
T. 279 342 732

Restaurante Russo

R. 15 de outubro, 10
5200 – 217 Mogadouro
T. 279 342 134
Tlm. 966 879 932

Restaurante Transmontano

Av. do Sabor
5200 – 204 Mogadouro
T. 279 343 257

Restaurante São Pedro
R. das Eiras, 46
5200-235 Mogadouro
T. 279 343 402

Restaurante o Turismo
R. de Santa Marinha
5200 - 241 Mogadouro
T. 935 177 544

Snack Bar Copa Cabana
R. Santa Margarida
5200 - 240 Mogadouro
T. 279 343 647



SERVIÇOS

Câmara Municipal de Mogadouro
Largo Convento S. Francisco
5200-244 Mogadouro
T. 279 340 100
Fax 279 341 874
geral@mogadouro.pt
www.mogadouro.pt

Posto de Turismo Casa das Artes e Ofícios
Av. dos Comandos
5200-206 Mogadouro
T. 279 340 501
turismo@mogadouro.pt

Casa das Artes e Ofícios
Av. dos Comandos
5200-206 Mogadouro
T. 279 340 500

Biblioteca Municipal Trindade Coelho
R. dos Bombeiros Voluntários
5200-264 Mogadouro
T. 279 340 700
bmtc@mogadouro.pt

Museu de Arqueologia
R. D. Afonso II
5200-262 Mogadouro
T. 279 340 100
museu@mogadouro.pt
http://mogadouro.pt/cultura-mogadouro/museu

Casa da Cultura
R. das Eiras
5200-235 Mogadouro
T. 279 343 043

Centro de Saúde de Mogadouro
R. Congregação S. Vicente de Paulo, 136
5200-207 Mogadouro
T. 279 340 300

Cruz Vermelha Portuguesa
Av. N. Senhora do Caminho
5200- 207 Mogadouro
T. 279 341 863

Guarda Nacional Republicana de Mogadouro
Av. de Espanha (antiga EN221)
5200-203 Mogadouro
T. 279 340 210

Serviço Municipal de Proteção Civil
Largo Convento S. Francisco
5200-244 Mogadouro
T. 279 341 272
Tlm. 935 565 651

Bombeiros Voluntários de Mogadouro
Av. dos Comandos
5200-206 Mogadouro
T. 279 340 020

CTT
Largo Trindade Coelho
5230-999 Mogadouro
T. 279 345 160

Complexo Desportivo Municipal
Complexo Desportivo Municipal
5200-244 Mogadouro
T. 279 340 100

Museu de Arte Sacra da Igreja Paroquial de Azinhoso
Largo da Igreja
5200-010 Azinhoso
T. 279 342 221 (Contacto da Junta de Freguesia)

Parque Natural do Douro Internacional (PNDI)
Av. do Sabor, 49 - 1º
5200-204 Mogadouro
T/F. 279 341 596
pndi@icnf.pt



FESTAS E ROMARIAS

MOGADOURO
Festa de São Cristóvão (Figueira) em junho; Nossa Senhora do Caminho no último domingo de agosto; Santa Ana no segundo domingo de julho; Senhor dos Passos de 2 em 2 anos no domingo de Lázaro (Paixão); S. Mamede em junho; Santo Amaro (Zava) no último domingo de janeiro.

AZINHOSO
Festas de Stª Bárbara no 2º domingo de agosto, de Nossa Senhora do Carrasco no 1º domingo de maio, de Nossa Senhora da Natividade a 8 de setembro, de Nossa Senhora de Fátima no 2º domingo de maio e Festa de Sampaio em agosto.

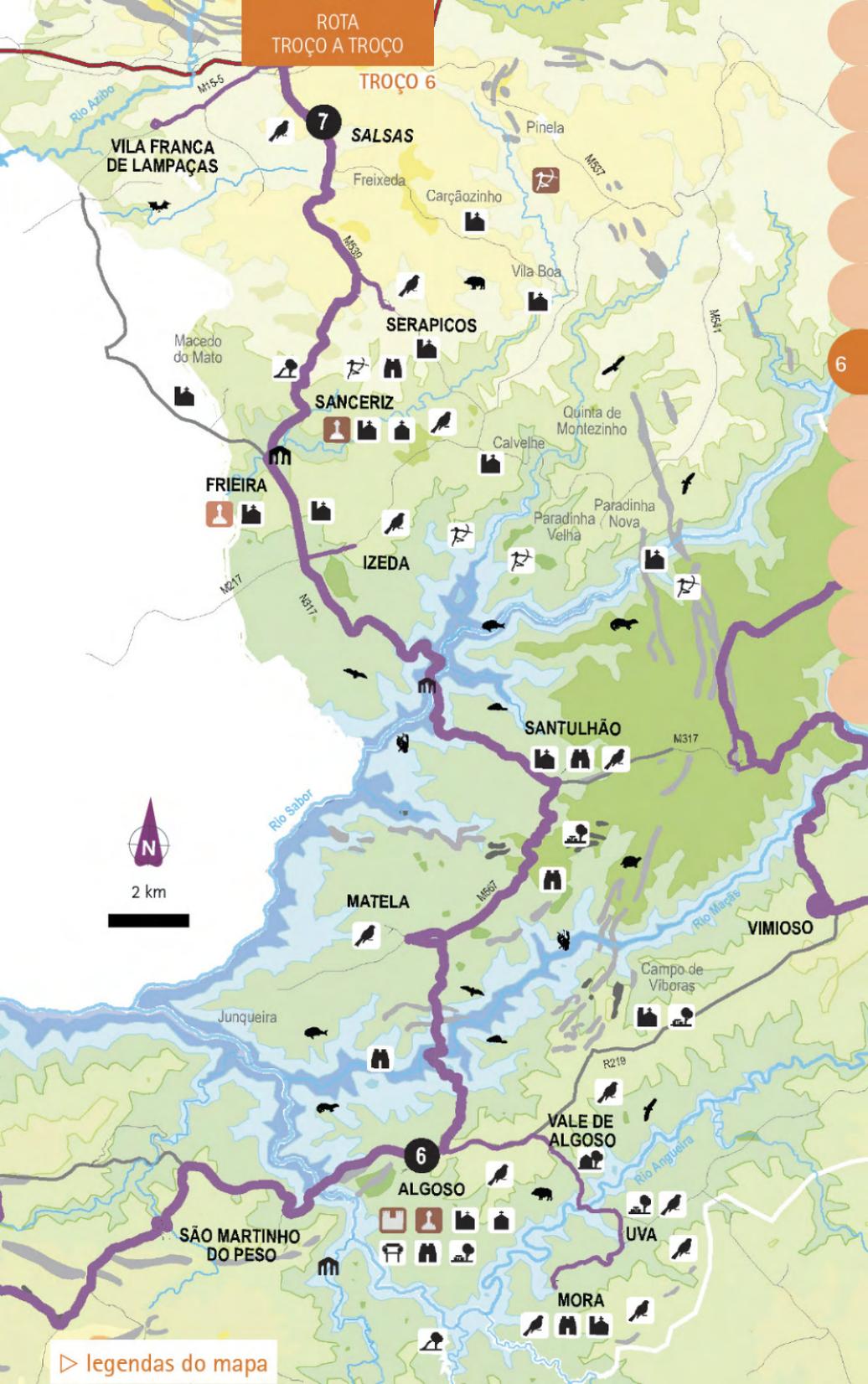
PENAS ROIAS
S. João (24 de junho), Santa Catarina (móvel - agosto), Santo Antão (17 de janeiro), Santa Bárbara (3º domingo de agosto), Santa Eufémia (último domingo de setembro), Festa do Menino Jesus (1º de janeiro).

SÃO MARTINHO DO PESO
Senhor dos Aflitos (móvel - maio), S. Martinho (11 de novembro), S. Bartolomeu (24 de agosto), S. Matias (23 de fevereiro), S. Sebastião (1º domingo de agosto), Sta Bárbara (1º domingo de setembro) e Festa do Ramo (domingo gordo).

CASTRO VICENTE
Divino Senhor da Fraga (3º domingo de agosto), S. Sebastião (20 de janeiro), S. Gonçalo (último domingo de janeiro) e Santa Luzia (agosto).



TROÇO 6



TROÇO 6 | Algozo – Salsas

6



Vale do Angueira, ponte românica e castelo de Algozo.

O Troço 6 inicia-se na antiga vila transmontana de **ALGOZO**, que foi sede de concelho até 1855, ano em que foi extinto e incorporado no município de Vimioso. A doze quilómetros da sede do concelho, é uma das mais importantes freguesias, delimitando Vimioso do vizinho município de Mogadouro. O Castelo de Algozo tem uma vasta história de ocupação, iniciada na Idade do Bronze e terminada na Idade Moderna. Classificado como Imóvel de Interesse Público, começou por ser construído devido às excelentes condições estratégicas e de defesa de que usufruía. O pequeno castelo surge no alto do Monte da Penenciada, um cabeço penhascoso que se despenha quase a pique, a mais

Castelo de Algozo.



de 600 metros, sobre o Rio Angueira, que por sua vez vai confluír a oeste com o Maçãs. O aglomerado implanta-se a norte do castelo de Algozo, sobre o festo planáltico do interflúvio Angueira/ /Maçãs.

Também numa outra proeminência, conhecida por Cabeço dos Moiros, mais a sul, junto ao Angueira, há vestígios de um outro povoado fortificado, com sistema defensivo composto por duas linhas de muralha, conhecido por castelo dos Mouros de Algozo.

O núcleo primitivo da aldeia, de estrutura orgânica e ocupação densa, desenvolve-se na envolvente da Igreja Matriz, estendendo-se para norte ao longo dos acessos do aglomerado.

À entrada de Algozo tem à esquerda o cabeço da Forca, onde se erguia o instrumento de suplicio no tempo em que esta vila detinha ainda a jurisdição do crime. Neste cabeço tinha tido assento uma fortificação alti-medieval, que precedeu o atual castelo, edificado em posição sobranceira.

Percorra a vila com atenção. Conheça os antigos Paços do Concelho, o pelourinho manuelino, a Fonte Santa e sobretudo a Igreja Matriz encimada pela cruz dos Cavaleiros de Malta. No interior desta igreja conservam-se ainda muitos outros símbolos da Ordem dos Cavaleiros de Malta, que administraram as rendas da Comenda.



Antigos Paços do Concelho e pelourinho de Algozo.



Capela de São João Batista, de estilo maneirista, com uma construção, adossada à direita, que alberga uma fonte de mergulho que se desenvolve por baixo da igreja – alusão ao batismo.

Depois suba ao castelo, recrie na sua imaginação o rosário de contendas e escaramuças que nesse palco tiveram lugar, séculos a fio, vezes sem conta, entre

portugueses e castelhanos e dê uma mirada em redor – lá em baixo, bem no fundo, uma ponte românica sobre o Angueira era então a única ligação possível entre esta fortaleza e

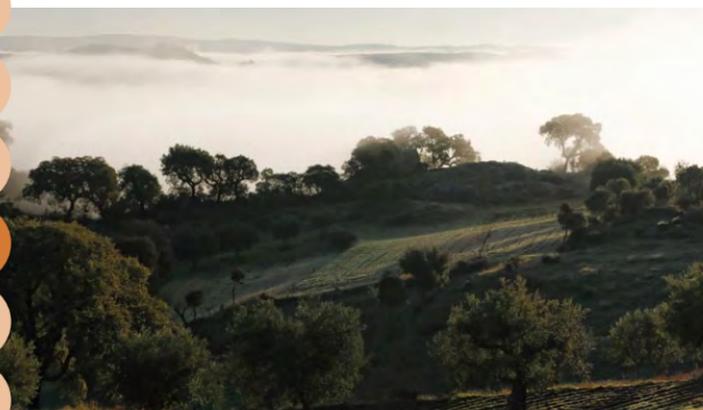


Portal e retábulo das almas na Igreja Matriz de Algozo.



TROÇO 6

6



Sobreiros em Valcerto, margem esquerda do rio Angueira.

Algoço, Uva e Mora, permitindo igualmente fazer a ligação ao início do Troço 4, passando pelas localidades de Teixeira e Atenor. O acesso faz-se através da EN219, em direção a Vimioso. Após 3 km, apresenta-se uma derivação à direita para o CM1119, o qual atravessa as referidas localidades.

A primeira localidade é **VALE DE ALGOÇO**, que se desenvolve numa encosta suave, ao longo de uma linha de água afluente do rio Angueira. A área envolvente é ocupada por culturas agrícolas, junto à linha de água com hortas e quintais compartimentados com muros de xisto.

Saindo de Vale de Algoço em direção a Uva, a estrada desce até ao rio Angueira, onde se criou uma zona de lazer para apoio à praia fluvial, que rivaliza com uma outra, situada a montante, num afluente deste rio em Vila Chã da Ribeira. Existem várias culturas de sequeiro extensivo de cereal e pousio/pastagem. Destaca-se a presença de povoaamentos de azinheira, zimbro e sobreiro nos vales das linhas de água.

Praia fluvial com parque de merendas, no Rio Angueira, a caminho de Uva.





UVA caracteriza-se por ser um aglomerado de pequena dimensão, implantado nas margens da ribeira das Fragas, subsidiária do rio Angueira na margem esquerda, que se distribui, subindo por ambas as encostas do pequeno talvegue, apoiado numa estrutura adaptada àquela morfologia. A ocupação é concentrada e marcada pela presença de exemplares de arquitetura popular tradicional, erguidos em pedra miúda de xisto, de cor parda. Os pombais possuem elevada expressão na paisagem, contando-se aqui mais de trinta exemplares, alguns dos quais já recuperados.

Pombais em Uva.

O **desvio** prossegue em direção a Mora, descendo por um vale formado por um afluente do rio Angueira. A vegetação ripícola marca distintamente o local, munido de elevado valor ecológico. Destacam-se algumas culturas cerealíferas de inverno e pousio/pastagem durante o verão. Existem ainda vários olivais, plantados recentemente.

MORA constitui um aglomerado disposto ao longo de uma encosta suave voltada para nascente, recortada pelos afluentes do ribeiro do Cardal. A área envolvente é retalhada por várias culturas agrícolas (hortas junto às habitações), culturas de cereal e de regadio (milho e batata), interrompidas por matos (giesta, esteva e azinheira), que lhe conferem uma variação cromática ao longo das várias épocas do ano.

A partir deste ponto poderá optar por seguir até ao início da Rota 4, em Sendim, e daí prosseguir para Miranda ou para Mogadouro, ou pode regressar fazendo o sentido inverso na direção de Algosó, virando à esquerda quando encontrar a EN219. Percorridos uma centena de metros, tome a estrada nova à direita, com placa assinalando Matela.



Igreja Matriz de Mora.



TROÇO 6



Arquitetura tradicional em Santulhão.



Quando passar a nova ponte sobre o Maçãs lembre-se que ainda há bem pouco tempo este percurso se fazia pela estrada velha, cruzando o rio numa velha ponte românica inteiramente construída em xisto.

MATELA fica no interflúvio Maçãs-Sabor, numa rica área cinegética, com abundância de coelhos, lebres e perdizes e dos montados e olivedos

não é raro descer aos lameiros algum fugaz javali. A estrada continua agora para **SANTULHÃO**, um povoado pequeno com notas interessantes de arquitetura tradicional e segue depois para Izeda. Quando alcançar o grande viaduto do Sabor pare e desça a pé até à antiga ponte que lhe fica muito próxima, a jusante. Setecentos anos mais velha conserva ainda a sua estrutura de cavalete sobre três arcos de volta inteira, tipicamente medieval. Trutas, bogas, escalos, lúcius e góbios pescam-se aqui, em ambas as margens do rio.

O rio Sabor estabelece imemorialmente a fronteira entre Vimioso e Bragança. Transposto o rio e já neste concelho, inicia-se a íngreme subida pontuada de exemplares seculares de sobreiro, vencendo a encosta que contorna o Castelo, reminiscência de antigo povoado fortificado proto-histórico (comumente designado Castelo de Izeda) e entra-se de novo em área planáltica com pastagens e olivais cada vez mais extensos e regulares.

Viaduto sobre o rio Sabor.





TROÇO 6



O azeite – A oliveira é uma das mais antigas referências documentadas. Uma pomba com um ramo de oliveira no bico anunciou a bonança depois do dilúvio. Trazida para a Península pelos fenícios e gregos, a esta região deve ter chegado mais tarde, já pela mão dos romanos, com a generalização da produção do azeite.

Esta espécie prefere terrenos secos e rochosos e o clima mediterrânico, adaptando-se bem às pendentes marginais dos cursos de água que se encaminham para o Douro, na transição da Terra Quente para a Terra Fria, designadamente em **SANTULHÃO**, que deu o nome a uma variedade local de azeitona – a santulhana,

e em Lampaças, nas imediações de **IZEDA**, onde se desenvolvem extensos olivais com um rigoroso ritmo de plantio. Já nas encostas mais agrestes a plantação é feita ao covacho, emergindo cada árvore de uma caldeira murada que a protege. O efeito na paisagem deste metucioso trabalho é surpreendente.

As azeitonas são colhidas pelo inverno por sacudimento mecânico ou por varejamento quando se pretende um azeite de melhor qualidade. Depois são lavadas, trituradas e prensadas no lagar, recolhendo-se o azeite. Curtidas em salmoura com a drupa desenvolvida ou descarçoada para alcaparras, são também um complemento importante da gastronomia transmontana.

O azeite de Trás-os-Montes está inscrito desde 1996 no registo comunitário das denominações de origem. O de Izeda é de primeira qualidade.

Ovelhas da raça amarela na zona de Izeda. Em baixo, extensos olivais entre Izeda e o rio Sabor.



IZEDA, elevada a vila em 1990, é a mais importante povoação do concelho de Bragança depois da própria sede, com equipamentos e serviços variados e até um importante estabelecimento prisional.

Como é região oleícola de tradições bem firmadas, visite o Núcleo Museológico de Izeda.

Deixando Izeda, o itinerário prossegue ainda em vasta planura, onde predominam os olivais e lameiros ordenados por renques de caducifólias, na sua maioria freixos. Depois desce suavemente à Ribeira de Vilalva a caminho de Macedo do Mato, mas num curto **desvio** à direita conduz





a **FRIEIRA**, um pequeno povoado sobre o mesmo curso de água, que em tempos recuados gozou os privilégios de foro municipal, como ostenta o pelourinho, que se mantém incólume, perto da igreja. Nesta aldeia, que conserva ainda em razoável estado o seu casco antigo edificado em xisto, sobressai, logo à entrada, uma curiosa ponte medieval de cinco lumes. É deste bucólico cenário sobre a ribeira de Vilalva que se vai para **SANCERIZ**, cabeça de mais um concelho extinto, com foral de 1285 e também ainda com o seu pelourinho.

Para seguir a Rota há que virar à esquerda para o Santuário de Nossa Senhora do Aviso, uma pequena capela barroca que culmina os Passos da Paixão, local de grande devoção popular como o ostentam os seus quartéis de romagem. Daqui se desfrutam excelentes panorâmicas sobre as planuras de Izeda.



Núcleo Museológico de Izeda.
À esquerda, Igreja Matriz de Izeda.



Olival em Frieira.



TROÇO 6

6



Pelourinho e ponte medieval, Frieira.



A partir do Santuário a via estreita e depois bifurca. A Rota segue à esquerda para Salsas, mas à direita, a curta distância, a aldeia de **SERAPICOS**, conhecida pela excelente qualidade da sua Castanha Tradicional Longal, convida a uma visita.

Por terras de pastoreio, onde o castanheiro se começa a afirmar, descemos do planalto por entre lameiros e o panorama alarga-se à vista do vale, com a serra da Nogueira em fundo. Alcançamos, então, **SALSAS** onde se esgota o sexto Troço da Rota.

Ovelhas em souto de castanheiros novos.





ALOJAMENTO

VIMIOSO

Albergaria Ascensão

Estrada Nacional 219
5230-010 Algoço
T. 273 569 223
Tlm. 965 558 497
Fax 273 569 277
www.albergariaascencaio.pt

Casa dos Pimentéis

Vale de Algoço
5230 Vale de Algoço
T. 273 569 269
Tlm. 964 480 692
pimentel@casadospimenteis.
online.pt

Alojamento Local "D. Afonso V"

Av. do Sabor, 23
5230-201 Santulhão
T. 273 579 291



RESTAURAÇÃO

VIMIOSO

Restaurante

"Casa dos Pimentéis"

Vale de Algoço
5230 Vale de Algoço
T. 273 569 269
Tlm. 964 480 692
pimentel@casadospimenteis.
online.pt

Restaurante "Ascensão"

Estrada Nacional 219
5230-010 Algoço
T. 273 569 223
Tlm. 965 558 497
Fax 273 569 277

Restaurante "Os Petiscos"

Largo da Misericórdia
5230-202 Santulhão
T. 273 579 022

Restaurante "Camelo"

Estrada Nacional
5230-201 Santulhão
T. 273 579 043



SERVIÇOS

BRAGANÇA

GNR - Posto Territorial de Izeda

R. Congregação Salesiana
5300-613 Izeda
T. 273 958 010
Fax 273 958 011
ct.bgc.dbgc.pizd@gnr.pt

Bombeiros Voluntários de Izeda

R. Central, 14
5300-598 Izeda
T. 273 959 222



FESTAS E ROMARIAS

VIMIOSO

ALGOÇO

Festa de S. João (24 de junho),
festa de N.ª Sr.ª da Assunção
(15 de agosto), festa de S.
Roque (16 de agosto).

VALE DE ALGOÇO

Santo António (agosto sem dia
certo) e Santo Cristo (16 de abril).

UVA

Festas do Divino Santo Cristo
a 3 de maio e 14 de setembro,
Missa da Cria contra as doenças
a 14 de setembro, de S. Brás
em Mora a 3 de fevereiro,
Festa Anual de Vila Chã a 1 de
janeiro.

MORA

Festa de S. Brás (3 de fevereiro)
e Festa de St.ª Eufémia (agosto -
data flutuante, festa organizada
pelos emigrantes).

MATELA

Festas de St.º Antão no 3.º
domingo de agosto, Festa
de Nossa Senhora do Bom
Despacho no 1.º domingo de
julho.

SANTULHÃO

Festas de S. Lázaro na 1.ª
semana de agosto.

BRAGANÇA

IZEDA

Nossa Senhora da Assunção (15
de agosto), Santo Apolinário
(último domingo de julho),
São Sebastião (3.º domingo
de janeiro), Nossa Senhora de
Fátima, Santa Catarina (30 de
novembro).

SERAPICOS

Festas de Nossa Senhora do
Aviso no primeiro domingo
de junho, de S. Sebastião em
janeiro/agosto, de S. Pedro em
agosto, de Nossa Senhora do
Rosário em agosto e do Menino
Jesus a 1 de janeiro.

CARÇOZINHO

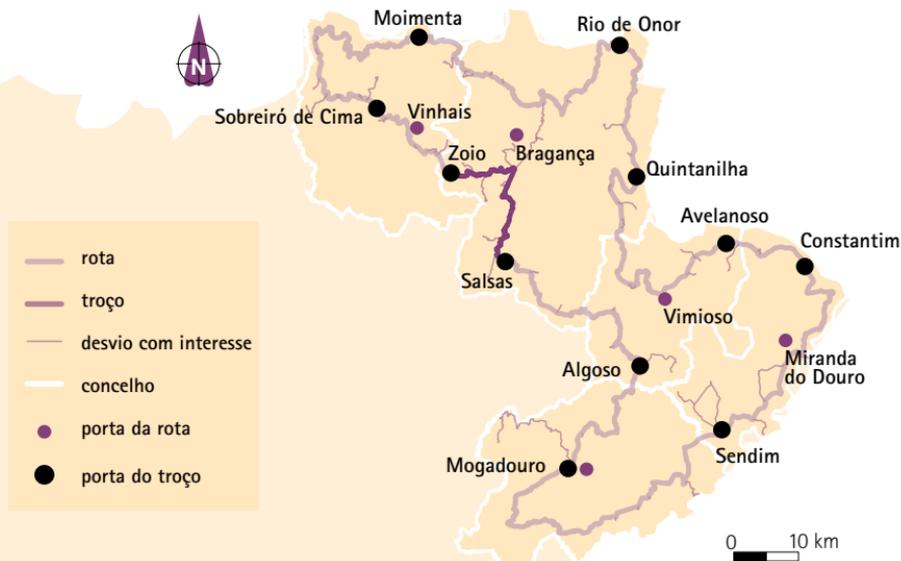
Festa de S. Pedro em agosto

VILA BOA

Divino Senhor e Festa de N. Sra
de Fátima em agosto, Festa do
Menino Jesus a 1 de janeiro.



Capela de S. Roque, em Algoço.



TROÇO 7

Bragança.



ROTA
TROÇO A TROÇO



TROÇO 7 | Salsas – Zoio



Casa do Mascarado, Salsas.



SALSAS é uma povoação pequena, onde ainda há poucos anos passava a linha de caminho de ferro do Tua3, cuja estação ainda se conserva, assim como a estrutura arruinada do edifício da Estalagem do Correio Real, mais conhecida como "Mala Posta", local onde era feita, em tempos, a mudança das cavalgaduras.

Razoavelmente conservada, Salsas tem uma Igreja Matriz de origem românica, ainda

com o pórtico principal de três arquivoltas de arco pleno e imposta chanfrada e um curiosíssimo padrão a S. Pedro, no centro da praça, frente à capela de S. Roque, constituído por um tabernáculo, como se fora umas alminhas e sustentado por um pedestal.

Saia para **VALE DE NOGUEIRA**, que fica a escassos dois quilómetros entre castanheiros e nogueiras (naturalmente, como o nome indica!) permitindo aqui um dos poucos acessos diretos à A4. Esta povoação chamou-se Ribeira de Lourenço até 1299, altura em que D. Dinis empraçou o reguengo (atribuiu-lhe praça e pelourinho, transformando terras reais em município) e determinou que se passaria a chamar Vale de Nogueira. Aí chegou desvie, por breves momentos, para conhecer o pelourinho de **VILA FRANCA DE LAMPAÇAS**, que não dista mais que dois quilómetros por boa estrada. É uma picota de fuste cilíndrico que atesta a memória do foral de 1286, que lhe substituiu o primitivo nome de Vilar de Bragadinha, que segundo a tradição terá sido despovoado numa desavença local em que os vizinhos engalfinhados se mataram uns aos outros, escapando apenas uma mulher.



Gaiteiro e Bombo na festa dos Reis de Salsas - 1 a 6 de janeiro.



Máscara, Vale de Nogueira.



Em cima, Padrão de S. Pedro, Salsas. À direita, pelourinho e paisagem, Vila Franca de Lampaças.



TROÇO 7

Regressado a Vale de Nogueira, retome a Rota na estrada nacional, em direção a norte. Castanheiros e carvalhos abundam e o freixo, que tanto se viu ao longo do planalto mirandês, é ainda uma realidade, quer nas orlas ribeirinhas, quer em renques de delimitação fundiária, criando o afolhamento em bocage. E os característicos pombais em ferradura, agora também em menor profusão, continuam a marcar pontualmente a paisagem. A estrada serpenteia, paralela à via rápida, em direção a Bragança.



Rebordainhos.

À esquerda, no cabeço de Santa Engrácia, pouco perceptível da estrada, fica a ermida desta devoção e pouco adiante alcança Santa Comba de Rossas. À entrada da povoação uma indicação sinaliza **REBORDAÍNHOS** à esquerda, a pouco mais de dois quilómetros por estrada regular. Esta aldeia, já foi vila, couto e sede de concelho até ao início do séc. XIX.

Acompanhada por castanheiros velhos e novos, isolados ou em soutos e por uma mancha contínua de ciprestos, a estrada prossegue, serra acima, até à pequenina aldeia de montanha, anichada junto à ribeira de Vale de Moinhos. Já gozou de privilégio municipal como o ostenta o pelourinho de fuste octogonal, ainda com a argola da pescoceira, sobre um penedo granítico. Atrás, um fontanário de espaldar neoclássico compõe o enquadramento.



Azulejos de fontanário, Santa Comba de Rossas.

Regresse e desça a **SANTA COMBA DE ROSSAS**. Vai passar no que resta da antiga estação da Linha do Tua, que foi nos tempos áureos do caminho de ferro a mais alta estação do país (altitude: 849 metros).

A povoação, que tem já razoável dimensão, é constituída por dois núcleos, um mais antigo, a norte, estruturado em torno da igreja paroquial e outro a sul, desenvolvido com a criação da linha do caminho de ferro do Tua, em 1905. O primeiro, que é o embrionar, conserva ainda alguns exemplares interessantes da arquitetura popular.



Igreja Matriz de Santa Comba de Rossas.

TROÇO 7



Está novamente numa zona onde as formações geológicas de base, de natureza xistosa, contrastam com as rochas eruptivas, circunstância expressa nas construções existentes, cujas alvenarias de xisto incorporam, para além dos tradicionais elementos de travacção em madeira, elementos de granito que robustecem a estrutura. Continue para Rebordãos e console-se com a bonita vista que se desfruta à esquerda, sobre a serra de Nogueira. No entanto, se não for tarde, vale a pena perder algum tempo desviando, à saída de Santa Comba, para o Santuário de Nossa Senhora do Pereiro. Desça pelo estradão, sempre entre velhos castanheiros e lá chegará. É uma curiosa capela setecentista com galilé de três arcos, onde aflui muito povo em romaria no dia da Senhora a Grande, 15 de agosto.

Siga então em direção a Rebordãos e passe a ribeira numa alta ponte de arco redondo, da época do Fontismo – cronograma de 1867. A paisagem, marcada agora pelo carvalho negral, estende-se pelo planalto, com pastagens e matos rasteiros e a velha estrada nacional, em que segue, aproxima-se muito da autoestrada, correndo-lhe paralela em larga extensão. De súbito, a indicação à direita para **PAÇÓ** coloca-o perante o monte de Pinela, coroado pelas ruínas de um velho castelo roqueiro. Neste entroncamento, à beira da estrada, verá um curioso abrigo paragem de transportes públicos, telhado e com lareira, uma pequena mordomia para agasalhar os passageiros dos rigores das invernias nas mais inóspitas situações das estradas transmontanas. Este é o primeiro que encontra mas outros verá quando subir à serra.

A estrada estende-se retilínea até à indicação de **SORTES**, uma povoação a poente, a dois quilómetros por caminho regular. Se lá for atente nos curiosos peitoris das janelas setecentistas, relevados como cornijas de papo de rola, comuns apenas a meia dúzia de lugares aqui em torno.

Voltando de Sortes à estrada nacional já se podem ver, à esquerda, sobre a serra de Nogueira, as antenas do centro de comunicações eriçadas junto ao Santuário da Senhora da Serra e à direita ainda o castelo de Pinela, restos de uma fortificação proto-histórica erguida no ápice de uma crista quartzítica que teve ocupação confirmada até à Idade Média.

Agora, nova indicação para a direita, desta vez para **MÓS**, outro pequeno povoado, a pouca distância por extenso freixial e que conserva ainda a maior parte do seu primitivo edificado.

Santuário de Nossa Senhora do Pereiro, Santa Comba de Rossas.

Abrigo paragem, Santa Comba de Rossas.





Por entre maciços de aiantos passa a ribeira de Remisquedo. As encostas estão agora cobertas por vinhedos, que aqui têm certamente condições favoráveis, a avaliar pela designação de "Vinha Velha" que se ouviu nas imediações de Mós. Quando alcançar um fontanário de desenho barroco estará à entrada de Rebordãos, povoação média, basicamente edificada em xisto e que já foi cabeça de importante concelho. Conserva ainda a velha picota, em rude fuste com escassos vestígios de um astrágalo a meia altura e rematado por um monólito com uma calote invertida no topo. Dos seus Paços do Concelho não há indícios, mas da prisão ficou ainda a memória na população local. Numa elevação a poente, a cerca de mil metros de altitude, mas cento e cinquenta acima da cota média da povoação são ainda bem visíveis os vestígios do castelo roqueiro de Rebordãos, que aqui lhe chamam também de Tourões, uma estrutura medieval desmantelada pelo tempo e pelas guerras. Sobranceiro à cidade de Bragança e gozando extenso panorama, facilmente se entende a importância que terá tido na teia defensiva da raia transmontana. E não muito longe, no Ferradal, abundam vestígios de um outro povoado, este muito mais antigo, que remonta, pelo menos, ao período da dominação romana.

Na descida para **REBORDÃOS** repare na variedade de culturas que preenchem o afolhamento dos vales e das encostas mais próximas. Trigais e centeeiras ceifadas e por ceifar, hortas e batatais, vinhedos, matos e pinhais, numa promíscua desordem típica da policultura das envolvências urbanas. Bragança de facto não fica longe.

MOSCA, curioso topónimo. Enlaçando o alto do Lombo, aqui entronca a estrada onde se apoia a Rota. Seguindo em frente vai-se a Bragança, pouco mais de uma légua.

Não querendo ir a Bragança, prossiga a Rota, subindo a serra da Nogueira em direção ao Santuário da Senhora da Serra.

Castelo roqueiro de Rebordãos com Bragança ao fundo.



Pormenor do pelourinho de Rebordãos.

Fontanário de Rebordãos.



BRAGANÇA

Existe como povoação desde o séc. XII. D. Sancho I concedeu-lhe foral em 1187 e de D. Afonso V recebeu nova carta de lei quando a elevou a cidade. A 22 de agosto festeja a Nossa Senhora das Graças.

Bragança, bons motivos para uma visita.

Antiga Sé de Bragança

A antiga Sé de Bragança tem como origem o Colégio dos Jesuítas criado em 1561 no edifício que então se acabava na Cruz de Pedra, destinado pelo Duque D. Teotónio e pela Câmara a uma comunidade de monjas clarissas que nunca chegou a instalar-se. Proscrita a Companhia de Jesus por decreto de 1759, o Bispo de Miranda D. Aleixo de Miranda Henriques obteve alguns anos depois, autorização para transferir a Diocese para esta cidade, passando esta Igreja a Sé de Bragança. Porém, a exiguidade do templo para as novas funções que viria a desempenhar justificava uma reedificação ampliada, para a qual se chegou a esboçar o projeto, que é conhecido mas que nunca logrou efeito, pela escassez de meios que mal bastavam à cômgrua sustentação. Só muito mais tarde se edificaria, mas noutro local, a nova Catedral, salvando-se assim a magnífica Igreja e todo o seu recheio.

A fachada lateral norte, que é a principal, remata com um torreão sineiro, onde encaixa uma galilé toscana. O pórtico é renascentista, apresentando num nicho, sobre o entablamento, uma imagem da Virgem com o Menino. Na fachada poente, um bellissimo janelão gradeado, de gosto barroco, tem a data de 1685.

No interior merecem destaque a abóbada nervurada e os retábulos entalhados e dourados seiscentistas, sobretudo o da capela-mor e a bellissima sacristia, com teto apainelado e pintado com cenas da vida de Santo Inácio e duas esculturas representando S. Francisco de Assis e Santo Inácio, sobre o arcaz de madeira.



Igreja de S. Bento

O mosteiro beneditino de Bragança foi fundado no séc. XVI, sob a proteção de Santa Escolástica, por D. Maria Teixeira, de acordo com as suas disposições testamentárias.

As obras ficaram concluídas já no último quartel daquele século, vindo as monjas fundadoras do Mosteiro de Vairão em 1590. A severa igreja original foi depois, já no séc. XVIII, ricamente ornada, exaltando com exuberância a Fé e o louvor a Deus.

O teto abobadado da nave foi executado pelo pintor Manuel Caetano Fortuna, numa magnífica composição perspética cujo tema central é a Santíssima Trindade ladeada por S. Bento e Santa Escolástica. No entanto, o teto da capela-mor é ainda do séc. XVI e um excelente e raro exemplo da arte mudéjar em Portugal. O pórtico principal, barroco, ostenta a imagem da Padroeira.



Castelo

Edificado no séc. XIII (provavelmente sobre um povoado fortificado muito mais antigo) com uma cinta muralhada, foi reedificado, tomando a forma atual com uma segunda ordem de muralhas envolvendo o burgo, no final do reinado de D. João I, passando a ser a cabeça do ducado dado a seu filho D. Afonso. Na Guerra de Restauração adotaram-se-lhe novas estruturas defensivas que envolviam já o Bairro da Estacada. Desde 1932 acolhe na Torre de Menagem o Museu Militar de Bragança.



TROÇO 7



Igreja de Santa Maria ou de N.ª Sr.ª do Sardão. Em cima, à direita, Domus Municipalis.



Domus Municipalis – Edifício de arquitetura românica, com planta pentagonal irregular, talvez o mais importante da arquitetura civil em todo o país. É constituído por dois corpos, um subterrâneo, que é uma cisterna abobadada e outro superior formando uma galeria. O desaparecimento das construções envolventes com as quais se associava torna a sua interpretação um verdadeiro enigma.

Pelourinho – Símbolo do poder municipal está, desde 1860, no Jardim dos Oficiais, antiga Praça de S. Tiago. Provavelmente quinhentista, tem capitel com quatro braços, em cruz grega, rematados com figuras zoomórficas e encimado por figura sentada segurando um escudo. Com mais de seis metros de altura assenta num berrão com cerca de 2 metros de comprimento, popularmente designado por Porca da Vila.



Pelourinho de Bragança.

Igreja de Santa Maria ou de N.ª Sr.ª do Sardão – Provavelmente o templo mais antigo da cidade, situada na cerca do castelo, à esquerda do Domus, nada subsiste da sua traça românica por ter sofrido sucessivas remodelações. O seu portal barroco, dos inícios do séc. XVIII, ostenta colunas torsas com decoração de cachos e folhas.

Igreja de S. Vicente – Provavelmente de origem medieval, foi reedificada em 1571 e de novo em 1683. Tem um bom retábulo-mor joanino incluindo já alguma decoração rocaille, assinado por Francisco Manuel de Figueiredo.

Em baixo, convento e igreja de S. Francisco. O interior do convento alberga o arquivo distrital de Bragança. À direita, igreja de S. Vicente.

Convento e Igreja de S. Francisco – Conserva das suas origens medievais pouco mais que a abside. O aspeto atual remonta à remodelação que sofreu na primeira metade do séc. XVII. Recentemente foram postos a descoberto restos de frescos quinhentistas no seu interior.





Convento e Igreja de Santa Clara – Iniciado em 1569, dele subsiste apenas a Igreja. De registar o portal renascentista e o retábulo-mor, dos inícios do séc. XVIII.

Igreja da Misericórdia – Fundada em 1518 foi instalada na capela de Santa Maria Madalena. Sofreu sucessivas remodelações até à atualidade, merecendo realce o retábulo-mor de 1682.

Museu do Abade de Baçal – Criado em 1897 e reinstalado em 1912 num antigo Paço Episcopal, entretanto expropriado à Igreja, tomou esta designação em 1935 em homenagem ao grande historiador bragantino que foi Padre Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. O edifício tem sofrido diversas adaptações a última das quais muito recentemente, para albergar um bom espólio cultural que resume a evolução e a história desta região transmontana. De nomeada serão o espólio arqueológico e as lápides epigrafas tão importantes para documentar a história da região.

Casas Senhoriais – Solar dos Calainhos, na Praça da Sé; Solar dos Teixeira, na Costa Grande; Solar dos Figueiredos, na Costa Pequena; Casa dos Sepúlvedas; Casa do Arco (Morais Pimentéis); Casa dos Sá Vargas (Centro de Arte Contemporânea Graça Morais).

Bragança dispõe ainda de modernos equipamentos como o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, o Centro de Fotografia Georges Dussaud, o Centro Ciência Viva, o Centro Cultural Municipal Adriano Moreira, o Teatro Municipal, o Centro de Memória Forte S. João de Deus e o Museu Ibérico da Máscara e do Traje. Percorra o circuito turístico de S. Bartolomeu e aprecie a excelente panorâmica sobre toda a cidade.



Museu do Abade de Baçal.



Em cima, Teatro Municipal de Bragança. Em baixo, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais. À esquerda, Museu Ibérico da Máscara e do Traje, situado no centro histórico intramuros, nas imediações do castelo.



TROÇO 7



Mosteiro de Castro de Avelãs, túmulo de D. Nuno Martins de Chacim.



Se foi a Bragança, antes de retomar a Rota deverá fazer um pequeno desvio até **CASTRO DE AVELÃS**, visita indispensável, para poder conhecer o seu importante património. Aqui se conserva a cabeceira da igreja de um antigo mosteiro clunicense, com imponente ábside e dois absidiolos em alvenaria de tijolo com arcaturas cegas sobrepostas, possivelmente anterior ao século XII, extinto em 1543, quando era já da regra e posteriormente demolido. Filia-se na tradição românica mudéjar da meseta duriense castelhana, constituindo no nosso país exemplo raro, senão mesmo exemplar único. Aqui se hospedou em março de 1387 o Duque de Lancaster, John of Gaunt, com mil homens de armas que o acompanhavam, quando se encontrou com D. João I no planalto de Babe. Aqui poderá ainda observar o túmulo medieval de D. Nuno Martins de Chacim, o maior magnate da nobreza senhoria da segunda metade do séc. XIII, assim como vestígios de antigos espaços deste cenóbio. Todo este conjunto foi classificado como Monumento Nacional em 1910.

Aldeia de Gostei.



Em Castro de Avelãs foram encontradas algumas epígrafes, numa das quais é mencionado o povo zoela, colocando-se a hipótese de ter sido aqui a sua capital. Aqui passava também a designada Via XVII do itinerário de Antonino, testemunhada pelos miliários de Augusto (2 a.C.) e de Caracala (213 - 214).

De Castro de Avelãs segue-se para a curiosa aldeia de **GOSTEI**, a 2,7km, que foi vila e sede de concelho, mantendo, na sua pequena praça, a igreja, o pelourinho e a Casa do Tribunal e Cadeia. Nesta aldeia existem ainda uma ponte e fonte de mergulho.





Deixando a praça com a igreja à esquerda, desça uma rua inclinada que liga à estrada principal e siga para poente contornando a albufeira até encontrar uma bifurcação para a direita que o leva à Capela da Senhora da Cabeça, que tira o nome do outeiro onde se eleva. É uma ermida de fachada cega, muito característica desta região, com duas festas anuais em que se leiloam oferendas de trigo e linho para o sustento da Confraria.

Depois de visitar a capela regressamos à estrada e viramos para a direita em direção a **NOGUEIRA**. Aqui, visite a capela setecentista de S. Sebastião.

Continue pela N519 e tome à direita, a N206. A estrada percorre agora a serra a meia-encosta para poente. A paisagem é dominada quase exclusivamente pelo carvalho negral em extensos povoamentos estremes, que cobrem a serra, com raras clareiras de pastagem ou matos rasteiros. É esta a espécie que mais e melhor contribui para a variação cromática da paisagem ao longo do ano. Verde clara, matizada com o rebento das folhas em abril, vai escurecendo lentamente até setembro, quando a folhagem se torna rubra, permanecendo crestada e presa aos troncos até aos ventos fortes da invernia que despem e grisalham de líquenes a nudez do ritidoma. É com esta aparência, tão variável de estação para estação, que a serra de Nogueira se nos oferece, enquadrada na majestosa paisagem. É com este sentimento que desfrutamos a paisagem do Santuário da Senhora da Serra, no ponto mais alto, a 1320 metros. O templo aqui existente corresponde a uma reconstrução de um outro de época tardo-medieval, e está fortemente arreigada na devoção popular (Festa da Natividade da Virgem – 8 de setembro). Um complexo centro de telecomunicações garantiu, em tempos, a cobertura de uma boa parte da província transmontana. A esta

Albufeira da Castanheira vendo-se, no alto, o Santuário da Senhora da Cabeça, Nogueira.



Capela de S. Sebastião, Nogueira.

Capela de Senhora da Serra, no alto da Serra da Nogueira.



TROÇO 7



Igreja de Carrazedo.

nota pode ainda acrescentar-se que locais como este, com tão amplo domínio panorâmico, foram sempre privilegiados pelo homem, que aí foi deixando o seu testemunho. Não admira pois, que não muito longe da capela, na Fraga da Senhora, existam insculpturas neolíticas com milhares de anos. Se tiver oportunidade não volte sem ver o interior da capela. Para além dos belíssimos retábulos barrocos, vale a pena apreciar a estrutura da cobertura e a sua sustentação.

Desça de novo a serra e retome a Rota. Vai encontrar a indicação de **CARRAZEDO**, que verá de longe envolvida num emaranhado de hortas e campos arroteados à floresta. Curiosamente, só nesta freguesia, estão identificados cinco povoados proto-históricos, alguns ainda com ocupação medieval, que aproveitaram o acentuado relevo morfológico, com diversos cabeços muito próximos entre si. Um deles é o castro de Terronha, muito próximo da aldeia de Carrazedo.

Com a baixada da serra a paisagem vai-se modificando de novo, pouco a pouco. As vistas continuam a merecer elogio, mas o coberto florestal torna-se menos denso, abrindo clareiras para secadais e pastagens com freixos nas áreas húmidas, reservando algumas cumeadas para matas de resinosas e dando lugar ao castanheiro, que começa de novo a impor-se em quantidade e em imponência. Não obstante, o carvalhal estende-se ainda, fazendo jus à opinião corrente de que se trata da maior mancha contínua da Europa de carvalhos "quercus pirenaica".

Junto à capela de Santa Luzia há um **desvio** para Martim, Refoios, S. Cibrão e Celas e pouco adiante o cruzamento de Zoio, onde se conclui o sétimo troço da Rota.

As nevadas – A neve e o gelo são as ocorrências mais associadas à imagem que o forasteiro tem das "Terras Altas do Nordeste", imagem que não corresponde inteiramente à verdade, já que as nevadas não são tão frequentes assim e o gelo não perdura o suficiente para que a "carambina" e o "sincelo" paralise a atividade.

De qualquer modo, um nevão na Coroa, na Nogueira ou no Montesinho, pendurando os flocos nas copas desfolhadas dos carvalhais ou estendendo o alto manto nos "abexedos" das encostas, imprimem à paisagem a força e a grandeza que a artificialização humana ousou perturbar. É um espetáculo de luxo que a Terra Fria, fazendo jus ao seu nome, nos oferece de quando em vez.

"**carambina**" – Gelo pendente dos telhados, das árvores, etc.; "**sincelo**" – Fenómeno meteorológico que acontece em situações de nevoeiro aliado a uma temperatura de -2°C a -8°C e resulta do congelamento das gotas de água em suspensão; "**abexedos**" – s.m. Sítio virado a norte; sítio desabrigado. m.q. abissedo, absedo.



BRAGANÇA



ALOJAMENTO

HOTEIS

Hotel Classis **

Av. João da Cruz
5300-178 Bragança
T. 273 331 631
geral@hotelclassis.com
www.hotelclassis.com

Hotel Estalagem Turismo****

Estrada do Turismo - Cabeça Boa
5300-852 Bragança
T. 273 310 700
Fax 273 310 701
estalagemturismo@clix.pt
www.estalagemturismo.com

Hotel Ibis **

Rotunda Lavrador Transmontano
5300-063 Bragança
T. 273 302 520
Fax 273 302 569
h3338@accor.com
www.ibishotels.com

Hotel Nordeste Shalom **

Av. Abade de Baçal, 39
5300-068 Bragança
T. 273 331 667
Fax 273 331 628
www.hotel-shalom.com
hotel.nordesteshalom@gmail.com

Hotel S. Lázaro ***

Av. do Sabor, Lt 24
5300-111 Bragança
T. 273 302 700
Fax 273 302 701
Tlm. 935 890 085
www.hotelslazaroo.com
https://www.facebook.com/saolazarohotle

Hotel Santa Apolónia ***

R. Madre Teresa de Calcutá
Bairro dos Formarigos, 3
5300-306 Bragança
T. 273 312 073
Fax 273 400 698
santa_apolonia@iol.pt
www.hotelsantaapolonia.pt

Hotel Tic - Tac**

R. Emídio Navarro, 85
5300-210 Bragança
T. 273 331 373
Fax 273 331 673
residencial.tictac@gmail.com

Hotel Tulipa **

R. Dr. Francisco Felgueiras, 8 / 10
5300-134 Bragança
T. 273 331 675
Fax 273 327 814
hotel.tulipa@hotmail.com
www.tulipaturismo.com

POUSADAS

Pousada de Portugal

S. Bartolomeu
Estrada do Turismo
5300-271 Bragança
T. 273 331 493
Fax 273 323 453
rececao.sbartolomeu@pousadas.pt
www.pousadas.pt

Pousada da Juventude de Bragança

Forte S. João de Deus
5300-263 Bragança
T. 273 304 600 | Fax 273 304 601
braganca@movijovem.pt
www.pousadasjuventude.pt

TURISMO RURAL

Casa dos Capelas

R. Principal, 47
5300-691 Paçó
Mós - Bragança
Tlm. 965 417 992
info@xasadoscapelas.com
www.casadoscapelas.com

Casa do Pelourinho

R. da Igreja
5300 Rebordainhos
Tlm. 917 334 390
Fax 278 426 995
info@casadopelourinho.com
www.casadopelourinho.com

Casa do Enchido

R. do Canto, 69
5300-692 Mós
Tlm. 933 211 152
casadoenchido@gmail.com
www.casadoenchido.pt

Moinho da Ponte Velha

Lugar da Ponte Velha
(Caminho de S. Lázaro)
5300-350 Santa Maria
Tlm. 912 515 928
info@moinhopontovelha.com
www.moinhopontovelha.com

Quinta D'Avozinha

Cabeça Boa

5300-852 Samil
T. 273 331 101 | Fax 273 32 71 92
Tlm. 961 777 256
961 777 286
geral@quintadavozinha.pt
www.quintadavozinha.pt

Quinta de Santo António

5300-401 Alfaião
T. 273 333 185
Tlm. 963 237 863
963 970 996
cmdtfreixo@gmail.com
http://quinta-st-antonio-alblogspot.pt/

AGRO TURISMO

Quinta da Boa Ventura

Estr. do Turismo, 39 Cabeça Boa
5300-852 Samil
T. 273 327 734
Tlm. 961 639 111
Fax 273 328 159
info@quintadaboaventura.com
www.quintadaboaventura.com

ALOJAMENTO LOCAL

Casa da Chica

R. D. Fernão "O Bravo", 13
5300-113 Bragança
Tlm. 914 982 745
934 075 020
info.casadachica@gmail.com
www.casadachica.com

O Lar do Rei

Cidadela - Castelo de Bragança
5300 Bragança
T. 273 323 011
Tlm. 919 220 412
lojadocastelo@hotmail.com
www.olardorei.com

Rucha

R. Almirante Reis, 42 1º
5300 - 077 Bragança
T. 273 331 672

Cantarias

Av. das Cantarias, 135 1º
5300-107 Bragança
T. 273 312 849
residencial.cantarias@hotmail.com

TROÇO 7

Arco da Velha

R. Fernão Bravo
Cidadela (interior das muralhas)
5300-025 Bragança
T. 273 300 130
Tlm. 966 787 208
Fax 273 300 139
vitor@motomoraís.pt
www.turismobraganca.com

José Albino Portela

Bairro S. Judas Tadeu – Samil
5300 Samil
T. 273 331 373



RESTAURAÇÃO

A Gôndola

R. Conde de Ariães
Cond. Abade de Baçal, r/c C
5300-114 Bragança
T. 273 326 719
www.agondola.pam.pt

A Lareira

Av. Sá Carneiro, 128
5300-252 Bragança
T. 273 326 339

A Vinha

Loteam. do Plantorio, lt. 27/32
5300-232 Bragança
T. 273 313 108
Tlm. 966 591 315

Académico

Av. D. Sancho I Zona Desportiva
5300-125 Bragança
T. 273 331 449
Fax 273 323 822
geral@
restauranteacademicom
www.restauranteacademicom

Adega da Avó Maria

Bairro da Estação
R. Dr. Sá Alves, 29
5300-140 Bragança
T. 273 329 156
Tlm. 919 055 301

Alcateia

R. do Loreto, 63
5300-189 Bragança
T. 273 322 191

Aresdeserra

R. Comandante Sacadura Cabral
Bairro S. Tiago
5300-690 Bragança
T. 273 332 487
Tlm. 916 229 292
Fax 273 332 487
sidoniovieira@gmail.com
www.aresdeserra.com

Casa do Castelo

R. Fernão "O Bravo", 66
Cidadela do Castelo
5300-025 Bragança
Tlm. 912 515 813

Casa Nostra

R. Dr. Francisco Felgueiras, 8/10
5300-134 Bragança
T. 273 331 675
Fax 273 327 814

Casa de Pasto O Copinhos

R. Conde de Ariães, 9
Campo Redondo
5300-114 Bragança
Tlm. 934 206 251
934 553 038
www.ocopinhos.com

China Olá Lda

Av. Sá Carneiro, 296
5300-252 Bragança
T. 273 332 329

Churrasqueira Brasa Viva

Vale d'Alvaro
Loteame. da Rica Fé, lt. 6
5300-302 Bragança
T. 273 323 209
www.brasa-viva.com

Churrasqueira Atlântico

Av. Abade Baçal, 63 lj D r/c
5300-068 Bragança
T. 273 326 535

2/4 de Pimenta

Quinta da Braguinha
Av. das Forças Armadas, Lt.80/81
5300-440 Bragança
T. 273 326 902

Don Luigi

Av. Sá Carneiro, 184, 1º Esq.
5300-252 Bragança
Tlm. 966 395 538

Emiclau

R. Almirante Reis, 35 c/v
5300-073 Bragança
T. 273 324 114
emiclau@sapo.pt

Filós

Av. Sá Carneiro, Loteamento
Sopinorte - Lj. 2 r/c esq.
5300-162 Bragança
T. 273 324 027

Jorjão

Bº da Mãe d'Água
R. Dr. João Pires Vilar, 53
5300-136 Bragança
Tlm. 938 791 405

Lá em Casa

R. Marques de Pombal, 7
5300-197 Bragança
T. 273 322 111

Moderno I

Galerias Moderno
R. Almirante Reis
5300-077 Bragança
T. 273 322 199
Tlm. 966 012 108

Moderno II

R. S. Sebastião, 11
5300-017 Bragança
Tlm. 937 187 823
966 496 575

Nazaré

R. Abílio Beça
5300-011 Bragança
T. 273 327 648

Nordeste

Quinta das Carvas
5300-551 Bragança
T. 273 381 211

O Acacio

R. de Vale d'Alvaro
Qta. Braguinha r/c esq. - lt. F
5300-274 Bragança
T. 273 324 617
Tlm. 962 456 988
Fax 273 324 617
geral@restauranteoacacio.pt
www.restauranteoacacio.pt

O Batoque

R. dos Batoques, 25
5300-091 Bragança
Tlm. 935 345 188

O Borralho

R. Correia Araújo, 260
5300 - 153 Bragança
T. 273 326 605

O Geadas

R. do Loreto s/n
5300 – 189 Bragança
T. 273 324 413 / 273 331 711
ogeadas@hotmail.com
www.geadas.net

O Manel

R. Oróbio de Castro, 26
5300 – 220 Bragança
T. 273 322 480
Fax 273 322 480
www.restauranteomanel
debraganca.pai.pt

O Marrafinhas

Vale d'Alvaro, 27 R/C
5300–274 Bragança
T. 273 325 857

O Pote

R. Alexandre Herculano, 186
5300–075 Bragança
T. 273 333 710
www.restauranteopote.com

O Rochedo

R. Vale d'Alvaro, 37
5300–274 Bragança
T. 273 327 274

O Rodízio (Hotel S. Lázaro)

Av. Cidade de Zamora
5300–111 Bragança
T. 273 302 700
Fax 273 302 701
comercial.hsl@hoteis-arco.com
www.hoteis-arco.com
Regional/internacional

O Silva

R. Dionísio Gonçalves, 2
5300–237 Bragança
T. 273 327 556
www.guiadosrestaurantes.net

Panorama

Estr. do turismo km1 – Samil
5300–852 Bragança
T. 273 312 410
panorama@panorama.
braganca.net
www.panoramabraganca.net

Poças

R. Combatentes G.Guerra, 200
5300–113 Bragança
T. 273 331 428

Polivalente

Av. Sá Carneiro, 282
5300–252 Bragança
Tlm. 933 464 536

Ponto de Encontro

Av. João da Cruz, 124 a126
5300–178 Bragança
T. 273 333 525

Pousada de S. Bartolomeu

Estrada do Turismo
5300–271 Bragança
T. 273 331 493
Fax 273 323 453
joao.amaral@pousadas.pt
www.pousadas.pt

Príncipe Negro

Av. João da Cruz, 8
5300–178 Bragança
T. 273 323 457

Progresso

Av. Abade de Baçal, 41 B r/c
5300–068 Bragança
T. 273 331 693
Fax 273 331 693

Restaurador

Av. Abade de Baçal, 35
5300–068 Bragança
T. 273 322 498
geral@restaurador.com.pt
www.restaurador.com.pt

Restaurante Vila Café

Cidadela - Castelo de Bragança
T. 273 323 011
Tlm. 919 220 412
geral@restaurantevilacafe.com

Rota dos Sabores

Forte S. João de Deus
Mercado Municipal
5300–263 Bragança
Tlm. 914 844 251
916 270 942

Royal Plaza

R. Miguel Torga Ed. Varandas
do Castelo, 30/31 r/c dto
5300–037 Bragança
T. 273 381 345
Tlm. 963 761 126

Sandwich Snack

Loteam. Plantório - It. A 4 r/c
5300–253 Bragança
T. 273 382 085
bragancedo@sapo.pt

S. Sebastião

Bº S. Sebastião
R. S. Sebastião, 3
5300–053 Bragança
T. 273 382 212

São Lourenço

Rotunda de S. Lourenço
Bº de São Lourenço, 2
Alto das Cantarias
5300–856 Bragança
Tlm. 934 376 340

Serra de Nogueira

R. das Paredes, 3
Nogueira
5300–701 Bragança
T. 273 313 074

Solar Bragançano

Praça da Sé, 34 – 1º
5300–265 Bragança
T. 273 323 875
Fax 273 323 875
admr.sb@gmail.com
www.solarbragancano.com

Sport

Travessa Zé Machado
5300 Bragança
T. 273 331 130

Stop

Travessa das Pedras, 20A
5300 Bragança
Tlm. 938 196 162

Tic Tac

R. Emídio Navarro, 85
5300–210 Bragança
T. 273 331 373
Fax 273 331 673

Tuela

Galerias Tuela
R. Alexandre Herculano
5300–116 Bragança
Tlm. 937 031 004

Turismo–Estalagem Turismo

Estr. do Turismo
Cabeça Boa
5300–852 Bragança
T. 273 324 204
T. 273 310 701
estalagem.turismo@clix.pt
www.estalagemturismo.com

Xavier

Av. João da Cruz, 12 R/c
5300–252 Bragança
Tlm. 937 031 004

TROÇO 7



SERVIÇOS

Câmara Municipal de Bragança

Forte S. João de Deus
5300-263 Bragança
T. 273 304 200
www.cm-braganca.pt

Posto Municipal de Turismo

Av. Cidade de Zamora
5300-111 Bragança
T. 273 381 273
turismo@cm-braganca.pt
www.cm-braganca.pt

Teatro Municipal

Praça Professor Cavaleiro
Ferreira
5300-108 Bragança
T. 273 302 740
teatro@cm-braganca.pt
www.cm-braganca.pt

Biblioteca Municipal

Praça Camões
5300-140 Bragança
T. 273 300 850
biblioteca@cm-braganca.pt
www.cm-braganca.pt

Piscinas Municipais e Pavilhão Municipal

Av. D. Sancho I - Zona Desportiva
5300-125 Bragança
T. 273 300 420
piscinas@cm-braganca.pt
www.cm-braganca.pt

Mercado Municipal de Bragança

Forte S. João de Deus
5300-263 Bragança
T. 273 302 290
m.m.b@sapo.pt

Delegação de Turismo de Natureza do Turismo do Porto e Norte de Portugal

Rua Abílio Beça, 92 2º Andar
5300-011 Bragança
T. 273 331 078
turismo.natureza@portoente.pt

Sede do Parque Natural de Montesinho

Parque Florestal
5300-000 Bragança
T. 273 300 400 / 273 329 135
pnm@icnf.pt
www.icnf.pt

Arquivo Distrital de Bragança

Convento de S. Francisco
R. de S. Francisco
5300-037 Bragança
T. 273 300 270
mail@adbgc.dgarq.gov.pt

Fundação "Os Nossos Livros"

R. Trindade Coelho, 32
5300-061 Bragança
T. 273 332 163
osnossoslivros@fnl.org.pt

Fundação Rei Afonso Henriques

R. Eng. José Beça, 46
5300-050 Bragança
T. 273 332 236
geral@frah.es

Correios

Largo dos Correios
5300-999 Bragança
T. 273 310 941

Polícia de Segurança Pública

R. Dr. Manuel Bento, 4
5301-868 Bragança
T. 273 303 400

Guarda Nacional Republicana

Av. General Humberto Delgado
5301-901 Bragança
T. 273 300 530

Bombeiros Voluntários de Bragança

R. Dr. Manuel Bento
5300-167 Bragança
T. 273 300 210

Centro Hospitalar do Nordeste

Av. Abade de Baçal
5301-852 Bragança
T. 273 310 800

Centro de Saúde de Bragança Unidade de Saúde da Sé

R. Eng. Adelino Amaro da Costa
5300-146 Bragança
T. 273 302 420

Centro de Saúde de Bragança Unidade de Saúde da Santa Maria

Av. Cidade de León
5300-274 Bragança
T. 273 302 620

Estação Rodoviária

R. da estação
5300-000 Bragança
T. 273 304 450

Serviço de Transportes Urbanos de Bragança -STUB

Forte São João de Deus
5300-263 Bragança
T. 273 404 251
T. 800 207 609
stub@cm-braganca.pt

Rede Expressos

R. da estação
5300-000 Bragança
T. 273 331 826
www.rede-expressos.pt

Rodonorte/

Empresa Rodoviária Santos

R. da estação
5300-000 Bragança
T. 273 300 183
Fax 273 300 180
info@santosviagensturismo.pt
www.rondonorte.pt

Museu Militar

Cidadela do Castelo de Bragança
5300-901 Bragança
T. 273 322 378
musmilbraganca@mail.exercito.pt

Museu Ibérico da Máscara e do Traje

Cidadela do Castelo de Bragança
R. D. Fernão "O Bravo", 24/26
5300 - 025 Bragança
T. 273 381 008
museu.iberico@cm-braganca.pt
www.cm-braganca.pt

Museu do Abade de Baçal

R. Abílio Beça, 27
5300-011 Bragança
T. 273 331 595
mabadebacal@imc-ip.pt
www.mabadebacal.com

Centro de Arte Contemporânea Graça Morais

R. Abílio Beça, 105
5300 - 011 Bragança
T. 273 302 410
centro.arte@cm-braganca.pt
www.cm-braganca.pt

Centro de Ciência Viva

R. do Beato Nicolao Dinis
5300-130 Bragança
T. 273 313 169
info@braganca.cienciaviva.pt

**Museu Etnográfico
Dr. Belarmino Afonso**

Santa Casa da Misericórdia
Rua Dr. Herculano da Conceição
5301 – 901 Bragança
T. 273 322 143
museubelarminoafonso@
gmail.com

**Centro de Fotografia
Georges Dussaud**

Auditório Paulo Quintela
Rua Abílio Beça, 75/77
5300-252 Bragança
T. 273 324 092

**Centro de Memória
do Forte São João de Deus**

Horário: de 2ª a 6ª feira
das 9h às 12:30h
das 14h às 17:30h

Bragança Shopping

Avenida Dr. Francisco Sá
Carneiro, 2
5300-021 Bragança
T. 273 323 261
miguel.dias@eur.cushwake.com
www.bragancashopping.com



**FESTAS
E ROMARIAS**

BRAGANÇA

SALSAS

Festa de São Roque (16 de agosto) e Festa do Corpo de Deus (dia do Corpo de Deus).

VILA FRANCA DE LAMPAÇAS

Festa de Santo António (10 de maio).

VALE DE NOGUEIRA

Festa do Corpo de Deus (dia do Corpo de Deus); Festa do Rosca; Festa de Santo António e de São Matias (dia variável); Festa do Divino Senhor dos Chãos (14 de setembro, em Chãos).

REBORDAINHOS

Festa de Nossa Senhora de Fátima (13 de maio); S. Silvério (20 de junho); S. Sebastião (20 de janeiro); Nossa Senhora do Rosário (2.ª quinzena de agosto) e Santo Amaro (15 de janeiro).

SANTA COMBA DE ROSSAS

Festas do Divino Espírito Santo sete semanas após a Páscoa, Festa de Nossa Senhora do Pereiro a 15 de agosto.

REBORDÃOS

Festas de São Sebastião a 20 janeiro, do Santíssimo em junho (móvel), São Pantalão a 27 de julho, Nossa Senhora da Assunção a 15 de agosto, de Nossa Senhora da Serra a 30 de agosto / 8 de setembro, Nossa Senhora do Rosário no 1º domingo de outubro, de St. Apolinário no penúltimo domingo de setembro e de St. Estêvão a 26 de dezembro.

BRAGANÇA

Festas da Freguesia da Sé: Festa da Nossa Senhora das Graças (12 a 22 de agosto); Festa do Santo Condestável (junho); Festa dos Santos Mártires (julho); Festa de São Tiago (penúltimo domingo de julho).

Festas da Freguesia de Santa Maria: Festas de Santo Antão, (janeiro); Festa de São Sebastião (20 de janeiro); Festa de São Lázaro (quarto domingo da Quaresma); Festa de Santo António das Carvas (13 de junho); Festa de São Bento; Festa da Senhora da Saúde e Divino Senhor da Piedade (11 de julho); Festa da Senhora do Sardão (15 de agosto); Festa Sagrado Coração de Jesus da Seara (segundo domingo de agosto); Festa de Nossa Senhora das Graças (22 de agosto) e Festa de São Bartolomeu (24 de agosto).

NOGUEIRA

Festa de Santo António (13 junho); Nossa Senhora da Cabeça (2 de fevereiro e 15 de agosto) e São Pelágio, o patrono da freguesia (26 de junho).

CARRAZEDO

Santíssimo Sacramento (3.ª domingo de maio), Santo Amaro (15 de janeiro), Nossa Senhora do Rosário (1.ª quinzena de outubro), Santa Cecília (23 de novembro), Santa Bárbara (4 de dezembro) e nossa Senhora de Fátima (15 de agosto).

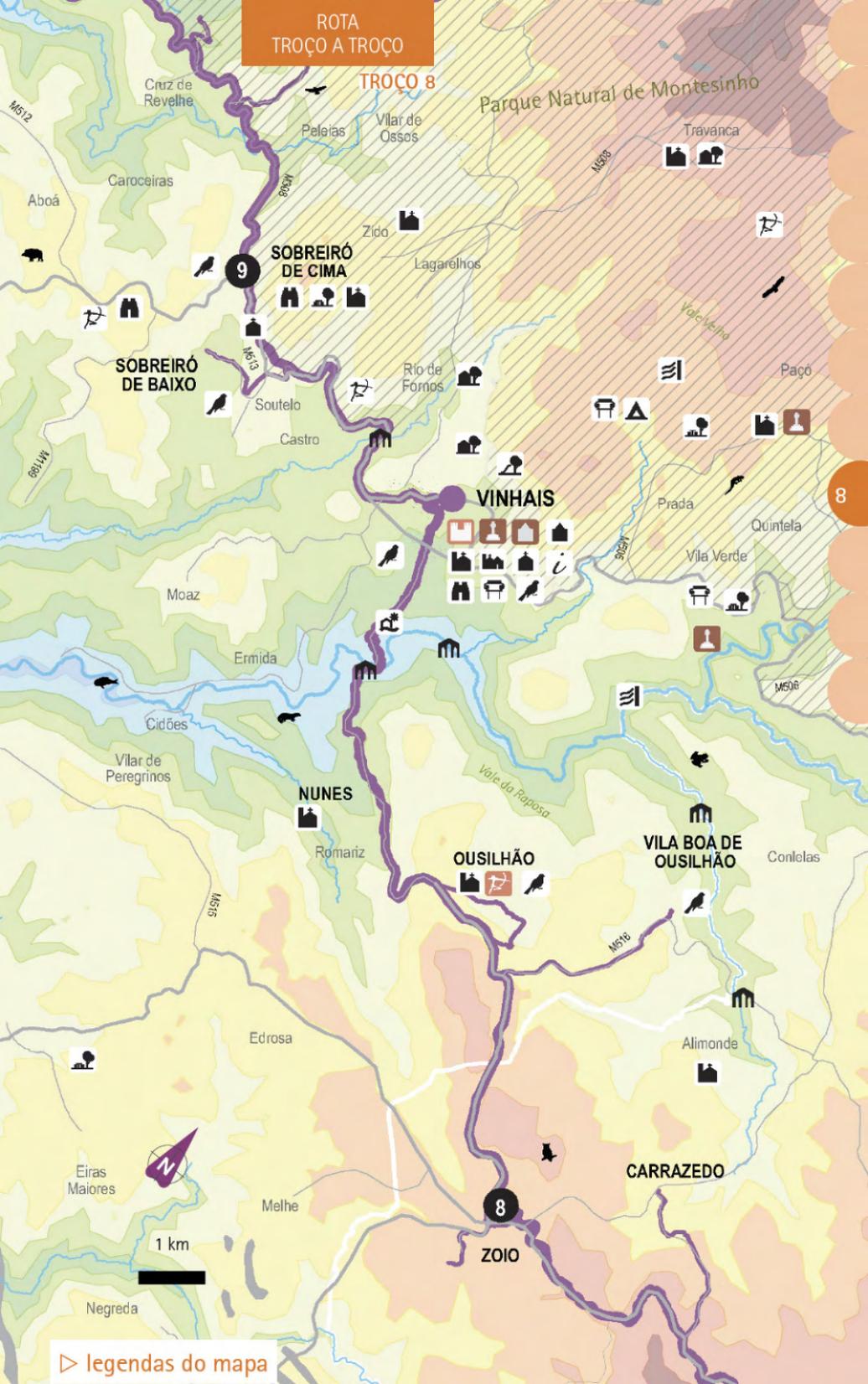


TROÇO 8

Vista a partir da zona de Zoio para poente.



ROTA
TROÇO A TROÇO



TROÇO 8

TROÇO 8 | Zoio – Sobreiró de Cima



Interior da Igreja Matriz de Zoio.

ZOIO é uma pequena aldeia, a mais próxima do cruzamento da estrada nacional que foi tomada como Porta do oitavo troço da Rota. Aqui poderá visitar a Igreja Matriz, cujo interior é de grande interesse.

Tome a estrada para Vinhais. Vai subir ligeiramente a encosta do monte do Castro, onde se inicia a descida para Ousilhão. A vista é já surpreendente, com a serra da Coroa como cenário de fundo. À direita, um **desvio** de três quilómetros leva-o a **VILA BOA**, numa cumeada sobre a ribeira do mesmo nome e o monte de Santa Comba, mais baixo, mas coroado também por um outro povoado fortificado, ainda com sistema defensivo, que se arrastou ocupado até à Idade Média.

OUSILHÃO é terra antiga, com vários núcleos interligados por eidos e cortinhas, criados com esforço no solo maninho da portela. Nas encostas, o carvalho é basto mas o castanheiro é rei, encontrando-se exemplares notáveis pela idade e pelo porte, alguns até rachados pelo peso ou pelos raios. É com a sua madeira que aqui se fazem as célebres máscaras que animam os rituais da Festa de Santo Estêvão – rapazes com gritos e chocalhadas, mascarados a preceito, fazem mofa dos mais velhos em zombeteiras de rua (quadra natalícia).



Máscaras da Festa dos Rapazes.
Oficina do "mascareiro" em Vila Boa.
Podem ser adquiridas pelos visitantes.

FESTA DOS RAPAZES – Em harmonioso convívio ou, pelo menos, sem irreverentes despiques, o povo associa a muitas festividades religiosas, rituais profanos que têm remotíssima origem, quicá muito anterior à cristianização da Península e que a Igreja, prudentemente tolerou e ajustou de acordo com os princípios dogmáticos que estruturam a sua doutrina. Estão neste caso as celebrações pagãs do solstício do inverno, que na época natalícia se realizam no Nordeste Transmontano com a designação genérica de Festas dos Rapazes.

Anunciadas nos primeiros dias de dezembro por dois mordomos escolhidos no ano anterior, suscitam sempre a participação espontânea dos mancebos locais trajando fatos coloridos cobertos de fitas, campainhas e chocalhos e envergando uma máscara de pau, couro, cortiça ou lata que lhes encobre a identidade. São os "caretos", a quem tudo é permitido, no efêmero dia em que se faz o folgado. Reminiscência de antigos rituais pagãos de passagem da adolescência à vida adulta, a folia está por sua conta. Pela alvorada, ao toque da gaita, a ronda desperta a rapaziada. Todos comparecem de livre vontade ou forçados, se necessário for e, já figurados, percorrem o povoado cometendo tropelias vomitando impropérios. Pela tarde fazem coro com a chocalhada a um bardo que entoia loas mordazes aos hábitos e costumes da população. Pelo fim da tarde, os caretos ainda folgados para cabriolas acompanham de casa em casa os gaiteiros e os dois mordomos com chapéu de enfeite e varas arborescentes onde penduram as pequenas dádivas com que cada família agradece as Boas Festas de Natal. À noite, a ceia é lauta e toda a população comparece para escolher os mordomos do ano seguinte.

É assim, com mais ou menos variantes, em quase todas as aldeias do Nordeste Transmontano, entre o dia de Natal e o dia de Reis.



À saída, perto da capela da Senhora da Alegria, foi também há tempos identificada uma *villa* romana com restos de um templo e até uma árula dedicada a *Laesus*. É de facto remota a ocupação humana desta região, que regista até insculturas, como se pode ver muito próximo, na Fraga da Pala.

Inicie a descida pelo vale do Tuela. A vista é magnífica e estende-se até à serra da Coroa. Encostas cobertas por matos quando não são cultivadas, talvez escavados com as linhas de água perfiladas por choupos, amieiros e freixos, carvalhos em mancha densa e castiçais, alguns venerandos, com castanheiros seculares de magnífico porte.

De onde a onde algum vinhedo alegra o afolhamento agrícola nas proximidades das aldeias, como acontece em **ROMARIZ**, primeira povoação depois de Ousilhão. Aí se indica o acesso ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios (festa a 3 de agosto), uma pequena capela setecentista com um retábulo barroco e duas imagens de roca, confrontando outra, a duzentos metros, dedicada a Santo Agostinho. Ocupa o conjunto o dorso de um insula entre a ribeira da Amiscosa e um seu afluente, a 650 metros de altitude. O local, ermo e aberto, vale pela panorâmica que dele se goza. Em frente, a meia encosta, a vila de Vinhais.



Ermida de Santo Antão,
padroeiro dos animais, Romariz.



O Castanheiro

A vegetação do castanheiro exige uma queda pluviométrica anual superior a 800 mm, mas a sua vitalidade não suporta excessos de humidade, e exige solos suficientemente fundos. Se as condições são favoráveis e a cobiça dos homens não lhe tolhe o crescimento, chega a atingir dimensões gigantescas e a acompanhar uma família em dez gerações continuadas. Ainda hoje, nesta região se encontram exemplares multisseculares, com troncos escalavrados, que cinco homens não abraçam. Alguns assistiram, provavelmente, às incursões castelhanas da Guerra da Restauração.

Do Alto Sabor ao Baceiro e a Vinhais e de Lapaças à Terra de Bragança, agrupam-se em souts, ou castiçais extensos. Se cultivados em talhadia (castiçais) dão excelente madeira, verga para cestaria e tanino para curtimenta.

Em pomar (souts) produzem abundantemente a castanha, concentrando-se, por isso, na envolvimento imediata das povoações.

Se no passado a castanha foi um recurso fundamental na economia familiar, prefigura-se hoje, de novo, como uma das formas alternativas válidas para a subsistência do mundo rural. Das diferentes castas, com relevância para a "judia", registam-se quantitativos crescentes no volume das exportações.

O cancro e a tinta são doenças que afetam a espécie, justificando a procura de variedades mais resistentes, que nem sempre são as mais adaptadas às condições edafoclimáticas (solos e clima) locais.

TROÇO 8



Igreja Paroquial de Nunes, imagem de S. Cipriano com colar de castanhas.



corpulento de cabeça comprida e cerdas grossas, engordado com as bolotas e castanhas da região.

No arvoredado continua a pontificar o castanheiro-bravo, enxertado, velho, jovem ainda, isolado ou em souto. Está, pode bem dizê-lo, em sua própria casa.

Cozinha de fumeiro, Nunes.



A estrada passa o Tuela na Ponte da Ranca, uma ponte medieval com cinco arcos de volta redonda, com talhamares, sobre um belíssimo trecho do rio, com mouchões cobertos de choupos e amieiros. É local de pesca e de lazer, onde no verão muita gente merenda ou se vem banhar. Curiosamente, pode referir-se que a estrada romana que passava aqui perto no seu percurso entre Chaves e Astorga, vencia este rio, não neste local, mas mais a montante. Dessa ponte conservam-se ainda vestígios dos seus arranques, mas no esporão sobranceiro à Ponte da Ranca, no local conhecido por Crasto, na margem direita, há também indícios de um povoado fortificado da mesma época, como o são outros, um pouco mais acima, já na entrada de Vinhais.

Campos de cultivo em Nunes.



A paisagem é agora completamente diferente do planalto que deixou em Ousilhão. A bacia do Tuela, com encostas nalguns casos acentuadas, é irrigada por muitas linhas de água subsidiárias daquele rio, que determinam uma modelação de relevo variada, com colinas e outeiros de cume arredondado.

É neste cenário que cruza o rio e vai iniciar a subida para Vinhais. As encostas pedregosas estão cobertas de matos rasteiros, de urze, de estevas e de rosmaninho, arroteadas quando o afolhamento é favorável para plantação de novos castanheiros, de vinha e mesmo de oliveiras, que aqui surgem em quantidade apreciável.

VINHAIS

Quando chegar à vista de Vinhais aperceber-se-á, à sua mão direita, de um lameiro corrido por uma linha de água entre uma profusão de choupos e amieiros. Na silhueta do casario é já perceptível o Centro Histórico, alcandorado num pequeno promontório a nascente. O que outrora foi um recinto muralhado com seis torres e um cubelo é hoje um amontoado de casas novas ou renovadas que submergiram o pouco que restou da fortaleza. De qualquer modo, observado do interior da vila, o castelo ganha e evoca ainda, com o realismo das profundas brechas estruturais, os lances mais difíceis da Guerra da Aclamação, quando a praça estava confiada ao heroico Estêvão de Mariz.

Ao entrar na Vila pelo Bairro do Eiró destaca-se o solar dos Crespos com a sua capela de Santa Catarina e mais adiante, no cemitério, a velha Igreja de S. Facundo, um curiosíssimo expoente da nossa arquitetura românica, com umas ingénuas invocações da Santíssima Trindade incorporadas na fachada.

Percorra a vila a pé para conhecer e compreender bem a sua história.

Primeiro o apinhado do Centro Histórico, aonde pode aceder ainda pela porta principal da antiga fortaleza. Procure a Igreja Matriz e descubra o pelourinho. Fora da cintura muralhada estende-se a maior parte da vila. Sem grande esforço encontrará duas casas nobres de referência – Solar dos Condes de Vinhais, recentemente reabilitado e transformado em centro cultural, com as valências de Biblioteca Municipal, espaço internet, auditório, bar, anfiteatro e salas de exposições, e o Solar da Corujeira. E, ao passar junto ao Convento de S. Francisco, demore-se um pouco. Se tiver oportunidade visite a sua igreja e a capela contígua, da Ordem Terceira, para apreciar os magníficos retábulos barrocos.



Pormenor do Solar dos Crespos à entrada de Vinhais. Em cima, Rio Tuela com vegetação ripícola.



Centro histórico de Vinhais.

Vista do castelo e centro histórico.



TROÇO 8



Vinhais é uma boa opção para almoçar. Se o fizer, sugiro-lhe o magnífico fumeiro, que tem a chancela da Denominação de Origem. É aqui a sua capital, com afamado certame anual da especialidade na primeira quinzena de fevereiro. É a Feira do Fumeiro, onde se vendem o presunto, o butelo, o salpicão e as linguças, as alheiras e os chouriços doces e azedas, que levam o nome de Vinhais a todos os mercados do país.

Castelo de Vinhais

8 Numa encosta suave do vale do Tuela, abrigada do setentrião pelo monte de Cidadelha, onde parece ter tido origem, Vinhais, como hoje a conhecemos, tem assento, pelo menos desde meados do séc. XIII. Nesta época, provavelmente já cingida de muralhas, recebeu foral confirmando uma carta régia anterior, de 1224, condicionada à edificação de um castelo.

Na guerra da Independência, à semelhança de muitas outras praças portuguesas, Vinhais tomou voz por D. Beatriz, alinhando algum tempo depois no partido do Mestre de Aviz. Nesta época já o castelo existia e era certamente o mesmo que Duarte d' Armas debuxou em 1509 no seu livro das Fortalezas, com três portas e sete torres, sendo uma delas a de menagem, meio ruidá e uma barbacã com um cubelo edificado e mais sete em construção. Na Restauração, a vila foi assediada por várias vezes, sendo particularmente violento o ataque do general espanhol D. Baltazar Pantoja em 1666, que acabou repellido pela guarnição da praça comandada por Estêvão de Mariz. Nestas operações a fortaleza ficou muito danificada e a maior parte dos estragos nunca mais tiveram conserto.



Hoje, pouco resta dela - apenas a Porta da Vila e alguns cubelos em alvenaria de xisto com duzentos metros de muro no flanco nascente da vila, que serve de muro de suporte ao casario do burgo.

Igreja de S. Facundo

De raiz românica com alterações que denunciam já uma transição para o gótico, esta igreja foi a Matriz da antiga paróquia de S. Facundo de Crespos, do Julgado de Vinhais, uma das mais antigas da atual Diocese de Bragança. De fachada austera, rematada no topo por uma sobre-elevação vazada por três arcos sineiros, sendo um deles de menor dimensão. Contém um pórtico simples de arco redondo, ligeiramente apontado, apoiado nas impostas e flanqueado por três grupos escultóricos, dois a norte e um a sul, sendo este constituído por três figuras que representam a Santíssima Trindade. Com uma única nave, alberga do lado da Epístola um túmulo de xisto quatrocentista. A capela-mor é totalmente preenchida com um retábulo barroco.



Convento e Igreja de S. Francisco e Ordem Terceira

Excecional conjunto arquitetónico barroco constituído por fachada corrida assente em duas cotas, correspondendo a sobranceira à Igreja conventual e a um campanário parietal de três arcos sineiros e a outra ao corpo do convento onde se insere a chamada Igreja de N.ª Sr.ª da Encarnação. Esta, designada por Igreja Grande por ser a maior da vila, foi fundada em 1751 pelo Mestre de Campo José de Morais Sarmento, natural desta vila, que a cedeu depois ao Padroado Real. Embora de uma só nave, é um templo vasto com cinco altares com excelentes retábulos de talha, pintura e imaginária.



Mereceu também referência a Capela do Senhor dos Perdidos e de Nossa Senhora das Dores, junto à Portaria e um magnífico coro com um crucifixo notável atribuído à goiva de Frei Domingos, irmão Terceiro de S. Francisco.



O designado convento foi Seminário de Missionários Apostólicos, com disciplina monástica segundo a regra franciscana. Conserva ainda um claustro com arcadas e no meio um chafariz octogonal com uma estátua da fama.

Igreja, Museu e Convento de S. Francisco.

Fumeiro de Vinhais – Uma cultura gastronómica única em Portugal e a inigualável qualidade dos produtos fazem do Concelho de Vinhais a Capital do Fumeiro, levando a autarquia a uma empenhada e cuidada promoção da "Feira do Fumeiro" que ano após ano se realiza no segundo fim de semana de fevereiro.

Um dos segredos da afamada qualidade do "Fumeiro de Vinhais" é a criação do porco bisaro, uma das duas únicas raças autóctones de suínos existentes em Portugal. Os suínos da raça bisara caracterizam-se pelo seu grande tamanho, chegando a atingir mais de um metro de altura e metro e meio de comprimento desde a nuca à raiz da cauda! Ossudos e pouco musculados, tem uma carcaça em que a proporção do músculo é maior que a de gordura, o que permite obter uma carne pouco atoucinhada, mas muito entremeada.

Tratando-se de carne pouco gorda constitui, talvez, o segredo do sabor do fumeiro. É curioso saber que a alimentação dos animais no concelho, é feita sobretudo à base de produtos naturais produzidos na própria exploração agrícola, nomeadamente a batata, a castanha, a beterraba, abóbora, nabo, forragens, grãos e farinhas de cereais. Diz-se, até, que "os porcos comem comida de gente"! Mas são também beneficiados em pastagens, soutos e carvalhais.

Esta conjugação de fatores relativos à alimentação, ao maneio, à idade do abate superior a um ano e à própria raça, confere à carne características ótimas, especialmente para a produção de enchidos.

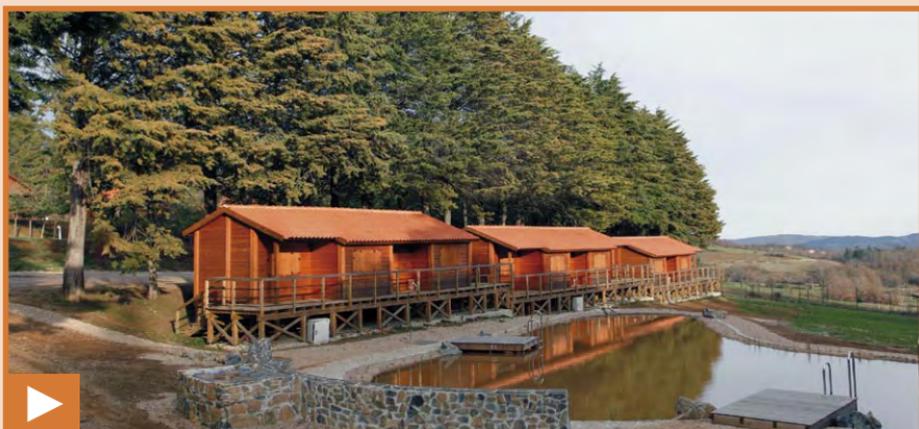
As proteções comunitárias como "Indicação Geográfica Protegida" do "Salpicão de Vinhais", da "Linguíça de Vinhais" ou "Chouriça de Carne de Vinhais", "Alheira de Vinhais", "Chouriça Doce de Vinhais", "Chouriço Azedo de Vinhais", "Butelo de Vinhais" e o "Presunto Bisaro de Vinhais" representam um instrumento importantíssimo para evitar a descaracterização destes produtos e salvaguardar a sua qualidade e genuinidade.



Estas características, estão hoje garantidas face à resolução superior da criação de uma área geográfica de produção e respetiva certificação. Em 2001 realizou-se a primeira Feira Nacional do Porco Bisaro, simultaneamente com a Feira do Fumeiro que se iniciou em 1981.



TROÇO 8



8



Parque Biológico de Vinhais

Situado a escassos 3 Km do centro da vila de Vinhais, bem sinalizado, o Parque Biológico de Vinhais é uma estrutura criada pela Câmara Municipal com a finalidade de dar a conhecer o património natural e cultural do concelho e de promover a conservação da natureza. Nas suas instalações, localizadas no Viveiro Florestal de Prada, o Centro de Interpretação de Raças Autóctones mostra ao visitante uma interessante exposição de modelos, em tamanho real, de 55 raças portuguesas de animais domésticos de todo o país.



Dentro dos "cercados" pode observar, ao vivo, javalis, corsos, veados e, em gaiola de grande dimensão, algumas aves de rapina. Deste modo, possibilita-se ao visitante observar, em espaço reduzido, uma série de espécies de mais difícil observação no contexto do Parque Natural de Montesinho.

visite o site

Ainda neste espaço, foi criado o Centro Micológico de Vinhais onde se aborda várias áreas temáticas, desde as espécies e a sua biologia, à toxicidade dos fungos, conservação e transformação, receitas, workshops, etc. Em paralelo, o Parque oferece ainda, ao visitante, uma série de atividades de recreio e lazer.

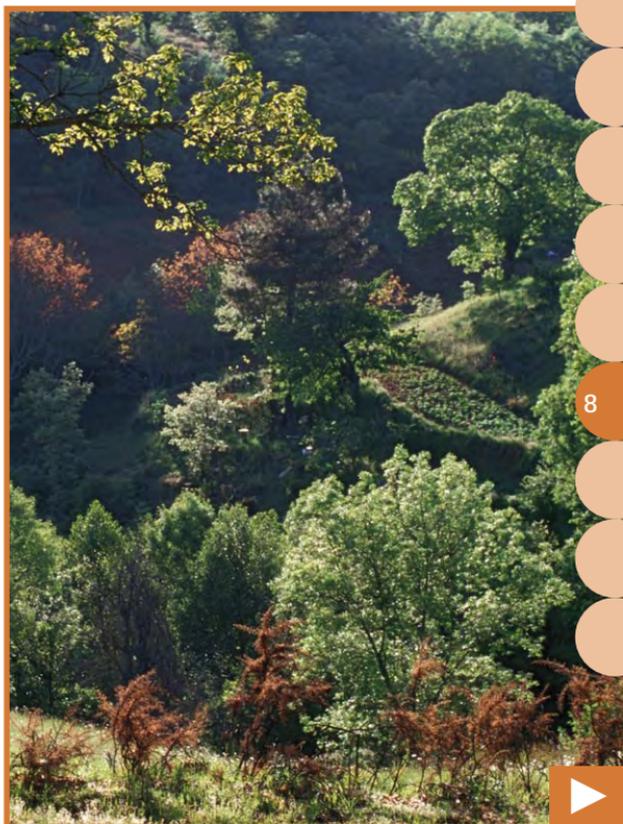
Como complemento, dispõe de alojamento em "bungalows", com dimensões que vão do T1 ao T4, passeios a cavalo e de "charrette" e aulas de equitação, à quinta e ao sábado.



Ao deixar Vinhais, antes de prosseguir a Rota, uma visita ao Parque Biológico de Vinhais é quase obrigatória para quem queira conhecer o património Natural da região.

Retome a Rota e, reconfortado com a visita, tome a estrada de Chaves. Passe o Rio de Trutas e logo alcança Soutelo e aí a indicação de **SOBREIRÓ DE BAIXO**, dois núcleos pequenos e modestos, edificadas em xisto, cada um do seu lado da ribeira do mesmo nome. Por aqui passou a Via XVII do Itinerário de Antonino, via romana que estabelecia a ligação entre as duas capitais conventuais do noroeste peninsular – *Asturica Augusta* (Astorga) e *Bracara Augusta* (Braga) e que ainda na Idade Média conduziu muitos peregrinos a Santiago de Compostela, seguindo um percurso que está atualmente a ser revitalizado como o braço português da *Via de La Plata*. E a prová-lo lá se veem as inconfundíveis setas amarelas que em qualquer local da Europa identificam um itinerário jacobeu.

Mas o oitavo troço da Rota não se conclui em Sobreiró de Baixo, mas em Sobreiró de Cima. Volte, por isso, a Soutelo e retome a estrada. Pouco mais falta que um quilómetro puxado.



Paisagem diversificada na zona de Sobreiró de Cima.

O Caminho de Santiago

Durante a Idade Média as peregrinações a Santiago de Compostela, na Galiza, mobilizaram milhões de peregrinos que atravessaram toda a Europa para venerar o túmulo do Apóstolo S. Tiago Maior. Este fenómeno pode mesmo considerar-se um dos principais fatores da consolidação europeia.

Atualmente as peregrinações jacobéias conhecem um novo e fortíssimo apelo, que justificou a recuperação dos itinerários históricos. Um deles é a *Via do Sudeste*, também conhecida por *Via de La Plata*, proveniente de Sevilha e Zafra.

Esta Via tem um troço alternativo que evita a Sanabria, desviando em Zamora para atingir Xinzo de Limia e Ourense por território português. Este desvio, que tem tradições historicamente comprovadas, atravessa a Terra Fria, de Quintanilha a Sandim, passando por Bragança e Vinhais.

TROÇO 8

VINHAIIS



ALOJAMENTO

Pensão Cidadela Transmontana

R. dos Frades
5320-331 Vinhais
T. 273 771 226
Fax 273 771 226
rescidtrans@mail.telepac.pt

TURISMO RURAL

Quinta dos Castanheiros

R. da Fonte 1
5320-023 Celas
T. 273989014
Tlm. 962 044 060
Fax 273 989 014
info@quinta-dos-castanheiros.com

Refúgio Sublime

Rebordelo
5335-104 Rebordelo
T. 278 369 382
Tlm. 962 368 481
hospedagemrebordelo@hotmail.com

Casa de Campo

Casa da Flor - Soeira
5320-170 Soeira
T. 273 322 004
Tlm. 968 587 951
Fax 214 025 870

Casa-Retiro da Mencha

Rio de Fornos
5320-279 Vinhais
T. 934 143 171
info@casadamencha.com

Casa dos Vale de Armeiro

Bairro do Campo
5320-306 Vinhais
T. 273 772 589
Tlm. 932 050 384
geral@casadosvaldarmeiros.com

Hospedaria do Parque Biológico

Rio de Fornos
5320-279 Vinhais
T. 273771040
Tlm. 933 260 304
T. 273 771 040
geral@parquebiologicodevinhais.com

Casa do Guarda

Parque Biológico - Ciradella
5320-327 Vinhais
T. 273 771 040
Tlm. 933 260 304
Fax 273 771 040
geral@parquebiologicodevinhais.com

PARQUE DE CAMPISMO

Parque de Campismo Rural (Bungalows)

Parque Biológico - Ciradella
5320-326 Vinhais
T. 273 771 040
Tlm. 933 260 304
Fax 273 771 040
geral@parquebiologicodevinhais.com

Campismo, Caravanismo e Autocaravanas

Parque Biológico - Ciradella
5320-328 Vinhais
T. 273 771 040
Tlm. 933 260 304
Fax 273 771 040
geral@parquebiologicodevinhais.com



RESTAURAÇÃO

Restaurante Residencial - Cidadela Transmontana

R. dos Frades
5320-331 Vinhais
T. 273 770 110

Restaurante Comercial

R. Nova da Calçada
5320-322 Vinhais
T. 273 772 169

Restaurante Casa do Fumeiro

Portela dos Frades - Fração A
5320-301 Vinhais
T. 273 771 217

Restaurante O Silva

R. S. Francisco n.º 27
5320-321 Vinhais
T. 273 771 242

Restaurante Delfim

Av. Padre Firmino Augusto Martins
5320-301 Vinhais
T. 273 772 456

Restaurante Convite

R. José Morais Sarmento
5320-334 Vinhais
T. 273 771 314

Restaurante O Lameirino

EN 103 Soutelo
T. 273 771 490

Restaurante O Manuel

R. José Morais Sarmento
5320-334 Vinhais
T. 273 107 337

Cervejaria Boavista

R. Dr. Alvaro Leite
5320-332 Vinhais
T. 273 771 063

Restaurante Último Cartuxo

EN 316 - Complexo desportivo Piscinas Descobertas
5320 Vinhais
T. 273 098 074

Restaurante Tapas

Av. Padre Firmino Martins
5320-301 Vinhais
T. 273 771 050

Pizzaria The Brothers

R. da Corujeira
5320-323 Vinhais
T. 273 771 025

Restaurante Akapour

Av. Padre Firmino Augusto Martins
5320-301 Vinhais
T. 273 772 415

Restaurante Refugio Sublime

Av. do Brasil, 17
5335-102 Rebordelo
T. 278 369 382

Restaurante Rossio

R. Portela Frades 14
5320-325 Vinhais
T. 273 771 441

Restaurante Terra Fria

Av. do Brasil
5335-102 Rebordelo
T. 278 108 229

Churrasqueira

Vasco da Gama
R. Nova da Calçada
5320-322 Vinhais
T. 273 106 257

**Restaurante Snack-Bar
A Lareira**

Estrada Nacional 103
5320 Vinhais
T. 273 679 179



SERVIÇOS

Câmara Municipal de Vinhais

R. das Freiras, 13
5320-326 Vinhais
T. 273 770 300
Fax 273 771 108
geral@cm-vinhais.pt

Guarda Nacional Republicana

R. São José, 45
5320-319 Vinhais
T. 273 770 090
Fax 273 770 091

CTT

Largo do Arrabalde (EN 103)
5320-999 Vinhais
T. 273 771 940
Fax 273 771 946

**Bombeiros Voluntários
de Vinhais**

R. dos Frades
5320-331 Vinhais
T. 273 771 012
Fax 273 770 258

**Parque Biológico de Vinhais
Alto da Ciradelta**

5320 Vinhais
T. 273771040
Tlm. 933 260 304
Fax 273 771 040
vinhais@parquebiologico.pt
www.parquebiologicodevinhais.com

**Núcleo Museológico de Arte
Sacra da Ordem Terceira**

R. dos Frades
5320 Vinhais
T. 273 770 300
ecomuseu.artesacra@gmail.com

**Centro de Interpretação
do Parque Natural de
Montesinho**

Casa da Vila em Vinhais
5320-272 Vinhais
T. 273 771 416
cipnm@cm-vinhais.pt

Posto de Turismo

R. Nova (EN 103)
5320-335 Vinhais
T. 273 770 309

Centro de Saúde

R. José Morais Sarmento, 128
5320-334 Vinhais
T. 273 770 150
Fax 273 770 157

**Complexo Municipal de
Piscinas de Vinhais**

EN 316
5320 Vinhais
T. 273 770 307

**Centro Cultural Solar dos
Condes de Vinhais –
biblioteca municipal,
espaço internet, auditório,
bar, anfiteatro e salas de
exposições**

R. Simão Costa Pessoa
(à Rua dos Frades)
5320 Vinhais
T. 273 771 438



**FESTAS
E ROMARIAS**

BRAGANÇA

ZOIO

Festas da Santíssima Trindade em maio / junho, de St. António a 13 de junho e do Sagrado Coração de Jesus em junho (móvel).

VINHAI

VILA BOA DE OUSILHÃO

Festas do Corpo de Deus no dia do Corpo de Deus, de S. Roque a 16 de agosto, de S. Miguel a 29 de setembro.

OUSILHÃO

Festa de Nossa Senhora da Alegria (2º domingo de agosto) e Festa de Santo Estevão (25 e 26 de dezembro).

NUNES

Festas de Nossa Senhora dos Remédios no 3º domingo de agosto, de S. Cipriano a 16 de setembro e de Stº Antão a 17 de janeiro.

VINHAI

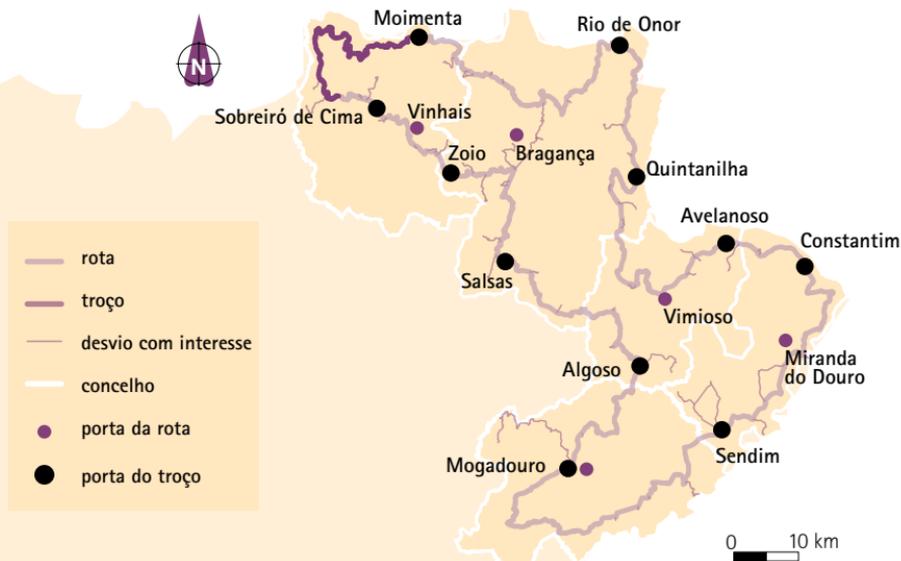
Festas da Vila – Nossa Senhora da Assunção de 1 a 15 de agosto e Festas de Santo António no 1º domingo de setembro.

SOBREIRO DE BAIXO

Festas de S. Mateus a 21 de setembro; Festa de Nossa Senhora de Fátima a 13 de outubro e Festa de S. Miguel a 29 de setembro.

Centro Cultural Solar dos
Condes de Vinhais.





TROÇO 9

Vale do rio Rabaçal.





TROÇO 9

TROÇO 9 | Sobreiró de Cima – Moimenta



Capela de Santa Luzia em Sobreiró de Cima.

SOBREIRÓ DE CIMA nasceu da bifurcação das estradas de Chaves e da Lomba, junto à Capela de S. Miguel Arcanjo. Se seguir a indicação da Capela de Santa Luzia, por um estradão entre pastagens e soutos atinge o festo que delimita os vales do Tuela e do Rabaçal, dominando uma ampla panorâmica, quer sobre a Serra da Coroa, quer a sul, onde se recorta ainda a serra de Nogueira. As pastagens e os matos são pousios das centeeiras que ceifadas no final do verão ficam pejadas de corvos que gransam e debicam na terra algum grão desperdiçado. A ermida, setecentista, tem a sua festa em agosto, com grande concurso de povo devoto à Santa que advoga "os males da vista". Regresse a Sobreiró de Cima.

Passado o desvio para Carroceiras, a estrada começa a descer lentamente o vale do Rabaçal. Sempre a meia encosta passa junto ao lameiro de Cobelas e atravessa o ribeiro das Geleias. Já à vista das antigas minas de ouro da Jariça, desativadas há mais de sessenta anos e que ora se cobrem de disciplinados castanheiros, verá um **desvio** à direita que conduz a Peleias, um lugar modesto e depois a **TUIZEL**, este sim, a merecer absolutamente uma visita. É aqui, em Tuizelo, que se faz a romaria a Nossa Senhora dos Remédios (31 de agosto a 8 de setembro). A igreja onde se congrega a confraria é um magnífico exemplar barroco, com uma nave de avantajada dimensão, abóbada de berço pintada e bons retábulos em talha dourada e policromada, que bem atestam o apego esmoler da população.



Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, Tuizelo.



No exterior, a amplidão do espaço, a Casa da Confraria com a sua varanda alpendrada e o fontanário de alto espaldar, prenunciam ao visitante a surpresa que o espera. A aldeia em si não parece ter-se valido da fama do santuário, nem mesmo a Igreja Matriz, que segue os cânones rígidos que tipificam a arquitetura religiosa barroca nesta região.

Voltando de novo a Peleias prossiga a descida ao Rabaçal. Pouco adiante, em Cruz de Revelhe, a estrada apresenta uma saída à esquerda para **REVELHE**. Em sítio próximo existiu um castelo, há muito desaparecido, de onde se desfruta uma ampla vista sobre o vale do Rabaçal, com as serras do Coelho e da Coroa nas cabeceiras. O local, sacralizado com uma capela de feição recente em honra de Santa Bárbara, protetora das trovoadas, é ermo, escabroso e coberto de mato, escondendo perdizes em quantidade.



A estrada caracoleia para acompanhar a caprichosa deambulação do ribeiro de Penso, que corre à direita e se precipita no Rabaçal, no Lombo da Pedra da Esquina. Enquanto não perdeu cota, foi ainda possível reconhecer na margem oposta, alcandorada nas alturas, a povoação de **PENSO** e mais diluída, em segundo plano, a de **SANTALHA**. Na travessia do Rabaçal as margens são alcantiladas, com matos e carrascas a sustentar as terras. O rio corre esganado e ímpetuoso, mas propiciou a criação de uma área de lazer com praia fluvial e parque de merendas bem equipado, no local onde até há poucos anos se erguia a ponte velha, entretanto demolida. Atualmente e desde 1977, uma ponte nova, a que chamam ponte de Lomba, muito mais elevada, permitiu a regularização do traçado da via, poupando ao viajante o desconforto de apertadas curvas.

Passado o Rabaçal vai subir a íngreme encosta até ao Alto da Tremonha. Olhando a jusante ainda se consegue vislumbrar, a pouco mais de quinhentos metros, um forte esporão enlaçado por um apertado meandro do rio, em cuja crista se alcandorava um povoado proto-histórico fortificado com muralha, torreão e fosso. É conhecido pelo Castelejão de Frades, nome da povoação que lhe fica mais próxima. O mato constitui ainda o coberto principal, mas vão surgindo, quando podem firmar-se, os castanheiros, algumas oliveiras, primeiro isoladas e a pouco e pouco criando pequenos maciços e, mesmo, algumas folhas de vinha que indiciam o microclima mediterrânico, nos vales encaixados com boa exposição solar. Baterias de colmeias, bem arrumadas nas encostas, enxameiam os matos de urze e rosmaninho e acrescentam o mel à gastronomia local. Já próximo do alto, quando as vistas são profundamente alargadas e mesmo sem miradouros se descobrem os vales encaixados da bacia hidrográfica do Rabaçal, vão surgindo

Vale do Rabaçal.

Represa com praia fluvial e águas minero-medicinais de Sandim.



TROÇO 9



Rio Mente, afluente do rio Rabaçal, Sandim.

manchas cerradas de pinhal descendo das cumeeiras, criadas pelos Serviços Florestais para contrariar a erosão e promover a biodiversidade.



Gestosa.

No Alto da Tremonha a estrada tem saída à direita para Gestosa, por onde, aliás, se continua a Rota. Seguindo em frente a estrada de Chaves dá ainda acesso a Frades, Edral, Vilar Seco de Lomba, S. Jumil, Brito, Ferreiros e Sandim, tudo povoações da Lomba, no extremo poente do concelho de Vinhais.

Se resolver seguir um pouco esta estrada, que desce até ao rio Mente, afluente do Rabaçal, chegará a Sandim e Segirei, esta povoação já do concelho de Chaves. Aqui, junto a uma aprazível praia fluvial, existe uma boa nascente de águas gasocarbónicas.



Ponte medieval da Gestosa.

De novo no Alto da Tremonha siga para Gestosa. Já numa situação planáltica, os lameiros secos cultivados ou em pousio, ainda com intercalações de matos nas vertentes mais agrestes, vão admitindo em número crescente castanheiros isolados, em grupos e plantações regradas e contínuas.

Pormenor da Igreja Matriz de Vilar Seco da Lomba.

GESTOSA é uma aldeia antiga e limpa, na estrada velha para Santalha, não muito longe da medieval ponte do Rabaçal, um dos muitos testemunhos que atestam a remota ocupação humana desta região da Lomba.



Retomando a Rota, verá indicações para poente, de **PASSOS** e **VILAR SECO**, mais duas aldeias da antiga Terra da Lomba, que neste último lugar manteve ereto o pelourinho da sua jurisdição. Se aqui vier atente bem na Igreja Paroquial, enriquecida com um bellissimo frontão esculpido, contendo a imagem do orago S. Julião, e ainda nos retábulos e pinturas interiores que letreiro data de 1788. E já agora, peça para lhe mostrarem as adegas enterradas, um engenhoso processo de condicionar as agruras do



Telhado coberto em lascas de lousa, Vilarinho

clima para a conservação do vinho, enterrando-as nas encostas com meia cobertura colmaça. E se achar curioso, procure-as também em **S. JUMIL**.

Ao sair de Vilar Seco da Lomba vire para Quiraz. Passará por **EDROSO**, que vale pela situação excepcional, muito próxima do marco geodésico de Arrasca (920 metros), com amplas vistas em todas as direções. Encontrará por aqui as primeiras casas com cobertura em lascas de lousa, que tão características são da construção tradicional de Trás-os-Montes.

O planalto vai perdendo altura à medida que se aproxima de **QUIRAZ**. Descerá lentamente com as serras do Coelho e da Coroa na frente e uma panorâmica do rio Mente à esquerda. Adiante fica Cisterna, uma pequena aldeia em xisto, praticamente sobre a fronteira com Espanha. É aqui o extremo setentrional da Lomba, o **desvio** do interflúvio Mente-Rabaçal, num posicionamento estratégico imemorialmente reconhecido pela população local, que já na Alta Idade Média o tinha reforçado com uma linha de fortificações de que restam ainda bastos vestígios.

Não avance para Cisterna, a menos que queira dar um salto a Espanha. Em Vilarinho da Lomba tome a estrada para os Pinheiros, que dá continuidade à Rota. Passará o **RABAÇAL** na antiga ponte de Santa Rufina, quase duzentos metros abaixo, o que forçou o traçado da via a traineis muito inclinados, com apertados ganchos. Conduza com cautela para não desafiar o perigo. No **CASTILHÃO**, a montante desta ponte de Santa Rufina, há vestígios de

As bodegas – A Lomba não é, propriamente, uma área vitivinícola, sobretudo se comparada com outras da vizinha Terra Quente, onde se produzem vinhos de excelente qualidade.

Aqui, as condições edafoclimáticas não são as mais propícias mas, como em qualquer outro local do país, algum vinho se vai produzindo, pelo menos para satisfazer as necessidades da casa.

Merece, contudo, particular referência, pela sua invulgaridade, o tipo de adega que aqui se utiliza para preparar e armazenar o vinho. Chamam-lhes "bodegas". São construções semienterradas, aproveitando para isso alguma irregularidade morfológica do terreno, alçadas com alvenaria de xisto empiilhado, corrente nesta região e com coberturas colmaças. Conseguem-se, deste modo, uma menor amplitude térmica no interior que favorece a fermentação e um teor de humidade constante imprescindível à conservação do vinho.

Em Vilar Seco de Lomba utilizam-se ainda algumas "bodegas" deste tipo.

Adegas de S. Jumil.



TROÇO 9



Ponte de Santa Rufina, sobre o rio Rabaçal.

mais um povoado antigo, que terá sobrevivido até à Idade Média e relacionado com o culto hagiográfico que ainda identifica a ponte. Seguindo a estrada para Pinheiro Novo após uma subida acentuada, quase a chegar ao planalto, num ribeiro à sua mão direita vai encontrar um moinho de água recuperado com uma pequena queda de água, local aprazível para fazer umaragem.

A chegada a **PINHEIRO NOVO** faz-se por poente. É esta uma das mais interessantes povoações da região pelo potencial que conserva ainda da arquitetura popular expressiva. Inserida já em área geológica predominantemente granítica, a solidez das suas estruturas quando comparadas com a das alvenarias de xisto da vizinha Lomba, é evidente.



Curiosamente, ainda se pode aqui seguir, com exemplos que vão permanecendo, toda a evolução das coberturas dos edifícios, as armações de madeira cobertas com palha colmaça, as mesmas armações cobertas com placas de

Moinho de água recuperado e pormenor do interior de um moinho de água.



Igreja de Pinheiro Novo. À esquerda: casa senhorial e cruzeiro no centro da povoação, em Pinheiro Novo.



lousa, situações híbridas e de compromisso, o advento da telha cerâmica tipo "Marselha" com a melhoria dos transportes no princípio do séc. XX, a generalização da telha tipo "Lusa" e agora, recentemente, o recurso a novos materiais e processos de construção importados da vizinha Espanha. Merece referência uma casa senhorial no centro da povoação, fronteira a um bonito cruzeiro bifronte. A exploração mineira de ouro e estanho foi, de tempos imemoriais, o recurso económico desta região, mas hoje já todas as minas estão encerradas.



Arquitetura tradicional, Pinheiro Velho.

A Rota atravessa agora o vale do Assureira, vencendo um desnível de quase trezentos metros. Este percurso proporciona magníficas vistas em todas as direções, já que a estrada serpenteia pelas encostas até chegar a Contim, cortando, inclusivamente a crista quartzítica que se estende no enfiamento do Alto de Contim ao Alto de Portelas. No fundo do vale, um extenso lameiro acompanha o rio Assureira, afolhado com milheirais, hortas e vinha, com densas galerias de freixo. Nas encostas as fragas não deixam espaço senão aos matos, com esporádicos assomos de carrascas. A aldeia de **CONTIM** fica à direita, seguindo-se Seixas, de onde bifurcam saídas para Santalha e Tuizelo. Se aqui não esteve quando saiu de Vinhais, tem agora de novo oportunidade para visitar a Senhora dos Remédios.

A partir de **SEIXAS** continua a subir a serra da Coroa, a caminho de **VILARINHO DAS TOUÇAS**. À direita, o afloramento quartzítico do Seixão posicionou estrategicamente um povoado da Idade do Bronze. À esquerda, magníficas vistas sobre o vale do Assureira, tendo a serra do Coelho como cenário de fundo. Matos rasteiros e pousios de secadal preenchem o espaço que as fragas libertam e o arvoredo a esta altitude, já bem acima dos mil metros, resume-se apenas a ralos pinhais em situações menos agrestes. Assim mesmo, os nossos antepassados por aqui andaram há milhares de anos, desenhando penhascos e lajedos com enigmáticos sinais que não deciframos.

Cristas quartzíticas

Os quartzitos são rochas de génese sedimentar ou mesmo metamórfica, constituídos essencialmente por quartzo, um mineral translúcido de grande dureza e resistência.

Quando em disposição linear nos cumes e pendores das serras e se tornam proeminentes por erosão das formações xistosas envolventes, constituindo-se como excrescências informes de dimensão relevante, se não contínuas, pelo menos alinhadas, têm-se as cristas quartzíticas.

Na Terra Fria estes relevos residuais afloram em diversos locais, com uma orientação, aproximadamente noroeste-sudeste, sendo sempre ocorrências de grande valor paisagístico, como se pode ver nos Pinheiros, nas vertentes do vale do Assureira.



TROÇO 9



Cerdedo. Desça ligeiramente a **CASARES**, um oásis de frescura na aridez esmagadora da serra. Visite o povoado, que bem o merece pelo esforço posto na sua preservação.

Subindo de novo, a estrada alcança as cotas mais elevadas da serra da Coroa (1273 metros) para iniciar a baixada a Carvalhas e Moimenta. Nos barrancos e cortes dos maciços rochosos é perceptível a intensa fraturação das formações xistentas, o que justifica o paciente empilhamento das alvenarias de construção. A vista é magnífica, sobretudo para norte, onde se vislumbram já os contrafortes da serra de Sanabria e um **desvio** à esquerda conduz a Manzalvos, a primeira povoação espanhola, já que a fronteira fica a menos de mil metros.



Paragem-abrigo em Casares.

O planalto estende-se já com secadais e soutos dispersos. O desabrigo e o isolamento justificam de novo que as paragens de transportes públicos sejam quase fechadas e com lareira de aquecimento, como viu já na serra de Nogueira.

E nesta imensidão de vistas em que a Natureza se afirma com todo o seu esplendor, chega a Moimenta, onde se conclui mais um troço da Rota.

Vale do Ribeiro, Casares.



VINHAIS



RESTAURAÇÃO

Restaurante Lameirinhas

Estrada Nacional 103
5320-165 Sobreiró de Baixo
T. 273 771 490



ALOJAMENTO

TURISMO RURAL

Casa da Fonte de Travanca

Lugar da Travanca
5320-180 Travanca
T. 273 695 014
Tlm. 933 289 612
Fax 273 695 014
geral@casadafonte.com

Casa-Abrijo do Geadas

Travanca
5320-180 Travanca
T. 273 326 002 | 273 324 413
Fax 273 331 711
ogeadas@hotmail.com

As Casas de Casares

Lugar de Casares
5320-082 Montouto
T. 273 326 911
Tlm. 967 641 443
Fax 273 332 847
geral@casas-de-casares.com



FESTAS E ROMARIAS

SOBREIRÓ DE CIMA

Festa de Santa Luzia (agosto).

TUIZELO

Festa de Nossa Senhora dos Remédios (31 de agosto a 8 de setembro); S. Lourenço (10 de agosto); S. Pedro (24 de agosto); Nossa Senhora da Assunção (15 de agosto); S. Roque (16 de agosto).

SANDIM

Festa em honra a S. Mamede e Santo Amaro (17 de agosto).

GESTOSA

Festa de Nossa Senhora da Assunção (15 e 16 de agosto).

PASSOS

Festa do Senhor dos Aflitos (2.º domingo de agosto).

VILAR SECO DE LOMBA

S. Julião (7 de janeiro) e Santa Bárbara (17 e 18 de agosto).

QUIRÁS

S. Salvador (6 de agosto), Nossa Senhora da Ascensão (15 de agosto) e Nossa Senhora das Candeias e Santa Eufémia (22 de agosto).

PINHEIRO NOVO

Festa de Santa Marinha (18 de agosto), Festa de S. Sebastião (20 de janeiro), Festa de Santa Ana (26 de julho), Festa de Santo António (13 de junho).

PINHEIRO VELHO

Festa de São Sebastião (20 de janeiro).

CONTIM

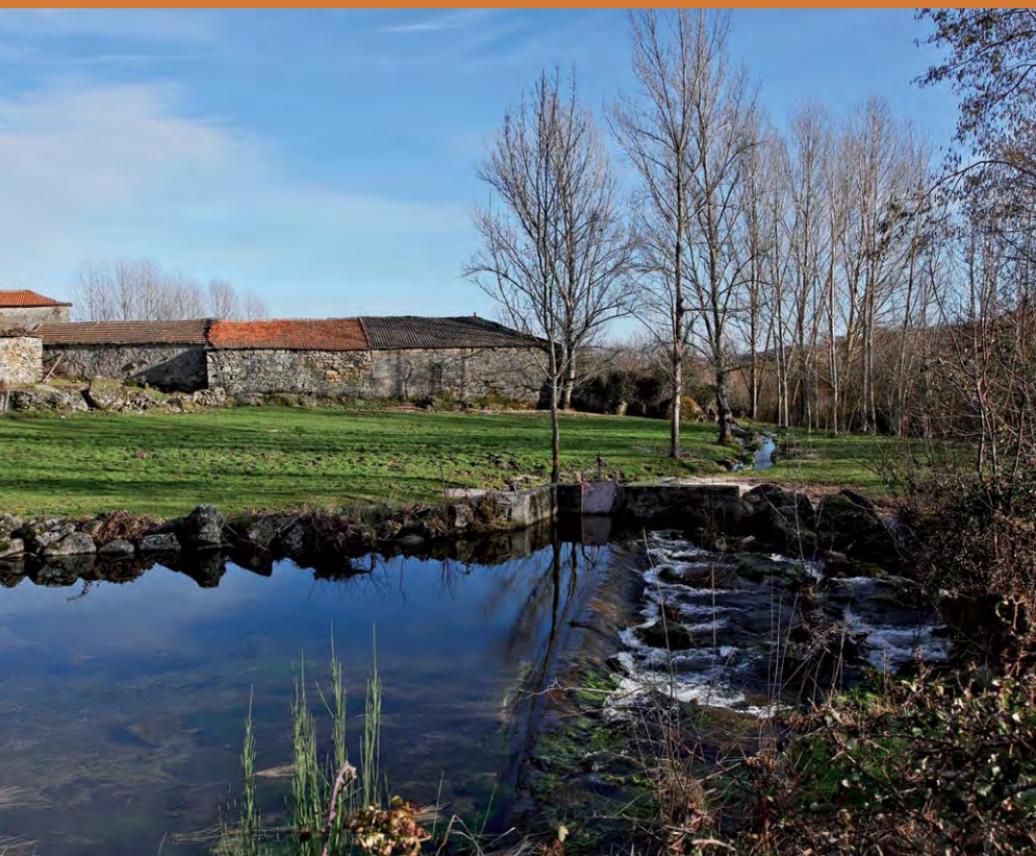
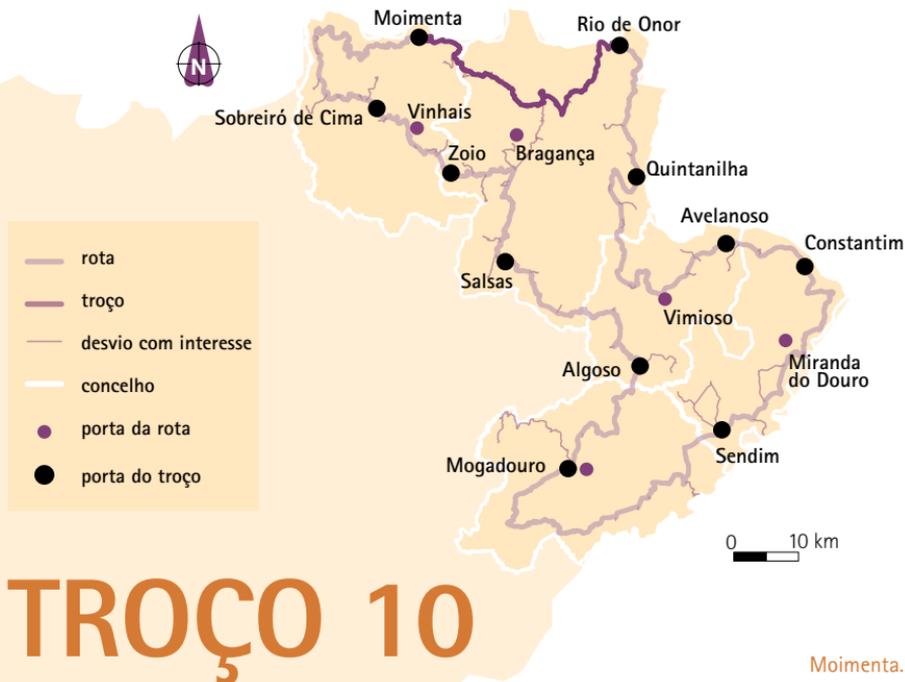
Santa Margarida (20 de agosto).

CERDEDO

Nossa Senhora da Ascensão (15 de agosto).

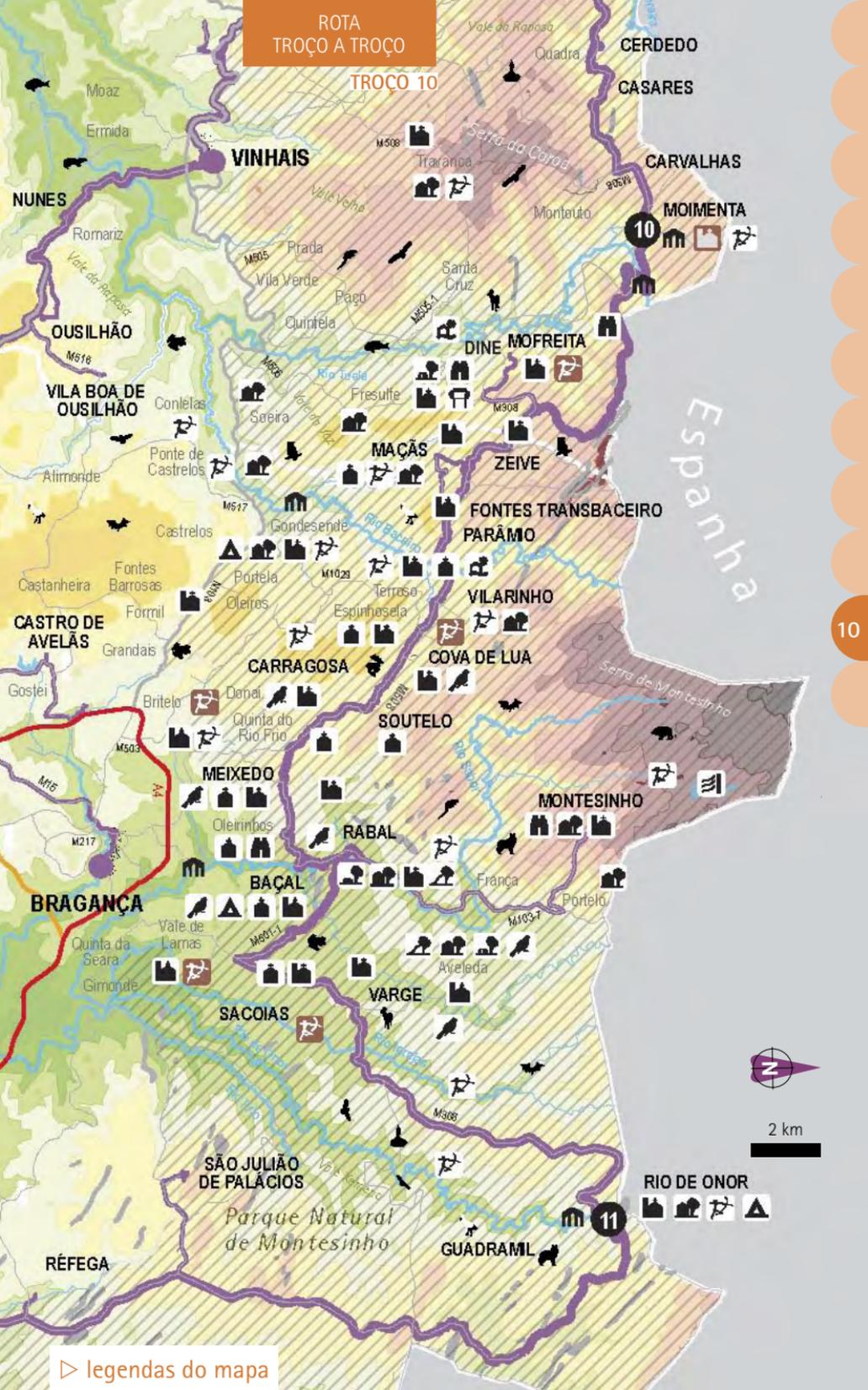


Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, Tuizelo.



ROTA
TROÇO A TROÇO

TROÇO 10



TROÇO 10

TROÇO 10 | Moimenta – Rio de Onor



Casa dos Ataides Figueiredo.

MOIMENTA é uma das mais interessantes aldeias da Terra Fria, numa vertente da serra da Coroa, a cerca de novecentos metros de altitude, em plena bacia de apanhamento do curso superior do Tuela.

A natureza granítica do subsolo está bem expressa na tipologia arquitetónica do edificado, caprichando as construções no recurso a tecnologias mais evoluídas e na ostentação de pormenores decorativos pouco vulgares na região. A igreja paroquial, merecidamente classificada, é o paradigma desta situação, mas muitas casas, como a dos Ataides de Figueiredo, de carácter erudito, ou a dos Ponecas, esta mais popular e até trechos urbanos como o Largo do Calvário, a Praça do Comércio ou as Ruas do Carreiro, da Urze ou da Ponte testemunham bem a preocupação e as exigências de qualidade da população, refletindo a disponibilidade de meios e as oportunidades geradas pelas relações de fronteira.

Local remotamente povoado, conserva ainda a memória das civilizações precedentes em inúmeros vestígios que a sua ocupação nos legou – um castro fortificado no esporão da confluência da ribeira de Anta no Tuela, localmente conhecido por Cigadonha ou Cigarrosa; uma calçada de origem medieval que liga a ponte à povoação e se continua além dela; uma ponte medieval; e muitas outras construções que se sucederam no tempo até à atualidade, designadamente a turbina que forneceu energia à povoação até 1970, enquanto se aguardava a ligação à rede elétrica nacional.

Alguns empreendimentos comuns como a eira, os moinhos, os lagares, as fontes e a forja comunitária ainda se conservam como referências fundamentais da cultura popular.



Igreja matriz de Moimenta (IIP).

Fontanário e moinho, Moimenta.





À esquerda: 3, penedo situado a 1025 m de altitude que marcava a fronteira entre os 3 velhos reinos medievais de Portugal, Castela e Leão e Galiza.



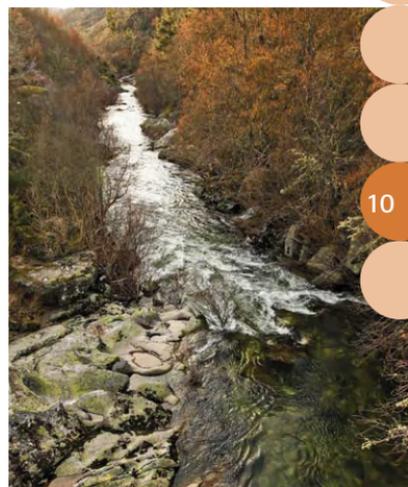
Se a hora lhe convier fique para almoçar e experimente o fumeiro de Moimenta ou um prato de caça.

Se ainda tiver tempo, pergunte a alguém onde fica o Penedo dos Três Reinos, que na Idade Média marcava a fronteira entre os Reinos de Portugal, Castela e Leão e Galiza.

A saída de Moimenta faz-se descendo o Tuela entre retalhos de culturas variadas – horta, fruteiras, milho, batata, vinha e força de castanheiros, rareando as casas à medida que se progride, até que o cenário se torna de novo agreste com a escarpa nua ou coberta de matos. Passe a ponte do Couço, a montante da ponte medieval e do castro neolítico e inicie a subida da outra vertente, ganhando progressivamente excelentes panorâmicas que atingem o apogeu na cumeeira da serra da Escusaña (Redaria-1031 metros) que é fronteira internacional por espaço de três quilómetros.

Passada a casa dos Serviços Florestais atravesse a ribeira de Remosende para chegar a **MOFREITA**. Na vertente norte, menos inclinada e por mais bem exposta, já o castanheiro se adapta, reconhecendo-se entre os soutos novos das surribas, relíquias centenárias, referências esquecidas de antigas florestações.

Mofreita é uma povoação com um edificado simples, com algumas notas esparsas de erudição barroca, sobretudo na decoração dos alizares de portas e janelas e, naturalmente, na respetiva Igreja Matriz. Curiosamente, ainda conserva os restos de um antigo mosteiro femi-



Vale superior do Tuela.

Arquitetura tradicional e igreja matriz em Mofreita.



TROÇO 10



Entrada da Lorga de Dine. À direita, Núcleo Interpretativo da Lorga de Dine.



nino há muito secularizado. Da visita a Mofreira pode levar consigo uma peça de lã tecida nos teares locais.

Valerá de novo a pena sair agora da Rota para um breve desvio a **DINE**, para visitar uma gruta do período calcolítico, que está classificada e que justificou mesmo a instalação de um Núcleo Interpretativo da Lorga de Dine, que assim se designa este monumento pré-histórico. Nas suas imediações poderá também apreciar um conjunto de quatro antigos fornos de cal que se conservam como memória de uma atividade – o fabrico de cal por calcinação do calcário local – que ainda subsistia há não muitos anos. Os painéis fixados no local explicam bem o seu funcionamento.

Voltando a Mofreira e retomando a Rota, a primeira povoação que surge é **ZEIVE**, com desvio para Fontes de Transbaceiro e Maças, povoações com a denominação de “Centro Rural de Montesinde”.

Na embocadura do acesso a **FONTES DE TRANSBACEIRO**, uma estranha capela, de gosto eclético e arrebitado, moldada em cimento, regista o sentimento do seu patrono com “A saudade à partida – a nostalgia à chegada”, entre 1962 e 1975.

Fornos de cal, em Dine.



TROÇO 10



Continue, agora em direção a **PARÂMIO**, aldeia que integra também a Rota do Baceiro, sugerida pelo Parque Natural de Montesinho. Passe pela igreja paroquial, setecentista como quase todas, mas já com alguma enfatização rococó e siga viagem.

Um açude na ponte do Parâmio, recomenda o local a quem goste de pesca. Sucedem-se depois três **desvios** à esquerda que o levam, cada um, a **VILARINHO**, a Cova de Lua e a Soutelo. No entroncamento que dá acesso a **COVA DE LUA** encontramos o Santuário da Senhora da Hera, com capela recente a substituir a antiga, localizada não longe dali, cujas ruínas medievais estão classificadas. O Santuário, concorrido por muitos romeiros (Festa de 1 a 3 de agosto) tem um parque de merendas bem arborizado. Se subir a Cova de Lua será recebido, logo à entrada, por um conjunto de cinco pombais em ferradura, de belo efeito cénico e semelhantes a outros que viu já, dispersos em quantidade, quando atravessou o planalto mirandês. Visite a igreja, ainda quinhentista e com nártex e os empreendimentos comunitários que caracterizavam a vida social – os fornos, a forja e o lagar.



Rebanho de ovelhas em Vilarinho. À esquerda, ponte do Parâmio sobre o rio Baceiro.

Capela recente da Senhora da Hera, Cova de Lua.

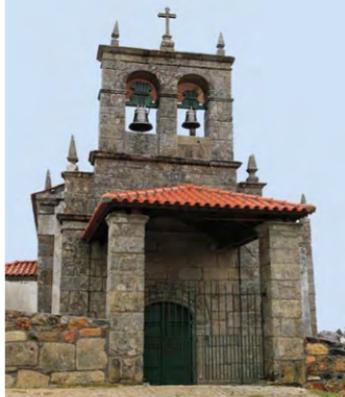


Ruínas do antigo Santuário da Senhora da Hera, Cova de Lua.



Pombais em Cova de Lua.

TROÇO 10



Igreja e bebedouro, Soutelo.



À medida que se afasta da povoação o castanheiro começa a ceder espaço ao carvalho negral, que cobre as vertentes mais ásperas do Baceiro, que o acompanha à mão direita até à portela que liga Soutelo a Carragosa e separa as bacias do Sabor e do Tuela. Começa aqui o planalto de Espinhosela, com as suas extensas centeeiras e trigais.

A indicação de "Aldeia Preservada" referida a **SOUTELO**, sugere uma visita, em que será reconhecido o esforço de preservação.

No regresso de Soutelo siga para **CARRAGOSA**. As searas desenvolvem-se em afolhamentos de pousio e a monotonia é quebrada apenas pelo coberto de castanheiros em pequenos souts, quase todos de recente plantação.

Subindo lentamente entrará em Carragosa, anunciada já pelo anel de policultura que caracteriza todas as povoações. A Igreja Paroquial, com uma curta escadaria de acesso ao arco sineiro, a capela de Santo António e a Cruz da Memória, que evoca um assassinio perpetrado em 1928, são as principais referências deste lugar.

Tem agora ampla vista sobre o planalto e já ao fundo se vê a cidade de Bragança. Com a saída de Carragosa e a modelação, ainda que ligeira, da área planáltica, reaparece em força o carvalho negral. E neste cenário a estrada bifurca – à esquerda para Meixedo e à direita para Bragança.

Siga para Meixedo. A estrada alcança o topo do planalto recuperando a paisagem já antes conhecida de searas e castanheiros, estes maioritariamente em souts recentes, mas conservando alguns vetustos exemplares que refletem ainda o compasso regular do plantio. As vistas continuam amplas sobre o planalto, sobretudo para o quadrante sul. Também nesta área ocorrem vestígios arqueológicos de antigas ocupações – o povoado proto-histórico e posteriormente romanizado do Cabeço do Castro (Meixedo) e o sítio de Santa Marinha (Carragosa), ao qual se associam ruínas de um templo não observável.

Rochas Ultrabásicas

De idade indeterminada, provavelmente de origem pré-câmbrica, estas rochas, que provêm da consolidação de magmas de composição ultrabásica e portanto com menor teor de sílica, inferior ao dos basaltos, são relativamente raras. No nosso país ocorrem apenas no Alto Alentejo e em dois maciços nordestinos, claramente evidenciados, um entre Bragança e Vinhais e outro na serra de Morais.

O conjunto destas escassas rochas básicas, integra anfíbolitos, serpentinitos, peridotitos, gabros, entre outros. A serpentinite, uma rocha esverdeada, essencialmente constituída por serpentina, maguetite, clorite e talco, é ainda hoje explorada em Donai e comercializada como pedra para fins ornamentais. Peridotitos acham-se em Meixedo e em Lagomar (Donai). E em Gondesende, as minas de Sete Fontes ainda há pouco estavam ativas, fornecendo talco para as indústrias farmacêutica e cosmética.

Igreja da Carragosa.





MEIXEDO é povoação muito semelhante às anteriores. Próximo, numa pequena elevação, fica o Santuário de Santa Ana, com excelente panorâmica em seu redor. Está rodeada pelos quartéis da romaria, que se realiza a 26 e 27 de julho.

De Meixedo dirija-se a **OLEIRINHOS** e continue até à estrada de Bragança, que o conduzirá a Rabal, escassos cinco ou seis quilómetros a norte da cidade.

RABAL é povoação antiga, sobre o ribeiro da Veiga, afluente do Sabor, que cresceu no sopé de um outeiro, designado Alto do Castro por aqui ter existido um povoado fortificado da Idade do Ferro. A aldeia conserva ainda boa parte do seu edificado primitivo, em alvenaria de xisto pardacento aparelhado em cal, com importação de granito nas construções de maior vulto. As coberturas em lousa ainda hoje cumprem a sua função em muitas casas habitadas, se bem que a maioria das que conservam este sistema estejam há muito abandonadas e em progressiva ruína. E outros curiosos processos construtivos tradicionais se reconhecem também no que resta das construções originais que ainda vão resistindo à tentação da modernidade.

Nota positiva para Rabal se dá também ao seu parque fluvial, num amplo espaço arborizado de grande qualidade ambiental e cénica, na margem do rio Sabor.



Fonte em Rabal. À esquerda, a igreja de Meixedo.

Igreja de Rabal.



Telhados de lousa, Rabal.



TROÇO 10



Mas é a montante deste parque que a Rota prossegue. Seguindo-se pela estrada nacional na direção do Portelo tem-se, no fim da povoação, a pequena capela de S. Sebastião, uma invocação tradicional consagrada na periferia de todos os aglomerados urbanos medievais que tinham neste Santo o seu advogado contra a guerra, a fome e a peste, três calamidades que as estradas conduzem. Invocação ainda hoje celebrada com a procissão que conduz a sua imagem após os festejos do orago paroquial S. Bartolomeu, a 24 e 25 de agosto.



Arquitetura tradicional na aldeia de Montesinho.

Aqui poderá fazer um **desvio** até à aldeia de **MONTESINHO**, a escassos 13 Km, na direção de Portelo, para conhecer esta interessante aldeia, com várias casas bem recuperadas e com venda de artesanato e produtos regionais. É uma das aldeias mais emblemáticas e mais bem preservadas localizada a 1030m de altitude, sendo uma das aldeias mais altas de Portugal e a mais alta da serra de Montesinho.

Regressando a Rabal e passada a capela, com o seu parque de merendas, atravessa-se o Sabor numa ponte construída para garantir o acesso a Baçal. À direita, uma galeria ripícola de amieiros e choupos acompanha o Sabor até ao parque fluvial. Mas a estrada segue em frente e vence o interflúvio Sabor-Baçal percorrendo searas e pastagens, aqui e ali referenciadas por um ou outro exemplar de castanheiro de porte assinalável. Alguns sobreiros e reduzidos bosquetes de carvalho negral quebram a monotonia da paisagem e acompanham o percurso até à ribeira de Baçal, também designada por Aveleda, por atravessar esta povoação mas quatro quilómetros a montante. É num esporão desta ribeira que fica o Castro de Baçal, um povoado fortificado com uma linha de muralha e um torreão, atribuído à Idade do Ferro. Mais antigo, da Pré-História Recente, é o Povoado Fortificado das Fragas do Cabril, em cuja base se encontram indícios de pinturas rupestres, um pouco a montante, nas proximidades de Aveleda.

Casa onde viveu o Abade de Baçal.



Retábulo da Igreja de Baçal.

A estrada alcança **BAÇAL** por poente. Povoação antiga, de razoável dimensão, tem o seu nome consagrado pelo inextinguível contributo que deu à História e Cultura de Trás-os-Montes, à sua investigação, à sua compreensão e à sua divulgação, o Padre Francisco Manuel Alves (1865-1947), geralmente conhecido por Abade de Baçal. Do



Rio Sabor em Baçal.

conjunto edificado, para além da casa onde o Abade de Baçal consagrou a vida à identificação cultural de Trás-os-Montes e de um ou outro pormenor, resta apenas a igreja paroquial de S. Romão, que segue o figurino barroco comum à maior parte das igrejas desta região, valorizado com um pórtico de dois pares de colunas torsas.

Baçal fica numa das zonas menos acidentadas da região de Bragança, o que justificou, naturalmente, a localização próxima do Aeródromo. Ao sair de Baçal seguirá na vasta planície afolhada de cereal e carvalheiras até encontrar a indicação de Sacoias.

SACOIAS é uma povoação a quinhentos metros da estrada, concentrada em torno de uma belíssima igreja setecentista, notável pela talha e pinturas do seu retábulo-mor. Conserva ainda a imagem tradicional, mas a sua origem terá sido quinhentos metros a nordeste, num pequeno outeiro onde, com alguma dificuldade, se reconhecem ainda alguns vestígios de um castro, provavelmente da Pré-História Recente, mas profundamente romanizado, que terá tido ocupação até à Idade Média. Nas suas imediações, foi posteriormente levantada uma capela a Nossa Senhora da Assunção. Este local, que forneceu abundante espólio cerâmico, numismático, escultórico e epigráfico, não tem atualmente visíveis as suas estruturas arqueológicas, que estão classificadas como Monumento Nacional. Apesar disto e do acesso por estrada em terra, vale a pena pela vista que dele se desfruta e que permite uma apreciação abrangente do planalto, com trigais e centeeiras a perder de vista.



Igreja de Sacoias.



TROÇO 10



Arquitetura tradicional na aldeia de Varge. À direita, a serra de Montesinho no inverno.



Retomada a estrada nacional encontra, pouco adiante, umas alminhas e uma derivação à esquerda para Aveleda. Continue, iniciando a baixada ao rio Igrejas onde fica a povoação de **VARGE**, num cenário já marcado por uma densificação do arvoredo. Castanheiros, carvalhos e alguns sobreiros constituem o coberto florestal das vertentes deste rio até à formação do lameiro no fundo do vale.



AT

Festa dos Rapazes, 25 e 26 de dezembro, Varge.

O rio, alargado por um açude a jusante e percorrido por galerias ripícolas de freixos, salgueiros e choupos de grande dimensão, cria um ambiente aprazível, valorizado por algum cuidado posto na conservação do edificado marginal e que se começa a sentir também no interior da povoação.

À boca da ponte, uma capela ainda com vestígios da sua fundação quinhentista, ostenta na fachada uma referência curiosa – Santo Padre Vaz. E alguns restaurantes e cafés reforçam a atração natural deste lugar.

De Varge para Sacoias.



Continue agora em direção a **RIO DE ONOR**. A estrada sobe a vertente esquerda do rio Igrejas, com um traçado menos inclinado que o da vertente oposta, com a aproximação da planura que se dilata de novo em larga extensão, mas agora coberta de mato rasteiro, de onde a onde interrompido por alguma mancha de pinhal. Sem que se perceba, o rio Igrejas corre paralelo em sentido contrário, esganado entre as Fragas do Cabril e a nascente, mais longe e fundo, o rio de Onor, que se



aproxima apenas no alto de Lagares, contornando um esporão onde o que resta de um castro da Idade do Ferro dá largas à imaginação popular que o denomina Castelo dos Mouros.

De Varge para Rio de Onor.

Inicia-se então a descida para Rio de Onor, curso de água e povoação, com uma transformação gradual da paisagem, que se vai humanizando – carvalhos bravios, plantações de castanheiro, folhas de secadal, fruteiras, muretes e hortas que se prolongam pelo interior da povoação.

Aqui, em Rio de Onor, se conclui o décimo troço da Rota. Rio de Onor.







ALOJAMENTO

TURISMO RURAL

VINHAIS

Casa do Moleiro e do Moinho

Fresulfe
5320-051 Fresulfe
T. 273 659 302
Tlm. 934 131 717

BRAGANÇA

Casa da Aldeia de França

R. do Cruzeiro
Aldeia de França
5300-541 França
Tlm. 964 516 337
casadefranca@netureza.pt

Casa da Bica

Gondesende
5300-561 Gondesende
T. 273 323 577
Tlm. 934 938 386
Fax 273 323 577
casadabica@montesinho.com
www.montesinho.com/
casadabica

Casa do Bisão

R. Coronel Álvaro Cepeda
Gimonde
5300 - 553 Gimonde
T. 273 302 510
Tlm. 969 361 386
Fax 273 381 302
geral@amontesinho.pt

Casa das Cantarias

R. D'O Lameiro - Gondesende
5300-561 Gondesende
Tlm. 968 800 676
966 351 183

Casa do Cruzeiro

Aldeia de Maças, 15 - Parâmio
5300-743 Parâmio
T. 273 999 224
Tlm. 916 222 666
Fax 273 999 287
geral@casadocruzeiro.net

Casa da Edra

R. do Meio - Montesinho
5300-542 Montesinho
T. 273 919 039
Tlm. 962 777 026
casadaedra@casadaedra.com
reservas@casadaedra.com

Casa da Escola

R. Coronel Álvaro Cepeda
Gimonde
5300-553 Gimonde
T. 273 302 510
Tlm. 969 361 386
Fax 273 381 302
geral@amontesinho.pt

Casa do Lello

R. da Veiga - Aldeia de Rabal
5300-791 Rabal
Tlm. 917 532 150
info@casadolello.com

Casa do Lúpulo

R. Coronel Álvaro Cepeda
Gimonde
5300-553 Gimonde
T. 273 302 510
Tlm. 969 361 386
Fax 273 381 302
geral@amontesinho.pt

Casa dos Marrões

Vilarinho da Cova de Lua
5300-525 Vilarinho
T. 273 999 550
Tlm. 967 887 232

Casa da Mestra

R. Coronel Álvaro Cepeda
Gimonde
5300-553 Gimonde
T. 273 302 510
Tlm. 969 361 386
Fax 273 381 302
geral@amontesinho.pt

Casa dos 9 Mestres da Mina

Portelo | 5300-544 Portelo
Tlm. 919 554 142
919 461 011
Fax 273 432 151
geral@novemestresdamina.com
reservas@
novemestresdamina.com

Casa das Pedras

Montesinho | 5300 Montesinho
Tlm. 919 860 500
casadaspedras@sapo.pt

Moinho do Caniço

EN.103 Km 251 - Ponte de
Castrelos
5300-068 Castrelos
T. 273 323 577
Tlm. 933 224 503
Fax 273 323 577
moinho@montesinho.com
www.montesinho.com/moinho

Ninho do Melro

Rabal
5300-791 Rabal
Tlm. 962 578 374
turismorural@ninhodomeiro.com
www.ninhodomeiro.com

Solar de Rabal

Largo da Fonte, 2 - Rabal
5300-791 Bragança
T. 273 919 049
Tlm. 917 210 320
917 547 348
info@solarderabal.com
www.solarderabal.com

**ALOJAMENTO
LOCAL**

BRAGANÇA

José Miguel Pires

Montesinho
T. 273 919 227

Casa da Tia Maria Rita

R. da Igreja, Montesinho
5300-542 Montesinho
T. 273 919 229

TURISMO DE NATUREZA

BRAGANÇA

Lagosta Perdida

R. da Fonte
Aldeia de Montesinho
5300-542 Montesinho
T. 273 919 031
Tlm. 933 125 106
Fax 273 919 032
lagostaperdida@
lagostaperdida.com

PARQUE DE CAMPISMO

BRAGANÇA

**Parque de Campismo
do Cepo Verde**

Gondesende - E.N.103, Km 8
5300-561 Gondesende
T. 273 999 371
cepoverde@montesinho.com

**Parque de Campismo
do Inatel**

Estrada de Rabal
(estrada nacional 103, Km 6)
5300-671 Meixedo
T. 273 329 409 | Fax 273 326 947
pc.braganca@inatel.pt

TROÇO 10

AGROTURISMO

BRAGANÇA

Quinta das Covas

Casa do Forno

Casa do Gueiro

R. Coronel Álvaro Cepeda

Gimonde

5300-503 Gimonde

T. 273 302 510

Tlm. 969 361 386

Fax 273 381 302

geral@amontesinho.pt



RESTAURAÇÃO

BRAGANÇA

Careto

Rua do Castelo, 1 - Varge

5300-412 Bragança

T. 273 919 112

D. Roberto

Estrada Nacional 218 km 7

5300 - 553 Gimonde

T. 273 302 510

Fax 273 381 302

Maria Antónia

Soutelo-Carragosa

5300 - 453 Carragosa

T. 273 381 465

Tlm. 939 804 824

O Abel

R. do Sabor

5300-553 Gimonde

T. 273 382 555

Tlm. 936 886 713

O Javali

Qta do Reconco

Estrada do Portelo

5300 Portelo

T. 273 333 898

Quinta das Covas

Rua Coronel Álvaro Cepeda

Gimonde

5300-553 Bragança

T. 273 304 408

Fax 273 381 302

Taberna do Xastre

Estrada N 103-7 Sentido

Bragança - Portelo

Aldeia de Rabal

Portelo

T. 273 919 063



**FESTAS
E ROMARIAS**

VINHAIS

MOIMENTA

Festa em honra de Nossa Senhora do Carmo no penúltimo domingo de agosto; Festa dos Reis por altura dos Reis.

MOFREITA

Festa de S. Vicente dois meses e dois dias após a Páscoa.

DINE

Festas de Nossa Senhora do Rosário no 1.º domingo de outubro, de St. Estêvão a 26 de dezembro e de Nossa Senhora da Assunção a 15 de agosto.

BRAGANÇA

MAÇÃS

Festa de Santa Leucádia a 9 de dezembro.

PARÂMIO

Festa de S. Lourenço (2.º domingo de agosto); Festa de S. João (24 de junho); Festa de Nossa Senhora de Fátima (13 de maio); Festa de Santa Leucádia (9 de dezembro); Festa de S. Cipriano (16 de setembro); Festa do Sagrado Coração de Jesus (junho - móvel).

COVA DA LUA

Nossa Senhora da Hera (1.º domingo de agosto).

SOUTELO

Festa de São Pedro (29 de junho).

CARRAGOSA

Santo António (13 de junho), S. Pedro (29 de junho), N. Sra. da Assunção (15 de agosto) e Sagrado Coração de Jesus (agosto).

MEIXEDO

Santa Ana (última semana de julho), S. Sebastião (20 de janeiro), festa do Senhor e da Senhora (2.ª quinzena de julho), S. Vicente (22 de janeiro) e Sagrado Coração de Jesus (2.ª quinzena de outubro).

RABAL

Festa de São Bartolomeu (24 de agosto), Festa de São Sebastião (20 de janeiro) e Festa do Menino (1 de janeiro).

BAÇAL

Santíssima Trindade (1.ª semana de julho), S. Romão (18 de novembro), Festa dos Reis (6 e 7 de janeiro), N. Sra. da Assunção (1.º domingo de setembro), Festa dos Rapazes (1.º fim de semana de janeiro), Festa das Raparigas (em dezembro) e o cantar dos Reis (na época dos Reis).

SACÓIAS

Nossa Senhora da Assunção - 15 de agosto e Festa dos Rapazes (no Natal).

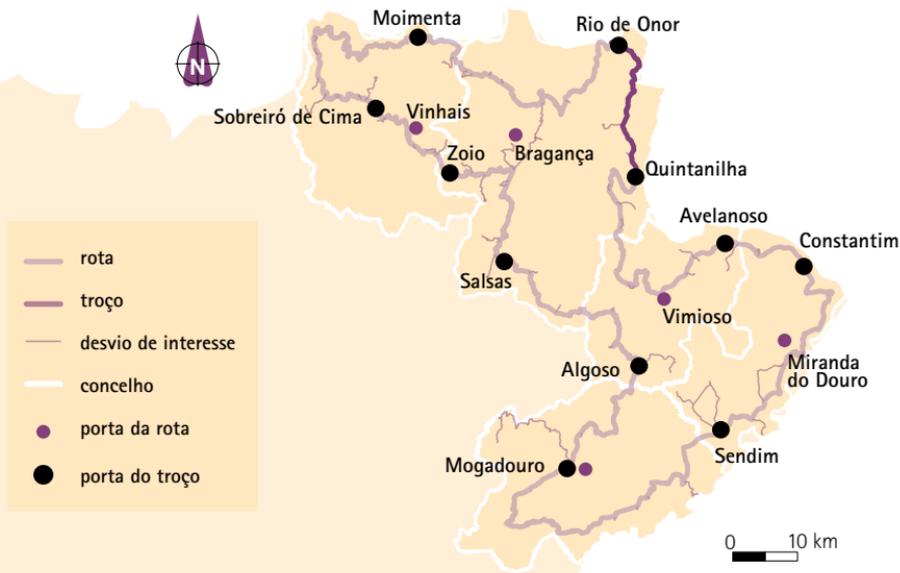
VARGE

Santo Padre de Varge - 7 de janeiro e Festa dos Rapazes (no Natal).

Em baixo e na página à direita,
Igreja Matriz de Moimenta.

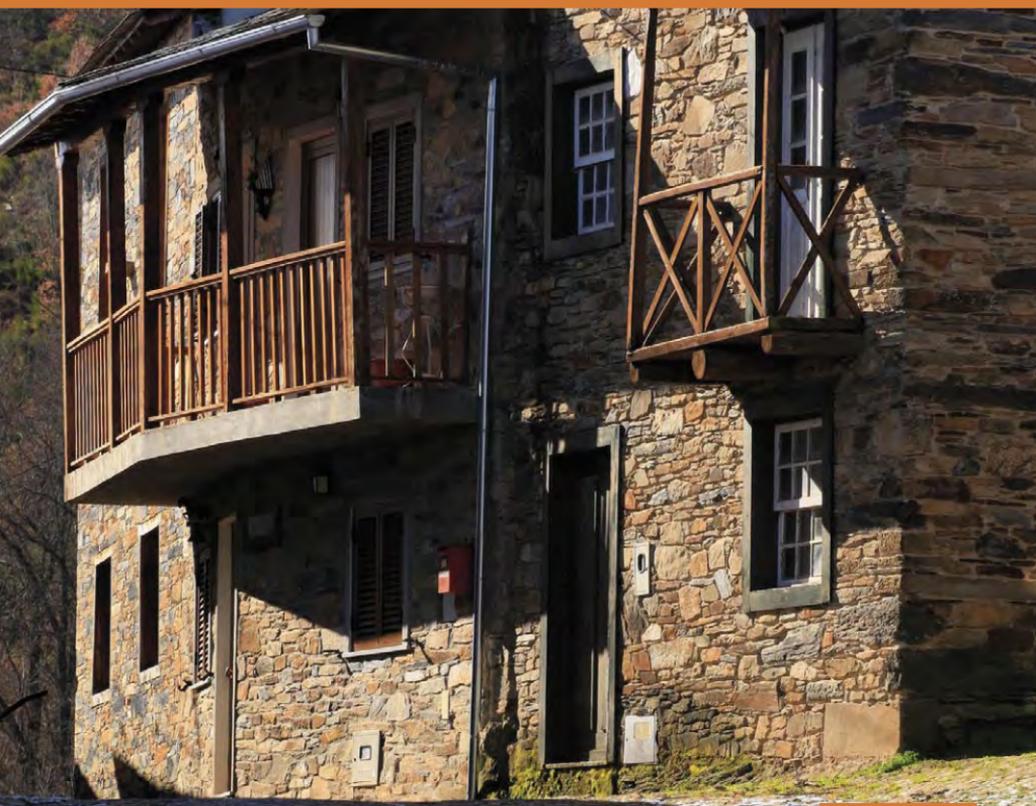






TROÇO 11

Arquitetura tradicional em Rio de Onor.





TROÇO 11

TROÇO 11 | Rio de Onor – Quintanilha



Coberturas de lousa em Rio de Onor.



RIO DE ONOR é talvez a mais emblemática das aldeias nordestinas e pode ter tido origem no povoado medieval de Vinhas Cales, com assento no Cabeço do Codeçal, sobranceiro ao poente à atual povoação. Ainda em data recente se podia considerar o último resquício do comunitarismo medieval, traduzido na partilha da terra e dos recursos, na interessante particularidade das trocas de bens e produtos assentes na confiança mútua e na garantia da palavra honrada. Nos dias de hoje, Rio de Onor subsiste ainda como aldeia comunitária. Este regime pressupõe uma partilha e entreaajuda de todos os habitantes, nomeadamente na partilha dos fornos comunitários, de terrenos agrícolas comunitários, onde todos devem trabalhar, ou de um rebanho, pastoreado à vez pelos "vizinhos" (vezeira) nos terrenos comunitários.

Com a sua vizinha transfronteiriça Rihonor de Castilla constituía uma insularidade com alguma autonomia económica, muito débil, resultante do aproveitamento esmiuçado da úbere veiga, aqui designada por Faceira, dividida em retalhos equitativos entre o rio e o sopé das vertentes. O casario, alinhado em

Ponte antiga de Rio de Onor.



duas ruas paralelas ao rio, é em alvenaria de xisto simplesmente empilhado, pardo por natureza e sujo do muito uso, com coberturas de lousa e varandas estreitas embarrotadas em castanho e com acesso por toscas escadas de pedra. Assim eram e assim se mantêm as construções originais, que as novas, não contrastando por imposição regulamentar, procuram no

TROÇO 11

recurso a idênticas morfologias e materiais semelhantes, um mimetismo nem sempre discreto e muito menos integrado. De qualquer modo, é-nos grato reconhecer o cuidado que se tem posto na preservação desta aldeia, em claro contraponto com a vizinha espanhola, esforço que se iniciou ainda no Estado Novo, tomando Rio de Onor como uma referência emblemática da tradicional bonomia do povo português. A propaganda cultural, a melhoria do acesso, o desbloqueio fronteiriço e o investimento económico e social permitiram que Rio de Onor, sem prejuízo dos seus valores próprios, acesse ao séc. XXI.

A saída para **GUADRAMIL**, por onde prossegue a Rota, faz-se passando um anel de policultura, particularmente expressivo nas povoações mais isoladas, subindo por entre searas e pastagens, entrecortadas por afolhamentos de novos soutos e barreiras densas de carvalho negral nas vertentes mais inclinadas da serra. Nas áreas de pousio e nas pastagens mais agrestes, o mato de urze e giesta forma um coberto rasteiro, deixando apenas a descoberto alguma ravina ou corte recente onde o solo se revela num ocre crestado tão expressivo nas alvenarias xistentas que viu em Rio de Onor.

Ao atingir a cota mais elevada alcança uma das cabeceiras da bacia de apanhamento do rio Maçãs e inicia a descida para Guadramil, percorrendo um extenso lameiro alimentado por um subsidiário daquele rio, a ribeira de Guadramil. Foi este lameiro, que se prolonga além de Guadramil, que esteve na origem da povoação e ainda hoje a mantém com os recursos da sua exploração agrícola – horticultura, fruticultura e pastagens permanentes. Contudo, fora do talvegue, onde se esgotam as ubérrimas veigas, as encostas são pedregosas e o solo é pobre, coberto de mato e carrasco e alguns castanheiros isolados, concentrados apenas em situações mais favoráveis, em plantações recentes que se vão ensaiando para a produção de madeira e de fruto.

Guadramil é uma aldeia pequena, edificada com o mesmo tipo de xisto de Rio de Onor e muito semelhante a esta na tipologia e na arquitetura das construções. Degradada pelo envelhecimento das casas e pelo abandono da população, não chegou a ser objeto de curiosidade como a sua vizinha Rio de Onor, nem a dificuldade do acesso permitiu intervenções ambiciosas que excedessem o quadro dos processos e materiais correntes de construção. Daí que a aldeia conserve ainda, quase intacta, toda a sua fisionomia original, denotando um particular cuidado na recuperação.



Trabalhos no campo com tradicional carro de bois e pormenores de arquitetura tradicional e fechadura de porta (carabelho), Guadramil.

TROÇO 11



De Deilão para S. Julião de Palácios. Continue para sul, com a ribeira de Guadramil e o seu lameiro a poente, até a estrada se fazer à vertente do planalto de Deilão. Está agora a escassos quinhentos metros da fronteira e com a povoação espanhola de Riomanzanas à vista. A paisagem é marcada por uma sucessão de colinas de cumes arredondados e dominados pelo pinhal, irrompendo uma rede de magros lameiros alimentados pela rede hidrográfica da hemi-bacia de apanhamento do Maçãs. Matos, carrascos e alguns ensaios de souto cobrem as vertentes que as rolas bravas sobrevoam.



Capela de S. Sebastião, Deilão.



O regresso das pastagens, Deilão.

Ao chegar ao entroncamento de **PETISQUEIRA**, um pequeno lugar perdido num alcandor da fronteira, atinge o planalto. As vistas tornam-se mais amplas e a paisagem modifica-se, dominada pela imensidão das searas de trigo, centeio e feno, que no verão, com as suas tonalidades de amarelo dourado, destacam ainda mais a cor vermelha ferruginosa do solo nu, mais rico agora em óxidos de ferro anídricos.

E chega a **DEILÃO**, uma povoação pequena que deu nome a este planalto, designado uma das sub-regiões naturais da Terra Fria.

Pelo festo quase impercetível que define a espinha do planalto de Deilão, sobe ligeiramente para logo deixar Vila Meã, mais uma pequena aldeia em tudo semelhante à anterior, com o seu anel de culturas variadas abrindo um pequeno oásis no imenso secadal.

Passada **VILA MEÃ**, já de onde a onde, nas vertentes mais abrigadas e com melhor exposição dos afluentes e subafluentes do Maçãs, se vão encontrando pequenas



folhas de culturas mediterrânicas, designadamente a vinha. Mas o castanheiro, em plantações recentes rigorosamente compassadas com vista à produção forçada de madeira ou de fruto, é ainda claramente dominante numa paisagem marcada pela vastidão da charneca e das searas.

Ao fim de uma pequena subida está em S. Julião, sede da freguesia de **S. JULIÃO DE PALÁCIOS**, onde a estrada se bifurca – à direita continua para Bragança e à esquerda, atravessando a aldeia, a nascente, dirige-se para Quintanilha. Povoação dispersa, constituída essencialmente por dois núcleos adjacentes, conserva ainda grande parte da estrutura original. A igreja paroquial é tipologicamente semelhante às da região, de menores proporções e apresenta um pórtico com frontão emoldurado com pináculos rematados por curiosos grotescos relevados na silharia da fachada. Não obstante o recurso ao granito, como sucedeu, aliás, na maioria destas igrejas, o solo é xistoso e pardo, marcando fortemente as alvenarias aparentes do edificado primitivo. Em alguns casos recorreu-se mesma a soluções mistas, como se pode verificar numa curiosa fonte coberta quinhentista, cuja arco estrutural, originalmente de volta redonda, apresenta as aduelas em granito e as alvenarias com empilhamento de pequenas lascas de xisto.

Saia agora da Rota escassos quilómetros para conhecer algumas aldeias das imediações. Continuando a estrada, não percorrerá um quilómetro até encontrar um **desvio** à direita para Caravela e, logo a seguir, outro à esquerda, que desce para **PALÁCIOS**. Caravela é povoação pequena, mas pela estrada que daí segue para Labiados tem-se acesso ao monte de Agra, em cuja proximidade se encontram

Planalto de Deilão com Vila Meã ao fundo.



Igreja de S. Julião de Palácios.

S. Julião de Palácios.



TROÇO 11



vestígios de dois povoados proto-históricos fortificados – o Caracuto do Castro e Cercas.

Palácios é uma pequena povoação agrupada em torno de uma igreja dedicada ao Arcanjo S. Miguel, cuja imagem está meritoriamente pintada a têmpera numa das suas paredes exteriores. Do edificado, ressalta logo à entrada uma casa de dimensão avantajada, oitocentista, com um desmesurado pilar de alvenaria a sustentar um

coberto. Merece referência, contudo, um pequeno Museu Rural, de iniciativa privada, instalado num antigo lagar, pejado de todo o tipo de objetos e artefactos que fizeram parte, até há poucos anos, da vida quotidiana da população local e de que hoje pouca gente se lembra e muita gente nem sequer identifica.

Continuando um pouco mais, a estrada principal chega à capela de S. Sebastião, onde começa a povoação de Babe, que se espalha à mão direita, dominando uma região mais ou menos aplanada, geralmente conhecida por Planalto de Babe.

BABE é um lugar mítico, com particular significado na evo-lução histórica de Portugal. Neste local, a 26 de março de 1387, se despediu o Duque John of Gaunt de sua filha D. Filipa de Lencastre, já casada com el-rei D. João I, ficando aqui consagrada a Aliança que permitiria posteriormente, em sucessivos lances da História dos dois povos, uma co-operação profícua que seria o garante da continuidade das suas próprias independências. À semelhança da maioria das aldeias de Bragança, Babe foi terra de minérios, tais



Museu Rural de Palácios.



Vista de Babe para o planalto de Deilão.

TROÇO 11



como, as pirites de ferro, uma mina de chumbo e uma mina de manganês, situada entre o termo de Babe e Caravela, criada por decreto de 8 de abril de 1880. Babe, comercial e industrialmente, foi conhecida por toda a região de Trás-os-Montes, entre outros motivos, pela fama das suas facas de bolso e cozinha, feitas por ferreiros com altos conhecimentos, segundo afirma o Abade de Baçal nas suas obras. Povoação cuja vetustez transparece no edificado e que o xisto pardo ainda mais acentua, merece uma visita. A igreja paroquial, invariavelmente edificada em granito segundo o estilo barroco corrente, ostenta na fachada lápides evocativas do régio enlace e do acordo político que alguns historiadores designam de Tratado de Babe. No largo pouco abaixo da Igreja, uma fonte de mergulho, talvez ainda medieval e, como cenário de fundo, uma fonte com bebedouro para animais e espaldar armoriado seiscentista. Os edifícios, edificados com empilhamento de xisto, incorporam nas alvenarias elementos de madeira em posição horizontal (vigas e barrotes) para distribuição uniforme das cargas, evitando assim fendilhações e assentamentos diferenciais. De facto, a necessidade aguça o engenho! Finalmente, referência a mais um museu rural, este designado Museu Etnográfico Rural de Babe.



Igreja de Babe e lápide que assinala a passagem do Duque John de Gaunt após o casamento de D. Filipa de Lencastre com D. João I.



Fonte e bebedouro, Babe.



TROÇO 11



Igreja de Réfega.

Retorne a S. Julião para retomar a Rota. Entra em pleno planalto, suavemente modelado, com amplas vistas em todas as direções, que para nascente se prolongam até às imediações de **ZAMORA**. A estrada corre entre searas, prados e matos rasteiros de giesta e torga, revelando-se a identidade ferrugínea do solo nalguma courela lavrada que aguarda a sementeira. Nas folhas de pousio, ovelhas e cabras rasam o pasto. Passado o alto da Cerdeira, saída à direita, com baixada para Réfega, que não dista mais que quinhentos metros da estrada. A descida faz-se para a Ribeira do Ecurado ou da Caravela, acompanhada agora por alguns belos exemplares de castanheiro.

RÉFEGA é povoação pequena, mas antiga, criada a nascente da travessia daquela ribeira, que aqui alimenta um fecundo lameiro, num estratégico eixo viário que estabelecia a ligação do antigo Reino de Leão e Castela, através da fronteira de Quintanilha, com o interior do Reino de Portugal, na sua direitura a Bragança e a Chaves. Daí a opção de muitos peregrinos, que na sua caminhada para Santiago pela Via de La Plata, oriunda de Sevilha, atalhavam caminho evitando assim as serranias de Sanabria. Passa, pois, por aqui o braço português da Via de la Plata, referenciada numa lápide colocada junto à igreja pelos Amigos del Camino de Santiago de Zamora. Muito curiosa, também, é a própria igreja, de duas naves, que merece uma visita ao interior para apreciar alguns pormenores pouco vulgares, como é o caso da coluna de sustentação da cobertura na meação das naves e as insculpturas da pia batismal.

Havendo tempo pode prosseguir nesta estrada até Milhão, onde uma ponte românica evoca ainda o velho itinerário jacobeu medieval.

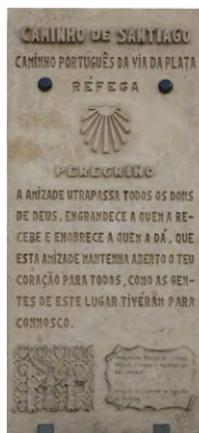
Mas a Rota tem continuidade pela estrada que seguia antes da fugaz visita a Réfega. O planalto continua modelado e a estrada decalca uma linha de festo que vai perdendo altitude. Searas, plantações novas de castanheiros, pequenas manchas de pinhal num ou noutro ponto mais alto e, cada vez mais perceptível, o vale do rio Maçãs, que corre à esquerda, fazendo fronteira com Espanha.



CESTARIA – A cestaria e a cerâmica são indústrias que respondem às necessidades primárias do homem e o acompanham desde os primeiros momentos da sua fixação como ser gregário.

Tradicionalmente, mulheres e crianças racham os paus, desbulham as vergõntes e demolham os manhuços com a antecedência necessária para amaciar o lenho. Toda a família colabora na faina.

Na sua imensa variedade os cestos são utilizados na lide doméstica, nos trabalhos agrícolas e no transporte de géneros. Merecem particularmente referência, pela arte do entrançado, os cestos coleiros de Babe e os açafates de Espinhosela.



Caminho de Santiago, Réfega.



Depois de duas retas estiradas, indicação à direita para a pequena aldeia de Veigas e, pouco depois, nova saída, desta vez à esquerda, para Quintanilha, onde termina este troço onze, o último da Rota da Terra Fria e que foi o ponto de partida da sua digressão. **Aldeia de Réfega.**

O Cão de Gado Transmontano

[visite o site](#)

É um cão de guarda de rebanhos de ovinos e caprinos, com algumas características comuns aos chamados "mastins ibéricos" e pertencente ao ramo dos "molossóides".

Desde há muito que é companhia de pastores, por terras transmontanas, defendendo-os e aos rebanhos do ataque dos lobos.



Perfeitamente adaptado às características do território e da função que desempenha, é um cão de dimensão considerável, forte e rústico, de porte altivo, olhar sóbrio e andar ligeiro, com um temperamento dócil e reservado.

Poderá ter tido origem na Ásia Menor, acompanhando os povos pastores nas migrações que decorreram a partir do Neolítico.

A sua referência como raça é recente, datando do início dos anos 90 do século passado.



ALOJAMENTO

TURISMO RURAL

BRAGANÇA

Casa Luiz Gonzaga

R. da Portela, 21
5300-421 Babe
T. 273 927 007
Tlm. 917 342 689
918 387 137
Fax 225 091 211
mail@casaluisgonzaga.com.pt
www.casaluisgonzaga.com.pt

Casa de Onor

Sra. Rita Rêgo
Aldeia de Rio de Onor
R. Central, 34
5300-821 Bragança
T. 273 927 163
Tlm. 937 592 762
reservas@casadeonor.com
www.casadeonor.com

PARQUE DE CAMPISMO

BRAGANÇA

Parque de Campismo

Rural de Rio de Onor
Aldeia de Rio de Onor
5300 Bragança



RESTAURAÇÃO

BRAGANÇA

LOMBADA

Bairro S. Sebastião, 7
5300-421 Babe
T. 273 926 425
Tlm. 912 544 094
Fax 273 926 425
bruno.babe@hotmail.com



**FESTAS
E ROMARIAS**

BRAGANÇA

RIO DE ONOR

Festa de S. João (24 de junho),
N. Senhora de Fátima (13
de maio), Nossa Senhora do
Rosário (último domingo de
agosto) e S. Vicente (22 de
janeiro).

GUADRAMIL

Festa de São Vicente (22 de
janeiro) e Festa Nossa Senhora
do Rosário (13 de maio).

DEILÃO

Festas de Nossa Senhora da
Assunção a 15 de agosto, Festas
dos Rapazes a 1 de novembro e
a 25 e 26 de dezembro, de S.
Sebastião a 20 de janeiro.

VILA MEÃ

Festa de Nossa Senhora dos
Remédios no 1º domingo de
agosto; Festa dos Rapazes a 1
de novembro e a 25 e 26 de
dezembro, de Santa Eulália.

SÃO JULIÃO DE PALÁCIOS

Festa a Sagrado Coração de
Jesus (3º domingo de agosto);
Festa dos rapazes (25 e 26 de
dezembro).

PALÁCIOS

Festival de Música e gaiteiros
(último domingo de julho),
Festa de São Miguel (29 de
setembro).

BABE

Festa de São Pedro (29 julho),
Festa do Corpo de Deus (maio/
junho), Festa de Nossa Senhora
do Rosário (1.º domingo de
outubro), Festa de São
Sebastião (20 janeiro), Festa da
Lenha das Almas, dia de todos
os santos (1 de novembro),
Festa dos Reis (6 de janeiro) e
Festa dos rapazes (25 e 26 de
dezembro).

Festa dos Rapazes, Palácios.





a rota da terra fria e outras rotas



Pág.

Articulação da Rota da TFT com outras rotas 258

ARTICULAÇÃO DA ROTA DA TFT COM OUTRAS ROTAS



Paisagem com castanheiros, no inverno, na freguesia de Zoio.

A Rota da Terra Fria foi configurada como circuito de mobilidade fácil, cómodo, sinalizado e seguro, por forma a permitir a acessibilidade a lugares relevantes na abrangência territorial pretendida.

O conhecimento do potencial endógeno da Terra Fria Transmontana, nomeadamente dos seus valores ambientais, ecológicos, cinegéticos, patrimoniais e culturais, não se esgotam na Rota apresentada, sendo variados e múltiplos os recursos que permitem, a partir do traçado da Rota, ou paralelamente a ela, definir outras rotas temáticas, circuitos e trajetos que a complementam.

Em carta anexa apresentam-se algumas rotas alternativas e/ ou complementares da RTF com a qual se articulam e que, quer pelos valores culturais, paisagísticos e ambientais em presença, quer pelo seu modo de fruição e apreensão alargam o âmbito da sua atratividade.



Em cima, balcão tradicional em madeira. Em baixo, fecho de porta de curral, em madeira.



O Caminho de Santiago

Os caminhos de Santiago são um dos denominadores comuns da cultura europeia. Numa Europa que, mais que nunca se quer forte e coesa, falando unísono em todas as línguas, estes itinerários, que são espaços públicos de convergência e de harmonia, devem ser respeitados e promovidos. Neles, qualquer caminhante se sente um cidadão do mundo, o que lhe dá a oportunidade de perspetivar as suas convicções num sentido ecuménico de abertura e de tolerância.

A ROTA DA TERRA FRIA E OUTRAS ROTAS

É nesta rede intrincada de itinerários jacobeus provenientes de todos os cantos da Europa, que se enleiam os que têm origem em Portugal ou os que utilizam o nosso país como encurtamento de distâncias. Na Terra Fria do Nordeste Transmontano os percursos utilizados respigam-se de vagos testemunhos documentais e reconstróem-se com base na tradição oral que evoca ainda muitas histórias, mais ou menos coerentes, que animam o imaginário popular.

Estes percursos ou, pelo menos, alguns deles, podem considerar-se braços de um itinerário geralmente designado por *Via de La Plata*, com origem em Sevilha e escala em Zamora e Astorga, onde se articula com o conhecido Caminho Francês de Santiago.

A partir de Zamora havia de facto a possibilidade de reduzir a distância a Santiago e evitar a travessia da Sanabria rumando através de Portugal, por Bragança, Vinhais e Chaves até Ourense. Este trajeto foi sinalizado com setas amarelas pela Associação "Amigos del Camiño de Santiago de Zamora", que o designa "Caminho Português da Via de la Plata".

No território da TFT e proveniente de Zamora e Alcanices, entra em Quintanilha e passa em Réfega, Palácios, Babe, Gimonde, Bragança, Castro de Avelãs, Lagomar, Portela, Castrelos, Soeira, Vila Verde, Vinhais, Soutelo, Sobreiro, Aboa, Candedo, Edral e Sandim, entrando novamente em Espanha nas proximidades de Verin.

Para além das referências às localidades que integram a Rota da TFT que atrás se apresentaram, merecem destaque a arquitetura popular em Réfega, a ponte medieval sobre o rio Onor em Gimonde, o mosteiro de Castro de Avelãs, o percurso de Lagomar à Portela entre castanheiros centenários, a ponte romana sobre o rio Baceiro em Castrelos e a ponte medieval sobre o rio Tuela na proximidade de Soeira, o vale do rio Tuela no percurso para Vinhais, a vista do Parque Natural de Montesinho a partir do Monte da Forca, a descida ao Rio Rabaçal e a subida até Edral, porventura o troço mais árduo deste caminho.



Outros itinerários são, contudo, indicados, com mais ou menos fundamentação histórica, designadamente os que provêm de sul e através dos concelhos de Miranda do Douro e de Vimioso se articulam naquele. No entanto não estão ainda convenientemente sinalizados para poderem constituir um recurso seguro para qualquer caminhante.



Casa abrigo Caminho de Santiago.
Em baixo S. Tiago.





Em cima, castro de Vilarinho dos Galegos. Em baixo, castros da margem do Douro.

Rota Transfronteiriça dos Castros e Berrões

O projeto "Castros e Berrões" consistiu na recuperação e rentabilização conjunta de alguns dos Castros existentes nas províncias castelhano-leonesas, de Ávila e Salamanca, e nos concelhos do norte de Portugal, de Miranda do Douro, Mogadouro e Penafiel. A execução deste projeto permitiu um maior conhecimento dos castros e dos seus territórios, situados nesta zona transfronteiriça, conservando ao mesmo tempo os sítios de beleza singular onde se localizam.

A criação de uma "Rota de Castros e Berrões", que reforçasse o valor arqueológico da zona de intervenção, contituiu o objetivo essencial do projeto, aliado à fruição do meio ambiente natural envolvente e à degustação da boa gastronomia local. Tratou-se, em suma, de colocar o património castrejo, e as suas fascinantes paisagens, ao alcance de todos, transformando-os em pólos de atração de um turismo cultural de qualidade.



Escultura zoomórfica - Berrão.

A ROTA DA TERRA FRIA E OUTRAS ROTAS

Gastronomia da Terra Fria

Os sabores destas bandas, incontestavelmente agrestes como a paisagem, não deixam de apelar como ela à atenção inteligente do conhecedor. Somente este detém a sensibilidade e a experiência que lhe permitem detetar uma gama de paladares, ou uma panóplia de travos, discernindo-lhes as respetivas origens.

Mas a questão que se põe aqui, é sobremaneira a da preservação dos sabores autóctones, tanta vez ameaçados pela crescente procura, à qual acabará por responder a quase inevitável industrialização. Quando se declara que a gastronomia deste país a nordeste firma o seu eixo no porco bisaro e no boi mirandês, procede-se não só a uma afirmação que o paladar pode facilmente verificar, mas também ao levantamento de uma cultura feita de hábitos profanos e de anseios sacros. O porco bisaro surge com efeito elevado à dimensão de idolo, conforme comprovam as numerosas esculturas que o retratam. Mas a circunstância de em torno da sua carne se estabelecer toda uma ampla economia doméstica leva-o a um *ne plus ultra*, alimentado a castanha e a beterraba, a batata, a couve e a nabo. Indispensável à sobrevivência da espécie humana o boi, por seu turno, coadjuva o homem no seu trabalho de arroteamento de terra, quando lhe não fornece a criação que serve de base à succulenta posta de heráldicos pergaminhos gustativos.

Se pretendêssemos apresentar um panorama dos comeres do espaço dos cinco concelhos que nos interessam aqui, o de Bragança, Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso e o de Vinhais, alinhariamos os incontornáveis enchidos, destacando de entre eles a alheira e o butelo e a chouriça de bofes e o salpicão e o azedo e a chouriça de sangue e a chouriça caseira e a chouriça de sangue doce, descontando a posta mirandesa, e acrescentando a morcela e o bolo da mesma origem. Continuando com as broinhas de nozes à moda de Bragança, o foliar, o cabrito de Montesinho, o cordeiro assado, o congro ensopado e as trutas e as infinitas variedades de cogumelos.

Mas o tabuleiro de caça é interminável e especioso, indo de lombo de javali à perdiz com uvas.



Fumeiros tradicionais.

Posta mirandesa e prato de "ossinhos".





Em cima, olivais nas encostas do Sabor, a caminho de Castro Vicente. Em baixo, à direita, ovelhas churras num olival em Izeda; à esquerda, núcleo museológico em Izeda, em primeiro plano, talhas em folha de Flandres para azeite.

A Rota do Azeite

Criada em 28 de maio de 1996, com o objetivo de defender, expandir e consolidar o prestígio do azeite nos domínios histórico, cultural, gastronómico e nutricional, abrange, em Trás-os-Montes, os municípios da Terra Quente e pequenas parcelas de solos pouco ácidos ou neutros no limite meridional dos concelhos de Bragança, de Vimioso e de Mogadouro, concretamente nos vales do Sabor e do Maçãs e no Douro raiano, onde as condições edafoclimáticas são propícias à oleicultura com elevados padrões de qualidade.

Não se pode dizer que a Rota do Azeite consubstancia um trajeto contínuo e definido, mas não é exagero afirmar que qualquer itinerário na área demarcada com a Denominação de Origem "Azeite de Trás-os-Montes" está pejado de referências às atividades olivícola e oleícola, que aqui se desenvolvem seguramente desde a ocupação romana.



A ROTA DA TERRA FRIA E OUTRAS ROTAS

A Rota da Amendoeira

Como a Rota do Azeite também a da Amendoeira não tem trajeto definido. Qualquer estrada que atravesse os concelhos de Vila Nova de Foz Coa, Freixo de Espada à Cinta, Torre de Moncorvo, Vila Flor, Alfândega da Fé, Mogadouro, Vimioso e Miranda do Douro proporciona, entre março e abril, magníficos espetáculos de densa alva floração, por vezes ligeiramente carminada, que cobre, como um alegre nevão extemporâneo, as encostas mais soalheiras e protegidas da nortada.



Amendoeiras floridas em fevereiro,
Mogadouro.





Em cima, povoamento jovem de castanheiros. Em baixo: ouros de castanha.

A Rota da Castanha

É hoje geralmente reconhecido o desempenho do castanheiro na evolução socioeconómica da Europa, designadamente desde o início da Idade Média. Ainda hoje persistem, por toda a Europa, estruturas e peças de mobiliário com séculos e séculos de existência, fabricadas com madeira de castanheiro. O seu fruto, a castanha, foi a base da alimentação europeia até à introdução da batata, em data muito recente, fazendo ainda hoje parte integrante da gastronomia tradicional de quase todos os povos do velho continente.

A esta "civilização" do castanheiro, intrinsecamente europeia, está associado um imaginário muito rico, traduzido em elogios à beleza, à majestade e à virilidade da árvore. Este culto justificou, por isso mesmo, a criação de uma Rota Europeia da Castanha.

Em Portugal, a região de Trás-os-Montes, onde a cultura da castanha está ecologicamente adaptada e apresenta um elevado potencial económico, tendo recebido a Denominação de Origem Protegida "Castanha da Terra Fria", integra esta Rota através das vias que, de um modo geral, retalham os concelhos de Vinhais e Bragança e algumas partes de Vimioso, nas áreas mais densamente povoadas por souts e castiçais.

A ROTA DA TERRA FRIA E OUTRAS ROTAS



Em cima, souto de castanheiros no outono; à esquerda, castanheiros no inverno.



Rota da Terra Fria e Outras Rotas

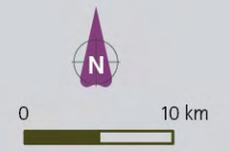
Espanha

Espanha

- porta da rota
- porta do troço
- troço da rota
- desvio com interesse

Outras Rotas

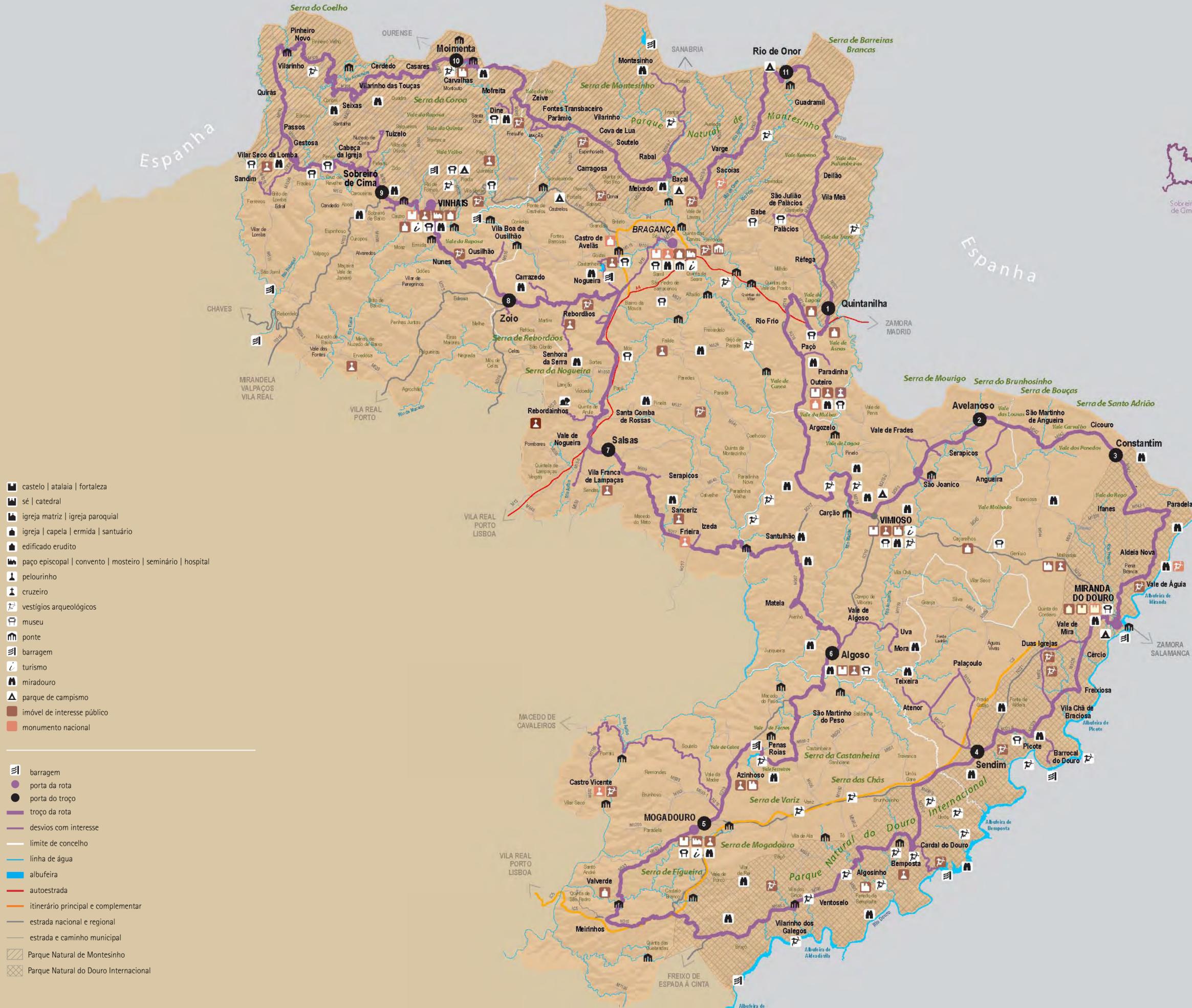
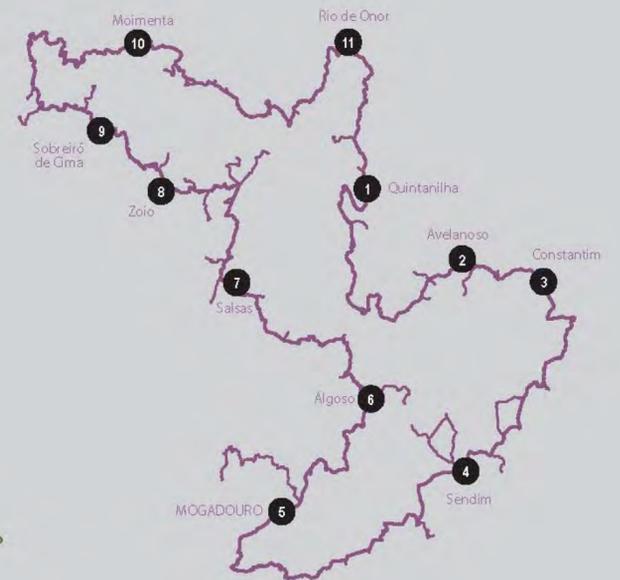
- Via Romana XVII
- Caminho de Santiago
- Rotas dos Castros e Berrões
- Rota do Azeite
- Rota da Castanha - Percurso das Fagaceae —
- Percurso Milenar —
- Percurso Paisagista —



ROTA DA TERRA FRIA TRANSMONTANA

VIAGEM À NATUREZA

Carta Síntese



- castelo | atalaia | fortaleza
- sé | catedral
- igreja matriz | igreja paroquial
- igreja | capela | ermida | santuário
- edifício erudito
- paço episcopal | convento | mosteiro | seminário | hospital
- pelourinho
- cruzeiro
- vestígios arqueológicos
- museu
- ponte
- barragem
- turismo
- miradouro
- parque de campismo
- imóvel de interesse público
- monumento nacional

- barragem
- porta da rota
- porta do troço
- troço da rota
- desvios com interesse
- limite de concelho
- linha de água
- albufeira
- autoestrada
- itinerário principal e complementar
- estrada nacional e regional
- estrada e caminho municipal
- Parque Natural de Montesinho
- Parque Natural do Douro Internacional



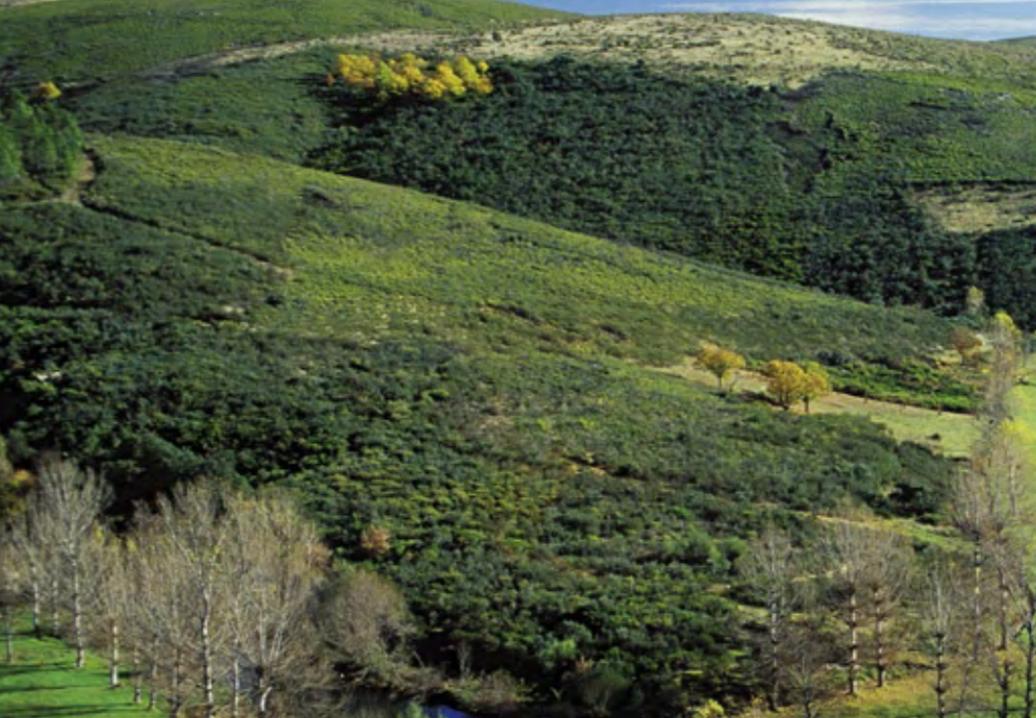
-  castanheiro
-  carvalho
-  pinheiro
-  sobreiro
-  oliveira
-  amendoeira
-  vinhas
-  tartaranhão-azulado
-  águia-real
-  abutre do egipto
-  cegonha branca
-  cegonha preta
-  lobo
-  veado
-  curso
-  javali

-  castro
-  pontes romana e medieval
-  Pombais
-  adegas
-  fumeiro
-  casas em colmo e granito
-  casas em lousa e xisto
-  moinhos
-  pauliteiros
-  gaiteiro
-  caretos

Espanha

Espanha





Editado por

associação de municípios  da terra fria do nordeste transmontano

Apoios



© NOROESTE
INICIATIVA COMUNITÁRIA
OPERACIONAL NOROESTE 2



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional